



JUVENTUDE, O GRANDE DESAFIO

Re: Jorge Boran, C.S. sp.

ep

Pe. Jorge Boran

JUVENTUDE, O GRANDE DESAFIO

6.^a edição

revista e atualizada

EDIÇÕES PAULINAS

B717p Boran, Jorge, 1941 —
Juventude, o grande desafio/Jorge Boran. — São Paulo:
Ed. Paulinas, 1982.

1. Igreja — Trabalho com jovens 2. Teologia Pastoral
I. Título.

82-0604

CDD-253.7

Índices para catálogo sistemático:

1. Apostolado junto a jovens: Cristianismo 253.7
2. Jovens: Evangelização: Cristianismo 253.7
3. Juventude: Pastoral: Cristianismo 253.7
4. Pastoral de Juventude: Cristianismo 253.7

Capa: C. Facchin

Ilustração: Nelson de Moura

Arte final: Leila Hiromi Nishi

Revisão, diagramação e elaboração dos resumos:

Carlos Rizzi

EDIÇÕES PAULINAS

Av. Indianópolis, 2752
04062 — S. Paulo — SP (Brasil)

AGRADECIMENTOS

Agradeço às seguintes pessoas, que leram o manuscrito deste livro e que deram sugestões, melhorando substancialmente o conteúdo dos primeiros textos que preparei. A grande maioria deles trabalha com juventude, em várias dioceses do Brasil. São as pessoas que escreveram o livro comigo:

- Dom Paulo Evaristo Arns, pela sua fé na importância da juventude e pelas suas sugestões.
- Nelson de Moura, que contribui com as ilustrações.
- Pe. Hilário Dick S.J., Assessor Nacional da P. J.
- Pe. José Lino Hack (S.D.B.), do Instituto Pastoral de Juventude de Porto Alegre.
- Luiz Maria Goicoechea, Assessor Latino-Americano do Movimento Internacional de Estudantes Católicos (MIEC).
- Plínio de Arruda Sampaio, advogado, professor da PUC São Paulo, Consultor da ONU, ex-deputado federal e ex-dirigente nacional da JUC.
- Delmar Mattos, da oposição sindical (metalúrgica) de São Paulo.
- Pe. Geraldo Lima, assistente nacional da JOC.
- Domingos Corcioni, Assessor da P. J. CNBB Nordeste II.

Os teólogos:

- J. B. Libânio S.J., G. S. Gorgulho O.P.

Os padres

- Walmir Fernandes Brandão S.J., J. B. Doyle C.S.Sp., Augusto César Pereira S.C.J., George Winnick, Antonio Merot S.V.D., João Fitzpatrick C.S.Sp., Luiz Arnaldo Serafim S.J.

As irmãs:

Anete Fernandes de Mello, Anne Coleman, Eunice Wolff, Hollis Chenery, Joanice dos Santos, Neusa Simões.

Os agentes de Pastoral:

— Míriam Lima Ferrari, Joaquim Acioli, Irani Pereira dos Santos.

Os jovens:

— Vilma Nieremberg, Fernando Altemeyer, Moisés Basílio Leal, Wilson da Luz dos Santos, Jabes Campos, Eliana Santos, Rubinho Nogueira, José Gonçalves Moura Filho, Sérgio Batista, José Carlos de Lucca, Sheila Subenko, José Luiz Pereira, Antonio Pessoa dos Santos, Antonio Donisetti Sgarsi.

Que as sementes, que são estas palavras, nascidas de um confronto contínuo com a realidade concreta e de um diálogo, às vezes intenso, entre pessoas comprometidas com a construção do Reino, façam brotar a planta de uma Pastoral de Juventude séria e de feições novas.

Jorge Boran C.S.Sp.

A P R E S E N T A Ç Ã O

A opção preferencial pelos jovens e pobres nos obriga a medidas concretas. O Revdo. Pe. Jorge Boran entrega aos próprios jovens, no dia de hoje, um instrumento de primeira qualidade para a sua formação pastoral.

Trata-se de verdadeiro manual, com método seguro, experimentado numa grande cidade, onde os grupos de jovens são exigentes.

É portanto um livro de consulta. A ele não de recorrer os casais que se empenham no acompanhamento de jovens, mas também os Padres e os Religiosos, que com eles elaboram subsídios.

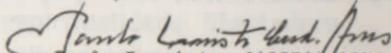
Baseado nas conclusões da III Conferência da Assembléia dos Bispos da América Latina (Puebla), abre ele perspectivas por sobre o mundo de hoje. É o VER-JULGAR-AGIR, numa visão atualizada do mundo moderno.

Os grupos de base, que formam o cerne da Pastoral da Juventude nos dias de hoje, encontram aqui sua posição mais segura e suas linhas de ação dentro de uma Igreja voltada para o povo e comprometida com a História e com o Evangelho.

Não cremos necessário recomendar a obra, porque ela já passou pelo crivo da experiência prática, mobilizando centenas, quem sabe até milhares de pessoas para o mundo da verdadeira esperança, ou seja, para o mundo daqueles que assumem a vida para criar a civilização do amor como solução de alternativa para a época atual.

Que Deus conforte os apóstolos dos jovens e nos conceda a graça de passarmos a missão evangelizadora da Igreja a uma geração mais preparada que a nossa.

São Paulo, 19 de novembro de 1981


Paulo Evaristo, CARDEAL ARNS

NOTA À 4ª EDIÇÃO

Foi surpreendente a aceitação de *Juventude, o grande desafio*, por parte dos jovens e assessores da Pastoral de Juventude, em todos os cantos do Brasil.

Apesar de ser um livro volumoso, nos primeiros oito meses esgotaram-se duas edições e a terceira teve sua tiragem dobrada. Antes de ser publicada esta quarta edição, senti a necessidade de corrigir e atualizar o texto, tendo em vista uma fase de grande criatividade e de crescimento pela qual passa, neste momento, a Pastoral de Juventude do Brasil.

A ocasião de preparar uma edição para os países da América Latina de língua espanhola, a ser publicada na Espanha, também motivou a inclusão, no texto, de algumas conquistas, com o objetivo de tornar claros vários aspectos novos da P. J. Esta clareza surgiu a partir de uma profunda reflexão nos últimos anos, em todos os níveis. A necessidade de aperfeiçoar o texto foi também motivada pelo gesto do Setor Juventude do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), que incentivou a sua publicação em língua castelhana. Além do mais, minha nova função, a de Assessor Nacional da Pastoral de Juventude da CNBB, ajudou-me a perceber mais claramente o conteúdo e a metodologia de uma P. J. conseqüente, que surge em todos os cantos do Brasil.

Os contatos com assessores e jovens de lugares os mais variados, como Amazonas, Mato Grosso, Estados do Nordeste, do Sul, fizeram-me perceber um modelo comum que surge em todas as partes, apesar das diferenças locais. Não se trata de algo rígido. Pelo contrário, trata-se de um modelo que procura evangelizar o *jovem situado*. Leva em conta as faixas etárias e as classes sociais diferentes, a influência do meio urbano e do meio rural, a importância de evangelizar o jovem a partir de seu meio específico (escola, trabalho, bairro), o jovem que está no processo de iniciação e o jovem que já passou para o processo de militância, o desafio de uma espiritualidade libertadora...

Este livro não pretende ser a última palavra nem entregar receitas prontas. Por meio de um confronto entre a teoria aqui

apresentada e a prática pastoral de cada lugar constrói-se, paulatinamente, uma Pastoral de Juventude conseqüente, fazendo as adaptações que as realidades locais exigirem.

Aproveito para agradecer aos assessores e jovens que contribuíram para a atualização deste livro e faço votos de que ele continue prestando um bom serviço à causa de uma Pastoral de Juventude cada vez mais de acordo com a caminhada da Igreja do Brasil, com as verdadeiras necessidades da juventude e com os desafios de uma evangelização encarnada e libertadora.

Jorge Boran, C.S.Sp.

INTRODUÇÃO

Recentemente, numa assembléia de padres, um bispo se queixou da falta de uma metodologia para a Pastoral de Juventude. Minha primeira reação foi de defesa, de dizer que não era verdade. Mas, refletindo bem, concluí que, de fato, o grande desafio que a Pastoral de Juventude tem de enfrentar é a elaboração de uma metodologia eficaz para hoje. Em muitos lugares, a Pastoral está realmente perdida — não sabe aonde quer chegar. Falta clareza sobre o que vem a ser uma Pastoral de Juventude. Em outros lugares, onde se consegue dissipar a neblina e enxergar um objetivo capaz de "incendiar" o idealismo dos jovens, as pessoas perdem-se na hora de acertar o "como", quer dizer, o método para chegar até lá.

O presente trabalho é uma tentativa de preencher esse vazio.

Surgiu como resultado de uma reflexão, junto com outros assessores e coordenadores da P. J., a partir de experiências em vários lugares do Brasil, mas especialmente na Região Episcopal Belém, em São Paulo, e foi elaborado a partir de um texto-base para uma assembléia de assessores de P. J. da CNBB Sul I, realizada em 1980.

Um segundo texto foi usado em cursos para coordenadores de P. J. nas dioceses de Taubaté, Bauru, Presidente Prudente, Jales, Campinas, São Paulo, Porto Alegre, Passo Fundo, Curitiba, Niterói, Coxim e Brasília.

Um terceiro texto foi enriquecido por sugestões de assessores e coordenadores da P. J. de vários lugares do país.

Tive a sensação, muitas vezes, de não estar escrevendo sozinho este livro. Uma multidão de pessoas é responsável por ele: adultos e jovens, no desejo de apressar o nascimento de algo que poderá preencher o vazio sentido dentro da P. J. A maior parte das idéias aqui abordadas é o resultado de muitas

reuniões de avaliação da P. J. É o resultado de entrevistas e conversas informais de jovens preocupados com acertar uma Pastoral menos "festiva" e mais libertadora e de muitas pessoas que leram o texto original e sugeriram modificações importantes. Eu me senti, muitas vezes, como que desempenhando a função de acolher as idéias dos jovens para, depois, devolvê-las a eles sob forma mais organizada e pedagógica.

O livro procura aproveitar, também, a experiência e a metodologia tão rica da Ação Católica. A metodologia de formação na ação, o método Ver-Julgar-Agir, a revisão de vida e de ação, são patrimônio da Igreja, que a P. J. não pode perder. A Pastoral só pode progredir à medida que se ligar com as suas raízes históricas.

A tentativa de dar uma *visão global* dos vários aspectos de uma metodologia que devolva à P. J. a sua "enorme força renovadora" (Puebla), dentro da sociedade e da própria Igreja, resultou num livro, talvez, um pouco extenso demais. No entanto, creio que responde à principal falha da P. J. nos últimos anos, que é a visão parcial de uma metodologia adequada, que muitos assessores e jovens têm, ou mesmo a ingenuidade de que a P. J. poderia caminhar sem método.

Acreditamos, também, que os princípios e metodologia abordados neste livro possam servir para outros grupos que não sejam de jovens.

Para ajudar a assimilação do conteúdo deste livro, optamos por dois instrumentos pedagógicos:

1. Um questionário, colocado no final de cada capítulo, para incentivar o seu estudo. Este estudo seria feito pelos grupos de base, equipes de coordenação, ou outros grupos formados com o mesmo objetivo.
2. O roteiro e o material necessários para montar um curso de capacitação para coordenadores estão sendo publicados num livreto em separado.

O curso quer levar o jovem a descobrir o conteúdo principal do livro, através de uma variedade de dinâmicas e palestras. O curso foi testado em muitos grupos, em lugares

diferentes, e sempre com ótimos resultados. Quando precedidos de um estudo individual do livro, os resultados do curso são mais permanentes.

Este livro não pretende apresentar "receitas prontas" para o bom funcionamento da P. J. em todos os lugares! Esperamos, sim, que seja um ponto de referência para o nascimento de uma P. J. mais comprometedora e mais séria.

Esperamos, também, que o livro ajude a dar um "basta" a uma Pastoral de "franco-atiradores", que teimam em atirar no escuro.

Jorge Boran C.S.Sp.

I PARTE
DESAFIOS E CONTEÚDO
DE UMA PASTORAL
DE JUVENTUDE HOJE

NECESSIDADE
DE UMA METODOLOGIA
PARA A PASTORAL
DE JUVENTUDE

I PARTE

DESAFIOS E CONTEÚDO
DE UMA PASTORAL
DE JUVENTUDE HOJE

1

NECESSIDADE DE UMA METODOLOGIA PARA A PASTORAL DE JUVENTUDE

1. Opção pelos jovens

No passado, considerava-se que a função dos jovens era "ser vistos, mas não ouvidos". Na realidade, somente no século XX é que os jovens tomaram consciência de pertencer a um corpo social, tendo certos interesses em comum. Até então, a juventude era uma simples etapa de transição. "Antes havia jovens, hoje há juventude", diz um Documento da UNESCO.

Na revolução russa, a juventude operária organizada por Lenin desempenhou importante papel. A organização "O Konso-mol", fundada por ele, abrangia, em 1932, quase seis milhões de jovens.

Na primeira metade do século XX, a juventude se rebelou contra a moral vitoriana. Era uma moral puritana e formal, mais preocupada com as aparências do que com um aprofundamento das relações entre as pessoas.

A juventude alemã foi astuciosamente usada por Hitler para a ascensão e manutenção do fascismo no poder.

Jacinto Azcarato descreve as gerações do pós-guerra entre 1945 e 1955: "Foram denominadas 'silenciosas' nos Estados Unidos e 'ascéticas' na Europa. Tratava-se de uma juventude desanimada, triste, pouco ativa, ocupada com seus próprios problemas existenciais e incrédula".

Mas, por baixo da apática juventude, estavam germinando as sementes de um protesto generalizado na década de sessenta.

Nos anos cinqüenta nasceu o movimento hippie que, reagindo contra a sociedade de consumo, propôs a criação de uma sociedade diferente através da pobreza voluntária e do amor livre. O seu símbolo era a flor.

A explosão da música jovem, como o "rock'n roll", serviu para reunir grande número de jovens e dar-lhes um sentido de identidade diferente.

Os anos sessenta foram caracterizados pela rebelião universitária. Os jovens colocavam questões vitais: a necessidade de a universidade estar voltada para as necessidades reais do povo; o combate ao projeto dos grupos dominantes de formar especialistas para servir seus próprios interesses mais do que para resolver os problemas e a miséria das grandes faixas da sociedade.

As revoltas de junho de 1967 em Berlim e em outras cidades alemãs, a da Universidade de Berkeley e a grande mobilização nos Estados Unidos contra a guerra no Vietnam, a Revolução de Maio de 1968 em Paris e o protesto generalizado no Brasil em 1968 e em 1977 foram realizados, ou iniciados, fundamentalmente, por jovens. A Revolução Sandinista na Nicarágua, em 1978, teve a participação maciça da juventude em todos os níveis. A juventude, no momento, encontra-se numa fase de reorientação. Mas de uma coisa podemos ter certeza: a juventude, hoje, aparece no cenário do mundo como grande força de renovação dentro dele.



O Cardeal Cardijn, fundador da Juventude Operária Católica (da qual surgiu o famoso método Ver-Julgar-Agir), disse numa das sessões do Concílio Vaticano II: "Os jovens constituem metade do mundo, a parte mais dinâmica da sociedade".

Em 1979, os bispos latino-americanos, em Puebla, escolheram, como instrumentos para a transformação do continente e da própria Igreja, os jovens e os pobres. "A Igreja vê na juventude uma enorme força renovadora, símbolo da própria Igreja (...) que é chamada a uma constante renovação", diz o documento de Puebla.

Os pobres e os jovens são os profetas de hoje.

A juventude não era mais uma doença a ser curada, mas construção e esperança.

2. A importância dos jovens

Os jovens hoje em dia são importantes por vários motivos:

A. O NÚMERO DE JOVENS

Em primeiro lugar, por causa do seu *número*.

A partir de época bem recente, os jovens passaram a constituir a maioria da população. No Brasil, por exemplo, 50% da população tem menos de 18 anos.

B. SENSIBILIDADE DIANTE DAS QUESTÕES SOCIAIS

Em segundo lugar, os jovens mostram *grande sensibilidade diante das questões sociais*, da justiça, da verdade, da fraternidade, da solidariedade, da dignidade da pessoa humana, da simplicidade no vestir e no trato com os outros. Os jovens expressam grande vontade de participar. Não aceitam uma sociedade dividida em classes, onde o mais forte avança às custas dos mais fracos, onde os privilégios de alguns são mantidos por um sistema de corrupção, mentira, força, competição, aparências, egoísmo, violência e tortura. Assim, cresce assustadoramente o número de pobres e marginalizados, provocado por este mesmo sistema.

Os jovens, também, não aceitam as propostas daqueles que propõem usar a religião para legitimar tal sistema. Exigem que a fé seja coerente, engajada na vida. Exigem que o amor pregado atinja os homens concretos e os problemas e estruturas concretos, e não seja um amor "nas nuvens", que não desce nunca para mexer com os privilégios dos opressores. Juventude, portanto, não é apenas uma etapa física da vida. É a qualidade de inquietação, daqueles que não se acomodam quando algo está errado. O cristianismo quer promover esta raiz de renovação para o bem dos jovens e de todos os homens. Não se pode, por isso, fazer uma P. J., hoje, sem que esteja voltada para a realidade dos jovens dentro da sociedade.



O Papa João Paulo II, ao dirigir-se a todos os jovens do Brasil, em Belo Horizonte, por ocasião de sua visita ao nosso país, exprimiu em palavras comoventes este ideal que está no coração de nossa juventude:

"A riqueza maior deste País, imensamente rico, são vocês. O futuro real deste País do futuro se encerra no presente de vocês. Por isso este País, e com ele a Igreja, olham para vocês com um olhar de expectativa e de esperança.

Olham, como eu, e dizem: você — eis um belo horizonte! um belo horizonte do futuro!

Abertos para as dimensões sociais do homem, vocês não escondem sua vontade de transformar radicalmente as estruturas que se lhes apresentam injustas na sociedade. Vocês dizem, com razão, que é impossível ser feliz, vendo uma multidão de irmãos carentes das mínimas oportunidades de uma existência humana. Vocês dizem, também, que é indecente que alguns esbanjem o que falta à mesa dos demais. Vocês estão resolvidos a construir uma sociedade justa, livre e próspera, onde todos e cada um possam gozar dos benefícios do progresso" (Belo Horizonte, 1º de julho de 1980).

O argumento de que o jovem tem pouca influência porque é inconstante e passa de incendiário a bombeiro, de que, quando tira seu diploma, insere-se na sociedade de consumo, não é bem verdade. Mesmo quando isso acontece, sempre fica alguma coisa. A juventude, como "classe" social e força de pressão dentro da sociedade, é também uma corrente que continua. Quando uns saem, outros tomam seu lugar.

C. MAIOR PREPARO INTELECTUAL

Em terceiro lugar, os jovens constituem uma força de transformação dentro da sociedade porque têm, muitas vezes, *maior preparo intelectual do que os pais para perceber as coisas*, porque desempenham funções de adultos com grande eficiência e, também, porque estão dispostos a se arriscar pelos seus ideais.

D. FASE DAS GRANDES OPÇÕES

Em quarto lugar, a juventude se torna muito importante por ser a *fase das grandes opções na vida*. É nesta fase que são tomadas as grandes decisões que, muitas vezes, norteiam a vida toda.

3. Algumas reservas

Mas, para que se possa fazer uma P. J. com os "pés no chão", esta descrição positiva da juventude teria, hoje, de ser contrabalançada com quatro observações importantes:

A. A JUVENTUDE NÃO DETERMINA OS RUMOS DA SOCIEDADE

Todos os grandes homens que influíram numa mudança importante da sociedade já tinham certa idade. Justamente porque tinham certa *experiência da vida*, foram capazes de dar grandes contribuições. A contribuição dos jovens é a de levantar novas questões, pois estão numa fase de grande idealismo onde ousam questionar o motivo porque a sociedade não pode ser organizada de modo mais justo.

B. GRANDE MASSA DE MANOBRA

A juventude se tornou *uma grande massa de manobra* para grupos que descobriram que ela pode ser grande fonte de dinheiro fácil. Numa pesquisa, feita há alguns anos, constatou-se que 80% dos discos, no Brasil, foram vendidos a pessoas com menos de 24 anos. A mesma constatação pode ser feita com relação ao cinema, revistas, roupas, aparelhos de som, moda etc. A sociedade de consumo descobriu um mercado altamente lucrativo nos jovens.

C. GERAÇÃO DE SILÊNCIO

A juventude sofre os resultados do golpe militar de 1964, que cassou seus direitos de participar da sociedade onde nasceu. Tornou-se uma *geração de silêncio*. Mas é uma geração que começa a despertar como um gigante do seu sono.

Embora a grande maioria da juventude seja ainda massificada por uma ideologia dominante e de consumo, ela mostra menos resistência para o despertar da consciência crítica do que qualquer outra faixa etária.

D. ATUAÇÃO DENTRO DAS CLASSES SOCIAIS

É importante ressaltar também que a força de transformação dos jovens vem, sobretudo, da sua *atuação dentro das classes sociais* a que pertencem. Dentro dessas classes, destaca-se a classe operária como a de maior força para provocar uma mudança social, por estar ligada diretamente ao núcleo da formação da sociedade capitalista — a relação capital e força de trabalho.

A juventude trabalhadora representa 62% da população ativa.

4. Falta de metodologia

Quando confrontamos este retrato positivo da juventude atual com a realidade de nossa Pastoral de Juventude em muitos lugares do Brasil, constatamos um quadro bem diferente. Na maioria de nossas paróquias, os jovens são desacreditados pelos adultos. Apesar de declarações positivas de documentos oficiais da Igreja, na prática falta confiança ao jovem. Muitos assessores de comunidade de jovens (padres, religiosas e líderes jovens) já desistiram de trabalhar com a juventude, porque consideram os jovens sem responsabilidade e incapazes de assumir compromissos sérios. Depois de se entregar "de corpo e alma" ao trabalho de fortalecer e aprofundar as comunidades de jovens, desistiram de vez ao constatar um resultado totalmente negativo.

O que muitos desses assessores ainda não descobriram é que o problema não está nos jovens que "não querem nada com nada". No fundo, são os assessores que não acertaram uma metodologia que despertasse no jovem seu idealismo e seu desejo de participar na transformação da Igreja e da sociedade que o cerca. *Não descobriram uma metodologia que conseguisse penetrar e desmontar a ideologia da sociedade de consumo, que a todo momento procura alienar o jovem. Cometem o mesmo erro do indivíduo que, ao tentar cavar um buraco com as unhas, chegou à conclusão de que não era possível cavar buraco. Não percebeu que o que faltava eram instrumentos apropriados — no caso, uma pá ou enxada.*

Neste livro, procuramos apresentar uma metodologia capaz de formar jovens comprometidos com Jesus Cristo e com o povo.

5. Memória histórica

Para acertar melhor uma metodologia apropriada para uma Pastoral de Juventude, hoje, e entender o momento atual, é necessário retroceder um pouco no tempo para recuperar a memória histórica do trabalho da Igreja com jovens.

Pe. Hilário Dick, S.J., da Pastoral de Juventude do Rio Grande do Sul, destaca a importância desta memória histórica: "Uma geração tem sempre algo a transmitir para a outra. Porque isso não acontece na P. J., não se cria consciência de classe e a juventude, apesar da sua enorme população, não se torna uma força social".

Só é válida uma P. J. que tem história, que tira inspiração dos fracassos e conquistas do passado, que sabe viver no presente enquanto caminha para um futuro, que se abre para a esperança de um mundo melhor. Enfrentamos uma dupla opção: ou ganhamos tempo, aprendendo com a experiência do passado, ou partimos do nada e perdemos os próximos anos para chegar à conclusão que outros chegaram antes de nós.

A. CONGREGAÇÕES E ASSOCIAÇÕES MARIANAS

Movimentos como a Congregação Mariana e Filhas de Maria tiveram uma influência forte na Igreja antes do Concílio Vaticano II. Havia uma participação de jovens nesses movimentos, mas sempre coordenados por adultos. Eram movimentos com uma espiritualidade e atuação voltados para dentro da própria Igreja. Os adultos, freqüentemente, abafavam os jovens.

B. AÇÃO CATÓLICA GERAL E AÇÃO CATÓLICA ESPECIALIZADA

Ação Católica Geral

A primeira etapa da Ação Católica corresponde à fase da chamada Ação Católica Geral. A Ação Católica Geral foi muito influenciada pelo Papa Pio XI, que convidava os católicos do mundo inteiro para entrar em suas fileiras para combater as

ideologias de materialismo e liberalismo que ameaçavam a influência da fé na vida das pessoas e na sociedade.

Os leigos foram convidados a participar do apostolado hierárquico recebendo um mandato dos bispos. Dom Leme criou o primeiro grupo de Ação Católica do Brasil, sob o título "Juventude Feminina Católica", em 1932.

Ação Católica Especializada

A segunda etapa é a que corresponde à fase da chamada "Ação Católica Especializada".

A Ação Católica Especializada se desenvolve sob a orientação de Pio XII, que fala de cooperação e colaboração dos leigos em lugar de participação no apostolado hierárquico. Assim, evitou o risco da formação dos leigos que fossem meros robôs da hierarquia. Surge a consciência de que o leigo faz apostolado não porque recebe um mandato da hierarquia, mas porque é um direito e obrigação a partir da sua vocação batismal.

A Ação Católica Especializada foi muito influenciada pelas idéias do cônego Cardjin. Cardjin, trabalhando com jovens na periferia da cidade principal da Bélgica, Bruxelas, percebeu que, com as grandes mudanças sociais do fim do século passado e do início deste século, havia setores da sociedade em que o cristianismo não entrava mais. O mais gritante foi o mundo operário. Partiu do princípio de que os evangelizadores dos jovens trabalhadores deveriam ser outros jovens trabalhadores. O jovem trabalhador deveria ser apóstolo dentro do seu meio. Em seguida, foi fundada a Juventude Operária Católica (JOC).

Com o passar do tempo, foi ampliando-se o mesmo princípio a outros setores da sociedade, fundando-se assim a Juventude Universitária Católica (JUC), Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Agrária Católica (JAC) e Juventude Independente Católica (JIC).

Em 1955, os estatutos da Ação Católica Especializada foram aprovados pelos bispos do Brasil.

Os jovens eram despertados para assumir um compromisso de trabalho social no seu meio. Desse movimento nasceu o princípio de que a resposta do Evangelho tem de ser diferente para cada meio. Os grupos eram ambientais, isto é, surgiram dentro das escolas, universidades e fábricas, normalmente sem

ligação com paróquias. A ligação com a Igreja se fazia através de uma coordenação nacional. O movimento procurava preparar seus líderes através de um processo de formação na ação. O método usado para isso foi o método Ver-Julgar-Agir. Este método tinha dois momentos fortes. Primeiro, a *revisão de vida*, em que o jovem procurava fazer uma revisão de sua vida e suas atitudes de cristão no seu ambiente natural (família, escola, trabalho, comunidade), ou seja, uma análise sobre o modo como reagia diante dos acontecimentos da vida. Em segundo lugar, na *revisão da ação*, o grupo procurava avaliar a ação que cada membro estava desenvolvendo dentro do seu ambiente.

No seu momento mais forte, a JOC, por exemplo, contou com 40 padres e 70 jovens liberados e com tempo integral para se dedicar à formação dos jovens operários.

A JUC teve uma presença forte no meio universitário. Durante vários anos o órgão dos universitários, a "União Nacional dos Estudantes" (UNE), foi composto quase somente de católicos pertencentes à JUC. Pela primeira vez aparece uma esquerda cristã no Brasil. Pode-se perceber o contraste entre o peso que a JUC exercia naquela época com a quase total ausência de uma penetração organizada da Igreja, hoje, no meio dos universitários.

Elementos da JUC, sentindo a necessidade de um instrumento político mais concreto do que a pastoral para transformar a sociedade, fundaram um partido político chamado "Ação Popular". Este partido, no início, baseado em princípios cristãos, por causa da perseguição política e do desentendimento com a hierarquia da Igreja foi radicalizando-se cada vez mais, tornando-se um partido marxista-leninista.

Em 1966, em virtude da repressão política e do desentendimento entre as equipes dirigentes da JUC e da JEC, de um lado, e da hierarquia católica, de outro, essa experiência tão importante de uma juventude católica engajada chegava ao seu fim.

Lições a serem aprendidas

A crise da Ação Católica foi causada por um distanciamento das suas fontes e pedagogia e por uma falta de paciência dos jovens com uma Igreja incapaz de dar os passos que queriam. Do lado da Igreja faltou uma paciência maior, um diálogo e uma pedagogia para com os jovens.

Ao terminar a Ação Católica como grupo organizado, aconteceu uma coisa surpreendente: continuou o seu espírito. Os bispos e padres ligados à AC e os jovens que não romperam com a Igreja tiveram um papel importante na transformação pela qual a Igreja brasileira passou nos anos seguintes: dinamização da CNBB, valorização do leigo, Pastoral Operária, Comunidade Eclesial de Base, assimilação do método Ver-Julgar-Agir como método principal da Pastoral da Igreja, opção pelos pobres, causas estruturais da pobreza, Campanha da Fraternidade, Teologia da Libertação...

Um estudo, pelos grupos mais avançados da P. J. da experiência da JUC e dos motivos que a levaram a romper com a hierarquia da Igreja, seria importante para uma caminhada mais transformadora, hoje. Precisamos aprender pelos erros cometidos dos dois lados para que não sejamos condenados a repeti-los no futuro. Precisamos, também, aprender pelos sucessos obtidos.

A JOC é a única parcela do movimento que conseguiu sobreviver e que, no momento, procura fortalecer-se de novo.

C. O DOCUMENTO DE MEDELLÍN

O Encontro dos Bispos da América Latina em 1968 resultou no famoso Documento de Medellín. Muitas das teses da Ação Católica foram assumidas nesse documento. Os bispos afirmaram que a juventude é um "novo corpo social", com seus próprios valores, idéias e dinamismo interno, como "grande força nova de pressão" e "força de renovação" da humanidade e da Igreja.

D. MOVIMENTOS DE ENCONTRO

Durante os dez anos seguintes (1966-1976), a Ação Católica especializada foi substituída por uma Pastoral de Juventude baseada em encontros de jovens, tipo Cursilho. Nomes como TLC, Emaús, Escalada, são bem conhecidos. Como metodologia, estes movimentos usavam o testemunho pessoal e um forte impacto emocional. Havia pouca ou nenhuma abordagem da dimensão social do Evangelho. Os movimentos apenas procuravam resolver problemas pessoais.

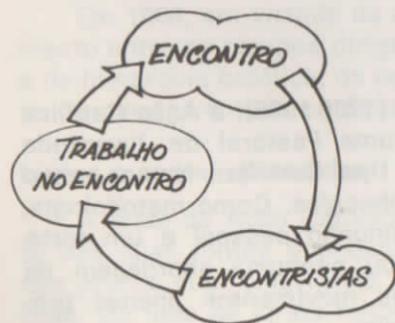
As "matracas" (palestras) colocavam a raiz do problema social no egoísmo do indivíduo e não também nas estruturas sociais. A solução para os males da sociedade se encontrava na conversão de cada indivíduo dentro dela. Pensavam que, transformando o jovem, automaticamente a sociedade se transformaria também.

Esta linha espiritualista levou os jovens a se fechar dentro do seu movimento de encontro ou dentro da própria paróquia, alienando-os de toda uma realidade da sociedade onde viviam. Os dirigentes desses movimentos não percebiam que a sua exclusão de uma dimensão política da fé não significava que deixavam de "fazer política". Pelo contrário, a sua linha espiritualista tinha uma clara opção política, que era a de manutenção do "status quo".

Os movimentos "amansavam" o jovem. Era uma pastoral de impacto: gostou, chorou e ficou, porém não ficou por muito tempo. Um jovem, falando dessa época, disse: "O jovem que fazia o encontro voltava empolgado, naquela euforia toda. Depois de alguns meses, quando acabava o empolgamento, desligava-se de tudo".

Os movimentos, às vezes, dificultavam a formação de uma coordenação de Pastoral de Juventude diocesana porque tinham maior poder de atração sobre o jovem e porque faziam um trabalho paralelo.

Muitas vezes formavam uma Igreja paralela com a sua própria vida: o encontro produzia "encontristas" que, às vezes, voltavam para trabalhar no encontro sem ter criado raízes numa comunidade concreta. Assim se fechava num círculo vicioso:



A coordenação de Pastoral de Juventude, que se esforçava para nascer, era encarada como "mais um movimento" e, quando não, como perigoso concorrente.

Não se percebia que um encontro só tem razão de existir quando funciona ligado à pastoral orgânica e quando tem como objetivo o fortalecimento dos grupos de jovens nas bases.

Nos últimos anos, diante de uma Pastoral de Juventude cada vez mais crítica e transformadora, e de uma conjuntura política diferente, assistimos ao esforço de muitos dirigentes para terminar com seus movimentos e dedicar suas forças à formação ou ao fortalecimento de uma pastoral orgânica diocesana. Outros dirigentes procuram adequar seus movimentos às novas exigências, integrando seus movimentos a uma Pastoral Orgânica de Juventude, para que estes funcionem como instrumentos, a serviço dos grupos de base. É necessária constante adaptação à realidade local. Cursos com fórmulas fixas, que são repetidas dezenas de vezes sem nenhuma avaliação crítica, não cabem mais dentro de uma pastoral de Igreja que procura, hoje, dar resposta transformadora às grandes angústias de nossa sociedade. Tais cursos reproduzem, simplesmente, o sistema de dominação que sustenta essa mesma sociedade.

Percebe-se, cada vez mais, que a Pastoral de Juventude deveria organizar seus próprios cursos, por ser impossível levar adiante uma pastoral onde há dois comandos: um de Pastoral de Juventude e outro de um movimento de encontro. Chegou o momento de somar as forças pastorais.

Não podemos, porém, deixar de chamar a atenção para um lado positivo dos movimentos; aproximaram os jovens dos padres e religiosas e apresentaram um modelo de Igreja mais atraente para eles. Falava-se: "A Igreja somos nós".

Provocaram também o surgimento de grupos de jovens nas paróquias. É importante lembrar que, antes dos movimentos de encontro, não existiam grupos de jovens nas paróquias. Os movimentos de encontro surgiram no momento de maior repressão política da História do Brasil e, talvez, foi o único tipo de pastoral possível naquele contexto.

E. O NASCIMENTO DE UMA PASTORAL ORGÂNICA E TRANSFORMADORA

A década de 1970 assistiu ao início de uma reorganização de Pastoral de Juventude Orgânica e de uma avaliação mais crítica do seu papel na Igreja e na sociedade.

Destacamos algumas assembléias que determinaram metas prioritárias para a Pastoral de Juventude:

a. Documento do Sul I — CNBB

Em 1974 foi elaborado o documento "Princípios e Diretrizes para a Pastoral de Juventude" numa assembléia de jovens do *Estado de São Paulo* (Sul I CNBB). A preparação para a assembléia incluiu uma pesquisa científica feita pelos grupos de jovens das paróquias. O documento foi posteriormente aprovado numa assembléia de bispos e destaca alguns pontos importantes:

- Formação integral do jovem na fé
- Consciência crítica
- Compromisso social
- Inserção dos movimentos autônomos na Pastoral Orgânica
- Dinamização dos grupos de base
- Organização de coordenações diocesanas
- Teologia da libertação
- Formação da ação através do método Ver-Julgar-Agir.

A partir desta data começa a surgir, em todos os cantos do Brasil, um novo tipo de pastoral: uma Pastoral de Juventude Orgânica, com suas coordenações em todos os níveis. Estas coordenações iniciam um processo de acompanhamento dos grupos de base através de reuniões de coordenação, cursos, assembléias anuais de avaliação e planejamento, momentos de pastoral de massa, fornecimento de subsídios etc. Num primeiro momento, sobretudo nas cidades grandes, avançaram rápidas demais e tentaram impor uma caminhada. Como resultado, distanciaram-se ficando das bases, isoladas.

Hoje em dia, é fácil entender esta elitização das coordenações. Na mesma época, com o início da abertura do governo Geisel, a sociedade civil começa a passar por uma rápida politização que sensibilizou muito a juventude. Estes jovens, porém, não tiveram anteriormente a oportunidade de um espaço para um debate livre, onde pudessem amadurecer as suas idéias e assumir atitudes equilibradas.

b. Concílio de Lins

Em 1977 é organizado o Concílio de Jovens, em Lins (SP), que se inspirou no famoso Concílio de Taizé, na França. Deste

Concílio participaram mais de cinco mil jovens vindos de todos os cantos do País. A equipe coordenadora de Lins usou uma metodologia de formação na ação, que resultou num grande avanço do nível de consciência crítica da maioria dos presentes. Estes, voltando para as suas respectivas dioceses e paróquias, começaram a questionar o modelo de Pastoral de Juventude vigente.

A partir desse encontro começou a primeira articulação da Pastoral Universitária em nível nacional.

c. Grupos de base e meio específico

A partir de 1978 e, em especial, de uma assembléia da Arquidiocese de São Paulo e, mais tarde, de uma reunião do "Bloco Sul" (Estados de São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina), são destacadas duas prioridades dentro da P. J.:

- pequenos grupos de base e
- engajamento nos meios específicos de escola, trabalho e bairro.

d. III Encontro Nacional

Em setembro de 1978, o III Encontro Nacional de Pastoral de Juventude destacou os seguintes pontos:

- Formação na ação
- Uma pastoral cristocêntrica e eclesial
- Consciência crítica
- Jovens das classes mais pobres
- Uma P. J. Orgânica integrada na Pastoral de Conjunto
- Pequenos grupos no meio específico
- Método Ver-Julgar-Agir-Rever
- Coordenação em todos os níveis
- Encontros inter-regionais de P. J. por blocos (Norte e Nordeste; Centro e Oeste; Sul, Leste)
- Uma comissão nacional.

e. Opção de Puebla

No início de 1979, os bispos da América Latina, reunidos em Puebla, fizeram uma opção pelos jovens e destacaram uma Pastoral que:

- Leve em conta a realidade social
- Atenda ao crescimento e aprofundamento dos jovens na fé
- Oriente uma opção vocacional
- Ressalte a importância de uma metodologia transformadora.

f. Pastoral Universitária

Também em 1979 acontece o primeiro encontro nacional da Pastoral Universitária, em Vitória, com a participação de quatro Estados. A partir deste encontro a PU foi se fortalecendo e expandindo. No momento, conta com uma comissão nacional, um assessor liberado pela CNBB e a participação de todos os Estados em seus encontros nacionais.

g. Pastoral de Juventude do Meio Popular (PJMP)

Em julho de 1980, houve o II Encontro Inter-Regional de Pastoral de Juventude Popular, que contou com a participação de representantes de 15 Estados. O encontro teve como objetivo "trocar experiências e, principalmente, discutir articulação dos vários trabalhos pastorais com juventude popular". Concluiu-se assim:

"Considerando nossa opção pelos jovens das classes operárias numa perspectiva de classe, assumimos como linhas de ação:

- uma Pastoral de Juventude comprometida com as lutas do Movimento Popular, no sentido de favorecer a inserção de seus membros nas lutas populares, numa perspectiva de transformação social;
- o fortalecimento da atuação do jovem nos vários setores do Movimento Popular: meio sindical, organização nos bairros, a partir da Pastoral de Juventude como espaço de politização e revisão da prática à luz da fé e de uma leitura do Evangelho na perspectiva da classe oprimida".

h. João Paulo II aos jovens brasileiros

O discurso de João Paulo II aos jovens brasileiros, em Belo Horizonte, foi um dos mais importantes da sua visita ao Brasil. Nesse discurso:

- realçou a necessidade de formar o jovem para um discernimento crítico ("não se deixem instrumentalizar");
- elogiou o desejo do jovem de transformar radicalmente uma sociedade injusta;
- afirmou a importância de uma opção pessoal por Jesus Cristo que "já mudou a vida de muitos jovens."

i. Instituto de Pastoral de Juventude (IPJ)

Em 1980, cinco congregações religiosas fundam o "Instituto de Pastoral de Juventude", usando como sede um prédio cedido pelos padres jesuítas, em Porto Alegre.

O Instituto tem como finalidade apoiar a caminhada da P. J., sobretudo no Sul do País, mantendo uma excelente biblioteca e documentação sobre a juventude, através de uma assessoria volante a dioceses e grupos e através de um curso de capacitação para assessores, de 50 dias, em três etapas.

Com o engajamento cada vez mais comprometido das coordenações da P. J. torna-se necessária a organização de cursos de longa duração deste tipo em outras regiões, quando os cursos de fim de semana não são suficientes para passar um conhecimento sociológico, bíblico e teológico necessário para muitos dos coordenadores e assessores que têm alto grau de consciência crítica.

j. Pastoral de Juventude Estudantil (PJE)

Em 1982 fez-se uma reunião em Goiânia, com a participação de estudantes de vários lugares do País. A reunião teve como proposta a articulação de uma Pastoral Secundarista em nível nacional.

Em 1983 fez-se uma segunda reunião, onde constatou-se a grande dificuldade de articular essa pastoral. A partir dessa reunião é elaborado um documento com elementos para um futuro marco teórico, que exprime a metodologia e conteúdo da pastoral.

Em 1983 fez-se uma terceira reunião, ampliada com a participação da assessoria da P. J. da CNBB e representantes de várias congregações religiosas e coordenadores de escolas parti-

culares. Nessa reunião foi adotado o nome "Pastoral de Juventude Estudantil" (PJE), e foi eleita uma comissão nacional provisória. Foi programado o primeiro Encontro Nacional para julho de 1985. Uma comissão nacional de assessores, também eleita na reunião, tem a incumbência de organizar um curso para assessores em nível nacional.

I. Grupo de trabalho

Em 1982 é convocado, pelo setor Juventude da CNBB, um grupo de trabalho que tem como finalidade debruçar-se sobre os rumos da P. J. no Brasil.

Esta reunião realizou-se no Rio de Janeiro e teve a participação de 20 jovens e assessores vindos de vários cantos do País. As conclusões desta reunião foram o primeiro passo de um processo de elaboração de um projeto global da P. J. em nível nacional.

m. Destaque jovem

Na Assembléia Geral da CNBB, em 1983, os bispos brasileiros votaram destaques pastorais para seu novo plano de quatro anos.

O destaque jovem saiu em primeiro lugar, com a votação de 286 bispos. Este destaque resultou numa consciência crescente, nos regionais e dioceses, da necessidade de investir mais, em termos de recursos humanos e financeiros, nesse setor importante da Igreja. Multiplicaram-se, por todos os lados, assembleias regionais e diocesanas, tendo como tema principal a juventude.

n. Pastoral de Juventude Rural (PJR)

Em 1983 reuniram-se quatro dioceses do Rio Grande do Sul para lançar a pastoral de Juventude Rural. A partir dessa data a PJR vem se fortificando e, no momento, conta com uma comissão regional (Regional Sul 3), uma assembleia anual de todas as dioceses e um serviço de subsídios próprios. Em outras dioceses do País surge a consciência da necessidade de superar uma marginalização do jovem rural dentro da P. J., criando um espaço próprio para ele.

Esse espaço próprio é necessário para aprofundar a problemática de seu meio e para que os jovens rurais adquiram uma autoconfiança. Do contrário, são abafados pelos jovens do meio urbano quando participam juntos de assembléias e cursos.

o. Primeiro Encontro Latino-americano

Em julho de 1983 participaram 12 países da América Latina de um Encontro da P. J. convocado pelo setor juventude da CELAM. Este encontro realizou-se em Bogotá, Colômbia, e iniciou um processo de elaboração de um documento sobre a P. J. em nível de continente. Após um segundo encontro em 1983, esse documento é publicado pelo setor Juventude do CELAM. Em 1985, o III Encontro Latino-americano aprofunda o tema Pastoral de Juventude Especializada (ou P. J. Específica).

p. IV Encontro Nacional

O IV Encontro Nacional da P. J. realizou-se em Brasília, em novembro de 1983, com a participação de delegados de todos os regionais da CNBB e as pastorais específicas (PU, PJE e JOC). São escolhidas três prioridades:

1. fortalecer a P. J. por classes sociais,
2. formação integral e metodologia,
3. articulação/organização/coordenação.

O processo de discussão das conclusões do IV Encontro, sobretudo o esclarecimento da primeira prioridade que foi a mais polêmica, resultou num avanço na elaboração de um projeto global da P. J. em nível nacional e na articulação e fortalecimento das coordenações regionais. Nesse encontro foi ressaltada a necessidade de um acompanhamento que leve em conta dois níveis dentro da P. J.: processo de iniciação e processo de militância. Neste encontro, também, foi eleita pela primeira vez uma comissão nacional, que tem como função encaminhar as conclusões e preparar o V Encontro Nacional.

q. V Encontro Nacional

O V Encontro Nacional, realizado em dezembro de 1984, em Goiânia, contou com uma estrutura de coordenação e acompa-

nhamento em todos os Regionais. Esse encontro foi um passo importante na classificação de um projeto global da P. J. que pudesse motivar os jovens em todos os níveis. O documento elucida a questão da Pastoral da Juventude do meio popular, as classes sociais, o processo de iniciação e de militância, a espiritualidade libertadora e elabora um glossário para clarear e uniformizar a terminologia empregada na P. J. A falta de uma terminologia comum dificultava o diálogo entre as várias regiões. O documento também explicita, pela primeira vez, os vários modelos existentes dentro da P. J. Nesse encontro foi eleita uma comissão nacional de assessores com a finalidade de desenvolver um acompanhamento que aumentasse a quantidade e a qualidade de assessores na P. J.

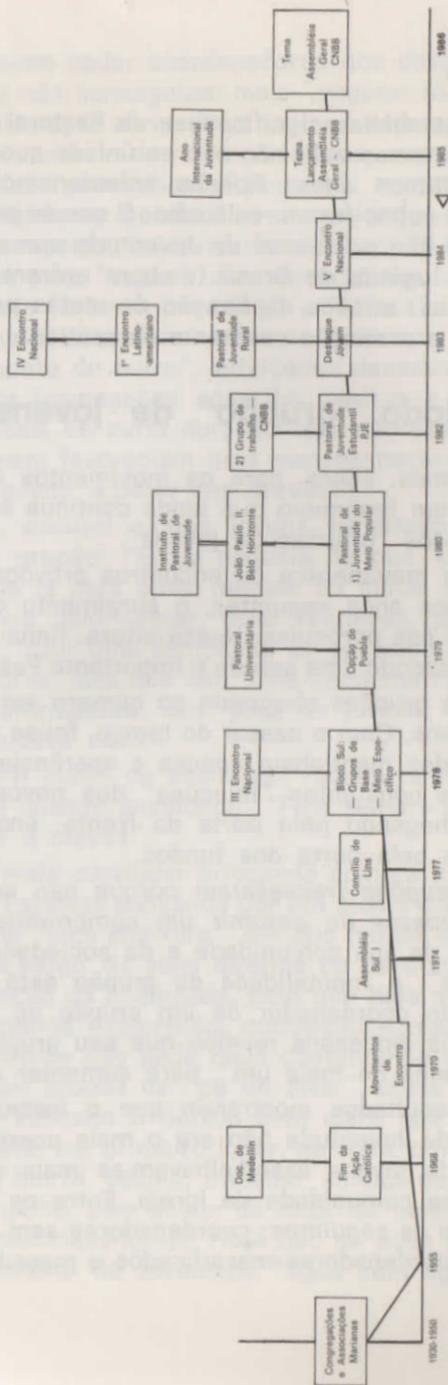
r. Tema da Assembléia Geral da CNBB

Na Assembléia Geral da CNBB, em abril de 1985, o tema Juventude é abordado como tema de lançamento para ser retomado na Assembléia Geral de 1986 e ser elaborado um documento definitivo. O processo de preparação desse documento durante 85-86 envolve todos os setores da Igreja, em todos os níveis.

s. Ano Internacional da Juventude

O Ano Internacional da Juventude decretado pela ONU abre um espaço importante para a P. J. Diante de muitos discursos e atividades, que têm como conseqüência a manipulação da juventude e seu desvio dos grandes problemas nacionais, a P. J. entra com congressos, semanas da juventude, caminhadas e festivais que procuram despertar a consciência crítica do jovem e promovê-lo como protagonista do processo.

O NASCIMENTO DE UMA PASTORAL ORGÂNICA E TRANSFORMADORA



Conclusão

As assembléias significativas de Pastoral de Juventude que apresentamos aqui não são as únicas que vêm acontecendo nos últimos anos. Apenas selecionamos algumas delas. Muitas outras foram realizadas. O que se percebe nos últimos anos é que a Pastoral de Juventude começa a caminhar em vários lugares do Brasil (embora enfrentando grandes dificuldades) através da fixação de metas prioritárias, planejamento e avaliação constante na prática.

6. Método "grupão" de jovens

Voltamos, agora, para os movimentos de encontros para entender um fenômeno que ainda continua a nos preocupar — os chamados "grupões de jovens".

Esses movimentos de encontros provocaram, por volta de 1969, e nos anos seguintes, o surgimento de grandes grupos de jovens nas paróquias. Nessa altura, tinha-se a impressão de se estar fazendo uma grande e importante Pastoral de Juventude.

Esses grupões chegaram ao número surpreendente de 100 a 150 jovens. Com o passar do tempo, foi-se percebendo que as comunidades mantinham apenas a aparência de bem-estar por causa das constantes "injeções" dos novos encontristas que vinham chegando pela porta da frente, enquanto um número igual saía pela porta dos fundos.

Os grupões fracassaram porque não conseguiram formar jovens capazes de assumir um compromisso sério na transformação da sua comunidade e da sociedade, como "fermento de massa". A mentalidade do grupão está refletida na meta fixada pelo coordenador de um grupão de 140 jovens. Numa assembléia diocesana revelou que seu grupão estava lançando a "campanha do mais um", para aumentar seu número.

Os resultados mostraram que o instrumento usado pela Pastoral de Juventude não era o mais acertado: muitas comunidades de jovens assemelhavam-se mais ao Rotary Club do que a uma comunidade de Igreja. Entre os muitos problemas, apareciam os seguintes: coordenadores sem idéias claras sobre sua fé; coordenadores massificados e massificantes — falavam

muito, mas não diziam nada; coordenadores que desapareciam de repente, quando não conseguiam mais "segurar as pontas"; jovens mais velhos sempre obrigados a voltar à estaca zero para acomodar o influxo contínuo de novos membros; coordenadores "caciques" com suas "panelinhas", "turistas"; mistura de idades; grande rotatividade de membros — comunidades que entravam em crise e, de repente, baixavam de 100 para 20 membros; membros presentes para "caçar" uma namoradinha, ou porque não agüentavam mais "a barra em casa"; a "fofoca", as "panelinhas", relacionamento superficial entre os membros; "um procurando puxar o tapete do outro"; atividades desenvolvidas de tipo assistencialista (campanhas agasalho, visitas a creches), que eram esporádicas, de curta duração, que não despertavam o senso crítico e nem favoreciam uma transformação da situação injusta da sociedade, a partir das causas.

Recentemente, escutei alguns jovens refletindo sobre o tempo passado no grupão: "Eu ia naquela de oba, oba, numa boa". "O cara só ia lá para olhar menina ou matar o tempo." "O grupão só servia para cantar, fazer festinhas, passear e, de vez em quando, fazer uma campanha de agasalho ou de alimentos para os pobres, mas que não tinha nenhuma capacidade formadora ou transformadora, nem para os jovens, nem para os pobres. Não mudava nada."

Um jovens, num curso de avaliação, revelou a verdadeira natureza do grupão quando desabafou: "Fica sempre uma meia dúzia para dominar a massa".

Não podemos mais continuar brincando com os jovens que querem algo sério. Estamos passando por um momento histórico em que há sinais de "uma abertura", em que muitas categorias sociais começam a exigir os seus direitos de participar na organização e na direção da sociedade, para que haja mais igualdade e justiça e menos exploração, corrupção e manipulação. A Pastoral de Juventude não pode mais contentar-se com "grupos de sacristia" ou grupos de "pé de altar", como dizia um jovem. O Concílio Vaticano II deixou bem claro que o campo de ação do leigo está, em primeiro lugar, na transformação dos seus ambientes de bairro, escola, trabalho, sindicatos, segundo os valores do Evangelho, sem deixar de valorizar também a sua participação na comunidade-Igreja. Hoje não se pode mais continuar com uma Pastoral de Juventude "água com açúcar".

Nos últimos anos, em vários lugares do Brasil, foi dado um passo importante no desenvolvimento de uma pastoral séria, através da substituição do sistema de grupão por grupos de base.

7. Método grupos de base

A Pastoral de Juventude descobre que é preciso voltar para os pequenos grupos — os grupos de base e a experiência de Jesus Cristo.

Em nosso mundo massificado, torna-se necessário formar pequenos grupos que funcionem como *fermento*.

A Pastoral de Juventude da Região Nordeste II CNBB, no seu caderno "Desafio", explica: "Jesus Cristo não se preocupou apenas com a massa. Ele formou um grupo: o grupo dos Doze. Ele tinha um jeito especial de agir com seu grupo".

A. QUAL ERA O JEITO DE JESUS?

- a. Jesus mostra duas constantes preocupações: com o povo e preocupação com o pequeno grupo dos Doze.
- b. Jesus está na Galiléia e quer formar um pequeno grupo. Perto do lago convida dois: Pedro e André. Mais adiante, encontra Tiago e João, juntos. Outras vezes conversa com um só: Mateus. Apesar das divergências entre eles, forma um grupo unido: cada um assume tarefas e trabalhos.
- c. Jesus vive continuamente com os Doze. A eles confia seus segredos mais íntimos. Com eles dialoga sobre os problemas do meio onde vivem e do povo a que pertencem. Jesus torna-se uma presença animadora no grupo.
- d. Jesus não queima etapas, mas respeita o ritmo do grupo. Às vezes não é entendido. Outras vezes há brigas entre os Doze, porque alguns querem aparecer. Jesus ajuda o grupo a tirar as lições de tudo isso para amadurecer mais.
- e. Jesus valoriza cada membro do grupo e respeita o jeito de cada um. Não despreza a contribuição de ninguém. Incentiva-os a lutar junto com o povo, sem medo, no limite das possibilidades de cada um.

f. Jesus pensa na continuidade de seu trabalho; seu desaparecimento não enfraquece o grupo. A força de sua mensagem encoraja os Doze que, aos poucos, se tornam animadores de novos grupos.

Valeu a experiência? Foram os doze que, inspirados pelo Cristo Ressuscitado, transformaram o fracasso da cruz na fé de uma grande parte da população do mundo. Homens medrosos, humildes, cheios de imperfeição, transformaram-se em mártires pela sua fé.

Em 1978, a Pastoral de Juventude da Arquidiocese de São Paulo escolheu como uma de suas metas: grupos de base. Em 1979, a Assembléia Nacional de Pastoral de Juventude indicou "grupos de base" como sendo o melhor meio de formação dos jovens visando à maturidade cristã. A mesma opção vem sendo feita em vários lugares do Brasil, à medida que a Pastoral de Juventude se organiza, independente de movimentos.

B. AS VANTAGENS DOS PEQUENOS GRUPOS



No pequeno grupo de jovens, os membros se conhecem mais profundamente: *o jovem se torna pessoa*: e, não mais, um número perdido no meio de uma massa. Ele é ouvido, participa, desempenha tarefas dentro do grupo. Há um revezamento de

liderança. A liderança sufocante não é mais aceita, há menos rotatividade de membros, porque cada um se sente responsável pelo grupo. Há uma profunda amizade entre todos. Cada um sabe que sua ausência será sentida.

Crises de relacionamento e formação são superadas com maior facilidade. No grupo de base é mais fácil desenvolver uma *ação transformadora* que faz crescer a *consciência crítica* do jovem, pelo contato com a realidade. No grupo de base é mais fácil elaborar um processo pedagógico de formação permanente. O trabalho em grupo de base também possibilita a *separação dos jovens por idade e por maturidade*.

O grupo de base é diferente das *equipes de serviço* que existem nos grupões de jovens. São as equipes de liturgia, de recreação, de comunicação, de ação social, que se reúnem para planejar as suas atividades nas pequenas equipes, mas que continuam ligadas com o grupão para as trocas de experiências em plenário, palestras, comunicados e atividades.

O sistema de equipes de serviço, onde se procura desenvolver pequenos grupos dentro do grupão, é o primeiro passo que leva a um fracasso da comunidade. Os membros das equipes não se entrosam, não se comprometem uns com os outros e não se abrem para uma missão fora do grupo. As equipes não criam raízes e logo se dissolvem.

O grupo de base é um *pequeno grupo de 5, 7, 12, 15 jovens, que formam um grupo de vida onde se faz em conjunto: as reuniões de estudo, de oração, de planejamento da ação, revisão de vida, recreação*.

Quando o grupo de base se firma, normalmente não se aceita a entrada de *novos membros*. Assim, um grupo com certo tempo de comunidade não precisa estar sempre voltando à estaca zero para receber novos membros.

Por outro lado, é importante que o grupo de base tenha ligação com outros. O intercâmbio enriquece, abre novos horizontes e impede que o grupo se feche numa "gostosa panelinha". Por este motivo, é necessário que cada comunidade tenha mais de um grupo de base.

A coordenação deve ficar atenta para que os grupos não se isolem completamente uns dos outros. O intercâmbio entre os grupos é assegurado por uma organização e planejamento em nível de paróquia e de diocese.

C. DIFERENÇAS ENTRE "GRUPÃO" DE JOVENS E GRUPO DE BASE

Podemos definir as diferenças assim:

Grupão	Grupo de base
• Muitos elementos.	• Poucos elementos.
• Quase ninguém se conhece: há um grupinho aqui, outro ali.	• Todos se conhecem: é um grupo de amigos, grupo de vida.
• O coordenador tem uma "panelinha" auxiliar.	• Desperta lideranças: todos têm uma função no grupo.
• A ação do grupo está voltada para o próprio grupo.	• O grupo age "para fora", nos ambientes.
• As atividades deixam os jovens alienados, sem engajar a realidade	• As atividades dão consciência crítica aos jovens, pois atuam na realidade.
• Ação assistencialista.	• Ação transformadora.

O sistema de grupo de base, porém, *não é uma fórmula que funciona como passe de mágica*. Não basta simplesmente unir 15 jovens para que tudo corra bem.

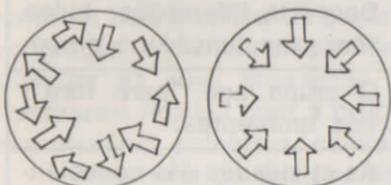
O sistema de grupos de base forma os jovens para um compromisso sério com o cristianismo, desde que seja observada toda uma metodologia que é, aliás, bem mais exigente do que aquela do sistema de grupão.

8. Três processos essenciais

Quando estou doente, vou ao médico. O médico é uma pessoa preparada para descobrir, através dos sintomas, as causas do meu mal-estar. É descobrindo as causas que posso ser curado. Num grupo acontece algo semelhante. Quando ele está em crise e não encontra, no meio dos seus membros, alguém (normalmente será o coordenador) que possa descobrir as causas do seu mal-estar, então está na iminência de se desfazer.

As causas normalmente apresentadas em reuniões de avaliação revelam estas incapacidade. As causas mais frequentemente alegadas são: falta de interesse, "ninguém quer nada com nada", "todo mundo está acomodado". Confunde-se muito efeito com causa, e assim apressa-se o fim do grupo. Diagnosticar a causa do seu mal-estar e, assim, aplicar o remédio certo, é um esquema que facilita um grupo em crise. Neste livro falaremos desses três processos: *Coesão, Objetivo e Metodologia que leva a uma ação transformadora*. São as três áreas onde podem ser localizadas as causas da crise de um grupo.

A. COESÃO



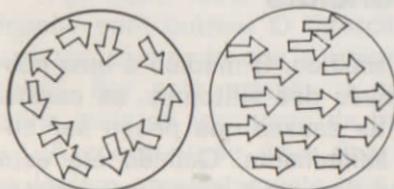
Uma massa de pessoas é cega. Segue um líder sem saber por quê. É impessoal — ninguém conhece ninguém. Ninguém tem nome. Quando os jovens deixam a massa e entram num grupo, começa todo um

processo novo, um processo de entrosamento, de coesão.

Os membros se entrosam, começam a se conhecer cada vez mais profundamente e confiam um no outro. O "outro" não é mais um possível concorrente, mas um amigo. Para os jovens, a amizade dentro do grupo é muito importante. Um grupo cristão de jovens tem de ser, antes de tudo, um grupo de amigos. "Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei", diz Jesus.

Um grupo que não tem coesão dura pouco e é incapaz de levar adiante uma ação séria.

B. OBJETIVO

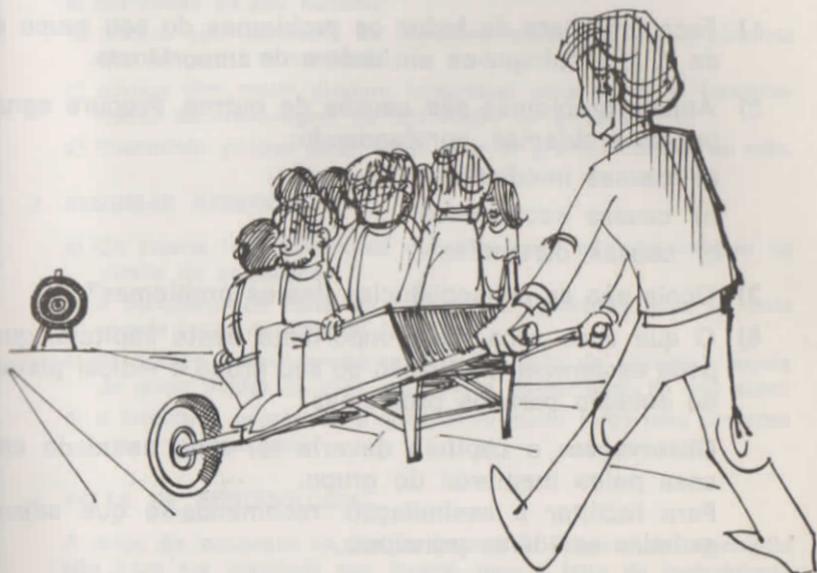


Os jovens que entram num grupo entram, cada um, com um ideal diferente. Muitos entram porque é "turma", é "emboalo", e vêm levados por um amigo. Outros entram porque o grupo

oferece possibilidades de auto-realização. Com o passar do tempo, o processo de formação, usado pelo grupo, deve levar a

uma modificação dos objetivos e valores dos membros, até chegar a um objetivo comum. Um grupo que não chega a formular um objetivo cristão, que não tem idéias muito claras sobre aquilo que o faz diferente de um grupo de amigos, de um clube, de um outro grupo qualquer, estaciona ou regride. É um grupo que não leva a nada. É o objetivo que determina o que somos e o que fazemos.

C. METODOLOGIA QUE LEVA A UMA AÇÃO TRANSFORMADORA



O grande desafio de uma Pastoral de Juventude, hoje, é acertar uma metodologia para uma ação transformadora que ponha nossos grupos a caminho de seu objetivo: uma metodologia de "formação na ação". Dos três processos, este último é o mais difícil. Não adianta ter um grupo coeso que enxerga para onde vai, se não sabe como chegar lá. Muitos bons assessores e líderes de comunidade de jovens desistem porque lhes falta uma metodologia de trabalho.

Metodologia é a soma dos métodos que são os instrumentos, o caminho escolhido para chegar ao objetivo. Não basta boa vontade e espontaneidade.

9. Perguntas para uma reunião de estudo



- 1) Faça uma lista de todos os problemas do seu grupo e da P. J. e coloque-os em ordem de importância.
- 2) Alguns problemas são causas de outros. Procure agrupar os problemas, aprofundando:
 - a) causas imediatas
 - b) causas secundárias
 - c) causas distantes.
- 3) Quais são as conseqüências destes problemas?
- 4) O que você acha mais importante neste capítulo, que pode esclarecer a situação do seu grupo e indicar pistas de solução para os problemas?

Observação: o capítulo deveria ter sido estudado em casa pelos membros do grupo.

Para facilitar a assimilação, recomenda-se que sejam grifadas as idéias principais.

- 5) Que conclusões podemos tirar desta discussão, para o nosso grupo ou para a equipe de coordenação?

Sugestões: sugerimos que as conclusões de cada reunião sejam guardadas numa pasta separada, para que, no final do estudo, sejam retomadas e usadas para decidir sobre algumas medidas concretas para dinamizar o grupo de base ou a equipe de trabalho. É importante, ao mesmo tempo, que cada participante anote suas conclusões.

As perguntas acima poderão ser modificadas e outras poderão ser acrescentadas, conforme as necessidades do grupo.

RESUMINDO

1. OPÇÃO PELOS JOVENS

Os jovens de hoje, juntamente com os pobres, constituem os profetas da atualidade. Os jovens de hoje são diferentes dos jovens de ontem; são metade do mundo e a parte mais dinâmica da sociedade.

2. A IMPORTÂNCIA DOS JOVENS

São importantes:

- a) por causa do seu número;
- b) porque são sensíveis às questões sociais e aos problemas que afligem a humanidade;
- c) porque têm maior preparo intelectual para captar o funcionamento da engrenagem de dominação na sociedade;
- d) finalmente, porque estão numa fase de grandes opções na vida.

3. ALGUMAS RESERVAS

- a) Os jovens levantam novas questões, mas não determinam os rumos da sociedade;
- b) a sociedade de consumo manipula a juventude, pois vê nela grande fonte de dinheiro fácil;
- c) os nossos jovens tornam-se uma "geração de silêncio" depois do golpe militar de 1964, mas estão despertando do seu sono;
- d) a juventude operária é a que possui maior força para provocar uma mudança social.

4. FALTA DE METODOLOGIA

A culpa do insucesso de muitos grupos de Pastoral de Juventude não deve ser imputada aos jovens, mas à falta de metodologia adequada.

5. MEMÓRIA HISTÓRICA

- a) **Congregações e Associações Marianas:** antes do Concílio Vaticano II, a Congregação Mariana e Filhas de Maria exerceram forte influência na Igreja.
- b) **Ação Católica Geral e Ação Católica Especializada:** a Ação Católica Geral, sob influência de Pio XI, tinha por objetivo combater as ideologias materialistas e liberalistas. A Ação Católica Especializada, sob orientação de Pio XII e muito influenciada pelo cônego Cardjin, refere-se ao apostolado leigo. Surgiram, assim, JOC, JUC, JEC, JAC e JIC.

- c) **O Documento de Medellín:** surgiu do Encontro dos Bispos da América Latina, em 1968.
- d) **Movimentos de encontro:** entre 1966-1976, os movimentos tipo "Cursilho".
- e) **O nascimento de uma Pastoral orgânica e transformadora:** esse nascimento ocorreu na década de 70, com várias assembleias que determinaram metas prioritárias para a P. J.

6. MÉTODO GRUPÃO DE JOVENS

Grupos com 100 a 150 jovens, com muitos problemas de coordenação e de organização e sem capacidade de ação refletida e transformadora.

7. MÉTODO GRUPOS DE BASE

Pequenos grupos, a exemplo de Cristo.

- a) **Qual era o jeito de Jesus?** Ele se preocupava com o povo e com o grupo dos Doze.
- b) **As vantagens dos pequenos grupos:** o jovem se torna pessoa (e não um número), desenvolve ação transformadora, desperta para a consciência crítica e torna-se possível a separação dos jovens por idade e maturação.
- c) **Diferenças entre "grupão" de jovens e grupo de base:** muitos elementos/ poucos elementos; quase ninguém se conhece/ todos se conhecem;/ coordenador com uma "panelinha" auxiliar/ desperta lideranças; ação voltada para o próprio grupo/ ação voltada "para fora"; atividades que deixam os jovens alienados/ atividades que despertam a consciência crítica; ação assistencialista/ ação transformadora.

8. TRÊS PROCESSOS ESSENCIAIS

- a) **Coesão:** a amizade, a confiança mútua, o entrosamento, tornam o grupo coeso. Um grupo sem coesão não leva adiante uma ação séria e dura pouco.
- b) **Objetivo:** com o tempo, os membros do grupo passam a ter um objetivo comum, que determina o que o grupo é e faz.
- c) **Metodologia que leva a uma ação transformadora:** é a metodologia de "formação na ação". É o caminho escolhido para atingir o objetivo proposto.

2

TER UM GRUPO COESO

Existem dois grandes desafios no mundo de hoje:

- 1) *A massificação*: as pessoas vivem como massa. Quem vive como massa não é sujeito, não é gente. É manipulado pelos outros e alienado pelos meios de comunicação social.
- 2) *O egoísmo*: o viver para si.

Diante desses desafios surgem, hoje, dois grandes valores:

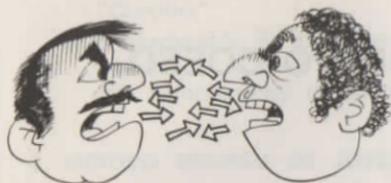
- 1) *A realização pessoal*: dizem que quando Deus cria uma pessoa, Ele joga fora a fôrma com a qual a criou. Um pode ser a cara do outro, mas na realidade é bem diferente. Cada um é único e original e é chamado a desempenhar uma vocação que só ele pode desempenhar. É chamado a ser sujeito da história e a desenvolver o senso crítico diante de todo tipo de manipulação e dominação.

Nos primeiros séculos do cristianismo, Santo Irineu escreveu uma frase que hoje aparece surpreendentemente moderna: "A glória de Deus é o homem plenamente realizado".

- 2) *Viver em comunhão*: ninguém é absoluto. Todo homem precisa da amizade e da verdade do outro para se realizar como pessoa, para descobrir que pode ser útil aos outros. "Nenhum homem é uma ilha", dizia Thomas Merton.

O lugar privilegiado, onde podem desabrochar esses dois valores, é o pequeno grupo e a comunidade. É lá que os jovens aprendem a comunicar-se com os outros em profundidade.

1. Comunicação entre as pessoas



Nossa personalidade é determinada, em grande parte, pela nossa capacidade de comunicação com os outros. Uma pessoa que não mais consegue comunicar-se com os outros fica louca. A loucura é uma maneira

de o inconsciente levar a pessoa a fugir de um mundo onde ela se sente marginalizada e rejeitada pelos outros. Uma pessoa neurótica é alguém que ainda consegue comunicar-se com os outros, mas com grande dificuldade.

Fica, portanto, clara a necessidade de desenvolvermos a capacidade de comunicação com os outros. Disso depende a nossa felicidade. É uma etapa que não pode ser esquecida na Pastoral de Juventude. Caso contrário, formaremos jovens com grandes ideais, mas com personalidades truncadas. Mais cedo ou mais tarde explodirá alguma coisa.

Um grupo de jovens é sempre composto de elementos que trazem uma bagagem diferente, em termos de família, de ambiente, de personalidade, de maturidade emocional, capacidade intelectual e aprofundamento da fé.

São jovens que vêm para o grupo trazendo grandes valores, e também necessidades pessoais diferentes.

São mundos diferentes que se encontram. Para que esses mundos se encontrem e formem um grupo coeso é *fundamental entender as leis básicas da COMUNICAÇÃO entre as pessoas.*

O grupo de base é um lugar privilegiado onde podemos aprender a viver o ideal que Jesus colocou diante de nós: "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei". O grupo é um verdadeiro laboratório de vida ao qual, infelizmente, poucos têm acesso.

Em seguida estudaremos as regras de boa comunicação entre as pessoas¹. São regras que, quando seguidas, levam à formação de grupos de jovens coesos e estáveis. A coesão se torna um dos fatores mais importantes no combate à grande rotatividade dos membros de muitos grupos de jovens.

2. Processos de comunicação

No processo de comunicação há três elementos importantes a considerar: o *transmissor*, a *mensagem* e o *receptor*.



A. O TRANSMISSOR

O transmissor tem de estar ligado, estar no ar, e estar transmitindo algo.

Transmitimos nossa mensagem aos outros através de três tipos de sinais.

a) A palavra

Nem sempre é fácil comunicar-se com palavras.

Quem fala muito normalmente comunica muito pouco — porque não aprendeu a parar para refletir, para escolher bem as palavras e resumir seus pensamentos. Um grande homem uma vez explicou: "Eu falei muito porque não tive tempo para ser breve". É importante notar numa reunião de grupo que, às vezes, as pessoas mais eficazes são as que menos falam. Guardam os seus "cartuchos" para o momento exato.

Muitas vezes aquilo que queremos dizer não está claro para os outros, porque não está claro para nós mesmos.

Nas reuniões de grupo os jovens se treinam para não falar a primeira coisa que vem à mente sem examiná-la criticamente.

A palavra pode ser usada também, numa reunião de grupo, para dominar os outros. É o caso de quem sempre procura "falar difícil"

A comunicação através da palavra impressa é fundamental dentro de uma Pastoral de Juventude, como mural, jornal, convite, fichas para cursos, resultados de avaliações, cantos. Examinando a letra dos cantos de uma determinada comunidade de jovens, descobre-se logo a sua linha pastoral.

b) O símbolo

Um namoro, por exemplo, normalmente começa com aquela troca de olhares: no início mais discretos, depois cada vez mais abertos. Não é a vez ainda das palavras, mas há uma comunicação profunda, que comove o íntimo do outro.

Um ramalhete de flores talvez expresse com mais profundidade o amor entre duas pessoas do que a troca de muitas palavras.

O gesto de partilha do pão na Eucaristia expressa, no nível da fé, o projeto de Deus para a sociedade dos homens: a partilha do pão da amizade, o pão dos talentos e o pão da mesa. Celebramos o Reino que já está no meio de nós.

O simbolismo ocupa um lugar central na liturgia. É importante entender o significado dos símbolos já usados, mas também podemos criar novos. Muitas de nossas celebrações e missas de jovens, sobretudo por ocasião de cursos e assembléias, são intelectuais e frias demais.

Seguem-se alguns exemplos, narrados por Dom José Maria Pires, sobre o simbolismo usado de maneira criativa na liturgia:

* *NA EUCARISTIA* — Foi num treinamento bíblico em Angra dos Reis. A celebração é em torno do cativoiro (havia-se refletido, lido textos desse período). A liturgia da palavra começa em silêncio. O celebrante, estendido no chão, no meio da capela, totalmente amarrado com uma corda grossa. Depois de um texto de Êxodo, um silêncio denso. Nesse momento, cada um,

espontaneamente, vai desamarrando uma parte do corpo do celebrante, rezando, pedindo por algum tipo de cativeiro e de cativos especiais. Os pés, pelo homem do campo, as mãos pelos operários. Levou tempo.

A partilha foi crescendo e se completando, até que o celebrante ficou inteiramente solto de suas amarras. Ficou de pé. Sentou-se e disse que já podia celebrar a Eucaristia. E, simplesmente, aprofundou e repetiu o gesto pascal de Jesus.

• *NUMA RECICLAGEM DA PASTORAL DE JOÃO PESSOA* — Foi dado no momento do ofertório, para cada pessoa presente, um punhadinho de feijão. Cada um rezou, entregando seus grãos como semente para alguma coisa concreta do Reino ser plantada e frutificada na Igreja local. Até a entrega em silêncio de alguns foi eloqüente comunicação.

• *NUM ENCONTRO BIBLICO EM JOÃO PESSOA* — Tratou-se da passagem do Velho para o Novo Testamento. E também da passagem do que é velho para o que é novo na vida, na missão. Todos no chão, sentados. No meio, uma pessoa idosa, de cabelos grisalhos e um jovem estudante. Sem haver repetição, quase todos tentaram, com gestos ou palavras, estabelecer a comunicação. Entre o patrimônio da experiência e a esperança do novo. Alguém deixou uma plantinha por alguns minutos com uma pessoa idosa e depois pediu que ela a entregasse a um jovem. Poucas vezes houve a experiência profunda e rezada da tradição viva como nessa celebração.

• *NUMA CELEBRAÇÃO NUM BAIRRO DA PERIFERIA DE JOÃO PESSOA* — No chão, só três pratos: um com sal, outro com uma lamparina, outro com umas sementes. Falando, cantando, ou em silêncio, ofereceram, uns aos outros, sal, luz, sementes, para temperar a vida, para clarear as escuridões, para fazer renascer algo novo, ligando o gesto à caminhada daquela comunidade.

Será que os sacramentos e a liturgia não teriam muito mais sentido para nossos jovens se eles fossem incentivados a usar a sua tremenda força criativa nessa direção?

e) Atitude de vida

Há uma coisa muito mais profunda do que a palavra e o símbolo. É a atitude de vida.

A atitude de Jesus, pendurado na cruz, expressa muito mais do que toda a sua pregação anterior. Ele não só pregou o amor. Pagou também o preço mais alto: deu a sua vida. Se tivesse pregado uma mensagem bonita, mas comprometido com os poderosos, e se tivesse saído deste mundo no meio de grande triunfo, sua mensagem não teria o mesmo efeito.

Muitos cristãos falam bonito, mas não têm atitude de vida coerente. Muitas pessoas ficam no nível das palavras, falando da necessidade de amor, fraternidade e justiça, mas vivem explorando os outros.

Meu pai foi um homem de poucas palavras, mas os valores de autenticidade, generosidade e dedicação que eu, desde pequeno, vi cristalizados em sua vida, marcaram-me profundamente. É também a experiência de muitas outras pessoas.

Quando as palavras e os símbolos não batem com a atitude de vida, toda a comunicação se torna vazia. Foi por isso que Jesus condenou os fariseus.

A importância dessa coerência para assessores e coordenadores de comunidades de jovens é mais do que óbvia. O jovem não suporta a falsidade. Digo falsidade, não fraqueza. Ele olha mais a prática do assessor do que suas palavras.

B. O RECEPTOR

Para receber a mensagem, o receptor também precisa estar ligado. Precisa estar no ar.

Precisamos escutar o que o outro tem a nos dizer.

São poucas as pessoas que se treinaram para escutar as idéias dos outros. Ao escrever, lembro-me de secretários de muitas assembleias de Pastoral que, ao redigirem os resultados dos seus grupos de discussão,



somente conseguiram colocar no papel, em grande parte, as suas próprias idéias. Contribuições riquíssimas de outros elementos dos grupos nem foram percebidas. Tudo o que foi falado foi filtrado pela ideologia do secretário. Houve pouca objetividade.

A capacidade de escutar é um fator essencial para o diálogo com o outro. Infelizmente são poucas as pessoas que hoje se preocupam em desenvolvê-la.

Em geral, quando o outro está falando, nós já estamos preparando nossas próprias intervenções.

Se escutamos, é para rebater, para falar contra e, dessa maneira, escutamos somente o que nos convém. Esquecemo-nos de que a finalidade de um diálogo é a de nos dar oportunidade de construir a partir do que o outro tem a nos dizer.

Não somos donos da verdade. Precisamos da verdade do outro para completar a nossa.

Perdemos muitas contribuições preciosas, porque não estamos com as antenas ligadas e porque não prestamos atenção às idéias dos outros. Não é de estranhar que muitas reuniões de avaliação não resolvam nada.

Esquecemo-nos também de que a *maior valorização* que podemos dar a um irmão nosso é a de escutá-lo com atenção. É o primeiro passo para que o outro possa sentir-se como sujeito da sua história e responsável pelos outros.

C. SINTONIA

Não basta, porém, que o transmissor esteja transmitindo e o receptor ligado. Se não houver sintonia de ondas, haverá somente ruídos confusos ou contínuas interferências. Torna-se um diálogo de surdos.

A sintonia necessária para que haja diálogo entre as pessoas pode ser dividida em:

- a) sintonia intelectual
- b) sintonia emotiva

a) Sintonia intelectual

Quando dizemos que o mandamento de Cristo é que todos os homens devem ser irmãos e que todos devem amar sobre-

tudo os mais pobres, normalmente há um consenso entre as pessoas. Quando, porém, descemos ao concreto e tomamos atitudes e posição diante de fatos da vida que negam isso, a situação muda de figura. Muitos não aceitam que a opção pelos pobres significa apoiar uma greve de operários por melhores salários e estabilidade no emprego, defender favelados ameaçados de despejo, denunciar as causas estruturais da pobreza, condenar a violência policial

Muitos discursos de certos políticos que falam de "fraternidade cristã" "dignidade dos operários" "a construção de uma sociedade justa" cabem nesta categoria. Precisamos urgentemente do que Dom Paulo Evaristo Arns chama de "*conversão do abstrato ao concreto*"

O debate a nível intelectual é importante num grupo de jovens, para que todos possam chegar a um acordo sobre as questões mais importantes para o homem de hoje. Mas só podemos aceitar um debate intelectual que parta do concreto.

b) Sintonia emotiva

Não basta, porém, uma sintonia intelectual, um diálogo mente a mente. Temos que levar o diálogo a outro nível — o nível das emoções ou sentimentos (é importante não confundir sentimento com sentimentalismo).

A psicologia moderna nos mostra que *é neste nível que resolvemos grande parte dos problemas de relacionamento* entre as pessoas, porque as raízes dos problemas estão aí. Se não descermos aos porões dos sentimentos, muitos problemas não se resolverão e acabarão por destruir o grupo.

Um coordenador experimentado percebe logo que estas reações e jogos emocionais entre os membros do grupo são, em grande parte, inconscientes.

Quem não "suporta" ou não "vai com a cara" do outro, procura justificar sempre as suas tomadas de posição com explicações intelectuais: "ele é muito metido" "ele é muito falso" "ele é muito ditador" "ele não entende dessas coisas"

A reação imediata é a de rejeitar tudo o que o outro fala, por melhores que sejam as suas idéias. Muitas vezes o verdadeiro motivo para a rejeição das idéias e argumentos do outro está nos sentimentos. Pode ser que ele se sinta inferior diante

da inteligência do outro, que se sinta ameaçado pelos seus argumentos, queira se vingar por ter sido humilhado no passado, ou tenha inveja, medo. Às vezes, há um jogo de poder. Quem quer estar sempre por cima, sente-se ameaçado quando um outro começa a se destacar.

Se não trouxermos à tona esta motivação a nível dos sentimentos, os problemas não se resolverão. Isto não significa que o jovem tenha de, necessariamente, mudar os seus sentimentos. Às vezes, isso é impossível. Mas significa que, conhecendo os verdadeiros motivos da sua reação diante dos outros, ele poderá aliviar a situação e possibilitar um diálogo real. O desconhecimento deste fato causa muita "dor de cabeça" para um coordenador de grupo.

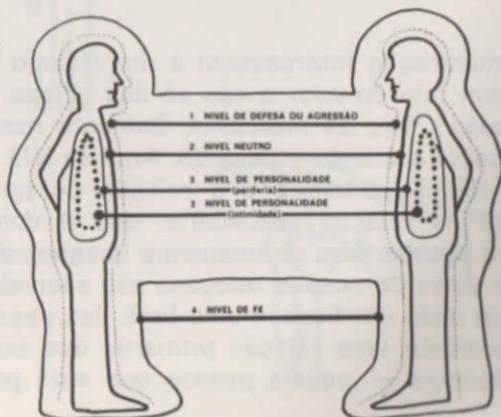
A sintonia emotiva é importante, não só para resolver muitos problemas de relacionamento entre os jovens da Pastoral de Juventude, mas também porque é um dos elementos para a construção da personalidade e tomada de consciência da missão que cada um tem na vida.

É neste nível que podemos cimentar amizades profundas e duradouras e, assim, realizar o ideal da primeira comunidade cristã de Jerusalém: "Eram um só coração e uma só alma" (At 4,32).

3 Níveis de comunicação

Para entender melhor o funcionamento dessa sintonia emotiva entre as pessoas, é necessário examinar os quatro níveis de comunicação.

Eis o gráfico:



A. NÍVEL DE DEFESA OU AGRESSÃO

As pessoas se relacionam na base da agressão ou da defesa. Reagem assim porque se sentem inseguras, ameaçadas, ou querem dominar os outros. Não há relacionamento propriamente dito. Há ataque.

B. NÍVEL NEUTRO

Esse nível não implica nenhum risco. Eu falo de coisas, mas não de mim. Falo do tempo, do último jogo, dos problemas sociais, das últimas idéias da teologia da libertação. É uma relação intelectual, de mente a mente. Posso falar de coisas fúteis ou de coisas sérias, mas num intercâmbio de idéias que não afeta a pessoa.

C. NÍVEL DE PERSONALIDADE



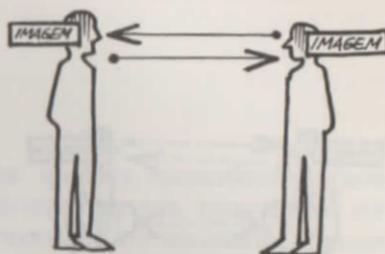
Comunicação interpessoal é um diálogo com outra pessoa com quem falo de mim e não só das coisas. Revelo quem sou "no fundão" Tiro as máscaras. Somente neste nível é que há comunicação entre duas pessoas. Aqui se fala de relações primárias. A relação primária é a relação de pessoa a pessoa. É diferente da relação secundária, que é comunicação não de pessoa a pessoa, mas de imagem a imagem, de função a função. A maior parte de nossas relações são secundárias. Seria importante que cada um fizesse uma lista das pessoas com as quais tem realmente uma relação primária, que conhece por dentro, sem máscaras — aquela pessoa que está por trás das idéias

e comportamentos. Muitos jovens fazem um trabalho pastoral juntos, assumindo compromissos sérios, mas não se conhecem como pessoas. Isto é muito sério. Comunicam-se, imagem a imagem, como podemos ver pelo seguinte esquema.

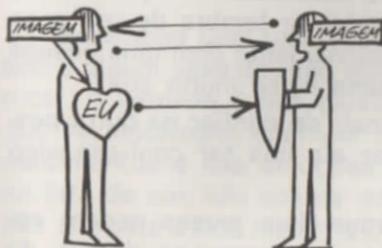
a) Imagem a imagem

Normalmente nós nos comunicamos imagem a imagem, não de pessoa a pessoa. A comunicação de pessoa a pessoa envolve um risco.

Podemos esquematizar o relacionamento entre as pessoas da seguinte maneira:

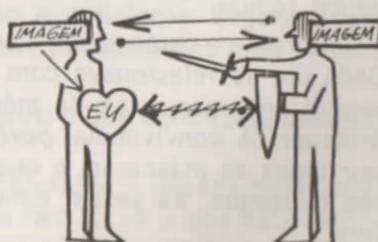


Se alguém corre o risco de manifestar ao outro quem ele é, seu "eu" podem ocorrer quatro resultados diferentes:

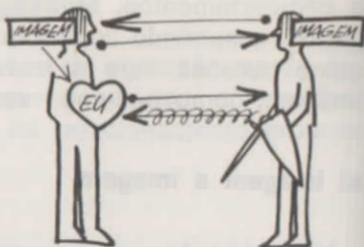


(1) O outro recusa e não aceita minha abertura

(2) O outro ataca perante a minha abertura



(3) Ou aproveita-se de mim, da minha abertura



(4) Mas pode ser que, quando eu me abro com outra pessoa e tiro a máscara, este gesto desencadeie na outra pessoa o mesmo processo. Diante da confiança que deposito nela, sente que pode confiar em mim e, por sua vez, começa também a revelar o que é.

Então surge um relacionamento "eu-tu"

Quando o diálogo acontece entre duas pessoas equilibradas, a reação normal será essa. Quem não se lembra de um caso na sua vida em que mudou seu relacionamento com uma pessoa depois de ela lhe ter confiado alguma coisa muito sua?

A reação é de sintonia emocional: de confiar na outra pessoa como amiga, de admiração, por ela nos ter confiado algo muito importante sobre ela.

Esse simples fato explica porque dois jovens podem namorar durante vários anos, casar-se e separar-se depois de pouco tempo.

Durante o namoro não houve um diálogo de pessoa a pessoa. Cada um se relacionava com a imagem do outro. Um não conseguia enxergar atrás da máscara que o outro usava para se proteger. A convivência, porém, do dia-a-dia, de cônjuges, faz cair todas as máscaras, e quem casou com a imagem do outro não consegue, às vezes, conviver com o que está por detrás dela.

Não podemos esperar construir comunidade cristã assim, com base em relações superficiais, relações de falsidade e de medo do outro.

b) Pessoa a pessoa

A comunicação de pessoa a pessoa pode ser baseada em dois níveis:

- a) nível de periferia e
- b) nível de intimidade.

• NÍVEL DE PERIFERIA

O nível de periferia acontece quando comunicamos aos outros coisas pessoais, mas periféricas: gostos, interesses, estudo, trabalho, engajamento na comunidade ou sociedade, nossas idéias em relação a tudo isso, nossos princípios, os grandes ideais e valores que motivam tudo o que fazemos. São aquelas atitudes centrais que tomo diante da vida, do amor, da pobreza, da justiça, dos direitos humanos, da família, da Igreja e de Deus. *A comunicação ainda está no nível intelectual, mas mais pessoal. Revela pouco ainda do que eu sou.*

• NÍVEL DE INTIMIDADE (SENTIMENTOS)

Pensamos que, uma vez que já comunicamos nossas idéias sobre algum assunto, não existe mais nada que se possa comunicar. A verdade é que existe um outro nível mais profundo, a que os psicólogos chamam de nível de intimidade: o nível dos sentimentos e das emoções. A importância desse nível reside no fato de que *são nossas emoções e sentimentos que revelam aos outros e a nós mesmos o que somos.*

Precisamos nos aprofundar neste nível, porque o nível dos pensamentos normalmente não é suficiente. Esgota o que a pessoa revela de si mesma. Nossos pensamentos nem sempre revelam quem somos.

Pode haver grande diferença entre *o que acho (pensamento)* e *o que sinto (emoção)*.

O pensamento é igual a uma fotografia: a pessoa pode estar sorrindo. O sentimento é igual a um raio X: vê o que está dentro e pode revelar que a pessoa, mesmo sorrindo, está com câncer.

O seguinte esquema esclarece melhor esta distinção:

<i>PENSAMENTO (aquilo que acho)</i>	<i>SENTIMENTO (aquilo que sinto)</i>
1) Esta passeata é coisa de comunista.	1) Eu tenho medo de participar dela.
2) A Igreja não tem nada a ver com a política.	2) Eu sinto minha posição de privilegiado ameaçada.
3) José é muito metido.	3) Eu tenho inveja da sua popularidade dentro do grupo.
4) Maria é muito dinâmica.	4) Eu me sinto inferior a ela.
5) Eu vou largar o grupo porque tenho muitos compromissos.	5) Eu estou desanimado e me sinto incompreendido e deixado de lado.

Na primeira coluna comuniquei os meus pensamentos e nada falei de mim. Na segunda, eu me abro mais. Eu dou aos outros uma oportunidade de ver quem sou. É que eu me arrisquei. É uma revelação maior. É um pedaço de mim. É um presente que dou aos outros. Meus sentimentos não são nem bons, nem maus. Existem. São, em grande parte, o resultado do meu passado, sobre o qual nem sempre tenho controle.

Eu sou aquilo que sinto. Nem sempre sou aquilo que penso.

• ATITUDES ERRADAS

A comunicação nesse nível pressupõe a modificação de certas atitudes erradas:

— Atitude de julgamento

Como cristãos, avaliamos as idéias e os fatos, mas não julgamos as pessoas. Só Deus pode entrar na intimidade das pessoas e julgar a culpabilidade ou não.

Cristo fala da necessidade de não julgar, mas de tirar a trave de nossos próprios olhos. Temos de resistir à tendência muito forte de querer que os outros sejam cópias de carbono

de nós mesmos. Temos dificuldade em aceitar que o outro seja diferente de nós.

O jovem se sente acolhido, pode expor seus problemas sem medo de ser censurado, tem coragem de enfrentá-los e de superá-los.

A pessoa humana é igual a uma planta. Precisa do sol da valorização, precisa sentir-se "gente" para poder desabrochar.

— *Atitude interrogativa*

O grupo nunca deve forçar alguém a falar o que não queira. Cada um tem direito à sua máscara. Ninguém consegue viver totalmente sem ela. Só num clima de amizade e confiança é que o jovem vai abrir algumas janelas da sua vida aos outros, tirando cada vez mais a sua máscara e tornando-se, assim, uma pessoa mais livre e autêntica.

— *Atitude "de conselheiro"*

Como diz o caboclo: "Se conselho fosse bom, ninguém dava" Quase sempre nossa primeira reação, quando alguém expõe um problema, é dar conselho. Raramente se resolve o problema. É melhor ajudar o outro a ele próprio encontrar a solução. O que podemos fazer é contar nossas experiências, mas é a pessoa mesma quem decide e quem escolhe o que é melhor para ela.

— *O segredo*

O segredo é uma condição imprescindível para criar um clima de comunicação no interior do grupo.

Nada mata mais a confiança entre os elementos do grupo do que a leviandade e a traição.

• *VANTAGENS DESSE NÍVEL DE COMUNICAÇÃO*

As vantagens desse nível de comunicação são várias:

— *Eu descubro quem sou*

A comunicação, neste nível, pode ser uma fonte rica de autoconhecimento e, ao mesmo tempo, a chave da construção da personalidade de cada um. Quem não se conhece não cresce. Através das informações dadas e descobertas, num ambiente

de apoio e acolhimento de um grupo de jovens, posso descobrir quem sou, superar aspectos negativos da minha personalidade, construir uma auto-imagem positiva e aprender a viver com minhas limitações.

Neste sentido, *o grupo de jovens é um laboratório da vida*, onde aprendo a construir a minha personalidade e ser útil aos outros.

Sem esse nível de conhecimento, num grupo de jovens, não posso me conhecer como sou e acabo sendo condenado a viver num mundo ilusório.

A diferença entre um jovem que se conhece e outro que não está em contato consigo mesmo, pode ser ilustrada pela diferença entre um homem com mau hálito e outro com dor de dente. Quem está com mau hálito não percebe e, portanto, não pode resolver o problema. A pessoa com dor de dente está consciente do problema e, portanto, pode encaminhar uma solução. Uma pessoa pode viver uma vida inteira com mau hálito, incomodando todo mundo, se ninguém lhe falar do problema.

É o processo, às vezes doloroso, da semente que só produz fruto se vier a morrer (Jo 12,24). O processo de autoconhecimento é doloroso, porque "a verdade dói" mas é uma dor igual à dor do parto, que precede o nascimento de um novo ser.

— *Descubro quem são os outros*

Descubro quem são os outros jovens do meu grupo, quem está por trás da "casca", e aprendo a aceitá-los com as suas limitações.

— *Ambientes de confiança*

Cria-se um ambiente de confiança e de amizade profundas.

— *Trabalho com o jovem todo*

Trabalha-se com o jovem todo, não só com a sua cabeça. Uma assembléia de avaliação, que começou com uma questão do tipo: "Como você se sente diante de Deus? Quando você se sente animado ou desanimado dentro da P. J.?" para depois passar para questões mais intelectuais, deu muito bom resultado.

Numa reunião de grupo, de vez em quando, o coordenador pára a discussão e pergunta o que cada um está sentindo, para "tomar o pulso" do grupo.

D. NÍVEL DE FÉ

A comunicação neste nível também é importante do *ponto de vista da fé*.

A comunicação em profundidade num grupo de jovens tem um significado importante para sua fé. Cristo dizia que o *sinal pelo qual seriam reconhecidos os seus discípulos seria o amor* que existisse entre eles. Mas não um amor qualquer, e sim um amor em profundidade, igual ao amor entre Ele e seu Pai. "O Pai e eu somos um" (Jo 10,30). A definição mais profunda sobre Deus, em toda a Bíblia, é dada por São João quando diz: "Deus é amor" Sem a experiência humana de uma autêntica amizade é muito difícil para o jovem ter um encontro com este Deus, em Jesus Cristo. O próprio Jesus teve amizades profundas com João, Maria, Marta, Lázaro e outros.

A Igreja só poderá ser sinal de salvação, semente de uma nova sociedade (Reino de Deus), à medida que houver cristãos que se amam profundamente.

A Igreja só pode ser comunidade à medida que houver, dentro dela, pequenos grupos que testemunhem o "mandamento novo"

4. Perigo de um grupo fechado



A minha experiência é a de que um grupo de base, que consegue coesão muito grande entre os seus membros, dificilmente se desfaz. O jovem procura sobretudo amizade num grupo. Uma moça explica porque se afastou de um grupo de jovens: "Eu saí porque não senti nada que me segurasse. Havia muitas "panelinhas" Eu me sentia sozinha. Faltou um coordenador que me animasse"

O fortalecimento da coesão no grupo através de um diálogo profundo, visitas, recreações em conjunto, técnicas de dinâmica e revisões de vida, é muito importante.

É muito fácil pegar o jovem neste nível de comunicação, porque isso responde a uma necessidade que ele sente.

Há, porém, o grande perigo de o grupo se fechar numa panelinha e esquecer-se dos outros dois processos: o objetivo e a metodologia que leva a uma ação transformadora.

A grande amizade entre os membros pode facilmente levá-los à ilusão de que o mundo que existe é o mundo deles e de não ter nenhuma preocupação crítica diante dos problemas sociais que os cercam. Tornam-se, assim, um grupo alienado e festivo que vive remoendo seus próprios problemas.

Deve estar presente, desde o início do grupo, a preocupação de levar seus membros a se comprometerem com pequenas ações na comunidade e na sociedade. O grupo novo não deve ficar muito tempo tentando resolver os problemas individuais por se tratar de "um poço sem fundo".

Nunca se consegue resolver todos os problemas. *Desde o início, o grupo deve partir para fora, para resolver os problemas dos outros.* É a melhor maneira de resolver seus próprios problemas. No processo de sair de si para ir ao encontro dos problemas dos outros, esquecem-se de muitos dos seus próprios problemas que vão se resolvendo automaticamente "no caminho" Evita-se, assim, muita "tempestade criada em copo d'água" de grupos que se voltam excessivamente para si mesmos.

Todo grupo que se fecha é igual a uma sala com as portas e as janelas fechadas, enquanto seus ocupantes todos fumam. Com o tempo, o ambiente fica saturado de fumaça e provoca desentendimentos, frustrações e desânimo.

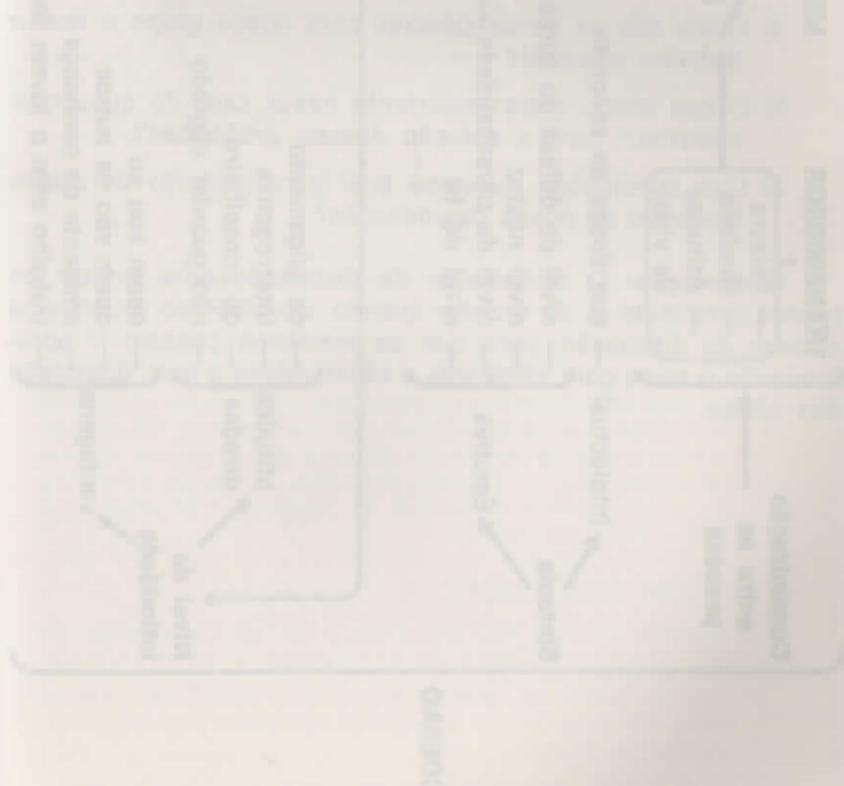
Por outro lado, não se deve estranhar que um grupo, que já conseguiu um engajamento crítico na sociedade, de vez em quando tenha de voltar atrás para tratar de problemas pessoais ou do relacionamento, entre os seus membros.

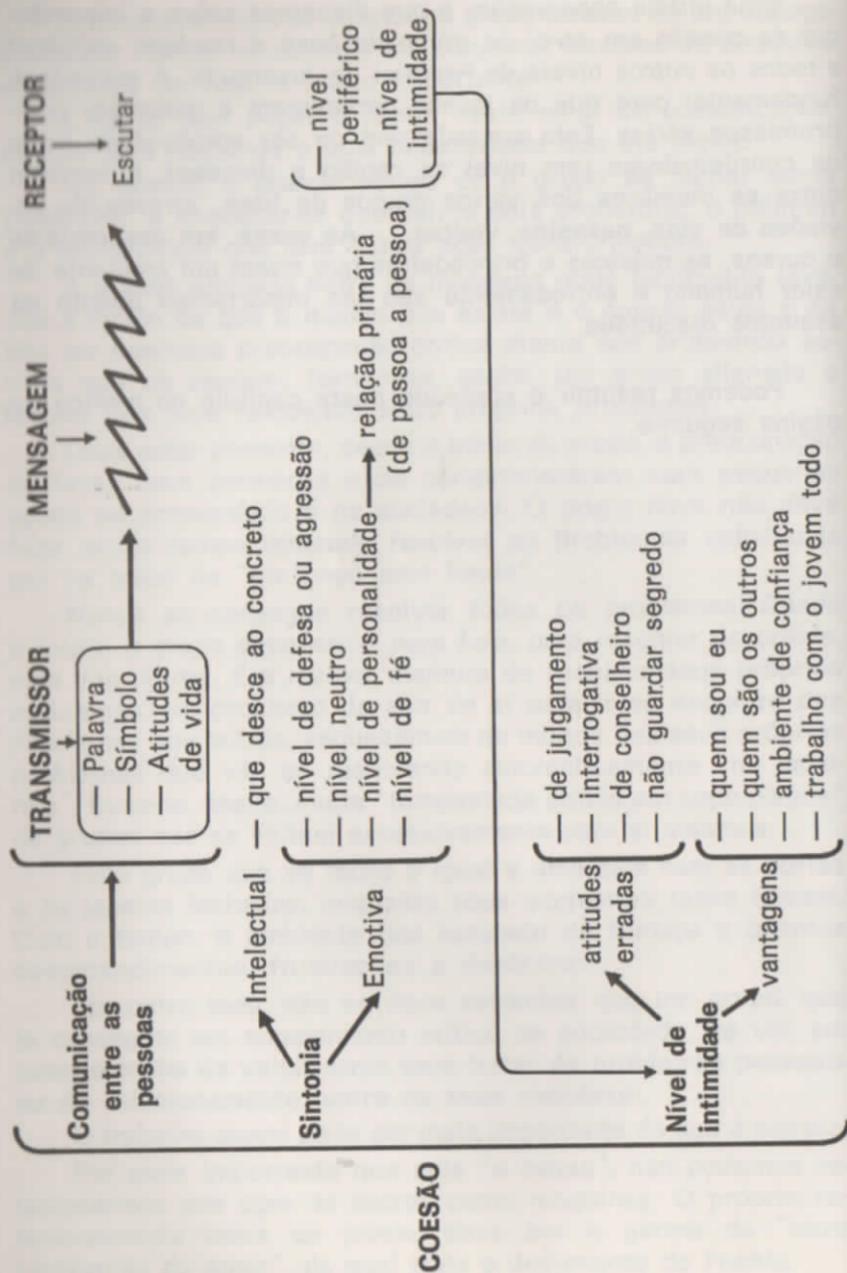
O trabalho nunca pode ser mais importante do que a pessoa.

Por mais importante que seja "a causa", não podemos relacionar-nos uns com os outros como máquinas. O próprio relacionamento entre os jovens deve ser o germe da "nova civilização do amor" da qual trata o documento de Puebla.

Uma última observação: o que dissemos sobre a importância da coesão em *nível de grupo de base é também aplicável a todos os outros níveis* da Pastoral de Juventude. A amizade é fundamental para que os jovens perseverem e assumam compromissos sérios. Esta amizade tem de ser aprofundada entre os coordenadores (em nível de região e diocese), e também entre os membros dos vários grupos de base, através de revisões de vida, passeios, visitas. Às vezes, em assembléias e cursos, as músicas e brincadeiras que criam um ambiente de calor humano e entrosamento são tão importantes quanto os assuntos discutidos.

Podemos resumir o conteúdo deste capítulo no gráfico da página seguinte.





5. Perguntas para uma reunião de estudo



- 1) Quais os problemas de comunicação que existem entre os membros de nossa equipe?
- 2) O que provoca esses problemas?
- 3) Quais são as conseqüências para nosso grupo e nosso trabalho pastoral?
- 4) O que achou mais importante neste capítulo que pode contribuir para a solução desses problemas?
- 5) Que conclusões podemos tirar para proveito do nosso grupo ou de nossa coordenação?

Observação: O coordenador da discussão deve anotar os pontos principais e, de vez em quando, devolver ao grupo uma síntese da discussão, para que os membros possam ir aprofundando o tema com eficiência e objetividade e sem dispersão das idéias.

5. EFEITOS DE COMUNICAÇÃO

Na reunião anterior, nós vimos os efeitos da comunicação de ideias na estrutura, caráter, personalidade e etc. de

a) Como os efeitos da comunicação podem ser aproveitados a favor da estrutura das reuniões e da personalidade de quem preside as mesmas?

b) Como podemos agir, tanto na reunião, como fora dela, para

RESUMINDO

Diante da massificação e do egoísmo, surgem os valores de realização pessoal e da vivência em comunhão. Esses valores são cultivados no pequeno grupo e na comunidade, por intermédio de profunda comunicação.

1. COMUNICAÇÃO ENTRE PESSOAS

A nossa capacidade de comunicação determina, em grande parte, a nossa personalidade. A boa comunicação traz coesão e estabilidade aos grupos de jovens, evitando a rotatividade de seus membros.

2. PROCESSO DE COMUNICAÇÃO

Devem ser considerados, no processo de comunicação, três elementos importantes: o transmissor, a mensagem e o receptor.

a) **O transmissor:** nossa mensagem pode ser transmitida ao outro através da palavra, do símbolo e da atitude de vida.

Quem fala muito normalmente comunica pouco. É preciso saber usar a palavra falada. A comunicação pela palavra impressa é também fundamental para uma Pastoral de Juventude.

O símbolo é também uma forma de comunicação profunda. Ocupa lugar central na liturgia da Igreja. É preciso entendê-lo e, também, usá-lo de maneira criativa.

As palavras e os símbolos têm de ser coerentes com a atitude de vida, sob pena de tornar vazia toda a comunicação. Torna-se importante, pois, viver o que se fala e o que se simboliza.

b) **O receptor:** a capacidade de saber escutar deve ser desenvolvida. Para isso, torna-se necessário que haja sintonia. A sintonia intelectual só é válida quando parte do concreto. Na sintonia emotiva é que se resolve grande parte dos problemas de relacionamento entre as pessoas; além disso, é fator de construção da personalidade e de tomada de consciência da missão que cada um tem na vida.

3. NÍVEIS DE COMUNICAÇÃO

Na sintonia emotiva, são quatro os níveis de comunicação: de defesa ou agressão, neutro, de personalidade e de fé.

a) **Nível de defesa ou agressão:** neste nível, percebe-se a insegurança das pessoas que se sentem ameaçadas ou que querem dominar os outros.

b) **Nível neutro:** aqui, falo de coisas, mas não falo de mim.

- c) **Nível de personalidade:** neste nível, ao contrário do anterior, falo também de mim, revelando meu íntimo ao outro. A relação no nível de personalidade chama-se relação primária (de pessoa a pessoa): aquela que é feita sem máscaras. É diferente da relação secundária (de imagem a imagem): aquela que é feita com máscaras para se proteger do outro. Por sua vez, a relação primária pode ocorrer num nível de periferia (quando comunicamos aos outros coisas pessoais, porém periféricas) ou num nível de intimidade, de sentimentos (quando comunicamos aos outros nossas emoções e sentimentos, revelando a eles e a nós mesmos o que realmente somos).

Há algumas atitudes erradas que devem ser evitadas no nível de intimidade: atitude de julgamento, atitude interrogativa, atitude de conselheiro e atitude de não saber guardar segredo.

As vantagens desse nível de intimidade são: eu descubro quem sou, descubro quem são os outros, cria-se um ambiente de confiança e trabalha-se com o jovem todo.

- d) **Nível de fé:** Cristo disse aos seus discípulos que o sinal pelo qual eles seriam reconhecidos como seus seguidores seria o amor.

Devemos ser testemunhas do "mandamento novo" o mandamento do amor.

4. PERIGO DE UM GRUPO FECHADO

O grupo que se fecha numa "panelinha" pode esquecer-se de que existe algo fora dele (o que chamamos de missão ou objetivo) e da metodologia que leva a uma ação transformadora. Por isso, desde o início, o grupo deve partir para fora, para resolver os problemas dos outros. A amizade, porém, é fundamental para que os grupos perseverem e assumam compromissos sérios.

3

TER UM OBJETIVO

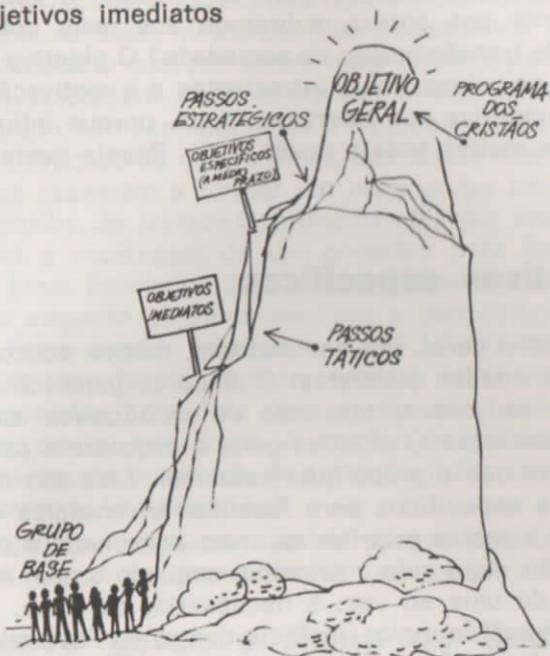


O segundo passo de vital importância para o fortalecimento de um grupo de jovens é o objetivo do grupo. Se nem o coordenador enxerga com certa clareza para onde o grupo deve chegar, o grupo fica perdido. É igual a uma mosca num quarto com iluminação forte. Diante da lâmpada, a mosca fica cega e voa desorientada de um lado para o outro.

Numa reunião logo se percebe quando o grupo não tem clareza sobre o ponto a que quer chegar. O grupo não tem método, nem planejamento e, quando se pergunta sobre o objetivo, os membros apenas dão respostas vagas e genéricas.

Os objetivos de um grupo podem ser divididos em:

- Objetivo "de fundo" (objetivo geral)
- Objetivos específicos
- Objetivos imediatos



1. Objetivo "de fundo" (objetivo geral)

Quando se inicia um grupo, cada um dos jovens vem com objetivos e expectativas diferentes.

São nossos objetivos e ideais que nos dão razão para viver. São as "bandeiras" que nos motivam a fazer as coisas. Nossos objetivos são muitos. Mas com o tempo, deve haver clareza cada vez maior em direção ao grande objetivo do grupo como grupo cristão.

Se isso não acontecer o grupo será como um time de futebol em que cada membro quer marcar seu gol que, portanto, não passa a bola para os outros.

Este objetivo "de fundo" é o mais importante, porque influi sobre todos os outros.

Um jovem que quer ser médico, por exemplo, terá de se perguntar sobre o objetivo "de fundo" que o leva a fazer esta opção. Quer ser médico para quê? Para ganhar muito dinheiro, para explorar seus clientes, para ter "status" e poder, ou para melhor servir aos outros, sobretudo aos mais pobres, e ser elemento de transformação na sociedade? O objetivo "de fundo" nos revela os valores mais importantes e a motivação de nossa vida. Esse objetivo nos interessa muito, porque influi em todos os outros e motiva toda a nossa ação. Revela quem é o nosso Deus.

2 Objetivos específicos

O objetivo geral, por ser distante, motiva pouco os jovens nas suas atividades concretas. *O discurso genérico é capaz de sensibilizar os jovens, mas não de mobilizá-los em cima de questões concretas.* O objetivo geral é importante *para localizar a direção* em que o grupo quer caminhar. Mas são necessários os objetivos específicos para focalizar as energias dos jovens em direção a metas prioritárias, mais acessíveis e mais fáceis de realização. Aqui vale o princípio segundo o qual não dá para fazer tudo de uma só vez. É necessário, por isso, concentrar forças em áreas de maior urgência dentro da Pastoral. É preciso escolher as linhas fundamentais para alcançar o objetivo. O que se chama também de *passos estratégicos*.

Normalmente, estes objetivos específicos (também chamados prioridades pastorais) são estabelecidos para cada diocese, em assembléias de planejamento, com ampla participação das bases (antes, durante e depois). A P. J. da Arquidiocese de São Paulo, por exemplo, estabeleceu, em 1978, os seguintes objetivos específicos:

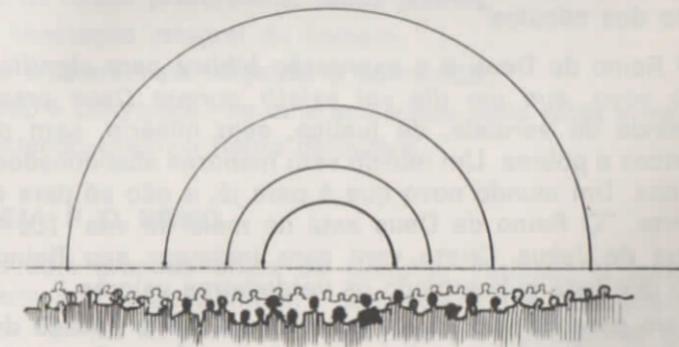
- 1 Incentivar a criação de grupos de base e a conscientização libertadora dos mesmos.
2. Engajamento nos ambientes naturais conforme o espírito das prioridades da Arquidiocese (CEBs, Direitos Humanos e Marginalizados, Mundo do Trabalho, Periferia).

3 Objetivos imediatos

No dia-a-dia do grupo de jovens, porém, nem o objetivo geral, nem os objetivos específicos são suficientes para motivar com eficácia os seus membros. São necessários também os objetivos imediatos que, por serem mais próximos e mais fáceis de realizar, *empolgam mais os jovens* e dão sentido à existência do grupo. Um exemplo disso é uma comunidade de jovens que ficou enfraquecida com a saída dos elementos mais experientes, que passaram a formar um novo grupo para desenvolver um trabalho de bairro. O primeiro objetivo imediato estabelecido foi a montagem de um encontro para formar novos grupos de base. Formados dois novos grupos de base, foi colocado como segundo objetivo imediato a participação na Campanha da Fraternidade. Terminada a C.F., ficou resolvido que iriam visitar uma favela para ter contato com o povo pobre. Foram preparadas perguntas para ajudar os jovens nas suas entrevistas com os moradores. A reunião de avaliação da visita foi cuidadosamente preparada de antemão, pelos coordenadores, usando o método Ver-Julgar-Agir.

Os objetivos imediatos são os passos pequenos que se tem de dar. O que se chama também de *passos táticos*.

4 Objetivo geral: o Reino de Deus



Neste capítulo, dedicaremos nossa atenção ao objetivo geral de um grupo de jovens.

É o mesmo que Jesus coloca na frente de todos os homens: a construção do Reino de Deus — um objetivo profundamente revolucionário.

O teólogo Leonardo Boff, numa comovente passagem, escreve:

"Ocorre algo surpreendente quando esse homem, rapagão de seus trinta anos, se dá conta, diante de Deus, de que a coisa se decide com Ele, de que a salvação ou perdição se decide com Ele. Começa a percorrer as estradas poeirentas da Palestina. O que anuncia? A Igreja? Não. Os Sacramentos? Também não. A si mesmo? Não. Anuncia a outra coisa mais importante do que Ele mesmo, mais fundamental do que a Igreja, mais radical que os Sacramentos: anuncia o Reino de Deus, e a primeira vez que aparece em público, na sinagoga, ele explica que esse Reino de Deus não é nem a Igreja, nem ele diretamente, nem simplesmente uma parte desse mundo, mas constitui o *sonho mais antigo do coração humano*, o anelo quase desesperado de todas as culturas do homem, que ele não esquece no sono ou na vigília: reconciliação, fraternidade, superação de tudo o que aliena a consciência humana. Anuncia uma reconciliação fraterna com a natureza e com os outros e uma reconciliação filial com Deus. Ele toca o fundo do coração humano, é ali que vai buscar o cerne de sua mensagem, as razões fundamentais da esperança que constitui a mola que impulsiona o homem através dos séculos"

O Reino de Deus é a *expressão bíblica para significar um mundo novo, que um dia vai existir porque Deus prometeu*: um mundo de verdade, de justiça, sem miséria, sem divisão entre ricos e pobres. Um mundo sem menores abandonados, sem favelados. Um mundo novo que é para já, e não só para depois da morte. "O Reino de Deus está no meio de vós" (Lc 17,21). O Deus de Jesus Cristo vem para instaurar seu Reino num mundo que está subvertendo os verdadeiros valores.

Vem para colocar de pé um mundo que o pecado dos homens tem colocado de cabeça para baixo. É um Deus que vem "libertar os oprimidos" e fazer "bem-aventurados os pobres", "depor os poderosos dos seus tronos e exaltar os humildes" (Lc 1,46-55, 4,16-22, 6,17-26, 7,18-23).

O Reino é o projeto do Evangelho segundo o qual Deus é Pai e nós somos filhos e irmãos uns dos outros. São João é muito explícito: "Se alguém disser: 'Amo a Deus' mas odeia seu irmão, é um mentiroso: pois quem não ama seu irmão, a quem vê, a Deus, a quem não vê, não poderá amar. E este mandamento dele recebemos: aquele que ama a Deus, ame também o seu irmão" (1Jo 4,20-21).

Por causa desse projeto de Deus temos a esperança de uma sociedade de igualdade.

Por esse motivo, também Cardijn podia afirmar: "Nós não pregamos a revolução. Nós somos a própria revolução"

O Reino, porém, não se identifica com nenhuma organização social e política, por mais perfeita que seja. Vai mais a fundo. É a visão utópica (perfeição) que impulsiona o homem a realizar mediações históricas cada vez mais perfeitas na caminhada ao Reino definitivo.

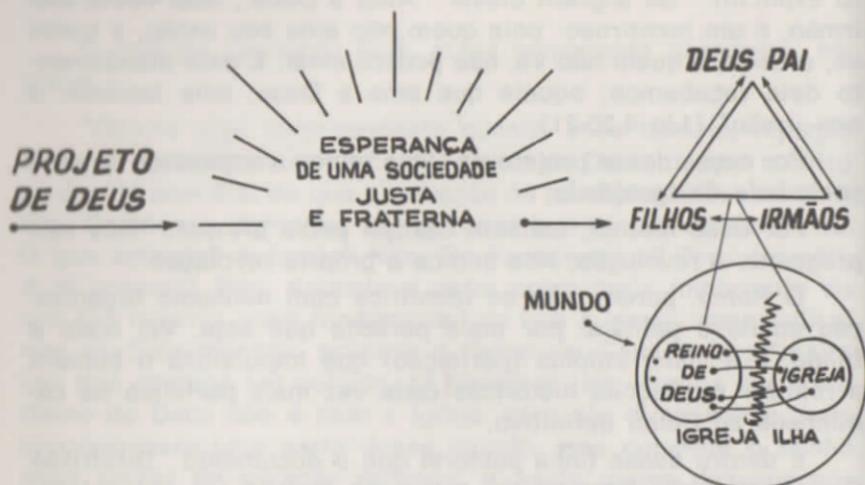
É dentro dessa linha pastoral que o documento "Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil" (nº 15) coloca, nos seguintes termos, o seu objetivo geral:

- Evangelizar
- o povo brasileiro em processo de transformação sócio-econômica e cultural,
- a partir da verdade sobre Jesus Cristo, a Igreja e o homem,
- à luz da opção preferencial pelos pobres,
- pela libertação integral do homem,
- numa crescente participação e comunhão,
- visando à construção de uma sociedade mais justa e fraterna,
- anunciando assim o Reino definitivo.

A IGREJA E O REINO

Os dois grandes eixos do Concílio Vaticano II foram os documentos "Lumen Gentium" que focalizou a vida interna da Igreja — Igreja "ad intra" e o documento "Gaudium et Spes", que ressaltou a missão da Igreja no mundo — Igreja "ad extra". A Igreja não existe como ilha separada do mundo, nem para tentar colocar o mundo dentro dela, mas para servir ao mundo e construir o Reino.

Podemos representar, graficamente, esta missão da Igreja no mundo da seguinte maneira:



Todos os que trabalham pelos valores do Evangelho: a justiça, a verdade, a liberdade e o bem dos homens, estão trabalhando pelo Reino, mesmo que não sejam cristãos. Sem perceber, estão fazendo o que Deus quer. Portanto, quem promove o Reino não está sempre dentro da Igreja. Pelo contrário, os grandes promotores da liberdade da justiça e dos direitos humanos, muitas vezes, se encontravam fora da Igreja e, às vezes, contra ela.

A Igreja é o grupo de pessoas que se situa no mundo e que tem uma revelação explícita de Deus sobre seu Reino, o qual celebra sua presença salvífica através de sinais visíveis (sacramentos). Os seus membros vivem, em comunidade, um novo estilo de vida e um novo relacionamento entre as pessoas para poder pregar este Reino, não somente com palavras, mas a partir de uma prática concreta. *Portanto, têm uma responsabilidade maior diante da construção deste Reino, através dos acontecimentos concretos da história (LG 14).* Enquanto os outros caminham na escuridão da noite, os cristãos caminham na luz do dia. Não podemos, por isso, alegar ignorância: "Senhor, quando é que te vimos com fome e com sede?" Um grupo de jovens

que se tranca dentro de uma Igreja-ilha está deixando de assumir a missão que Deus lhe confiou, de ser um elemento de transformação nos seus ambientes naturais de bairro, escola e trabalho.

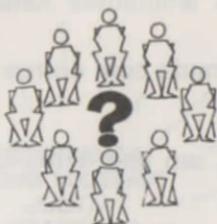
Essa missão é assumida com outros que não têm a mesma fé explícita.

Dom Oscar Romero, um ano antes de seu assassinato, escreveu:

"Agora estamos fazendo esta obra da Igreja de construir o Reino de Deus. Fora da Igreja também todo homem que luta pela justiça, todo homem que busca reivindicações justas num ambiente injusto, está trabalhando pelo Reino de Deus; e pode ser que não seja nem cristão. A Igreja não abraça todo o Reino de Deus. O Reino de Deus está mais fora das fronteiras da Igreja e portanto a Igreja aprecia todo aquele que sintoniza com sua luta para implantar o Reino de Deus. Uma Igreja que trabalha pura, incontaminada, esta não seria a Igreja de serviço aos homens"

Assim a Igreja vive e prega o Evangelho para libertar e transformar o homem e o mundo, *não só* para trazer adeptos para dentro dela. Assim se torna "fermento na massa" "sal" e "luz"

5. Perguntas para uma reunião de estudo



- 1) a) Durante 5 minutos, cada um escreva sobre os objetivos que tem na vida.
b) Partilhe com os outros o que escreveu.
- 2) Até que ponto nosso grupo tem um objetivo em comum?
- 3) Quais — o objetivo geral,
— os objetivos específicos e
— os objetivos imediatos
de nosso grupo ou equipe de coordenação?
- 4) Qual a idéia deste capítulo que mais tocou você e que pode ajudar nossa equipe?
- 5) Escreva numa lista, *em ordem de importância*, as conclusões principais que podemos tirar desta discussão para nosso grupo ou equipe de coordenação.

RESUMINDO

Ter um objetivo é fundamental para saber onde se quer chegar. Os objetivos de um grupo podem ser divididos em objetivo "de fundo" (objetivo geral), objetivos específicos e objetivos imediatos.

1. OBJETIVO "DE FUNDO" (OBJETIVO GERAL)

É o mais importante, porque influi sobre todos os outros. No início de formação do grupo, os objetivos são muitos e diversificados. Mas, com o tempo, deve haver um objetivo único do grupo como grupo cristão.

2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Também chamados de prioridades pastorais, são os passos estratégicos para atingir o objetivo geral. São necessários para focalizar as energias dos jovens em direção a metas prioritárias, que são as áreas de maior urgência e de realização mais fácil.

3. OBJETIVOS IMEDIATOS

São necessários porque, por serem mais próximos e mais fáceis de realizar do que o objetivo geral e os objetivos específicos, empolgam mais os jovens e dão sentido à existência do grupo. São os que também chamamos de passos táticos.

4. OBJETIVO GERAL: O REINO DE DEUS

O objetivo geral de um grupo cristão de jovens é a construção do Reino de Deus, o objetivo profundamente revolucionário. O Reino de Deus é a expressão bíblica para significar um mundo novo que um dia vai existir porque Deus prometeu. O reino é o projeto de Deus segundo o qual Deus é Pai e nós somos filhos e irmãos uns dos outros.

A Igreja e o Reino: os documentos "Lumen Gentium" e "Gaudium et Spes" do Concílio Vaticano II, focalizam, respectivamente, a vida interna da Igreja (Igreja "ad intra") e a missão da Igreja no mundo (Igreja "ad extra"). Todos aqueles que trabalham pelos valores do Evangelho estão ajudando a construir o Reino, mesmo que não sejam cristãos. Os cristãos, no entanto, têm responsabilidade maior diante da construção desse Reino.

A Igreja vive e prega o Evangelho para libertar e transformar o homem e o mundo, não só para conseguir adeptos.

4

O JOVEM ASSIMILA O OBJETIVO CRISTÃO POR ETAPAS

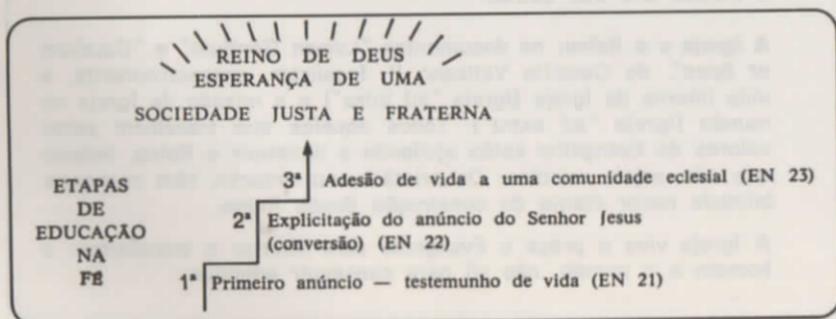
1 Dinâmica para assimilar o objetivo

Um grupo de jovens é, em geral, formado por elementos que chegam sempre com objetivos e motivações diferentes.

São jovens que se encontram numa encruzilhada da vida e que se acham *frente às grandes opções, diante de Deus, da vida e da sociedade*. É um momento privilegiado para a Pastoral de Juventude apresentar Jesus Cristo e seu programa como a grande opção para a vida do jovem. O grande desafio para a Pastoral é descobrir uma dinâmica que leve o jovem a fazer essa opção.

No livro, considerado por Dom Paulo Evaristo Arns como o segundo mais importante do mundo (o primeiro é a Bíblia), encontramos a pedagogia para a educação na fé do homem moderno. É a encíclica "A evangelização no mundo contemporâneo" (Evangelii Nuntiandi), escrita pelo Papa Paulo VI e baseada no sínodo dos bispos de 1974 que aprofundou o tema de evangelização.

Nos números 21-24 encontramos uma pedagogia baseada nas seguintes etapas de crescimento na fé:



ALGUMAS OBSERVAÇÕES

Entende-se que a vida é bem mais complexa e não cabe dentro de esquemas mentais rígidos e divisões estanques. O esquema mental, porém, é importante para que possamos ter visão global do objetivo e das etapas que devemos percorrer para chegar lá. Trata-se, portanto, de crescimento dialético e, não, linear. Há um vaivém contínuo entre as etapas diferentes e a prática da vida.

Na prática, várias dessas etapas podem estar presentes ao mesmo tempo, mesmo num grupo novo. Depende da importância que se der a certos aspectos da formação no grupo de jovens e do caminho que ele tiver percorrido.

É importante deixar claro que aqui, por se tratar da fé, não falamos de *formação meramente intelectual*. O importante não é "saber religião". A *formação tem de ser* na ação, como explicaremos mais adiante. A resposta de fé ao chamado de Deus se dá sobretudo na ação: "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei". Também se dá dentro de um processo mais ou menos longo.

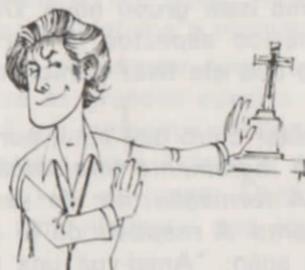
Cursos, palestras e reuniões de estudo têm de ser colocadas como respostas à prática dos jovens. Assim se constrói um quadro de referência suficientemente claro, que dá coerência à sua experiência de fé. *Os elementos teóricos serão colocados aos poucos*, à medida que os jovens são motivados para isso dentro de uma formação na ação. A dinâmica que empurra o jovem à uma etapa cada vez mais profunda é a dinâmica do "sempre querer mais". É o princípio de crescimento e de busca dentro do ser humano que impede com que ele estacione. Uma pessoa que perde esta dinâmica da busca é uma pessoa morta.

Seu "apetite" é respeitado e alimentado de modo a deixar gosto de "sempre querer mais".

Nas páginas seguintes veremos mais detalhadamente o significado e a dinâmica de cada etapa.

2. Primeira etapa: Primeiro anúncio — Testemunho de vida

Aprendemos, pelo catecismo, que Jesus Cristo veio para nos salvar. O primeiro passo, no entanto, para que os jovens de hoje aceitem a salvação em Cristo, é que eles sintam a necessidade de ser salvos. A grande maioria dos jovens, pelo contrário, não sentem nenhuma necessidade de salvação. Esse fenômeno acontece por causa de um *confronto entre uma religião tradicional*, que o jovem herdou da sua família, e os *novos valores que adquiriu*.



A. FÉ: HERANÇA FAMILIAR

Em geral, os jovens chegam aos nossos grupos com uma religião "herança familiar", misturada com muitos elementos supersticiosos e alienantes, onde se constata o seguinte:

- O Deus apresentado é pouco evangélico, nada convincente. É um Deus "muleta" "tapa-buraco" para homens que não têm coragem e espírito de luta.
- Uma religião desligada dos grandes problemas do homem de hoje. O jovem não entende para que serve a religião. Parece coisa supérflua e que serve para legitimar sistemas de opressão, porque ensinam a importância da obediência às autoridades, da humildade, a importância de não brigar, de não xingar ou usar palavrões, a aceitação passiva do sofrimento para poder receber o prêmio na vida após a morte. Para muitos jovens a religião aparece como "ópio do povo"
- A ausência, na vida dos jovens, de adultos que testemunhem uma vida autenticamente cristã.

- A salvação em Jesus Cristo foi apresentada como algo do "outro mundo", e não em termos de libertação que começa aqui e agora.

B. O JOVEM DE HOJE SE DESCOBRE COMO PESSOA

Por outro lado, o jovem se descobre como pessoa, como tendo valor, consciência e liberdade. A palavra mágica é "auto-realização". Quando o jovem se descobre como valor, sua primeira reação é *rejeitar o que o desvaloriza*, que aqui no caso é a religião apresentada a ele de modo alienante. O jovem, em geral, acredita naquilo que passa pela sua experiência.

Frases como: "Eu estou na minha" "Se ajuda, a gente aceita, se não, não" são bem típicas de nossa juventude.

O jovem questiona tudo. Diante de qualquer afirmação, sempre fica a desconfiança de que a posição apresentada como verdade seja apenas uma das várias alternativas. Pode haver outra alternativa além daquela que está sendo apresentada. Não aceita uma religião imposta por tradição.

Diante desse quadro fica claro que, parâ que nossa juventude aceite hoje a verdade de que Jesus Cristo veio para salvá-la, ela precisa sentir, em primeiro lugar, necessidade disso.

O *ponto de partida* do primeiro anúncio de Jesus Cristo como Salvador é, portanto, o *sentimento da necessidade de ser salvo*.

Através da sua participação na Pastoral de Juventude o jovem descobre lentamente que:

- a) a sociedade precisa ser salva;
- b) ele próprio precisa ser salvo.

a) A sociedade precisa ser salva

Os jovens são levados a enxergar o mundo que está ao seu redor. Eles falam de liberdade, de auto-realização, mas vivem numa sociedade que os bispos em Puebla descrevem como "o mais devastador e humilhante flagelo que é a *situação de desumana pobreza em que vivem milhões de pessoas*, vítimas de salários de fome de desemprego e subemprego, da desnutrição, da mortalidade infantil, da falta de moradia adequada, dos problemas de saúde, e de instabilidade no trabalho" (nº 29).

No nosso caso, 75% da população vive em situação de marginalização relativa: 43% da população está condenada a sobreviver com apenas um salário mínimo, as pessoas trabalham e dormem com fome crônica. Descobrem que o estado de miséria e marginalização, no qual vive a maior parte da população, não acontece por acaso, nem pela vontade de Deus, mas porque há "mecanismos geradores dessa pobreza" (DG CNBB nº 27).



Aos poucos vai-se desmascarando uma ideologia dominante que procura esconder as reais causas de uma sociedade dividida entre oprimidos e opressores.

O jovem descobre que o *mito de que a ciência substitui a religião* e resolve todos os problemas do homem não bate com a realidade.

O jovem também descobre que todos os grandes pensadores do fim do século passado, que previam o fim da religião e sua substituição pela ciência, estavam errados. Depois de duas guerras mundiais, onde morreram milhões de jovens, e diante de uma situação atual onde dois terços do mundo passa fome, enquanto outros vivem com grande luxo, percebe-se que a ciência não resolveu os problemas do homem.

O homem tem hoje a tecnologia para resolvê-los, mas não os resolve. O problema não está na tecnologia, mas nos valores que estão por trás deles. Descobre-se que numa sociedade onde os valores dependem da convivência, nem tudo "dá na mesma".
Percebe-se a necessidade de valores absolutos.

b) O jovem precisa ser salvo

É muito fácil para a juventude compreender as estruturas exteriores que esmagam a pessoa humana e abafam a liberdade, de onde quer que venham: dos pais, dos professores, dos bispos, dos padres, ou do sistema econômico-político-social que, em grande parte, determina todas as outras.



O que é mais difícil enxergar são as estruturas de opressão que há dentro deles mesmos, que os escravizam. Enquanto lutamos contra as estruturas exteriores que esmagam o homem, estamos também sendo escravos e ditadores de nós mesmos e dos outros. O meu orgulho e egoísmo estão me condicionando. Uma experiência não muito rara é a de jovens que denunciam as estruturas injustas na sociedade, mas com seu grupo ou colegas, impõem-se, monopolizam, manipulam os outros. Falam contra a ditadura, mas às vezes são ditadores dentro da própria família.

Denunciam os contravalores de poder, lucro, prestígio e competições de uma ideologia dominante, mas não percebem que eles mesmos estão imbuídos da mesma ideologia que vêm assimilando desde a infância, muitas vezes por vias emocionais e inconscientes. *OS JOVENS COMEÇAM A DERRUBAR TODOS OS ÍDOLOS*: começam a perceber que os valores absolutos que têm, que tudo o que consideram fundamental na vida, não são bem assim. Descobrem que a *maneira como estão vivendo na sociedade é uma grande mentira*.

Dizem que acreditam no amor, mas nem sempre amam.

O relacionamento do jovem com sua namorada reproduz, às vezes, o mesmo esquema de relacionamento entre o patrão e empregado. Impõem uma série de regras que acaba reduzindo a garota a um objeto de cama e mesa.

O jovem fala de paz, mas percebe que na sociedade não há paz.

Percebe que a afirmação, freqüentemente repetida de que "Aqui é bom para viver, porque não há briga como na Europa e em outros lugares" não é bem verdadeira. Há muitas vezes a "paz de cemitério" como dizem nossos bispos da Região Sul I CNBB num documento recente: pessoas oprimidas que não erguem a sua voz em protesto por medo. Também o jovem percebe que dentro dele não há paz verdadeira.

Percebe que as suas investidas contra "as riquezas do Vaticano" são uma fuga. A questão é a ausência em suas vidas de qualquer compromisso com a libertação dos mais pobres.

Descobre que suas roupas e suas músicas são determinadas por interesses multinacionais. Descobre também que os seus grandes ídolos são produtos do mesmo sistema econô-

mico. São ídolos que exprimem um mundo irreal e fantástico e que impedem, assim, que os jovens enxerguem os reais problemas para depois consertá-los. *Descobre que está sendo "tapeado"*

Mas o jovem começa a adquirir uma capacidade de auto-análise. Percebe que muitas vezes sua auto-suficiência é de fachada.

Muitas vezes sente-se sem chão, pisando em falso por não encontrar em sua vida adultos que lhe sirvam de modelos.

Busca ainda a sua própria identidade e clarificação da sua auto-imagem. Tem a experiência da solidão e do vazio interior. Às vezes procuram fugir da realidade através de grandes sonhos para se sentir gente. Sente fome de amizades autênticas.

Diz que é católico porque foi batizado. Descobre que o batismo não produz fé. Pressupõe fé. Sua fé, na realidade, é infantil. Nunca amadureceu. Ele nunca optou mesmo por Jesus Cristo.

Tudo isso pode levar a juventude a um estado de pessimismo. Aliás, todo processo de conscientização leva ao pessimismo quando mostra a realidade nua e crua como ela é. Há o perigo de os grupos de jovens chegar a esse ponto de tomada de consciência da gravidade e do funcionamento das estruturas interiores e exteriores, o que nós chamamos de pecado individual e pecado social, mas sem ver à sua frente alguma esperança, uma perspectiva diferente. Os jovens que chegam a esse ponto sentem-se como alguém que se encontra num quarto fechado, sem chave e sem saída; ou apelam para a violência, tentando quebrar a fechadura, ou desanimam diante da impossibilidade de achar uma saída.

Esse é o momento em que o jovem sente a necessidade de ser salvo, é o momento privilegiado de evangelização.

c) Valores absolutos

É o momento em que a juventude compreende a necessidade de valores absolutos e de um Ser Supremo que está por trás desses valores.

No fundo, a religião é a busca de duas verdades: *a do sentido da vida e a dos valores absolutos.*

Se o mundo não tem sentido, torna-se absurdo e o homem não pode admitir isso, até mesmo por razões de saúde mental. Um mundo sem valores, sem valores absolutos, é um mundo que não poderá resistir ao olhar da inteligência.

Num mundo assim, o jovem não poderia lutar por nada. Só podemos lutar por valores. São os grandes valores que despertam o idealismo dos jovens: a fraternidade, a justiça, a verdade, a lealdade, a autenticidade, a auto-realização e a dignidade da pessoa humana. Como diz Paul Claudel: "A juventude foi feita para o heroísmo e não para o prazer fácil"



Ora, o jovem vai lutando por valores e vai percebendo que, se esses valores fossem absolutos, tudo seria uma grande mentira.

É o momento da descoberta de Jesus Cristo que veio para nos libertar (salvar). É a grande resposta para nossa vida e para nossa história.

• *O JOVEM CHEGA A ESSE ATO DE FÉ EM JESUS CRISTO POR DOIS CAMINHOS:*

(1) Testemunho de cristãos que encarnam Jesus Cristo em suas vidas.

(2) Vivência em comunidade.

— *Testemunho de cristãos*

Muitos jovens chegam a um encontro pessoal com Jesus Cristo como seu Salvador através de outros jovens, assessores, padres e adultos que convivem com eles e que dão testemunho de fé profunda, que compromete nas pequenas e grandes coisas.

O Papa Paulo VI explica o funcionamento da dinâmica desta primeira etapa:

"Suponhamos um cristão ou punhado de cristãos que, no seio da comunidade humana em que vivem, manifestam a sua capacidade de compreensão e de acolhimento, a sua comunhão de vida e de destino com os demais, a sua solidariedade nos esforços de todos para tudo aquilo que é nobre e bom.

Assim, eles irradiam, dum modo absolutamente simples e espontâneo, a sua fé em valores que estão para além dos valores correntes, e a sua esperança em qualquer coisa que não se vê e que não se seria capaz sequer de imaginar. Por força deste testemunho sem palavras, estes cristãos fazem aflorar no coração daqueles que os vêem viver, perguntas indeclináveis: por que é que eles são assim? Por que é que eles vivem daquela maneira? O que é ou quem é — que os inspira? Por que é que eles estão conosco?" (EN 21).

É também a conclusão de São Paulo, ao constatar que seu apelo para imitar Deus era difícil, porque Deus era Espírito, e mais tarde seu apelo de imitar Cristo era também difícil, porque não teve o privilégio dos apóstolos que conviveram com Ele. Mais tarde ainda, na sua epístola aos Coríntios, Paulo faz uma afirmação surpreendente, uma afirmação que cada coordenador de grupos de jovens deveria também ser capaz de fazer diante dos outros jovens: "Sede meus imitadores, como eu mesmo o sou de Cristo" (1Cor 11,1). Cristo se encarna no cristão que

crê e vive a sua fé. A metodologia dos encontros de jovens com inspiração no Cursilho da Cristandade usava o testemunho de vida como elemento importante da sua dinâmica. O palestrista contava casos da sua vida que exigiam que ele se posicionasse à luz da sua fé. As palestras eram mais vivenciais, menos intelectuais. Talvez devamos recuperar essa prática para alguns de nossos cursos de despertar: colocando, porém, um conteúdo mais transformador e libertador nos testemunhos. Um jovem, por exemplo, que contou como vivia seu compromisso de cristão no seu trabalho com favelados, marcou profundamente os outros jovens presentes.

-- *Vivência em comunidade*

Todo o processo de coesão que descrevemos no capítulo anterior faz parte do primeiro anúncio. Através de uma convivência em comunidade o jovem descobre:

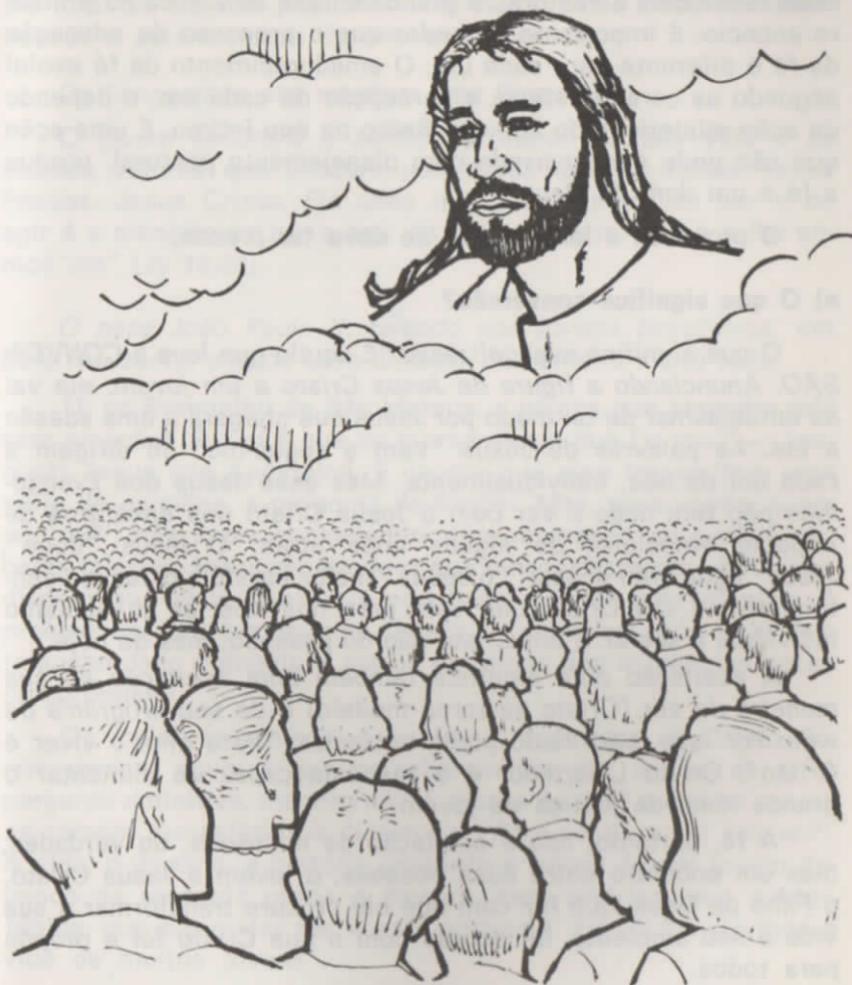
- "o eu" com suas possibilidades e valores;
- a relação com os outros jovens;
- a sua missão na sociedade que o cerca.

Assim, a participação no grupo traz uma nova liberdade para o jovem. As amizades, a descoberta de um relacionamento equilibrado com o outro sexo, sem que seja um relacionamento de exploração, a capacidade de aceitar críticas com algo positivo, o compromisso assumido em favor dos mais necessitados, as missas comunitárias, as revisões de vida, as reuniões, os debates e avaliações para acertar os caminhos de uma Pastoral de Juventude cada vez mais eficaz, os contatos com outros jovens comprometidos de outros grupos, são todos fatos libertadores para eles.

Destaca-se, hoje, o compromisso transformador com o mais pobre como fator muito importante para que o jovem possa encontrar-se com o Jesus Cristo dos Evangelhos.

São fatos, experiências e testemunhos que levam o *jovem a se colocar diante do sentido último de tudo isso: o Deus de Jesus Cristo que quer nos salvar.*

3. Segunda etapa: explicitação do anúncio do Senhor Jesus — Conversão (EN 23)



Não basta anunciar Jesus Cristo pelo testemunho de vida. Chega o momento em que precisamos *anunciá-lo também pela palavra*. "Não haverá nunca evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o Reino, os mistérios de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem anunciados" (EN 22.) Na

prática, muitas vezes, o primeiro anúncio e a explicitação do anúncio ocorrem ao mesmo tempo na vida do jovem que participa de um grupo. Porém, para o jovem que tenha ligação mais tênue com a Pastoral, a grande ênfase se coloca no primeiro anúncio. É importante entender que o processo de educação da fé é diferente para cada um. O amadurecimento da fé evolui segundo as características e percepção de cada um, e depende da ação misteriosa do Espírito Santo no seu íntimo. É uma ação que não pode ser amarrada com planejamento pastoral, porque a fé é um dom de Deus.

O processo é lento e não se deve ter pressa.

a) O que significa conversão?

O que significa *evangelização*? É aquilo que leva à *CONVER-SÃO*. Anunciando a figura de Jesus Cristo a um jovem, ele vai se entusiasmar de tal modo por Jesus que chegará a uma adesão a Ele. As palavras de Jesus "Vem e segue-me" se dirigem a cada um de nós, individualmente. Mas esse Jesus dos Evangelhos não tem nada a ver com o Jesus Cristo dos encontros de impacto emocional de alguns anos atrás: O Jesus "doce", Jesus "água com açúcar" o Jesus "maior barato", o Jesus "sentimento" É um Cristo que veio para nos libertar do egoísmo individual e social. É um Cristo não do passado, mas de hoje.

A aceitação dele significa também *uma aceitação da sua maneira de ser* (Cristo se torna modelo) e de seu *programa de vida*. Por isso, São Paulo podia exclamar: "Para mim o viver é Cristo" Cristo Libertador é a resposta capaz de alimentar o grande ideal de justiça do jovem.

A fé, portanto, não é aceitação de mistérios, de verdades, mas um encontro entre duas pessoas, o jovem e Jesus Cristo, o Filho de Deus, que faz com que ele procure transformar a sua vida e seu ambiente, de acordo com o que Cristo foi e propôs para todos.

b) Um jovem apaixonado

Esse encontro com Jesus Cristo acontece mais no amor e no compromisso com o mais pobre do que num processo frio e intelectual.

É um pouco a mesma dinâmica de um jovem que se apaixonou por uma jovem e, como consequência, procura mudar as coisas erradas na sua vida e que não "batem" com os valores que ela tem. Se ele não procura mudar nada, então pode ser questionada a autenticidade do seu amor por ela.

Os Evangelhos nos revelam uma Pessoa

O jovem encontra o sentido profundo de sua vida e os últimos valores que procura num Deus que se revela nessa Pessoa: Jesus Cristo. Ele sabe que sua maneira de ser e de agir é a maneira de ser e agir do próprio Deus: "Eu e o Pai somos um" (Jo 10,30).

O papa João Paulo II, falando aos jovens brasileiros, em Belo Horizonte, propôs esse desafio, de maneira muito feliz:

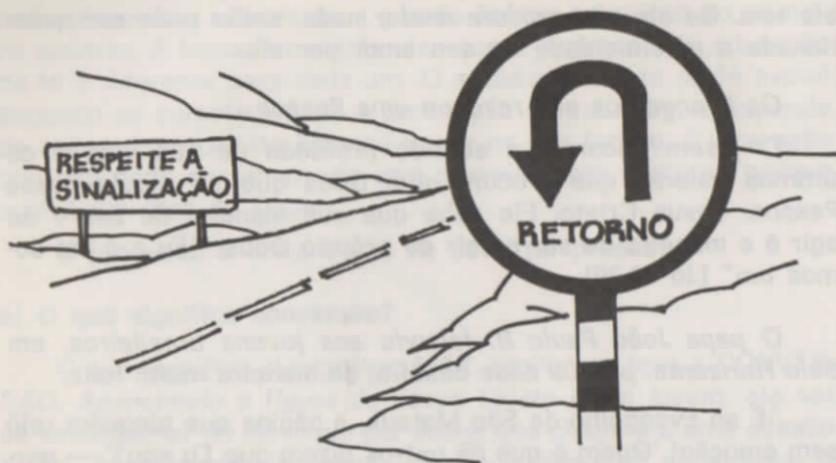
"E no Evangelho de São Mateus, a página que ninguém relê sem emoção! 'Quem é que os outros dizem que Eu sou?' — pergunta Jesus aos Apóstolos. E depois que eles transmitem uma série de opiniões, a pergunta de fundo: 'Mas, para vocês, quem sou eu?' Nós todos conhecemos este momento, no qual já não basta falar de Jesus repetindo o que outros disseram; é forçoso dizer o que você pensa; já não basta recitar uma opinião; é preciso dar um testemunho, sentir-se comprometido pelo testemunho dado e depois ir até os extremos das exigências desse compromisso.

Os melhores amigos, seguidores, apóstolos de Cristo, foram sempre aqueles que perceberam um dia, dentro de si, a pergunta definitiva, incontornável, diante da qual todas as outras se tornam secundárias e divertidas: '*Para você, quem sou eu?*' A vida, o destino, a história presente e futura de um jovem depende da resposta nítida e sincera, sem retórica nem subterfúgios, que ele puder dar a esta pergunta. Ela já transformou a vida de muitos jovens"

c) Mudança radical de vida

A evangelização visa à mudança da vida do jovem, a fazer com que encarne Jesus Cristo e suas exigências na própria vida.

A palavra grega "metanóia" que significa *conversão, mudança de vida*, aparece vinte e duas vezes no Novo Testamento.



Se nada muda na vida daquele que recebe o anúncio, então não houve conversão, nem evangelização. É preciso que diante de tudo aquilo que é a figura de Jesus Cristo, o jovem se transforme: de injusto em fraterno, de homem que só vê razão para a vida material em homem que tem outras perspectivas e esperanças, e assim por diante.

É preciso viver de uma maneira nova. Tem de haver uma mudança por dentro. Não interessa um verniz por cima. Ou tudo, ou nada. Ou frio, ou quente. O pior de tudo são os mornos. Os mornos, o Senhor os vomita (Ap 3,15).

Muitas pessoas dizem que o importante é a mudança de coração. Esta afirmação significa, na maioria das vezes, uma decisão para não mudar nada. A prova de verdadeira conversão se verifica pela mudança exterior. Ninguém vai poder enxergar seu coração para ver se mudou ou não.

João Batista exigiu, como condição para entrar no novo reino, "frutos que provem a vossa conversão" (Lc 3,8).

Por outro lado, tem de haver coerência entre mudança de comportamento exterior e mudança de coração. Jesus Cristo critica duramente os fariseus pela hipocrisia religiosa: "Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Sois semelhantes a sepulcros

caitados, que por fora parecem bonitos, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e de toda imundície" (Mt 23,27). O filho mais velho da parábola do filho pródigo era um "bom filho" cumprindo todos os seus deveres, mas faltou-lhe o principal: a capacidade de amar e perdoar seu irmão mais moço.

Enquanto a pessoa não muda de vida, nada de fato aconteceu.

Essa conversão, se for autenticamente evangélica, *purifica nossos corações para podermos ver a realidade com os olhos dos pobres e, não, a partir de uma vida cada vez mais aburguesada*, onde o Evangelho não questiona nada — pelo contrário, é interpretado ideologicamente para encobrir uma vida profundamente materialista e egoísta.

A conversão é, sobretudo, "revestir-vos do *Homem novo*, criado segundo Deus, na justiça e santidade da verdade" (Ef 4,24).

A conversão é um processo contínuo. Todos os dias deve haver uma mudança, na direção do estilo de vida de Jesus Cristo, porque percebemos que o sentido profundo da nossa existência está nessa direção.

O documento sobre catequese, preparado para a 19ª Assembléia Geral da CNBB, explica esse processo:

"Aos poucos, Jesus vai despertando em nós:

- um novo modo de ver as coisas;
- novas respostas;
- novas perguntas, estímulos, desafios;
- também novos conflitos; dentro e fora de nós;
- novos gostos, e tarefas sempre novas;
- em tudo isso, uma nova alegria.
- A nossa atuação vai ficando mais madura, e aí a gente vai enxergando melhor o sentido — social e pessoal — da vida e da morte,
- vai vencendo o medo, sob todas as suas formas, e firmando a esperança.
- Aos poucos, a antiga profissão de fé da Igreja desperta em nós uma nova adesão: verdadeiramente, JESUS É O CRISTO, O FILHO DE DEUS.

Agora, a nossa oração respira um novo ar: rezamos por Cristo, com Cristo, em Cristo: crer em Cristo, segui-lo, vai se tornando o centro da vida"

d) Compromisso de vida

O processo de conversão acontece sobretudo através de uma prática transformadora que o jovem vai assumindo com outros, dentro da comunidade e da sociedade. Não se concebe uma conversão somente de idéias, sem que haja também uma práxis.

Desse processo todo surgem compromissos claros de vida. *O processo é semelhante ao do matrimônio: vêm o namoro, o noivado e, depois, o momento de assumir o compromisso central de uma vida a dois no matrimônio, com todas as suas conseqüências.*

Agora pedem-se um compromisso e uma ação que sejam conseqüência de uma conversão. São Tiago nos adverte: "Queres, porém, ó homem insensato, a prova de que a fé sem as obras é vã?" (Tg 2,20).

Agora terminou o período de namoro. Antes, sim, faziam-se atividades, mas muitas vezes sem saber por quê. Agora, a ação é motivada pela conversão a Jesus Cristo e por seu programa de vida.

O jovem que percebe o processo de salvação em sua própria vida sentirá a necessidade de ajudar a salvar os outros. Ele se dá conta de que recebeu muito e, agora, precisa dar. Descobre que pode ser útil aos outros. Dentro do seu ambiente natural (escola, bairro, trabalho, família e comunidade eclesial) procura desenvolver uma ação para que as relações de exploração e de competição entre as pessoas sejam transformadas em relações de igual para igual.

No capítulo sobre "Consciência crítica" desenvolvemos mais detalhadamente o sentido de uma ação transformadora.

e) A importância da Palavra de Deus

Primeiramente, há necessidade do anúncio da "Boa Nova" do Evangelho, para que o jovem se converta. A Igreja, hoje, acentua bastante a importância da leitura e da reflexão da Sagrada Escritura, exatamente para que as pessoas possam, *a partir*

da Palavra de Deus, mudar de vida. A Sagrada Escritura é a fonte de nossa fé. A água está sempre mais limpa, mais gostosa na fonte e não na desembocadura do rio. Na Bíblia Deus fala para cada um de modo especial. Mas, para que Ele possa entrar em nosso coração, há uma porta que só se abre pelo lado de dentro. Precisamos de um "coração de pobre" de um coração aberto que não coloque obstáculos.

A. CATEQUESE

Quando falamos de catequese, a primeira imagem que vem à mente das pessoas é a de um grupo de crianças aprendendo o catecismo. O sentido que damos aqui é outro. A palavra "catequese" é usada, hoje, dentro da Igreja, para significar *um estudo sistemático dos dados básicos de nossa fé: Igreja, Bíblia, Jesus Cristo, Sacramentos, o Homem.* que pode ser tanto para crianças, jovens ou para adultos.

Há uma tendência, sobretudo da parte de muitos padres e religiosas que trabalham com jovens, de começar pela catequese. Alegam que os jovens não sabem nada sobre a sua religião e que, portanto, como primeiro passo, têm de organizar, para eles, aulas de religião sobre os ensinamentos principais da doutrina cristã.

Esquecem-se de que a etapa de catequese pressupõe as duas etapas anteriores: primeiro anúncio e explicitação do anúncio que leva a uma conversão.

Ora, nós podemos pressupor que, por terem sido batizados, os jovens de nossos grupos têm fé. Muitos nunca optaram conscientemente por Cristo. Há o perigo de se dar formação meramente intelectual, de catequese, pensando que o jovem já aceitou Jesus Cristo, na fé, como seu Salvador.

A catequese, no passado, foi muitas vezes construída sobre areia. Não adianta saber os dez mandamentos, o Credo e os artigos da fé se não se muda de vida.

Dizem que a evangelização tem de vir antes da catequese. Nós dizemos que a catequese tem de vir depois da evangelização e de conversão a Jesus Cristo. Caso contrário, o jovem acaba não sabendo justificar a sua ação. Infelizmente não temos, na Igreja, uma estrutura permanente de catequese onde as pessoas possam aprofundar a sua fé, conforme sua

idade, nível cultural e engajamento. Numa pesquisa coordenada pela Pastoral de Juventude do Estado de São Paulo, em 1974, descobriu-se que a maioria dos coordenadores de comunidades de jovens sabiam menos sobre os dados básicos da sua fé do que jovens que não participavam de nada. É desafiar o Espírito Santo esperar que um jovem, que tenha forte engajamento social, vá poder fazer a síntese Fé e Vida, usando noções tipo "Deus é Pai que está no céu" colocadas em sua cabeça como nas de crianças que se preparam para a Primeira Comunhão.

Muitos de nossos jovens continuam se apoiando numa fé-herança familiar. *Em termos de cultura religiosa, são analfabetos.* São cristãos de calça curta. Não se pode colocar um analfabeto para fazer colegial. Não se pode esperar também que um jovem, que seja analfabeto religioso, dê respostas aos grandes problemas de hoje e às suas dúvidas diante das ciências e ideologias.

Por isso, é necessário fazer um estudo dos dados básicos da fé e, para isso, tem de haver um planejamento. Toda escola tem seu currículo — imagine se todos os dias fossem de tema livre! Nosso método de assimilação dos dados teóricos da fé, no entanto, é diferente de uma escola, dentro do sistema capitalista que serve para domesticar os alunos. Na Pastoral da Juventude procuramos desenvolver uma formação que se baseie na ação e na resposta à ação.

B. FORMAÇÃO NA AÇÃO

Nossos grupos de base, freqüentemente, caem em dois erros sérios:

- o erro de formar para depois agir,
- o erro de ficar somente na ação.

a) Formar para depois agir

Há grupos que acham que, primeiramente, precisam estudar e, só depois, agir. Estes grupos, normalmente, não saem disso. Estudar para depois agir raramente leva a engajamento sério. Muitos de nossos grupos de jovens assemelham-se a soldados no meio de uma guerra. Ficam se preparando para entrar numa batalha, mas não chegam a entrar na batalha sob o pretexto de

nunca estarem suficientemente preparados. Muitos de nossos grupos ficam se preparando e nunca chegam a entrar na grande batalha entre o bem e mal, que se trava no coração da sociedade.

Estudar para depois agir exerce atração maior sobre os coordenadores, por ser *mais fácil de organizar* e porque *compromete menos*.

Há sempre a tendência de achar, por exemplo, que juntando todas as etapas da educação da fé num curso de fim de semana, resolve-se o problema de uma vez só. Eles se esquecem de que o processo é lento e que não pode apressar por tratar-se de vida e da ação de Deus, e não somente de idéias.

b) Ficar só na ação

Há grupos que partem da ação e ficam só na ação. Desenvolvem muitas atividades mas não param para refletir sobre o que estão fazendo. Caem no ativismo. Tais grupos duram pouco tempo.

c) Formação na ação

A formação e a ação caminham juntas: a gente aprende fazendo. Um jovem comentou: "Para o jovem tem de ser coisa prática, arroz com feijão, sem muita teoria"

Ninguém aprende a ter responsabilidade a não ser exercendo responsabilidade; a votar; votando; a fazer opção pelos pobres, engajando-se ao lado deles; a ser cristão, agindo como cristão.

À medida que o grupo se engaja e reflete sobre sua ação, vai sentindo a necessidade de formação mais teórica e esquematizada. Cada grupo de base tem uma caminhada e necessidades diferentes. À medida que reflete sobre a sua ação, o grupo vai introduzindo os elementos teóricos de formação e dos dados básicos da fé. É uma caminhada um tanto difícil, porque depende da capacidade dos coordenadores e assessores dos grupos de jovens discernir esses momentos de formação mais teórica, a partir da ação. A formação que surge da ação é mais bem assimilada, porque vem de uma necessidade sentida, e não de uma imposição.

No entanto, *seria um erro tentar aplicar a fórmula "formação na ação" com muita rigidez*. Às vezes, antes de um grupo

se lançar à ação, é preciso de um tempo para se entrosar e ter alguma capacitação. O importante é saber que a ação e a formação não podem ficar muito longe uma da outra. É importante entender, também, que a ação é coisa muito simples. Isso ficará claro quando falarmos de "prática" mais adiante.

Por onde começar? Vai depender do lugar e das circunstâncias de cada grupo.

d) Unidade do plano de Deus

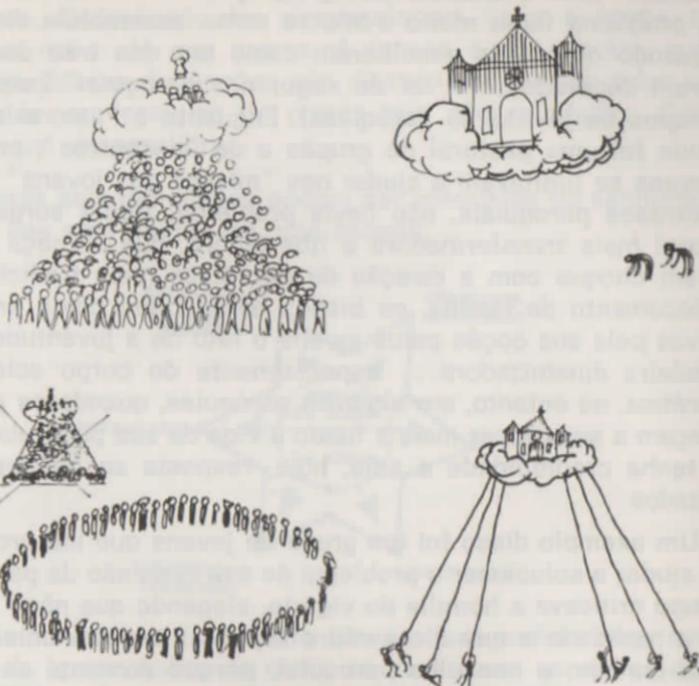
O processo de formação na ação elimina o perigo de uma formação religiosa desligada da vida e garante a unidade profunda do plano de Deus, como explica o documento de Medellín:

"Ao apresentar sua mensagem renovada, a catequese deve manifestar a unidade do plano de Deus. Sem cair em confusões ou identificações simplistas, deve-se expressar sempre a unidade profunda que existe entre o plano divino de salvação, realizado em Cristo, e as aspirações do homem; entre a história da salvação e a história humana; entre a Igreja, povo de Deus, e as comunidades temporais; entre a ação reveladora de Deus e a experiência do homem, entre os dons e carismas sobrenaturais e os valores humanos. Excluindo assim toda dicotomia ou dualismo no cristão, a catequese prepara o desenvolvimento progressivo do povo de Deus para sua realização escatológica, que tem agora sua expressão na liturgia" (Medellín, Catequese, nº 4).

e) Processo pedagógico

Um processo de formação na ação não significa "viver de um domingo para outro" Pressupõe a elaboração de um processo pedagógico que facilita o "casamento" dos elementos teóricos da formação com a ação. Para isso, é fundamental que a Pastoral da Juventude trabalhe com planejamento e coloque à disposição dos jovens os subsídios necessários para possibilitar esse aprofundamento: cursos, retiros, escolas da fé, temários, grupos de estudo, bons livros. Os cursos que usam a pedagogia de formação na ação têm poucas palestras, sempre partem da realidade e provocam grande participação dos cursistas. O método normalmente usado pela pastoral é o Ver-Julgar-Agir.

4. Terceira etapa: Adesão de vida a uma comunidade eclesial (EN 23)



O documento "A evangelização no mundo contemporâneo" fala de outra dimensão do anúncio de Jesus Cristo como "adesão ao programa de vida — vida doravante transformada — que Ele propõe; adesão, numa palavra, ao Reino, que é o mesmo que dizer ao 'mundo novo' ao novo estado de coisas, à nova maneira de ser, de viver, de estar junto com os outros, que o Evangelho inaugura. Uma tal adesão, que não pode permanecer abstrata e desencarnada, manifesta-se concretamente por *uma entrada visível numa comunidade de fiéis*" (EN 23).

Esta comunidade é sinal visível de salvação.

A. LEI DE SEGURANÇA PAROQUIAL

Em termos práticos, a juventude tem grandes dificuldades de integrar-se numa comunidade concreta da Igreja.

Muitos deles se empolgam com o ideal de Jesus Cristo, mas não aceitam participar de uma comunidade, porque não concordam com o modelo de Igreja que lhes é apresentado. Esse problema ficou muito evidente numa assembléia diocesana, quando os jovens escolheram como um dos três desafios a serem superados: "A lei de segurança paroquial" (expulsão de grupos de jovens de paróquias). Enquanto a Pastoral de Juventude foi uma pastoral de grupão e de "encontros" em que os jovens se limitavam a ajudar nas "missas dos jovens" e nas quermesses paroquiais, não havia problema. Agora surge uma Pastoral mais transformadora e libertadora, que começa a entrar em choque com a direção de paróquias mais tradicionais. No documento de Puebla, os bispos apresentam como um dos motivos pela sua opção pelos jovens o fato de a juventude "ser verdadeira dinamizadora. especialmente do corpo eclesial". Na prática, no entanto, em algumas paróquias, quando os jovens começam a questionar mais a fundo a vida da sua paróquia, para que tenha credibilidade e seja, hoje, resposta ao homem, são rejeitados.

Um exemplo disso foi um grupo de jovens que me procurou para ajudar a solucionar o problema de sua expulsão da paróquia. O grupo criticava a homilia do vigário, alegando que não "batia" com a realidade e que ele sempre repetia a mesma coisa. Criticava também o conselho paroquial, porque somente se preocupava com dinheiro e construção. Essas tensões dentro da Igreja decorrem dos modelos diferentes de Igreja que estão na cabeça do padre, dos adultos, da mãe, do pai e do próprio jovem. As tensões têm a sua origem no modelo de Igreja que está na cabeça de cada um.

Não há receita mágica para resolver ou diminuir as tensões. Esperamos, porém, contribuir para a compreensão maior do problema, com a apresentação ampla da Igreja em suas várias dimensões.

Essa compreensão deve ajudar o jovem a questionar seu próprio modelo de Igreja e entender o modelo que está na cabeça dos que se opõem ao dele, para que possam tentar chegar a um entendimento através de um diálogo real.

B. DIMENSÕES DIFERENTES DA IGREJA

Todas as dimensões que apresentamos aqui são válidas. Algumas, dependendo das circunstâncias, lugar e época, terão enfoque maior do que outras. A tensão surge, porém, quando algumas dessas dimensões são distorcidas, ou são tidas como absolutas, em prejuízo de outras que são rejeitadas. Cria-se, assim, um desequilíbrio.

Estas seis dimensões podem ser colocadas da seguinte maneira, nas seis pontas de uma estrela:



Comunidade e Instituição são as duas pedras angulares, o "ser" da Igreja, sobre as quais se constroem as outras dimensões. Expressam a necessidade básica de todo homem de se relacionar com os outros (comunidade) e de sistematizar este relacionamento através de estruturas organizadas (instituição). Os pontos superiores da estrela representam as dimensões essenciais da *missão da Igreja*.

a) A dimensão institucional da Igreja

Grande parte da juventude rejeita a Igreja instituição como rejeita outras instituições, porque vêem nelas instrumentos de conservadorismo que matam a criatividade, a liberdade e limitam a sua possibilidade de transformar uma sociedade injusta. "Historicamente, as instituições foram contra a liberdade", diz um jovem.

Por outro lado, há *grande simpatia pela pessoa de Jesus Cristo* e pelos valores evangélicos.

• TRÊS GRANDES DISTORÇÕES

Esse modelo de Igreja funciona melhor com as grandes massas, mas há três grandes riscos quando a institucionalização se torna excessiva: Igreja clericalista, Igreja legalista e Igreja triunfalista.

— *Igreja clericalista*: a visão de Igreja é a de uma pirâmide. Em cima está Deus, todo-poderoso, que mandou seu Filho, Jesus Cristo, como fundador da Igreja. Depois vem o Papa, que recebe grandes poderes de Cristo. O papa, por sua vez, dá parte de seu poder aos bispos, que também distribuem seu poder entre os padres. Os leigos ficam sem poder nenhum. O Espírito Santo, dentro desse modelo, precisava passar por toda essa estrutura para chegar ao povo.



Dentro desse modelo, o clero (papa, bispos e padres) tem *poder excessivo* e forma uma casta separada do povo. No passado, usava roupas especiais para marcar bem esta separação. Dentro desse modelo de Igreja só se admitiam ministros ordenados — o clero. Em virtude de um mandato recebido, o clero tinha posição de poder como dirigente sagrado, que lhe dava poder absoluto frente aos demais membros da Igreja. Fria-se muito o valor da obediência.

O clero era a classe dominante e os leigos não passavam de receptores passivos das suas orientações. Claro que, dentro desse modelo de Igreja, era difícil falar em libertação e responsabilidade. O vigário de uma paróquia, por exemplo, era responsável, sozinho, por todas as decisões a serem tomadas. Este tipo de liderança eram comuns nas sociedades monárquicas, mas isso, hoje, não é mais aceito.

Hoje em dia entende-se a *função do padre muito mais como animador* e ponte de união da comunidade. Ele é o pastor, como Cristo foi pastor — disposto a dar vida pelas suas ovelhas.

A autoridade dentro da Igreja é para servir, não para dominar, como Jesus deixou claro no Evangelho.

Diante de uma Igreja clerical, os jovens mais críticos vão embora e os que ficam assumem uma dependência infantil frente à vontade do padre ("O senhor é que sabe"). Não crescem como pessoas maduras na sua fé.

— *Igreja legalista*: do mesmo modo, numa atitude muito legalista, dá-se demasiada importância a estruturas e leis e, assim, tiram-se a vida e a criatividade da Igreja. Em nome da ortodoxia acentuam-se a autoridade e o poder. A função desempenhada pelo direito canônico e por uma liturgia controlada, nos seus mínimos detalhes, foi testemunha ampla disso até há pouco tempo. *Neste modelo era importante a uniformidade* — todos pensando e agindo de uma mesma maneira.

As paróquias eram encaradas como a "horta do padre" como "castelos cercados com muros" Não se abriam para uma pastoral de conjunto com outros.

— *Igreja triunfalista*: manifesta-se quando a Igreja, em vez de se colocar a serviço dos homens na sociedade, considera-se a dona da verdade. Este modelo considera a Igreja como uma sociedade perfeita frente ao mundo. O mundo, para se salvar, tem de se colocar dentro da Igreja. Fora da Igreja não há salvação. *A Igreja e o Reino são a mesma coisa*. O mundo é encarado como concorrente. *Não há nada que se possa aprender com aqueles que não pertencem à Igreja*. É uma Igreja que gosta de aparecer em público, ao lado dos poderosos. É uma Igreja, como diz Pe. Marcelo de Carvalho Avezedo S.J., "vinculada ao poder secular que pervade todo o processo colonizador, do século XVI à primeira metade do século XX, a *ambigüidade* de sua posição em relação à escravidão, são amostragem apenas desta cooptação inconsciente da Igreja pelos tempos modernos apesar da sua teórica relutância"

É uma Igreja que *prega uma fraternidade abstrata*, que nunca desce aos reais problemas para não mexer com os privilégios dos opressores. É Igreja "madame" que se enfeita e não "Igreja-operária", que se mete no trabalho.

A desconfiança dos jovens diante deste modelo deformado da Igreja é revelado no desabafo de um militante da JUC ao Frei Betto, em 1964:

"Betto, a sensação que eu tenho é de que fui formado pelos bispos, treinado pelos bispos, municiado pelos bispos, enviado em missão ao campo de batalha pelos bispos, e quando cheguei em plena guerra eles cortaram meu abastecimento"

Dom Antônio Fragoso, comentando o rompimento da JUC com a hierarquia da Igreja e a sua opção por um-partido político ("Ação Popular") afirma que, no momento em que o apoio institucional da Igreja faltou aos estudantes, estes não se preocuparam mais com a "fé" e procuraram contato com os partidos políticos.

Neste modelo de Igreja há tendência de se esquecer de que Cristo realmente morreu numa cruz e de que não terminou a sua vida terrena no meio de muitos aplausos.

• A IMPORTÂNCIA DA DIMENSÃO INSTITUCIONAL

A dimensão institucional da Igreja ressalta a sua estrutura hierárquica, onde bispos e sacerdotes têm responsabilidade especial. A *continuidade* entre o passado, o presente e o futuro é valorizada, bem como as leis e as estruturas que facilitam o bom funcionamento da instituição.

Toda estrutura é sempre um pouco limitadora e conservadora. Por outro lado, ela é importante, pois preserva as coisas no tempo, evitando o desaparecimento de valores, de tradições. Sem estrutura, a Igreja desapareceria. A instituição faz com que a Igreja, à medida que vai vivendo, passe a sua experiência para as gerações seguintes.

A estrutura garante a *universalidade da Igreja*. É pela estrutura que a Igreja se torna capaz de ir além das fronteiras das nações, lutar pelos direitos humanos em todos os países e unir os homens numa irmandade universal.

Esquecemo-nos, muitas vezes, de que a palavra "católica" significa "universal"

É graças à estrutura que a Igreja é capaz de *garantir certo espaço de liberdade* para os homens dentro de regimes que não respeitam os direitos humanos.

Irmão Antônio Cechine afirma:

"Nos últimos anos, no Brasil, a repressão tem sido muito violenta. Os mecanismos repressivos de um Estado onipotente e onipresente tiveram, sob seu controle direto, todos os espaços de articulação da sociedade civil, exceto a Igreja. É que, por força de sua índole religiosa e do seu sistema interno de organização, a Igreja impede que o poder público possa influir diretamente na nomeação, na orientação e na destituição de seus bispos. Sobre qualquer instituição pública ou privada pode ser aplicado um ato institucional removendo as suas lideranças por razões de subversão ou corrupção. Menos sobre a Igreja"

• A CONVERSÃO DA INSTITUIÇÃO

Na prática, é impossível viver sem instituições.

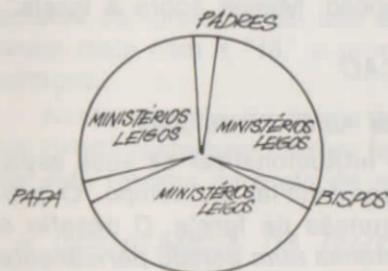
As pessoas sempre procuram institucionalizar as suas experiências importantes para poder continuá-las no tempo. O problema não é ter ou não uma instituição de Igreja. *O desafio é fazer com que a instituição se mantenha num estado permanente de renovação e de conversão.* E para isso temos de sempre voltar para a experiência das primeiras comunidades que escreveram o Novo Testamento.

É importante lembrar, também, que a Igreja, como instituição, ficou parada por mais de quatrocentos anos. Somente após o Concílio Vaticano II, em 1965, é que começaram a ser corrigidas as distorções deste modelo. E, embora haja ainda muito a ser feito, temos de reconhecer que muito já foi feito. O pedido de perdão pelos pecados do passado, colocado pelos bispos no documento de Puebla, inaugura uma nova época. Na Igreja do Brasil temos a felicidade de ter na direção da CNBB bispos dinâmicos, inteligentes e que são homens de profunda fé. Temos, também, uma das Conferências Nacionais mais dinâmicas do mundo.

Mas fica, ainda, o problema de muitas paróquias que não foram atingidas por toda essa renovação e a dificuldade de a Pastoral de Juventude desenvolver uma pastoral mais transformadora dentro delas. É um desafio para o grupo de jovens a conquista deste espaço e a "conversão" da sua própria comunidade paroquial. Os passos estratégicos para isso vão depender

da realidade de cada região e da "cabeça fria" dos jovens. Em muitas paróquias, por exemplo, grupos de jovens ligados a movimentos populares conseguiram um espaço físico para se reunir e atuar. Um adulto, com muitos anos de trabalho pastoral junto aos jovens, afirmou: "Eu acredito na capacidade dos jovens de conquistar qualquer vigário"

b) A dimensão comunitária (Koinonia)



O jovem precisa de espaço para fazer uma revisão da sua vida, *aprofundar e celebrar a sua fé*. Isso ele não pode fazer no sindicato ou no pátio da escola. Daí a necessidade da comunidade eclesial. Neste modelo, a Igreja não é mais encarada como pirâmide, mas como um círculo.

O papa, os bispos, os padres e os leigos são todos iguais pelo batismo. O importante é o povo. Existem bispos e padres porque existe um povo que acredita em Jesus Cristo. O Espírito Santo está onde está o povo. O leigo não é um simples ajudante do padre. Os bispos e os padres receberam certos ministérios para servir esse povo. O leigo também é responsável por sua comunidade pelo seu batismo.

A palavra grega usada na Bíblia para exprimir essa dimensão é "Koinonia"

Aqui, a Igreja é vista como Povo de Deus que caminha pelas estradas da história. É a Igreja peregrina que está sempre fazendo revisão de vida, cursos de renovação, questionando seus passos, de modo a nunca envelhecer.

A Igreja é vista como "*Corpo de Cristo*" uma comunidade de pessoas unidas mais pelo coração do que pelas leis e estruturas. Mais do que uma instituição organizada oficialmente, a Igreja é uma família unida no Espírito Santo.

"Com efeito, o corpo é um e, não obstante, tem muitos membros, mas todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, formam um só corpo" (1Cor 12,12).

O relato dos Atos dos Apóstolos revela-nos claramente essa realidade: os cristãos vivem em grupo, reúnem-se em comunidades pequenas: "A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. tudo era comum entre eles" (At 4,32).

O cristianismo é comunitário, porque *Deus é uma comunidade* de pessoas. Este é o ponto de chegada de todo o esforço do homem. Por isso, Jesus podia rezar: "a fim de que todos sejam um. Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós" (Jo 17,21).

A antiga espiritualidade do "salva tua alma" sem se considerar os irmãos, não vale mais. Deus quer salvar os homens, não individualmente, mas como povo (GS 32).

O modelo comunitário é o de uma *Igreja de muitos ministérios* leigos: ministros da palavra, dos enfermos, do culto, do batismo, do matrimônio, de coordenação. O padre não mais segura para si o monopólio de todos os ministérios.

As comunidades da Igreja, inseridas no mundo, devem ser sinal de amor, fé e esperança para as pessoas de fora. A Igreja é sinal do reino de Deus, "a nova terra e os novos céus" que Deus prometeu. Os homens, olhando para ela, devem ser capazes de perceber como seria uma sociedade nova. É o lugar do primeiro anúncio de Jesus Cristo para quem está fora dela.

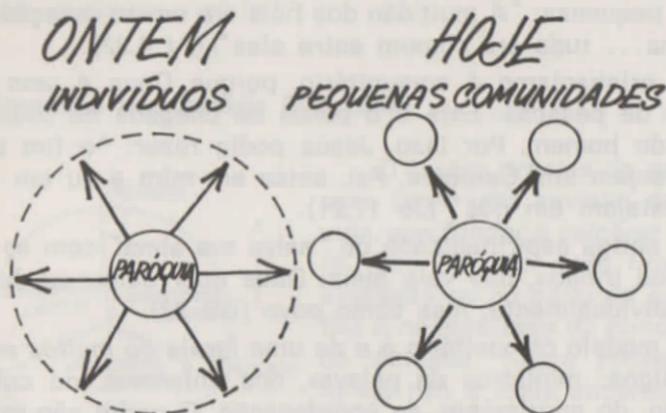
Este modelo é muito eficaz em pequenos grupos, onde os compromissos e o contato são muito importantes. Os jovens se empolgam com este modelo e dizem: "A Igreja não é o prédio, a Igreja somos nós"

• COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE

A valorização deste modelo fez surgir na América Latina um novo modelo de ser Igreja. São as muito comentadas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Estas comunidades começam a surgir em toda parte e dão nova esperança ao povo. A comunidade não está mais centralizada no padre.

O povo, sobretudo o povo simples, descobre que tem voz e vez na Igreja, que a comunidade é dele, que cada um aí é

conhecido pelo nome, que aí pode discutir seus problemas à luz do Evangelho e unir-se aos outros para defender seus direitos. As grandes paróquias de indivíduos isolados começam a se descentralizar em pequenas comunidades.



Uma das maiores autoridades da teologia da libertação na América Latina, Gustavo Gutierrez, comenta:

"Sem espaço para dúvidas, o aspecto comunitário e de encontro que se produz nas comunidades é algo sumamente rico e significativo para um povo pobre, cuja identidade procura destruir o sistema"

• DISTORÇÃO DESSA DIMENSÃO

Este modelo, quando absolutizado, está sujeito a dois perigos:

(a) Colocar em *risco a continuidade de tradição* viva da Igreja e sua sobrevivência, como grupo organizado, num nível universal.

(b) Há também o perigo de um fechamento da comunidade *numa espécie de clube*, onde os membros se dão bem, mas não sentem a necessidade de assumir uma missão fora. São as comunidades que ficam como que diante de um espelho se enfeitando. Os ministros dessa comunidade não se sentem responsáveis pela transformação da sociedade.

O modelo comunitário corresponde a uma necessidade de amizade e valorização que é sentida profundamente pelo homem de hoje. Corresponde, também, a uma tendência inata que o homem latino-americano tem de acolher as pessoas, de partilhar o que tem, de viver a fraternidade com gestos concretos, sobretudo no meio dos mais pobres. É, também, o lugar onde os cristãos *mantêm a sua fé*. A comunidade é como braseiro para a brasa. A brasa que se separa do braseiro apaga-se logo.

Dom Pedro Casaldáliga, falando, em 1980, para o povo da Baixada de Nova Iguaçu, um lugar de grande miséria e do maior índice de criminalidade do mundo, comentou:

“As pessoas falam que aqui é o lixo, que aqui não há esperança, não há solução. Há solução sim e não será a família. Será a comunidade cristã que *é a base de uma mudança qualitativa na sociedade*”

É nas pequenas comunidades que o povo resiste à massificação dos poderosos meios de comunicação e à ideologia do estado autoritário.

Foi nas pequenas comunidades que os cristãos, unidos entre si, conseguiram fazer frente ao império romano e mudar o mundo de então.

Estas duas primeiras dimensões da Igreja descrevem o que a Igreja “É” As quatro últimas vão descrever o que a Igreja “FAZ”

c) A dimensão sacramental



Esta dimensão da Igreja corresponde a uma necessidade que toda pessoa humana sente de se comunicar com Deus e com os outros através do rito e do simbolismo. Apenas a palavra é muito pobre para que nos comuniquemos com os outros. O gesto comunica com muito mais profundidade. Não somos anjos, espíritos puros. Precisamos sentir, de maneira palpável, a presença de Deus em nosso meio e o compromisso, que assumimos com a comunidade toda, de lutar por um mundo melhor. Este modelo descreve a Igreja quando ela se reúne para celebrar tudo isso.

A celebração central da comunidade é a Eucaristia. Repetimos o gesto de Jesus com seus apóstolos. Ser membro da comunidade é participar deste sinal. Através da Eucaristia os membros da comunidade entram em contato com a vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. A celebração litúrgica exige coerência de nossa vida como agentes participantes da comunidade e como responsáveis pela transformação da sociedade.

Não podemos celebrar uma realidade e viver outra. Neste modelo, a oração ocupa lugar central.

• *DISTORÇÃO DESSA DIMENSÃO*

O perigo deste modelo consiste numa *liturgia muito rígida*, sem criatividade, que não expressa as angústias e os problemas dos homens de hoje. É o perigo do *espiritualismo*, de pensar que eu posso ir diretamente a Deus sem passar pelo meu irmão. É o perigo de procurar na cerimônia uma paz e uma emoção que não comprometem. De realizar um rito vazio que não chama a uma conversão diante das contradições da vida. É o caso de muitos cursos de batismo, de noivos, de crisma, que se preocupam com detalhes e perguntas de curiosidade e esquecem-se de fazer a ligação dos sacramentos com os problemas e angústias do povo.

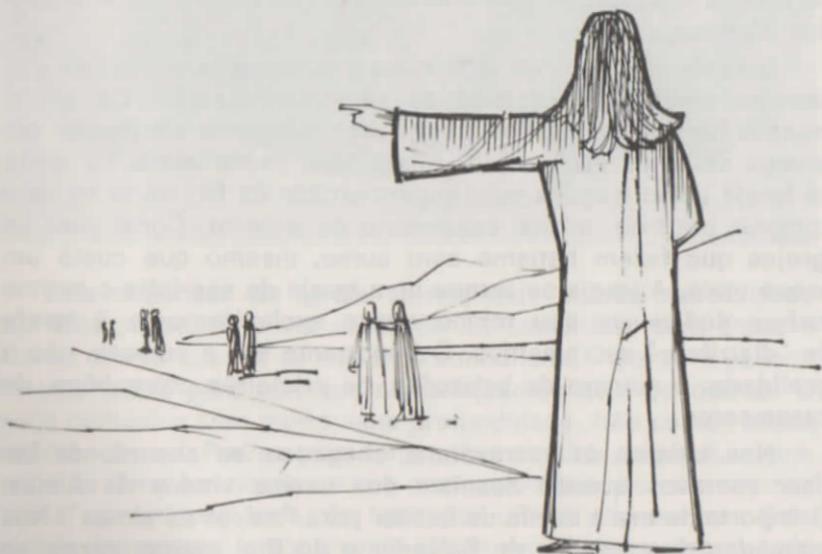
Durante muitos anos a Igreja se concentrou neste modelo, desenvolvendo uma pastoral de sacramentalização. Os sacramentos foram distribuídos sem quase nenhuma exigência, em termos de fé ou preparação. Ainda hoje, muita gente se sente na Igreja como freguês num supermercado da fé: vai lá só para comprar batismo, missa, casamento ou enterro. Corre para as igrejas que fazem batismo sem curso, mesmo que custe um pouco mais. A Igreja se tornou uma Igreja de sacristia e muitos padres dedicavam seu tempo quase exclusivamente à tarefa de "distribuir" sacramentos. O importante era o número, não a qualidade: o número de batizados, de primeiras comunhões, de casamentos.

Nos tempos da escravidão, chegou-se ao absurdo de batizar escravos quando desciam dos navios vindos da África. O importante era a tarefa de batizar para "salvar as almas". Nos mercados de escravos de Salvador e do Rio, muitas vezes, ao mesmo tempo em que um recém-nascido, vindo da África, era batizado, como filho de Deus, era ferrado a fogo como escravo, como propriedade de algum senhor, e os outros membros da sua família eram vendidos separadamente. Era uma Igreja que administrava os sacramentos, *desligados* do anúncio da Palavra de Deus e dos problemas do povo.

É um conceito de fé que pensa que há uma esfera espiritual independente da econômica e material e que é ali que se ex-

pressa o cristianismo. Ser cristão é preocupar-se com o espiritual neste sentido. *Ignora-se* o fato de que a centralidade do cristianismo é "o amor" não "o espiritual", e que o espiritual só tem sentido quando tem como fundamento o amor. Este amor, porém, tem de ser eficaz. Tem de atingir os problemas concretos, caso contrário estaríamos fazendo demagogia religiosa. Por aí é fácil entender porque certos setores da classe dominante se convertem em defensores de um "espiritual" separado da realidade humana e se aproveitam dessa interpretação do que vem a ser "espiritual" para encobrir os conflitos sociais. No fundo, defendem seus próprios interesses de classe.

d) Igreja anunciadora da palavra (Kerigma)



A palavra usada no Novo Testamento é "Kerigma" Aqui, a Igreja existe para proclamar a boa nova. "O Reino dos céus está próximo" (Mt 3,2). Os cristãos são os que se juntam para ouvir a Palavra de Deus e, tendo-a ouvido, saem para proclamá-la em palavras e ações. "Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos" (Mt 28,18).

O documento "A evangelização no mundo contemporâneo" afirma: "Aquele que foi evangelizado, por sua vez evangeliza" (EN 24). Se o jovem está convencido de que o Evangelho é uma boa nova, vai querer contá-lo para os outros. Ninguém guarda uma boa notícia só para si. Logo quer compartilhar a sua alegria com os outros. Este anúncio da Palavra, normalmente, será precedido pelo testemunho de vida, que questiona a pessoa, despertando a sua curiosidade para saber porque são diferentes (como vimos no primeiro anúncio).

• EVANGELIZAÇÃO DE ADULTOS

Este modelo chama a atenção para a *importância da Bíblia na vida da Igreja*. Podemos notar um avanço dentro da P. J. neste aspecto. Muitos jovens sabem se localizar dentro da Bíblia. Preparam suas próprias celebrações a partir dos textos bíblicos, buscando aí inspiração para sua própria vida e uma orientação segura para entender e enfrentar os problemas da sociedade.

Depois do Concílio Vaticano II, a Igreja da América Latina percebeu que estava presa a uma pastoral sacramental e que a pregação da Palavra de Deus era muito fraca. Então fez uma mudança de enfoque: da catequese de crianças, que tinha sido o ponto forte da fase anterior, passou a acentuar a evangelização de adultos através de pequenos grupos, cursos, encontros, campanhas da fraternidade, novenas de Natal em pequenas comunidades.

Nessa nova caminhada, os cursos bíblicos se multiplicaram. As reuniões de grupo, agora, baseiam-se, em grande parte, na Bíblia.

Os leigos tomaram consciência de que, pelo seu batismo, são corresponsáveis, com os bispos e padres, pela realização do plano de Deus, que quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento perfeito da verdade (1Tm 2,4).

• DISTORÇÕES DESTA DIMENSÃO

Mas, se for dada importância excessiva a este modo de ser Igreja, poderemos incorrer em dois exageros:

- a) Corríamos o perigo de reunir muitos cristãos para *discutir textos bíblicos, mas sem nenhuma orientação* que colocasse

estes textos dentro de um contexto global do plano de Deus, na Bíblia. Daí a necessidade de cursos bíblicos.

- b) Há também o perigo de se *pregar um Evangelho desligado da realidade*. Se o Evangelho não está sempre sendo confrontado com os problemas da vida das pessoas, e não se faz análise da causa desses problemas na sociedade, ele pode se tornar um instrumento de alienação e fuga, como é o caso de algumas igrejas de crentes. Não seria o Evangelho que liberta.

e) Igreja-serviço (diaconia)



Não basta que participemos da comunidade se não sairmos também em missão.

A palavra usada na Bíblia é "Diaconia" A Igreja não existe para si, para "engordar" Existe para os outros. *Existe para servir ao mundo*. Dentro da Igreja existe um conjunto de atividades para fortalecer a própria Igreja e para servir ao mundo. É o que chamamos de pastoral. É a continuação do trabalho do grande Pastor Jesus Cristo. A Pastoral de Juventude é um dos ramos desta pastoral geral.

Lemos na Bíblia que Jesus se aproveita de uma oportunidade para dar uma lição aos discípulos. Os dois discípulos, Tiago e João, filhos de Zebedeu, ainda não tinham enxergado a verdadeira missão de Jesus. Como ambicionavam postos de influência, mandaram a mãe pedir a Jesus os primeiros lugares no Reino. Jesus se aproveitou da ocasião para explicar um ponto fundamental do seu programa de libertação: "Sabeis que os governadores das nações as dominam e os grandes as tiranizam. Entre vós não deverá ser assim. Ao contrário, aquele que quiser tornar-se grande entre vós seja aquele que serve, e o que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o vosso servo. Desse modo, o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos" (Mt 20,25-28).

Para que os discípulos não se esquecessem mais dessa lição, Jesus fez o gesto de lhes lavar os pés — que era o gesto de escravo —, o mesmo gesto que se repete todos os anos na cerimônia da Quinta-Feira Santa.

• *CONCEITO REVOLUCIONÁRIO DE PODER*

Aqui há um *conceito revolucionário de poder* e de autoridade. O mal do mundo de hoje é que os grupos, tanto de direita como de esquerda, procuram, embora de maneira muito camuflada, o poder para si, individualmente ou como grupo, e não se preocupam com o serviço ao povo. Dizem que querem tomar o poder para o bem do povo, mas, uma vez que o conseguem, esquecem-se do povo. Para alcançar ou manter-se no poder usam a mentira, a corrupção e a repressão — tudo "para o bem do povo" Falam em nome do povo, mas sem consultá-lo. Ser cristão, no entanto, é "dar a vida"

O Concílio Vaticano II insiste muito na importância de serviço (diaconia) como atitude básica, em todos os níveis da Igreja: o papa serve, os bispos e os padres servem (LG 18-29), os leigos (Coodenadores de Pastoral de Juventude etc.) servem (LG 24).

A Igreja não é mais encarada como pirâmide, onde há uma classe dominante e uma classe dominada. A Igreja é uma comunidade onde há vários ministérios, cuja função principal é a de servir ao conjunto.

• OS NÃO-CONVIDADOS

A Igreja existe sobretudo para servir os não-convidados — os pobres e marginalizados. No capítulo 22 de São Mateus Jesus conta a *parábola de um homem que deu um grande banquete* e, por isso, convidou muita gente. Um recusou, porque precisava cuidar da sua fazenda; o outro precisava cuidar dos negócios; e outros, ainda, mataram os servos que vieram fazer o convite. O Senhor, então, ficou furioso e mandou que seus servos saíssem pelas ruas e praças e convidassem para o banquete todos os pobres, os coxos, os cegos, os "maus e bons" (e não somente os bons, como seríamos inclinados a pensar). São Lucas, falando da mesma parábola, comenta que o Senhor ainda viu que havia lugar e mandou que seus servos fossem mais longe e obrigassem a todos os marginalizados a entrar. Quando Jesus fala em obrigar, Ele se refere aos leprosos, para quem era proibido a entrada na cidade.

Esses marginalizados e humilhados são os não-convidados, que são chamados por Jesus para participar do Reino. São chamados porque são pobres, e não porque são bons. É assim que Deus pensa, e é por isso que a Igreja sempre deu atenção especial aos pobres no decorrer da história, dando esmola, construindo hospitais, escolas e orfanatos.

• DISTORÇÃO DESSE MODELO

O perigo deste modelo é o de cair no *paternalismo*, de fazer somente ações assistencialistas, dando coisas, sem procurar promover as pessoas como sujeitos da história e sem atingir as causas da marginalização e da pobreza de grandes faixas da sociedade. Dentro deste modelo encontramos muitas paróquias com grandes obras sociais, mas sem que sejam orientadas para um processo de conscientização libertadora. Este modelo tem de ser completado pelo modelo que vem a seguir: o da Igreja libertadora.

Encontramos muitos cristãos sinceros dentro deste modelo, que fazem uma opção pelos pobres, mas sem que tenham senso crítico algum diante das causas estruturais que fabricam um número cada vez maior de pobres. Na sua ingenuidade, colaboram para *encobrir as reais causas* da injustiça e acabam pre-

judicando ainda mais os pobres. São acolhidos de braços abertos pelos poderosos, porque não incomodam.

f) Igreja libertadora



Esta dimensão encara a Igreja como responsável pela construção de um mundo melhor. Ser cristão no mundo significa *trabalhar pela justiça social*. Significa ser "sal da terra" e "luz do mundo". A Igreja não se considera "dona da verdade" mas *procura escutar "a verdade" dos outros grupos da sociedade*. É uma Igreja sem arrogância, humilde.

• A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

A teologia da libertação que, nos últimos anos, surgiu na América Latina, é um exemplo deste modelo. Os teólogos da libertação mostram que o momento central para os judeus no *Antigo Testamento* foi quando Deus se revelou como Deus Libertador e se colocou ao lado do povo oprimido, enfrentando a tirania do faraó para levar o seu povo à libertação. No *Novo Testamento*, Jesus inicia sua missão anunciando como seu programa:

"O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor" (Lc 4,18-19).

Em todas as épocas e gerações, o desejo de liberdade estava sempre por trás dos grandes esforços e lutas dos homens. Infelizmente, a Igreja não esteve sempre ao lado dessas forças de libertação. Agora ela começa a perceber seu erro. Nos últimos anos, na América Latina, a Igreja foi quase o único espaço de liberdade diante de uma perseguição cruel movida por regimes ditatoriais.

Deus não é mais apresentado como um Deus "tapa-buraco" que preenche a fraqueza do homem e que é posto de lado quando o homem se sente forte.

Deus é apresentado aos jovens como um Deus que se revela através de Jesus Cristo, como quem liberta e faz opção pelos pobres e desprotegidos.

• *UM CONTATO CIENTIFICO COM A REALIDADE*

A Igreja se sensibiliza diante da grande massa da população que vive na miséria e que se empobrece cada vez mais. *Ela toma um contato mais científico com a realidade.*

Vê a concentração contínua da renda nas mãos de poucos.

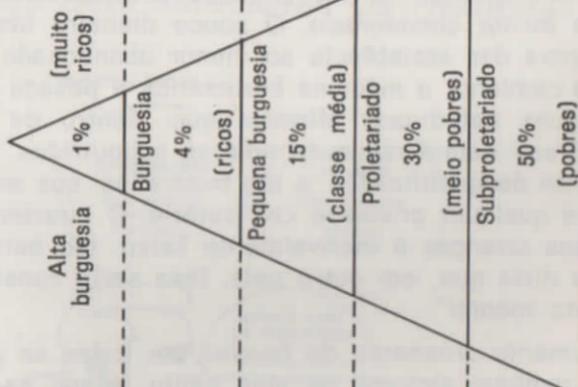
As últimas estatísticas disponíveis para o período de 1960 a 1970 mostram que o modelo econômico social e político brasileiro continua concentrando, cada vez mais, a renda nas mãos de uma minoria de ricos que ficam cada vez mais ricos, à custa da grande massa da população que fica cada vez mais pobre (80%). O que mais assusta é o curto espaço de tempo em que isso está acontecendo.

Em termos concretos, esta concentração de renda significa para cerca de *90 milhões de brasileiros*: arrocho salarial, deterioração do nível de saúde, de educação, de moradia, de alimentação e aumento significativo da violência.

A Igreja sabe que esta situação não está de acordo com o Evangelho e procura contribuir para a solução mais eficaz.

		1960	
Número de salários	Número de pessoas	Participação na renda nacional	
Acima de 7 salários	700.000	11,5%	
Mais de 2 salários	2.800.000	15,6%	
De 1 a 2 salários	10.500.000	27,3%	
Menos de 1 salário	21.000.000	27,8%	
	35.000.000	17,8%	

PIRÂMIDE DA CONCENTRAÇÃO DA RENDA NACIONAL



		1970	
Número de pessoas	Participação na renda nacional	Mudança da concentração de renda	
940.000	18,2%	+ 6,7%	
3.700.000	19,0%	+ 3,5%	
14.100.000	27,8%	+ 0,4%	
28.000.000	20,6%	- 7,2%	
47.000.000	14,3%	- 3,5%	

(Ministro Mário H. Simonsen — Fonte: Jornal "Opinião", 27.11.72)

Um exemplo mais recente dessa concentração injusta de renda são os 5.300 brasileiros mais ricos que tiveram, em 1979, uma renda média de Cr\$47,6 milhões cada um e sua alíquota média de imposto foi de apenas 1,7%. (Fonte: Secretaria da Receita Federal e Jornal "Folha de São Paulo" 18.06.80.)

A revista "Times" num artigo de capa de 11/09/1978, que na época foi bastante comentado no Brasil, relata a situação dos nossos menores carentes:

"Apesar do 'boom', mais de 16.000.000 de menores carentes vivem numa situação de desespero no Brasil. Apesar da grande industrialização, do aumento espantoso da produção dos bens de consumo, classificados como supérfluos ou de luxo, de uma classe média alta e de uma classe rica que vivem confortavelmente em luxuosas residências e apartamentos, existem hoje no Brasil mais de 2.000.000 de crianças abandonadas por seus pais, e outros 14.000.000 de menores carentes, desnutridos, sem assistência, sem escola, sem lugar para dormir, e crescendo em estado de carência tal que dificilmente chegarão a ser adultos aptos a desempenhar qualquer papel útil na sociedade moderna. Em apenas 11,8% das cidades brasileiras existe assistência ao menor abandonado. O pouco dinheiro liberado pelo governo para dar assistência ao menor abandonado acaba sumindo no caminho: a máquina burocrática é pesada e cara demais. Alguns estudiosos afirmam que, dentro de uns vinte anos, o Brasil estará cheio de adultos subnutridos, tão profissionalmente desqualificados, e tão frustrados, que serão impermeáveis a qualquer processo civilizatório. O quociente intelectual dessas crianças é incrivelmente baixo, tão baixo que um psicólogo dizia que, em outro país, isso seria considerado retardamento *mental*"

O aumento crescente de favelas em todas as grandes cidades é também sintoma de algo muito errado na sociedade onde vivemos e queremos construir o Reino de Deus.

Dom Paulo Evaristo Arns apresentou, para a 19ª Assembleia Geral da CNBB, as seguintes estatísticas alarmantes:

Em 1964, a cidade de São Paulo tinha seis favelas. Em 1978, 972 favelas e, em 1980, 1204 favelas e cerca de dois milhões de favelados.

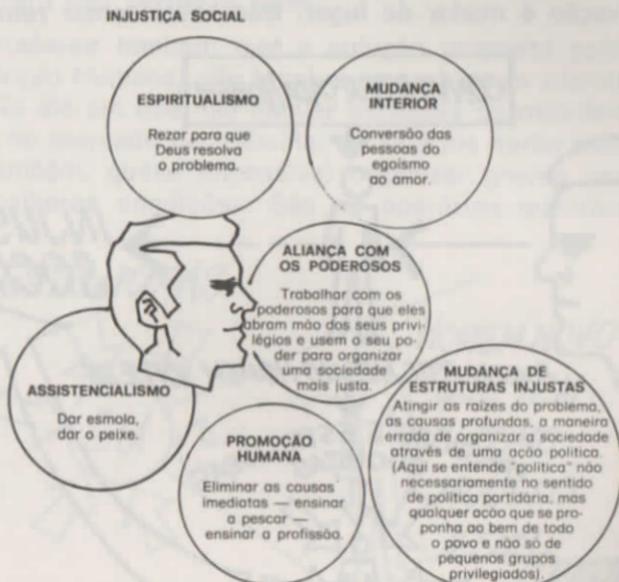
"Se em 1959 um metro quadrado valesse a quantia 100, em 1979 o mesmo metro quadrado valeria 273,38. E o salário mínimo que era 100 em 1959, em 1979 estava em 43,98. Isso com base em dados fornecidos oficialmente por estudiosos. Esse é um grande drama do povo e chegou-se à conclusão de

que a favela não é mais uma etapa provisória e nem um trampolim de ascensão sócio-econômica."

Segundo Dom Paulo, "estamos verificando que em São Paulo 53% de chefes de família de favelados moram em favelas há mais de cinco anos; 37% há mais de dez anos. Agora vem o mais dramático: 41% dos favelados lá chegaram por um processo de filtração descendente nos últimos cinco anos. Quer dizer, já tinham situação melhor e foram para a favela"

Neste sistema de divisão de classes na sociedade chegamos ao absurdo de os grandes prédios de luxo comportarem dois elevadores, um para patrões o "social" e outro (o "de serviço") para as empregadas, para assim conseguir o menor contato possível entre as classes dirigentes e as classes populares.

CAMINHOS PARA SOLUCIONAR OS PROBLEMAS



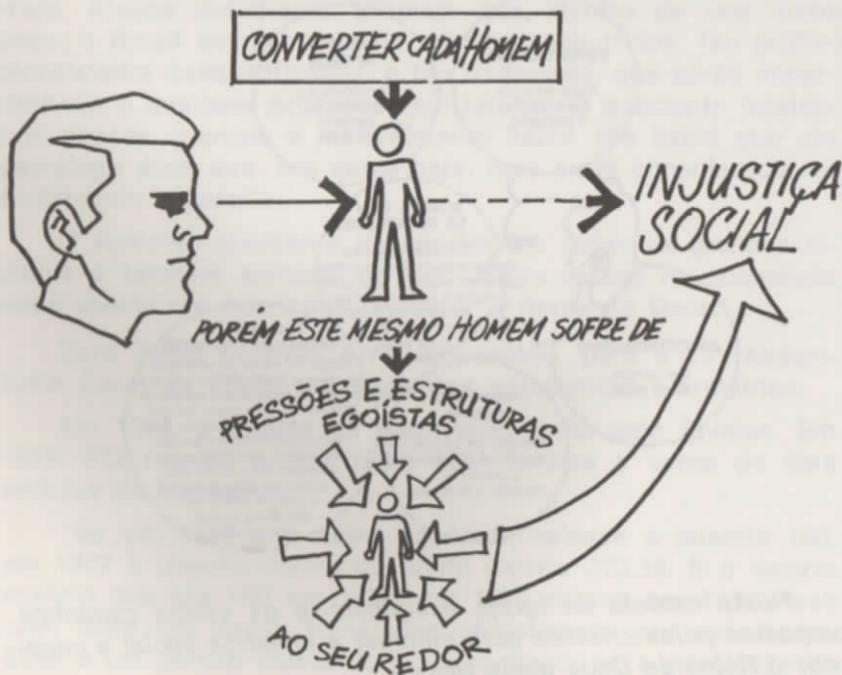
Neste modelo de Igreja examinam-se os vários caminhos propostos pelos cristãos para eliminar a injustiça social e construir o Reino de Deus neste mundo.

Uma Igreja que procura libertar as pessoas da injustiça social percebe que as soluções propostas nos números 1,2,3,4, e 5 são parciais e ineficazes.

Deus quer que rezemos, mas quer também que usemos os meios científicos de que dispomos para construir um mundo melhor.

Não basta também tentar converter cada pessoa para superar a injustiça social e criar uma sociedade nova. É impossível conseguir uma *conversão individual*, do egoísmo ao amor, de todos os homens, pois estes são muitos. Há dois mil anos o cristianismo vem tentando este caminho, sem ter logrado grande sucesso, em termos de uma sociedade mais justa, sobretudo na América Latina.

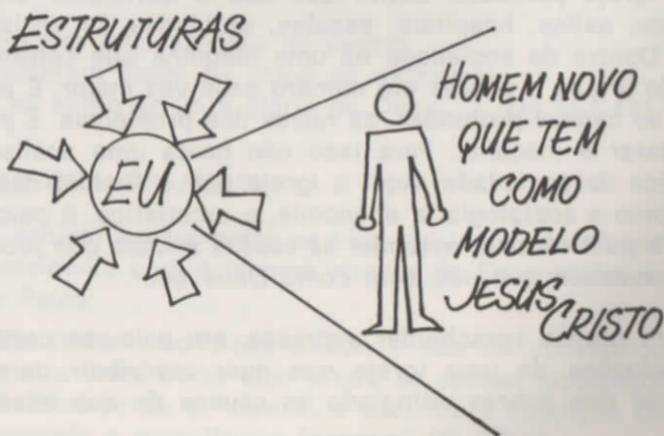
Percebe-se que cada pessoa é sujeita a pressões e a estruturas egoístas na sociedade (pecado social) que impedem com que seja como Deus quer. Ela é igual a uma pessoa com problema pulmonar que vive num lugar altamente poluído. A sua única salvação é mudar de lugar. Não basta tomar remédio.



Do mesmo modo, as pressões e estruturas de uma sociedade voltada para o lucro, para o poder, para o "status" para o egoísmo e para as aparências são tão grandes que é difícil uma pessoa sozinha resistir. O exemplo de muitas "conversões" dentro dos Encontros, mostrou esta verdade. São poucos os que, ao voltarem para seus círculos de amigos e de negócios, conseguiram resistir.

Também seria *ingênuo esperar que os poderosos abram mão dos seus privilégios* e usem seu poder para organizar uma sociedade de justiça e igualdade. Durante muito tempo a Igreja centrou seus melhores esforços na educação das elites, na esperança de que elas fossem construir uma sociedade justa. Em termos de América Latina, os resultados foram péssimos. Historicamente, em todos os países desenvolvidos, toda mudança significativa veio da pressão de baixo para cima. Nenhuma classe dirigente vai querer mudar uma situação que a está beneficiando. Só muda alguma coisa quando é preciso ceder o anel para não perder o dedo.

Percebe-se também que a solução proposta pelo número 4 (*Promoção Humana*) não resolve os problemas sociais a longo prazo. No dia em que não houver escassez de mão-de-obra qualificada no mercado de trabalho, os salários serão mais baixos. Será, também, quase impossível organizar greves para reivindicar melhores condições. São os operários qualificados que



• O ÊXODO: TEMA BÍBLICO FUNDAMENTAL

Se é verdade que a Igreja, hoje, procura mudar de lugar social, colocando-se ao lado dos pobres, e se é verdade que uma análise científica e estrutural mostra que a sociedade está organizada de maneira a que uma pequena classe dominante, ligada ao poder econômico, explore a grande maioria de maneira tão sofisticada, a ponto de poucos perceberem isso, então o tema central para uma catequese de Pastoral de Juventude tem de ser O ÊXODO. Esse povo de escravos teve a certeza de que foi o *próprio Deus que o libertou das garras de um sistema opressor*. Foi Deus que disse a Moisés: "Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel (. .) Vai, pois, e eu te enviarei a Faraó, para fazer sair do Egito o meu povo, os filhos de Israel" (Ex 3,7-10).

Deus faz uma aliança com este povo oprimido: "Vocês vão ser meu povo e Eu vou ser seu Deus" (Lv 26,12).

Nós encontramos Deus dentro dos acontecimentos da história onde o povo anseia por liberdade. Esta é a mesma mensagem que os profetas recordam insistentemente ao longo da Bíblia:

"Soltem toda espécie de cadeia
Levantem todos os jugos da escravidão.
E só então verão a glória de Deus. " (Is 58,6.11).

• A PÁSCOA DE JESUS

A atitude fundamental na vida de Jesus, de se identificar completamente com o homem através da *Encarnação*, é afirmada por Paulo:

"Ele tinha a condição divina, e não se considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente. Mas esvaziou-se de si mesmo, e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana" (Fl 2,6-7).

• O ÊXODO: TEMA BÍBLICO FUNDAMENTAL

Se é verdade que a Igreja, hoje, procura mudar de lugar social, colocando-se ao lado dos pobres, e se é verdade que uma análise científica e estrutural mostra que a sociedade está organizada de maneira a que uma pequena classe dominante, ligada ao poder econômico, explore a grande maioria de maneira tão sofisticada, a ponto de poucos perceberem isso, então o tema central para uma catequese de Pastoral de Juventude tem de ser O ÊXODO. Esse povo de escravos teve a certeza de que foi o *próprio Deus que o libertou das garras de um sistema opressor*. Foi Deus que disse a Moisés: "Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouí o seu clamor por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel (. .) Vai, pois, e eu te enviarei a Faraó, para fazer sair do Egito o meu povo, os filhos de Israel" (Ex 3,7-10).

Deus faz uma aliança com este povo oprimido: "Vocês vão ser meu povo e Eu vou ser seu Deus" (Lv 26,12).

Nós encontramos Deus dentro dos acontecimentos da história onde o povo anseia por liberdade. Esta é a mesma mensagem que os profetas recordam insistentemente ao longo da Bíblia:

"Soltem toda espécie de cadeia
Levantem todos os jugos da escravidão.
E só então verão a glória de Deus. " (Is 58,6.11).

• A PÁSCOA DE JESUS

A atitude fundamental na vida de Jesus, de se identificar completamente com o homem através da *Encarnação*, é afirmada por Paulo:

"Ele tinha a condição divina, e não se considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente. Mas esvaziou-se de si mesmo, e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana" (Fl 2,6-7).

A realidade do Êxodo foi assumida por Cristo na sua Páscoa e na instituição da *Eucaristia*. A primeira Eucaristia foi celebrada por Cristo no meio de uma ceia pascal, que comemorava o acontecimento central para os judeus — a sua libertação da tirania do Egito.

Como diz o caderno "Pastoral Social" da CNBB:

"Depois que Cristo morreu pelos homens, não é mais possível a Igreja não levar a sério os problemas, as dores, as esperanças dos homens"

Se levarmos o Êxodo, a Encarnação e a Páscoa de Jesus a sério, *nossa catequese não poderá mais ser algo que não inquiete ninguém, algo poético, irreal e de fantasia.*

• *DISTORÇÃO DESTA DIMENSÃO DA IGREJA*

Pode-se correr o risco de limitar a ação da Igreja a esta dimensão. É o que o teólogo Gutierrez chama de "*reduccionismo*" — reduzir a função da Igreja a uma função puramente política de transformação da sociedade.

Significa não entender que as outras dimensões, em vez de serem pedras no caminho, podem reforçar a formação de uma sociedade verdadeiramente livre e justa e que a libertação, nas palavras de Paulo VI, é "do homem todo e de todos os homens"

A tendência que os jovens têm de absolutizar a dimensão Igreja libertadora é natural. É simplesmente o funcionamento do princípio sociológico: "*toda descoberta nova fascina, empolga e leva a um exagero*"

O equilíbrio com as outras dimensões da Igreja se faz dentro de um processo contínuo de revisão de vida, avaliação de caminhada e programação de atividades complementares pela P. J., como cursos e palestras que respondem ao questionamento dos jovens.

• *A IMPORTÂNCIA DESSA DIMENSÃO*

O modelo Igreja libertadora atrai, hoje, uma juventude que se empolga com os ideais de justiça e liberdade. Os jovens percebem que esta Igreja não fica em palavras bonitas e poéti-

cas, mas que seus membros estão dispostos a levar sua opção pelos pobres às últimas conseqüências.

A Igreja começa a ter a experiência de martírio dos primeiros cristãos.

Muitos chegaram a derramar seu sangue, nesses últimos anos, como o Pe. João Bosco Burnier, o operário Santo Dias e o bispo Dom Romero (de El Salvador).

O teólogo Leonardo Boff diz que a América Latina, nos últimos anos, conta com mais de mil mártires que morreram por causa de sua fé em Jesus Cristo presente nos pobres.

São cristãos que aceitam o desafio de Pedro nos Atos dos Apóstolos: "Precisamos obedecer a Deus e não aos homens"

A Igreja se apresenta para a juventude com mais credibilidade *hoje*. Depois do Vaticano II (1965), Medellín (1968) e Puebla (1979), muita coisa mudou e continua mudando.

Um levantamento feito na PUC do Rio de Janeiro, em 1963, dava o seguinte quadro: 60% dos alunos se declaravam ateus. A razão principal apresentada: a Igreja está do lado da ordem, que é injusta e anti-popular. Em 1978 fez-se outro levantamento: 75% declararam-se crentes. A razão principal apresentada: entre Medellín (1968) e Puebla (1979), a Igreja foi a voz dos que não tinham voz, identificou-se com o pobre e com o marginal. Ocorre ainda que 10 a 15% declarou explicitamente: "Acredito na Igreja; não acredito na religião" A Igreja, portanto, cobrou credibilidade por aquilo que ela fez, desinteressadamente, em favor dos mais pobres de seu povo (Cf. Cândido Mendes de Almeida, "Ação Justiça e Paz nas opções de Puebla" em *Encontro Nacional de Ação, Justiça e Paz*, Curitiba, 1980, 7-10, aqui 10).

• AS TENSÕES SÃO POSITIVAS

As tensões entre as várias dimensões da Igreja são positivas. As brigas são o caminho da conversão. Uma complementa e contrabalança a outra. Cada dimensão dá testemunho de um aspecto importante da Igreja, mas quando uma é absolutizada em detrimento das outras, acaba deformando a missão e vida da Igreja. No entanto, uma dimensão pode ter *um enfo-*

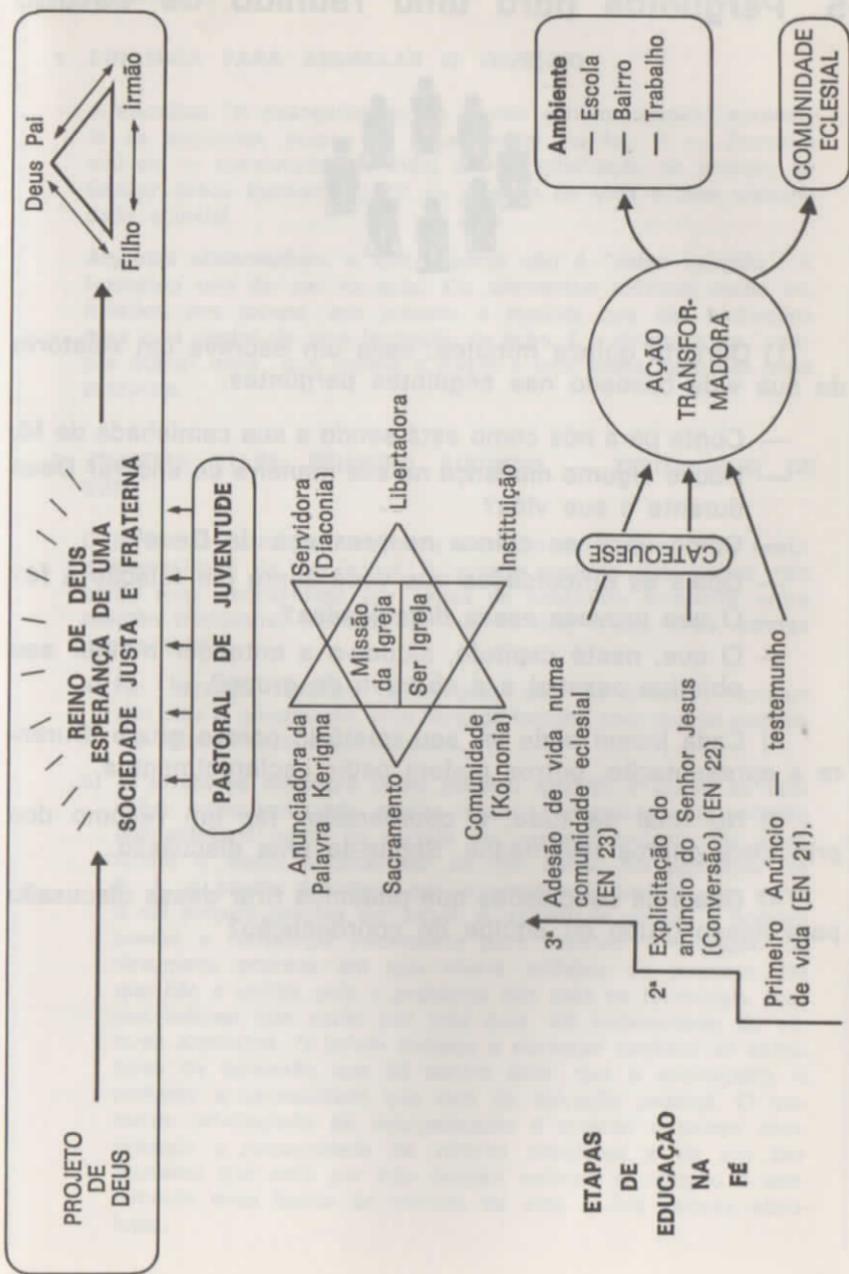
que maior, como é o caso da dimensão libertadora da Igreja, hoje, por causa da urgência de uma resposta eficaz aos problemas sociais.

O equilíbrio se faz dentro de um processo contínuo de avaliação e oração. Não devemos nos esquecer de que um tipo novo de Igreja está se formando na América Latina e isso não pode ser de uma hora para outra.

D. IMPORTÂNCIA DAS ETAPAS DE CRESCIMENTO NA FÉ

Num primeiro momento de uma Pastoral de Juventude Geral, é importante que os coordenadores tenham compreensão das etapas necessárias para crescimento na fé e que eles mesmos tenham percorrido essas etapas. O coordenador terá de falar aos outros a partir de uma fé vivida, não somente teórica. Todo processo em busca de uma P. J. madura fica estagnado se não houver coordenadores motivados pela fé em Jesus Cristo. Coordenadores dispostos, nas palavras de Leonardo Boff, a "pôr-se no caminho perigoso de Jesus Cristo"

As etapas de educação da fé, percorridas neste capítulo, podem ser resumidas no gráfico da página seguinte.



5 Perguntas para uma reunião de estudo



1) Durante quinze minutos, cada um escreva um relatório de sua vida baseado nas seguintes perguntas:

- Conte para nós como está sendo a sua caminhada de fé.
- Houve alguma mudança na sua maneira de encarar Deus durante a sua vida?
- Como você se coloca na presença de Deus?
- Quais as dificuldades que você sente em relação à fé?
- O que provoca essas dificuldades?
- O que, neste capítulo, ajudou-o a entender melhor seu objetivo pessoal e o objetivo do grupo?

2) Cada jovem pode ler seu relatório para o grupo. Durante a apresentação, outros podem pedir esclarecimentos.

3) No final de tudo, o coordenador faz um resumo dos principais pontos levantados. Segue-se uma discussão.

4) Quais as conclusões que podemos tirar dessa discussão para nosso grupo ou equipe de coordenação?

RESUMINDO

1. DINÂMICA PARA ASSIMILAR O OBJETIVO

A encíclica "A evangelização no mundo contemporâneo" apresenta as seguintes etapas de crescimento na fé: 1ª — Primeiro anúncio — testemunho de vida; 2ª — Explicitação do anúncio do Senhor Jesus (conversão); 3ª — Adesão de vida a uma comunidade eclesial.

Algumas observações: o que importa não é "saber religião" A formação tem de ser na ação. Os elementos teóricos serão colocados, aos jovens, aos poucos, à medida que são motivados para isso dentro de uma formação na ação. É a dinâmica do "sempre querer mais" que impele o jovem a uma etapa cada vez mais profunda.

2. PRIMEIRA ETAPA: PRIMEIRO ANÚNCIO — TESTEMUNHO DE VIDA

O jovem de hoje, para aceitar a salvação em Cristo, deve sentir a necessidade de ser salvo. A grande maioria dos jovens não sente essa necessidade por causa do confronto existente entre religião tradicional (herdada da sua família) e os novos valores que adquiriu.

- a) **Fé: herança familiar:** a religião que os jovens recebem dos pais é, geralmente, uma herança familiar com muitos elementos alienantes e supersticiosos.
- b) **O jovem se descobre como peçca:** quando o jovem se descobre como valor, ele rejeita o que o desvaloriza (a religião alienante). O ponto de partida do primeiro anúncio de Jesus Cristo é sentir necessidade de ser salvo. Ao participar da P. J., o jovem descobre que a sociedade precisa ser salva e ele próprio precisa ser salvo. A sociedade porque o homem possui a tecnologia necessária para resolver a situação de desumana pobreza em que vivem milhões de pessoas. Só que não a utiliza, pois o problema não está na tecnologia, mas nos valores que estão por trás dela. Há necessidade de valores absolutos. O jovem começa a enxergar também as estruturas de opressão que há dentro dele, que o escravizam, e portanto a necessidade que tem de salvação pessoal. O momento privilegiado de evangelização é quando o jovem compreende a necessidade de valores absolutos e de um Ser Supremo que está por trás desses valores. A religião é exatamente essa busca do sentido da vida e dos valores absolutos.

O jovem chega a esse ato de fé em Jesus Cristo por dois caminhos: pelo testemunho de cristãos e pela vivência em comunidade.

3. SEGUNDA ETAPA: EXPLICITAÇÃO DO ANÚNCIO DO SENHOR JESUS — CONVERSÃO

Cristo deve ser anunciado também pelas palavras, não só pelo testemunho de vida.

a) **O que significa conversão?** Aceitar Cristo significa aceitar sua maneira de ser e seu programa de vida. O encontro com Cristo é como o amor de um jovem por uma jovem: deve haver mudança de vida, para que os valores de um "batam" com os valores do outro. Essa mudança de vida significa viver de maneira nova, com mudança exterior e mudança de coração (sem hipocrisia). O compromisso de vida e a ação são conseqüência da conversão. A leitura e a reflexão da Sagrada Escritura são importantes para que a pessoa, a partir da Palavra de Deus, possa mudar de vida.

b) **Catequese:** não significa aprender o catecismo, mas estudo sistemático dos dados básicos de nossa fé. Ela tem de vir depois da evangelização e da conversão a Jesus Cristo. A P. J. procura desenvolver uma formação que se baseie na ação e na resposta à ação. Há o perigo de formar para depois agir: normalmente, não se sai disso (prepara-se para entrar na batalha, mas nunca se entra nela). Há, também, o perigo de ficar só na ação, sem refletir sobre o que se está fazendo.

c) **Formação na ação:** a formação e a ação caminham juntas: aprende-se a ser cristão agindo como cristão. O processo de formação na ação elimina o perigo de uma formação religiosa desligada da vida e garante a unidade profunda do plano de Deus. Ele pressupõe a elaboração de um processo pedagógico que facilita o "casamento" dos elementos teóricos com a ação.

4. TERCEIRA ETAPA — ADESÃO DE VIDA NUMA COMUNIDADE ECLESIAL

Essa adesão se manifesta concretamente por uma entrada visível numa comunidade de fiéis.

a) **Lei de segurança paroquial:** o surgimento de uma Pastoral mais transformadora e libertadora provoca tensões e entra em choque com a direção de paróquias mais tradicionais. Surge, então, a "lei de segurança paroquial" (expulsão de grupos de

jovens de paróquias). Torna-se necessário, assim, procurar compreender as diferentes dimensões de Igreja que existem, para que se possa chegar a um entendimento através de um diálogo real.

- b) **Dimensões diferentes de Igreja:** todas elas são válidas. A tensão surge quando algumas delas são distorcidas ou são tidas como absolutas, em prejuízo de outras que são rejeitadas. São seis essas dimensões: a institucional, a comunitária (Koinonia), a sacramental, a anunciadora da Palavra (Kerigma), a servidora (Diaconia) e a libertadora. As duas primeiras descrevem o que a Igreja "é" as duas últimas o que a Igreja "faz"

A **dimensão institucional** da Igreja é a que apresenta a Igreja como instituição. Quando a institucionalização se torna excessiva, há três grandes riscos: a Igreja clericalista, em que o clero fica com todo o poder e forma uma casta separada do povo; a Igreja legalista, em que se dá importância demasiada à estrutura e às leis, tirando a vida e a criatividade da Igreja; a Igreja triunfalista, em que a Igreja se considera dona da verdade e o mundo é encarado como concorrente (não há salvação fora da Igreja). A dimensão institucional é importante porque garante a universalidade da Igreja e garante também certo espaço de liberdade para os homens dentro de regimes que não respeitam os direitos humanos. O desafio é fazer com que a instituição se mantenha num estado permanente de renovação e de conversão.

A **dimensão comunitária** (Koinonia) é a que apresenta a Igreja como um círculo (o clero e os leigos são todos iguais pelo batismo), e não mais como uma pirâmide. As Comunidades Eclesiais de Base são sinal da descentralização das paróquias em pequenas comunidades. Esta dimensão, quando absolutizada, pode colocar em risco a continuidade de tradição viva da Igreja e sua sobrevivência, como grupo organizado, num nível universal. Pode também, fechar-se numa espécie de clube, onde seus membros não sentem necessidade de assumir uma missão fora. Mas esta dimensão é importante porque é o lugar onde os cristãos mantêm a sua fé. Corresponde a uma necessidade de amizade e valorização que é sentida profundamente pelo homem de hoje.

A **dimensão sacramental** corresponde à necessidade que sentimos de nos comunicar com os outros e com Deus através do rito e do simbolismo. O perigo desta dimensão está numa liturgia muito rígida, sem criatividade, que não expressa as angústias e os problemas dos homens de hoje. Os sacramentos têm de estar ligados aos problemas e às angústias do povo.

A dimensão da Igreja como **anunciadora da Palavra** (Kerigma) é a proclamação do Evangelho em palavras e ações. Passou-se a acentuar a evangelização de adultos e os cursos bíblicos. Distor-

ceмос esta dimensão quando discutimos textos bíblicos sem nenhuma orientação ou visão de conjunto e quando pregamos o Evangelho desligado da realidade.

A dimensão da **Igreja-serviço** (Diaconia) é aquela em que a Igreja existe para os outros, para servir ao mundo. O conceito errado de poder consiste em procurar o poder para si e não se preocupar com o serviço ao povo. Todos devem servir: o clero e os leigos. A Igreja existe para servir principalmente os não-convidados: os pobres e marginalizados. O perigo deste modelo é o de cair no paternalismo: fazer ações assistencialistas sem procurar promover as pessoas e sem atingir as causas da marginalização e da pobreza.

A dimensão da **Igreja libertadora** é a que é responsável pela construção de um mundo melhor. A teologia de libertação é um exemplo deste modelo. A Igreja tem tido um contato mais científico com a realidade. Os cristãos, por sua vez, propõem vários caminhos para eliminar a injustiça social e construir o Reino de Deus neste mundo. Muitas das soluções propostas, no entanto, são parciais e ineficazes. A Igreja, agora, começa a perceber que não basta ser servidora: tem de ser também libertadora. O tema central de uma catequese de P. J., então, tem de ser o Êxodo. O Êxodo, a Encarnação e a Páscoa de Jesus devem ser levados a sério para que a Igreja se torne libertadora. Há o perigo, nesta dimensão, de reduzir a função da Igreja a uma função puramente política de transformação da sociedade. O lado positivo desta dimensão é a atração que o modelo de uma Igreja libertadora exerce sobre os jovens que se empolgam com os seus ideais de justiça e de liberdade.

- c) **As tensões são positivas:** as tensões entre as várias dimensões da Igreja são positivas, pois levam ao caminho da conversão e a um aprofundamento sempre maior. Mas não podemos privilegiar demasiadamente uma dimensão em detrimento de outra. O equilíbrio é conseguido por intermédio de um processo contínuo de avaliação e oração.
- d) **Importância das etapas de crescimento na fé:** os coordenadores devem não só conhecer e compreender as etapas necessárias para crescimento na fé, mas devem também ter percorrido essas etapas. A fé tem de ser vivida, não somente teórica.

5

DESENVOLVIMENTO DE UMA CONSCIÊNCIA CRÍTICA

1. Metodologia clara

O terceiro e último processo para o fortalecimento dos grupos de jovens é a metodologia que leva a uma ação transformadora. É importante ter um grupo coeso, que saiba para onde vai. Mas se o grupo não souber quais os caminhos mais adequados, qual é o conjunto de procedimentos, instrumentos e atividades que é mais eficaz e que ajuda no processo educativo, de nada adiantará ter belos objetivos por escrito. A isso damos o nome de metodologia. Quem quiser viajar de um ponto do país a outro, pode ir de avião, de carro, de trem, de ônibus, de bicicleta, a cavalo, a pé, ou pode também usar uma combinação desses meios, dependente dos seus recursos. Todos servem como meios. Alguns, porém, são mais eficazes do que outros.

INSTRUMENTOS PARA "FURAR" OS OBSTÁCULOS



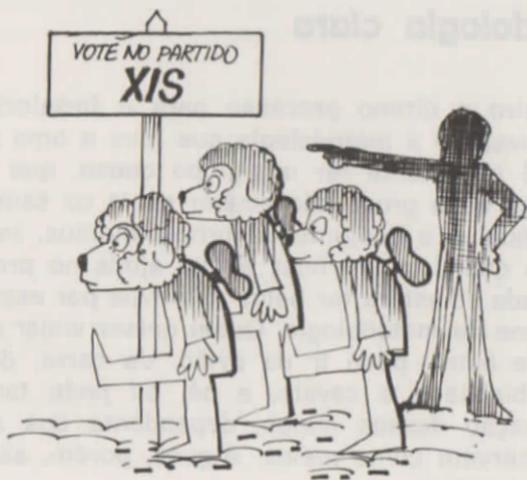
Um grupo de jovens deve ter uma metodologia de trabalho que seja clara para se pôr a caminho, a fim de que possa chegar ao seu objetivo. Caso contrário, fica girando no mesmo lugar, pois não consegue "furar" os obstáculos que impedem a construção do Reino.

Neste capítulo, procuramos dar uma resposta a essa exigência que se encontra em qualquer trabalho sério de pastoral.

Trataremos, em seguida, de:

- consciência crítica,
- boa organização,
- capacitação de coordenadores,
- preparação e estrutura de reuniões.

2 Que tipo de jovem formar?



Quem participa da coordenação ou assessoria de uma P. J. tem de fazer, como primeiro passo, uma pergunta fundamental para si mesmo: "Que tipo de jovem queremos formar?"

Temos duas opções:

- Queremos formar *jovens honestos, esforçados, leais, compreensivos, autênticos, mas ingênuos*. Jovens que podem ser facilmente manipulados e usados para manter um sistema onde "os ricos tornam-se cada vez mais ricos às custas dos pobres, que se tornam cada vez mais pobres" (João Paulo II).
- Ou queremos formar jovens com *consciência crítica* (e que também são honestos, esforçados. . .), que pensam e sabem interpretar os discursos demagógicos e que têm coragem de escolher o caminho da liberdade.

3. O medo da liberdade

Um dos maiores psicólogos da atualidade, Eric Fromm, no seu livro '*O Medo da liberdade*' mostra que as mesmas condições psicológicas que levaram à ascensão de Hitler na Alemanha, estão presentes na sociedade capitalista de hoje. São as condições psicológicas que explicam a aceitação de regimes autoritários pela grande massa de pessoas.

Diante de um poder econômico onde a pessoa é reduzida a uma peça de uma grande máquina, diante dos poderosos meios de comunicação social, em especial a televisão, que impedem que a pessoa pense e decida por si, e diante da máquina do todo-poderoso Estado que despreza e marginaliza, as pessoas se sentem insignificantes, impotentes e isoladas. Para superar estes sentimentos as pessoas podem escolher entre dois caminhos: o caminho da fuga ou o caminho da liberdade (juntar-se a outros para mudar as coisas).

A grande massa das pessoas escolhe o caminho da fuga.

4 Principais mecanismos de fuga

Os dois principais mecanismos de fuga, hoje, são:

- a) O caráter autoritário (ou passivo)
- b) O caráter autômato

A. O CARÁTER AUTORITÁRIO

Pelo mecanismo do autoritarismo, as pessoas ou procuram se identificar com alguém (ídolos), ou com algo do mundo exterior (time de futebol), para adquirir força ou se sentir dono de alguém (às vezes o marido domina a mulher em casa), ou então se submetem ao "chefe" (na ideologia fascista, o indivíduo obtém certa segurança ao ver-se unido a milhões de outros que partilham dos mesmos sentimentos). Tanto o desejo de se submeter a outros quanto o de dominar vêm do sentimento de insegurança provocada pelo isolamento, insignificância e impotência na sociedade. Assim, as pessoas evitam a tortura da dúvida de ter de tomar decisões.

Diante desse quadro fica claro porque uma pessoa de caráter autoritário nunca é revolucionário no sentido de querer uma mudança profunda da sociedade para o bem do povo, mesmo quando usa uma linguagem de compromisso com os oprimidos. É mais um "rebelde", um "revoltado". Por isso, pode facilmente mudar de ideologia, da extrema esquerda para a extrema direita. É o que freqüentemente acontece com os jovens de idéias avançadas que enquanto estudantes, eram intolerantes com os outros, mas que, depois de formados, passaram para a sociedade de consumo como bons burgueses.

B. O CARÁTER AUTÔMATO

Esta é a solução adotada pela maioria das pessoas na sociedade de hoje. *Deixam de ser elas mesmas, de pensar, de ter opiniões próprias* e se tornam iguais a milhões de outros seres humanos. São iguais a uma máquina de fazer botões — o processo e o produto são sempre os mesmos. É cômodo, pois as pessoas não precisam enfrentar a angústia do compromisso libertador.

Na sociedade moderna, a automatização agrava a insegurança do indivíduo, e por isso ele sempre se mostra disposto a aceitar novas autoridades que lhe ofereçam alívio e segurança às suas dúvidas e às suas angústias.

Na realidade, nem a fuga do caráter autoritário, nem a do caráter autômato resolvem o problema de insegurança. Como diz Fromm: *"Elimina o sofrimento visível, mas não o conflito escondido que traz uma infelicidade silenciosa"*

5. Analfabeto político

A alienação política não é menos animadora. Dom Paulo Evaristo Arns comenta:

"Quando estávamos em situação pior, mas a gente já via entrar alguma luz no Brasil, recebi uma visita do exterior, uma pessoa muito importante da UNESCO, conhecedora da América Latina e do Brasil. Ele me disse: 'O sr. vai me desculpar uma crítica. Seu povo, o povo do Brasil, nunca foi povo, foi sempre massa. Por isso, houve ditadores que arrastaram todo mundo.

Por isso, a televisão, os jornais, podem levar todo mundo ao circo. Por isso, quando vem qualquer onda corintiana — eu também sou corintiano — todo mundo corre. Aposto que tem ditadura muito pior do que a sua, mas lá o povo vai sair da ditadura mais forte do que vocês. Vocês são massa. Enquanto forem massa, o povo vai ser sempre sacrifício oprimido”

Num curso da Pastoral, um jovem fixou o seguinte recado no mural:

“O pior analfabeto é o analfabeto político. Não lê, não ouve, nem participa dos acontecimentos políticos.

Não sabe que o custo de vida, o preço do feijão, da carne, da farinha, do aluguel, da luz, do sapato, do remédio, dependem de decisões políticas.

O analfabeto político é tão burro que se orgulha e tufa o peito, dizendo que odeia a política e os políticos.

Não sabe o imbecil que, da sua ignorância política, nasce a prostituta, o menor abandonado, o assaltante e o pior de todos os bandidos, que é o político vigarista, pilantra, paranóico bagueceiro, adesista, corrupto e laçao de empresas nacionais e multinacionais.

Participe das decisões políticas para que o Governo deixe de enganar o povo”

Muitos jovens são tão passivos e tão deformados por este sistema que funcionam como “mata-borrão”. Assimilam tudo que é jogado em cima deles, sem nenhuma tentativa de filtrar o certo e o errado. Nas palavras de um jovem: “Sempre estão dizendo sim, nunca discordam, nunca chegam a uma conclusão por eles mesmos. Há uma preguiça de pensar”

É importante dizer aqui que nem todos os “valores” de uma sociedade de consumo são contravalores. O problema é que muitos destes valores são apresentados como únicos e exclusivos.

6 O caminho da liberdade e da consciência crítica

Diante dessas duas opções (fuga ou liberdade) que a sociedade apresenta para o jovem, a P. J., hoje, só pode escolher a da liberdade como a única digna de quem foi criado à imagem e semelhança de Deus. "Vós fostes chamados à liberdade, irmãos" (Gl 5,13). *A liberdade é a condição fundamental para qualquer crescimento humano.* Esta liberdade se concretiza através do desenvolvimento de uma consciência crítica, que leva o jovem a não mais aceitar ser teleguiado pelos outros e a se questionar sobre a sua maneira de agir como cristão diante de uma sociedade injusta. O desenvolvimento da consciência crítica impede que o jovem se feche dentro de um conforto e paz burgueses, formando uma ilha no meio de grande miséria. É dentro desta sociedade que o jovem deve dar a sua resposta de fé. É aí que se deve concretizar a caridade cristã, de maneira que seja inteligente e tenha sentido hoje.

Um jovem coloca o desafio da seguinte maneira: "De um lado há os meios de comunicação fazendo a cabeça da gente para entrarmos na sociedade de consumo. Do outro lado há o que Jesus propõe. Temos de optar. Não podemos servir a dois senhores, Deus e a riqueza"

A. SER "DO CONTRA"

O jovem que desenvolve sua consciência crítica consegue *distinguir a verdade da mentira*, as aparências do que é real, a manipulação da objetividade. Consciência crítica não significa algo negativo, ser sempre "do contra" Pelo contrário, é algo de muito positivo. É a capacidade de separar o certo do errado para poder construir com base sobre o que está certo. Às vezes se confunde consciência crítica com "estar na onda" "estar com a esquerda" Consciência crítica é algo de muito mais profundo do que isso. Dentro da atual política de abertura no Brasil, alguns jovens, ao se conscientizarem da manipulação e marginalização provocadas pela direita, engolem, sem nenhuma consciência crítica, certas teses da esquerda já superadas em outros lugares. A consciência crítica se aplica a todas as situações de vida.

Freqüentemente, mesmo neste livro, os termos *consciência crítica* e *senso crítico* são usados com o mesmo sentido. O termo mais usado popularmente é "senso crítico". Porém, o termo mais exato, que explicita o conteúdo que a Pastoral de Juventude quer lhe dar, é "consciência crítica".

O "senso crítico", no sentido estrito do termo, pode ser crítica de fora, mas não de si. A "consciência crítica" não é necessariamente crítica de fora, mas é também de si mesmo, das suas próprias idéias. É o caso de um rapaz com grande capacidade de analisar o sistema capitalista e de apontar a maneira pela qual ele instaura numa sociedade de dominação e marginalização; ao mesmo tempo, não percebia a incoerência entre seu discurso democrático e a prática dominadora. Impunha as suas idéias, manipulava os outros através de certo jogo psicológico. Não percebia que o despertar da consciência crítica pressupõe um ambiente de liberdade onde o outro pode discordar sem ter medo de ser isolado ou tachado de reacionário ou burro. Não percebia a sua falta de objetividade por não possuir autocritica das suas próprias motivações inconscientes. Não percebia suas freqüentes racionalizações e projeções, resultantes de problemas pessoais e emotivos. Aqui não se trata de questão de inteligência. Às vezes, as pessoas mais inteligentes são as mais alienadas, ou, como dizem os jovens, as mais "tapadas".

Jovens que não estão acostumados a fazer rigoroso questionamento das suas próprias motivações, através de freqüentes revisões de vida em grupo e individualmente, deixando-se questionar pela Palavra de Deus e pelos outros, dificilmente desenvolvem uma consciência crítica. Enquanto, de fora, incentivam outros a desenvolver uma consciência crítica, eles mesmos ficam fora do processo e, por isso, não são pessoas livres. O aparecimento dos grandes ditadores na história — de direita ou de esquerda — pode ser assim explicado. Faltava-lhes autocritica.

Podemos, portanto, definir a finalidade da consciência crítica como o despertar do jovem para:

- perceber a mentira, a meia-verdade, a manipulação, a demagogia;
- ser sujeito da sua própria educação e formação;
- participar, como sujeito consciente, da construção da história e da transformação de uma sociedade injusta.

B. O ANSEIO PELA LIBERDADE

Mas, por pior que seja a massificação da sociedade, nunca é possível destruir por completo o anseio pela liberdade, que está dentro de cada pessoa. Ela sempre descobre brechas para escapar. A pessoa humana nunca é totalmente subjugada, a não ser em casos patológicos. Ela é igual ao tronco cortado de uma árvore.

Sempre pode crescer um brotinho do lado. Dentro de uma sociedade subjugada, os "brotos" são os jovens. Deles pode brotar uma vida nova através do despertar da consciência crítica. Uma vida nova que tenha a sua esperança no Cristo ressuscitado.

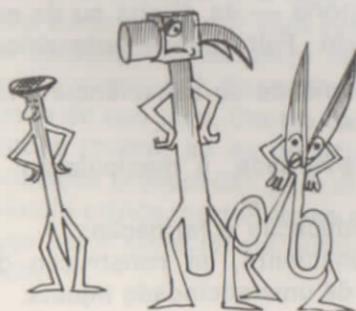
Dom Ivo Lorscheiter, presidente da CNBB, numa entrevista para a revista "Mundo Jovem", afirma:

"A hierarquia da Igreja deve alegrar-se mais com jovens inquietos e exigentes, do que com jovens 'bonzinhos' parados e sem ardor"

C. NÃO SE DEIXAR INSTRUMENTALIZAR

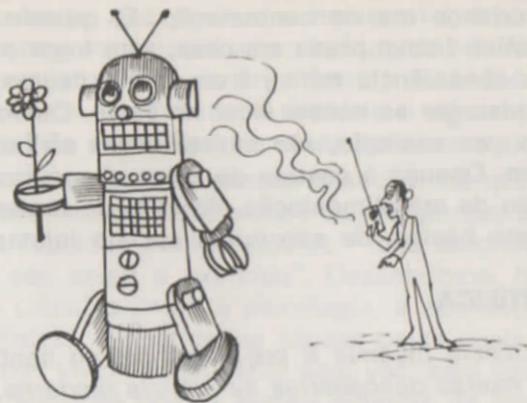
A grande pergunta que se coloca é como despertar, no jovem, uma consciência crítica diante desta sociedade, para que, motivado pela utopia cristã (Deus é Pai, nós somos filhos e irmãos uns dos outros) ele se engaje para transformar essa sociedade que não corresponde aos desígnios do seu Criador. João Paulo II, falando aos jovens brasileiros, declara:

"Se o jovem que eu fui, chamado a viver a juventude em um momento crucial da história, pode dizer algo aos jovens que vocês são, penso que lhes diria: *Não se deixem instrumentalizar!*"



Um martelo, por exemplo, é um instrumento: só serve para bater num prego. Mas a pessoa humana não é instrumento. Não é coisa. Não é meio. Não pode ser uma das peças numa fábrica ou numa fazenda. O homem é sujeito que pensa, é livre, criativo e capaz de responder por seus atos.

7 Consciência ingênua



Para entender bem o que vem a ser a consciência crítica, é preciso entender o seu contrário: a consciência ingênua. A consciência ingênua atribui a uma causa algo que é de outra causa. Para a consciência ingênua, as relações entre o homem e Deus, o homem e a natureza, o homem e os outros e o homem consigo mesmo, são relações fixas, *predeterminadas*. A pessoa nada mais é do que um robô programado para realizar o seu destino, sem poder mudar nada. Uma consciência ingênua normalmente é:

- a) mítica,
- b) pré-científica,
- c) a-histórica.

A. MÍTICA

É *mítica* porque *atribui a Deus*, ou a um ser religioso, acontecimentos que têm suas *causas aqui na Terra*. Era o caso da senhora que me pediu para benzer seu filho de cinco anos, porque era muito malcriado dentro de casa. A avó disse que a dificuldade de controlar o menino dentro de casa era porque ele não tinha sido bem batizado. É próprio de uma consciência ingênua aceitar afirmações sem questionar. Bastou a avó afirmar aquilo. Não precisou provar nada.

A mãe ignorava uma série de causas da malcriação do filho: a idade da criança era de contestação. E, quando voltava da escola, o menino ficava preso em casa, sem lugar para brincar. É próprio da consciência mítica fixar-se em causas sobrenaturais, e não enxergar as causas aqui na Terra. Qualquer doença ou infortúnio, por exemplo, são muitas vezes atribuídos a uma força do além. Doença é castigo de Deus, é resultado de mau-olhado, e não da má alimentação, da falta de higiene, de falta de saneamento básico, de estruturas sociais injustas.

B. PRÉ-CIENTÍFICA

A consciência ingênua é *pré-científica*, no sentido de que é anterior a muitas descobertas da ciência moderna. A psicologia, por exemplo, mostra que muitos casos de "possessão por espíritos" eram resultado de fixação e traumas das pessoas na infância. O "estado de possessão" é simplesmente uma válvula de escape que o subconsciente usa, porque os traumas de infância deixaram o consciente sem capacidade para resolver os problemas da vida.

A seca num lugar, por exemplo, não acontece porque Deus manda. A seca tem explicações científicas. A ciência também apresenta soluções técnicas. Se estas soluções não são aplicadas, não podemos culpar Deus.

É o caso de muitas pessoas que pensam que a pobreza, a fome, o analfabetismo, a doença e o desemprego são uma questão de sorte.

C. A-HISTÓRICA

A consciência ingênua é *a-histórica* porque vem de uma época em que o homem pensava que a história era escrita de antemão, e o nosso papel era o de participar dos acontecimentos, sem poder mudar nada.

As pessoas dizem: aconteceu assim por causa do destino. Aconteceu assim porque Deus ou a natureza planejaram assim. Houve uma época, por exemplo, em que as pessoas achavam que a escravidão era um fato normal, em que os reis recebiam a sua autoridade diretamente de Deus porque tinham direitos

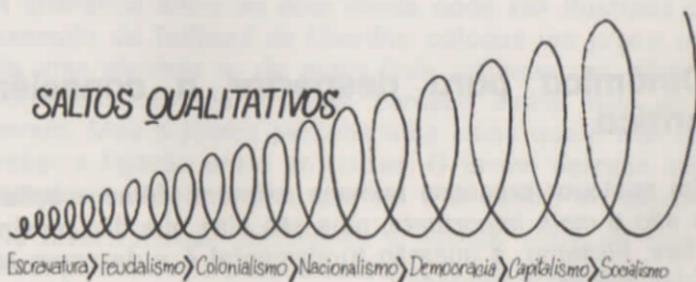
divinos. A organização da sociedade era considerada como algo fixo, igual às leis biológicas da natureza e, portanto, ninguém podia mudar nada. Aos poucos, o homem foi descobrindo que *as relações entre as pessoas não são fruto de leis fixas*, mas dependem da maneira como se organizava a sociedade. O homem percebeu que ele era sujeito da história e não objeto passivo. As mudanças não dependiam de seres poderosos extra-terrenos.

Abolimos a escravidão porque descobrimos que isso é contra a dignidade humana. Eliminamos os reis porque achamos que a sociedade funciona melhor quando "toda autoridade vem do povo e em seu nome é exercida" Descobrimos, hoje em dia, através das ciências como a psicologia, a sociologia, a economia, a estatística, a política, as causas pelas quais milhões de seres humanos vivem na miséria, sem voz, sem vez. Queremos mudar essa situação porque somos sujeitos de nossa história, e não objetos, "marionetes" à mercê de um poder religioso cruel. Deus disse a Adão e Eva: "Crescei e multiplicai-vos e dominai a terra" quer dizer, sejam sujeitos da sua história, sejam cocriadores comigo.

8 Visão do processo histórico

Passamos por várias maneiras diferentes de organizar a sociedade: a escravatura, o feudalismo, o colonialismo, o nacionalismo.

Estamos num processo histórico que se apresenta como uma *espiral crescente*. Passamos do feudalismo para o colonialismo. Hoje temos o capitalismo, amanhã teremos o *socialismo* ou outro tipo de convivência humana. Estamos num processo histórico evolutivo.



Ninguém quer voltar para o tempo da escravidão, ninguém quer ser governado *pelos reis* ou viver no tempo do *colonialismo*. O perigo é de a gente querer se *enterrar no sistema onde está* e não querer passar pelas dores *de um novo parto* para ajudar algo novo a nascer. Pior ainda seria alguém querer atrasar essa passagem (Páscoa).

Graças ao aumento de consciência de muita gente, a história deixou de ser comparada ao destino cego e passou a ser, cada vez mais, uma criação do homem. Cada vez mais o homem é sujeito da história.

Em comparação com outras gerações, *hoje estamos numa situação privilegiada*. Podemos usar as descobertas das ciências modernas e as experiências e avanços das gerações anteriores: a tomada de consciência de que o homem é o centro da história, o valor dado ao amor, à liberdade, à auto-realização, à autenticidade, à simplicidade, à justiça e ao respeito pela dignidade do homem. Exemplo disso é a reação de todos contra a prática da tortura. A tortura é algo que não condiz com a dignidade do homem de hoje. Ela não é admitida oficialmente. O progresso do bem é tão lento que, às vezes, nem o percebemos. O progresso da história é igual ao de uma planta nova. Quem olha a planta todos os dias não percebe seu crescimento. No entanto, depois de certo tempo, torna-se uma grande árvore. Muitos operários reclamam que não adianta lutar pelos seus direitos, porque nunca conseguem nada. No entanto, a jornada de trabalho, há 40 anos, era de 16 horas por dia. Hoje é de 8 horas. Pierre Teilhard de Chardin tem uma frase a esse respeito: "Hoje algo novo está acontecendo com toda a estrutura da consciência humana, um novo tipo de vida está nascendo"

9. Dinâmica para despertar a consciência crítica

Em qualquer processo humano existem idéias e ações. *As idéias são o mais importante*, pois são elas que dão movimento às ações. Portanto, a questão fundamental é a de como chegar às idéias certas: à verdade.

A verdade é sempre revolucionária e orienta as ações na direção certa.

A. NÍVEIS DO CONHECIMENTO HUMANO

Para entender a dinâmica que desperta a consciência crítica, é necessário compreender os *três níveis do conhecimento humano*:

a) Nível perceptivo

Alguém percebe as coisas acontecendo ao seu redor, *mas não vê uma ligação entre elas*. Por exemplo: os membros de um grupo de reflexão, numa favela, chegaram à conclusão, depois de acalorada discussão sobre o tema de educação, de que seus filhos tinham as mesmas possibilidades de serem educados quanto os filhos da classe alta. Bastava apenas boa vontade e esforço. Neste nível há somente consciência ingênua.

b) Nível racional

A pessoa *vê mais a fundo o problema, a ligação com outros problemas, com as causas e conseqüências*. Vê que o problema de educação está ligado ao ambiente familiar, ao salário, à alimentação, à moradia, ao tempo livre, ao tipo de escola onde estuda, ao nível cultural dos pais e, enfim, a toda uma organização social.

A diferença entre os dois níveis pode ser ilustrada por um exemplo de Teilhard de Chardin: coloque um jovem no meio de uma planície e, do outro lado, coloque um cão. O cão, com seus ouvidos e olhos, percebe muito mais do que o jovem. Mas o jovem percebe uma coisa que o cão não percebe: a ligação entre as coisas. O jovem percebe que todo mundo se refere a ele, que ele é o centro do universo.

No nível racional percebe-se a ligação entre as coisas. No nível perceptivo a pessoa está ainda num plano apenas animal.

c) Nível da prática

Antigamente a teoria era considerada superior à prática. A *teoria já vinha pronta, era só questão de se impor à prática*. A prática precisava acomodar-se à teoria e nunca acontecia o contrário. As soluções para os problemas vinham de cima através de "pacotes"

Conta-se a estória de um paciente que era comprido demais para a única cama disponível no hospital. Para resolver o problema, cortaram as pernas do paciente. Ele precisou adaptar-se à cama, e não a cama a ele. É o que se fazia com a realidade. A realidade foi distorcida para poder encaixar-se dentro da teoria.

O processo de conhecimento científico moderno se concebe como dialético e descontínuo.

A teoria nunca é uma verdade acabada, pronta a ser entregue aos outros.

Há um contínuo vaivém entre a teoria e a realidade, ou a prática.



Descobrimos a verdade através do contato com a prática. Começamos a construir a casa pelo alicerce, não pelo telhado. Domingos Corcione, assessor da Pastoral Universitária da Região Nordeste II, explica: "Pode-se descobrir a teoria que já está presente na prática — de maneira desarrumada — ou reiventá-la a partir da própria prática. Muitas vezes a análise de uma ação obriga a lançar mão de teoria; então essa mesma ação — estudada e aprofundada — permitirá refazer a teoria"

Este livro, por exemplo, foi elaborado desta maneira. Foi escrito a partir de uma prática da P. J. e, depois, testado durante um ano em reuniões de grupo e em cursos dados em muitas dioceses. Vários coordenadores e assessores receberam exemplares do manuscrito para avaliá-lo. Depois, o livro foi reescrito, modificando o que se percebia não estar de acordo com a prática.

Os melhores pais são aqueles que modificam e adaptam sua maneira de pensar e de tratar os filhos conforme as circunstâncias, os filhos e as idades. Pessoas com idéias fixas são péssimos pais.

O conhecimento científico tem validade somente à medida que é verificado através de um contato com o real, ou pela memória de tais contatos, como no caso do conhecimento que é passado de uma geração para outra.



O problema de muitos de nossos intelectuais que não seguem esta dinâmica se localiza aqui. Sabem muita coisa sobre coisas sem a menor importância. A dificuldade de muitos jovens de dialogar com o padre da sua paróquia tem, freqüentemente, as suas raízes aqui. Muitos padres receberam uma formação filosófica e teológica onde se contempla e se interpreta

a natureza, mas não se procura transformá-la. A teoria é separada da prática. Estes padres, portanto, não têm um esquema mental para entender que o processo dialético, o "vaivém" entre a teoria e a prática, leva a uma transformação da natureza.

Essa é a dinâmica da história. As teorias não são acabadas e prontas. Vão se aperfeiçoando, cada vez mais, pelo contato com a realidade.

Mesmo a Bíblia não apresenta soluções prontas. Apresenta princípios que têm de ser confrontados com a realidade de cada geração e de cada lugar.

A *palavra dialética* significa um relacionamento contínuo entre teoria/prática. Como não pode existir pai sem filho, também não se concebe a teoria sem ligação com a prática, e vice-versa. Estão de tal maneira ligadas uma à outra, que uma não se dá plenamente sem a outra.

B. A RAIZ DE AUTORITARISMO E CONSERVADORISMO

A tentativa de se colocar a verdade antes dos fatos *é a raiz de todo tipo de autoritarismo e conservadorismo* na sociedade.

Se a verdade vem antes dos fatos, o ditador e o conservador não precisam provar nada. Podem decidir tudo "de cima". Não há necessidade de consultar o povo. Já sabem o que é "bom" para o povo.

Por isso fizeram uma "Lei de Segurança Nacional" em nome da segurança do povo, embora, na prática, signifique insegurança pela eliminação dos seus direitos mais básicos. É como o caso dos que cortaram as pernas do paciente para acomodá-lo melhor a uma cama que era pequena demais.

São o povo e a realidade que têm de se adaptar às decisões das cúpulas que, na verdade, querem sempre preservar seus privilégios.

Dentro deste esquema organizam-se partidos que falam em nome do povo sem, no entanto, escutá-lo e estar em contato com ele. As decisões sobre os grandes problemas que esmagam o povo são tomados pelos "doutores" que "estudaram" o assunto. O povo não passa de espectador num palco onde se decide sobre a sua vida.

C. DIALÉTICA: REFLEXÃO/AÇÃO

Portanto, só temos a verdade quando estamos em contato com a prática. Um grupo só pode testar as suas idéias, a sua teoria, com a prática, para verificar se ela está certa ou errada. Os dois elementos, neste nível de conhecimento, são a ação (ou a prática) e a reflexão.

Existe, portanto, uma dialética reflexão/ação.

A reflexão reforça a ação e a ação reforça a reflexão e, as duas juntas, desenvolvem a consciência crítica em vista de uma ação transformadora.

A reflexão/ação é o que nós chamamos de PRÁXIS.

Quando Cristo resumiu toda a sua mensagem no amor a Deus e ao próximo, Ele definiu o cristianismo como sendo, em primeiro lugar, uma práxis, não uma teoria.

A práxis, portanto, não é uma simples ação, mas uma ação refletida e avaliada. Não aprendemos só através da experiência, mas através da experiência refletida e interiorizada.

Um grupo de jovens, que vendia bônus para ajudar o povo em El Salvador, assustou-se quando alguém perguntou porque estavam fazendo isso. Ninguém sabia o motivo, onde se localizava El Salvador. A coordenação de pastoral, que organizou a campanha, não se preocupou com que ela fosse parte de um processo de formação dos jovens na ação. Cairam no ativismo.

Um grupo que tem uma boa metodologia vai sempre fazer avaliação para verificar a validade das suas idéias. Neste vaivém está sempre testando a verdade. Só assim o grupo progride no verdadeiro conhecimento.

É a ação que vai dar critérios para que o grupo possa avaliar seu planejamento.

Sem reflexão a ação é cega, sem a ação a reflexão é vazia. Dom Angélico Sândalo Bernardino explica:

"A consciência vem da prática. É fazendo que a gente descobre. Caminheiro faz caminho, caminhando"

A reflexão também revela elementos da realidade que estavam escondidos e elimina as ilusões de uma consciência ingênua. É assim que se pode desmontar a ideologia dominante que procura legitimar as estruturas injustas.

D. SOMOS TODOS SUJEITOS DA HISTÓRIA

Muitos jovens, sobretudo da classe média, empolgam-se com a opção da Igreja pelos pobres e logo procuram uma favela ou bairro popular para "ajudar". Mas, muitas vezes, vêm com idéias pré-fabricadas que não foram testadas na prática. Pensam

que sabem o que é bom para o povo. Não usam a dialética reflexão/ação para descobrir a melhor maneira de agir.

O professor *Paulo Freire* contribuiu muito para a eliminação da idéia, divulgada pela ideologia dominante, de que o pobre é um coitado que precisa de nossa ajuda. *Ninguém ensina ninguém, diz ele, mas os homens se educam juntos, cada um aprendendo com o outro pelo confronto com a realidade.* O pobre conquista a liberdade, exercendo-a.

Muitos jovens não percebem que "ajudar" não é questão de fazer com que o povo pense como eles e passem a agir como eles. O povo não é um recipiente vazio, esperando ser preenchido pelas idéias brilhantes dos que vêm de fora.

O povo tem de ser sujeito da sua própria história, não uma massa de manobra. Esses jovens não percebem, por exemplo, que o primeiro passo de um trabalho numa favela seria o de escutar o povo. Quando o jovem que vem de fora é da classe média, tem de procurar despojar-se da ideologia da sua própria classe que impede que ele enxergue com os olhos do pobre. O papel do jovem que trabalha com as classes populares é o de escutar, refletir junto com o povo sobre a sua experiência e, através do processo reflexão/ação, ajudar a sistematizar essas experiências e idéias para que o povo possa elaborar as suas próprias teorias.

Por outro lado, é "fazer demagogia do pobre" dizer que *todas as soluções vêm do pobre.* Não vêm. Há certas informações e pistas de soluções que somente elementos mais conscientes da classe média podem fornecer. A manipulação é evitada à medida que o povo é colocado por dentro dos passos que estão sendo dados. Os riscos são calculados em conjunto.

E. SER CULTO NÃO É SER "DOUTOR"

Até através da práxis (reflexão/ação) *surgem a cultura e a consciência crítica.* Estamos acostumados a pensar que uma pessoa com cultura é alguém que sabe manejar a cultura dominante e assim "enrolar" os outros, ou que cultura é ter maior ou menor quantidade de informações na cabeça. Diante deste conceito, quem não tem diploma é ignorante.

O verdadeiro sentido de cultura é a capacidade da pessoa de refletir sobre a sua realidade e sobre si mesma. Neste sentido, um lavrador conscientizado por uma práxis correta pode ter mais cultura do que muitas pessoas que têm título de "doutor". A verdadeira educação não consiste em dar fatos às pessoas que estão aprendendo, mas sim em descobrir juntos *instrumentos para interpretar a realidade*.

O caso de muitos casais que trabalham com grupos de jovens, ou descobrem a sua vocação para trabalhar com eles num encontro de casais, revela, muitas vezes, a ausência do processo reflexão/ação. Com a maior boa vontade procuram fazer com que os jovens passem a pensar e agir como eles, mas depois não entendem porque os jovens têm dificuldade de assumir as coisas.

Um jovem reclamou: "Todas as responsabilidades dentro da comunidade ficam com os casais e a gente fica chupando o dedo"

Precisamos fazer o que Jesus fez, confiar nos outros, ajudá-los a caminhar, mas entender que quem vai caminhar são eles. Foi assim que nossos pais nos ajudaram quando nos ensinaram a andar.

F. UMA PRÁTICA AMBÍGUA

A prática, no sentido em que a usamos aqui, é sempre uma ação humana que é livre e consciente e que transforma ou conserva as relações sociais. Neste sentido, todos os jovens têm uma prática — conservadora ou transformadora. Não se trata de arrumar uma nova prática para eles, mas de começar a refletir em cima da prática que já têm no seu ambiente de escola, bairro e trabalho. Às vezes, a prática é ambígua, porque em parte conserva e em parte transforma as relações sociais. É o caso, por exemplo, de um colégio católico que procurava desenvolver uma educação para a libertação com alunos que vinham da classe dominante.

É a reflexão completada pela avaliação que vão revelar o valor e a função de nossa prática.

G. EXEMPLOS DESTE PROCESSO

Muitos coordenadores da P. J. tiveram a experiência de tentar desenvolver uma consciência crítica em jovens descomprometidos, através de palestras e exposição de estatísticas e dados sobre a seriedade da questão social. Os resultados foram desanimadores. Não perceberam que a consciência crítica não nasce de exposições teóricas, mas de uma dialética de reflexão/ação. Os elementos teóricos têm efeito somente quando colocados dentro desse processo.

Seguem-se alguns exemplos deste processo:

a) Paulo Freire

Paulo Freire desenvolveu uma *prática educadora* quando ajudava analfabetos a aprender palavras chaves, chamadas "palavras geradoras" tiradas do seu contexto social. Ajudava seus alunos, por exemplo, a enxergar, através da palavra "produção" todo o relacionamento de exploração do qual eram vítimas. Através da palavra "mutirão" ajudava a enxergar a importância e a força da união e da fraternidade entre eles. As "palavras geradoras" pressupõem uma experiência e partem de uma prática que os participantes já têm. Assim, despertam neles o senso crítico e a consciência histórica de serem sujeitos com capacidade para transformar a situação em que vivem.

b) Comunidades Eclesiais de Base

A prática das Comunidades Eclesiais de Base, dos ministérios leigos e dos conselhos paroquiais na Igreja, deu a muitos leigos, nos últimos anos, a consciência de que a Igreja é todo o povo reunido, e não, como antigamente se pensava, só o padre ou o bispo. Passaram de puros "ouvintes" a coordenadores de comunidades, a ministros da Eucaristia, da palavra, do culto, do batismo, do matrimônio; a ter voz ativa em todas as decisões dentro da comunidade. A mesma experiência se deu com jovens dentro da P. J.

c) Greve dos metalúrgicos

Um outro exemplo foi o que aconteceu na greve dos metalúrgicos do ABC, em São Paulo, em 1979. Quando os operários exigiram a expulsão da TV Globo das suas Assembléias, mostraram que estavam começando a perceber o funcionamento dos mecanismos de dominação e manipulação da sociedade. Perceberam que as notícias da televisão não são neutras, como pensavam antes.

Um líder operário, percebendo que a greve ia terminar sem conseguir o que pretendiam, reuniu grande número de operários para prepará-los para o fim da greve. Pediu para que eles indicassem as vitórias já conseguidas até aquele momento. Fizeram uma lista de onze itens.

Para os grupos de operários que refletiam e discutiam em cima dos acontecimentos, houve enorme avanço em termos de consciência. O que foi fracasso, em termos econômicos, tornou-se sucesso em termos de consciência de classe e de um novo partido de trabalhadores que conseguiu criar raízes. Para estes grupos houve reflexão em cima da ação. Para os operários que não refletiram, a greve foi um fracasso total. Perderam o dinheiro dos 43 dias em que ficaram parados. Muitos foram mandados embora. Reforçou-se a idéia de que a greve não funciona porque os patrões são todo-poderosos.

Este exemplo mostra um fator importantíssimo do desenvolvimento da consciência crítica. *É importante que a prática esteja sempre ligada ao sucesso, por pequeno que seja e que as pessoas percebam isso.* Uma vitória estimula a luta. O fracasso pode significar um retrocesso, um reforço da consciência ingênua e da convicção da impossibilidade de se modificarem as relações sociais de exploração.



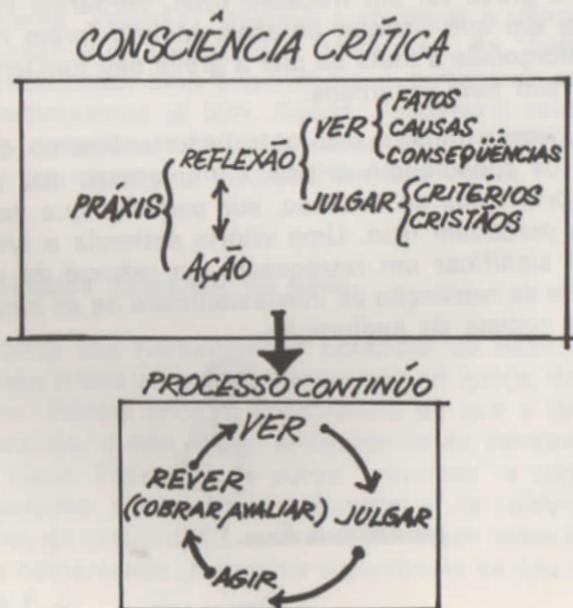
d) Questionamento teórico

Há casos também, embora bem mais raros, de pessoas que despertam através de um questionamento teórico. Foi, por exemplo, o caso de uma religiosa, diretora de um colégio de classe alta, que começou a corresponder-se com Frei Betto quando este esteve preso em 1970. O questionamento teórico que se seguiu fez com que ela largasse o colégio para trabalhar numa das áreas mais carentes da periferia de São Paulo. Neste caso o questionamento teórico partiu da práxis de uma outra pessoa.

Também a consciência não progride sempre numa linha reta. Há muitos avanços e recuos, porque no processo entram muitos fatores pessoais.

10. O método Ver-Julgar-Agir

O processo dialético, reflexão/ação pode ser melhor explicitado pelo Método Ver-Julgar-Agir, descrito no seguinte gráfico:



Para refletir sobre as práticas, precisamos de algum esquema. Seguimos o VER (fatos, causas e conseqüências) e o JULGAR (critérios cristãos).

A AÇÃO (Agir) mais tarde se constituirá em um fato a ser revisado. Portanto, é um processo contínuo, que vai sempre aprofundando a ação do grupo e seu conhecimento da realidade e dos dados básicos da fé (REVER). É um processo de conversão permanente.

É a grande síntese metodológica feita por Cardeal Cardjin e a JOC e que hoje é o patrimônio de quase todos os grupos de reflexão e assembléias da Igreja.

É o método que foi oficialmente consagrado pelas palavras de João XXIII na Encíclica "Mater et Magistra":

"Para pôr em prática os princípios sociais, passa-se em geral por três etapas:

o estudo da situação concreta,
o exame sério da mesma à luz dos princípios,
e, finalmente, a determinação do que se pode e se deve fazer, para aplicá-los de acordo com as circunstâncias de tempo e de lugar.

Estas três etapas se expressam comumente pelos termos de: ver, julgar e agir.

É necessário que os jovens não só conheçam este método, mas que o apliquem concretamente"

O 2º Encontro Nacional da Pastoral Universitária explica o método desta maneira:

"Optamos pelo *Método Ver-Julgar-Agir*, método dialético, onde ação e reflexão estão profundamente inter-relacionados, acontecem simultaneamente e levam sempre a um compromisso maior"

Para melhor entender o funcionamento do Método Ver-Julgar-Agir, que é o método escolhido também pela Pastoral de Juventude Nacional, é necessário estudar a teoria do método e organizar sessões de treinamento.

O método é melhor explicado no meu livro *O Senso Crítico e o Método Ver-Julgar-Agir*, Edições Loyola.

11 Perguntas para uma reunião de estudo



1) Qual o grau de consciência crítica das pessoas com as quais você tem contato todos os dias nos ambientes naturais: família, escola, bairro e trabalho?

Cite exemplos de fatos acontecidos.

2) Quais são as causas da alienação de vários jovens citados na discussão?

3) Como você vê a importância de um trabalho de conscientização junto aos seus colegas?

Você já tentou algumas experiências?

Conte.

4) Quais foram as idéias que você considerou mais importantes neste capítulo?

Faça uma lista dos principais pontos dessa reunião e procure discutí-los com os outros jovens no seu meio específico.

RESUMINDO

1. METODOLOGIA CLARA

A metodologia de trabalho deve ser clara, a fim de que os jovens consigam atingir seu objetivo. Só assim ela será capaz de levar a uma ação transformadora.

2. QUE TIPO DE JOVEM FORMAR?

Podemos formar dois tipos de jovens: ou ingênuos, embora leais, honestos esforçados, compreensivos e autênticos; ou jovens com consciência crítica, que possuem todas as qualidades enumeradas e que pensam e sabem interpretar os discursos demagógicos e que têm coragem de escolher o caminho da liberdade.

3. O MEDO DA LIBERDADE

Diante de uma sociedade que torna a pessoa insignificante, impotente, isolada, há dois caminhos a seguir: ou o caminho da liberdade ou o da fuga.

4. PRINCIPAIS MECANISMOS DE FUGA

São dois: o caráter autoritário (passivo) e o caráter autômato.

- a) **Caráter autoritário:** provém tanto do desejo de se submeter aos outros quanto do de dominar. É a pessoa rebelde, revoltada, que muda facilmente de ideologia. Obedece cega e passivamente a seus superiores e "pisa" nos seus inferiores.
- b) **Caráter autômato:** é a solução que a maioria das pessoas adota. A pessoa deixa de ser ela mesma, de pensar, de ter opiniões próprias, e passa a ser uma máquina. Assim, não enfrenta a angústia do compromisso libertador.

5. O ANALFABETO POLÍTICO

A alienação política também não é solução. O analfabeto político assimila tudo o que é despejado sobre ele, sem tentar filtrar o certo e o errado.

6. O CAMINHO DA LIBERDADE E DA CONSCIÊNCIA CRÍTICA

A P. J. só pode escolher o caminho da liberdade, pois ela é fundamental para qualquer crescimento humano. A liberdade se concretiza através do desenvolvimento de uma consciência crítica.

- a) **Ser "do" contra**: ter consciência crítica não significa "ser do contra" mas sim o despertar do jovem para:
- perceber a mentira, a meia-verdade, a manipulação, a demagogia;
 - ser sujeito da sua própria educação e formação;
 - participar, como sujeito consciente, da construção da história e da transformação de uma sociedade injusta.
- b) **O anseio pela liberdade**: está dentro de cada um de nós e nunca pode ser destruído. A subjugação total da pessoa humana só ocorre em casos patológicos.
- c) **Não se deixar instrumentalizar**: a pessoa humana não é objeto, não é meio, não é instrumento. Ao contrário, é livre, criativa e capaz de responder por seus atos.

7. CONSCIÊNCIA INGÊNUA

É o contrário da consciência crítica. Ela atribui a uma causa algo que é de outra causa. Ela pode ser mítica, pré-científica e a-histórica.

- a) **Mítica**: atribui a Deus, ou a um ser superior, o que pode ser explicado naturalmente. Procura causas sobrenaturais e não enxerga as naturais.
- b) **Pré-científica**: isto é, anterior a muitas descobertas da ciência moderna. É o caso de muitas "possessões por espíritos" explicadas pela psicologia.
- c) **A-histórica**: o homem é considerado como objeto passivo da história, não como sujeito. O que acontece é por causa do destino.

8. VISÃO DO PROCESSO HISTÓRICO

Passamos do feudalismo para o colonialismo. Hoje temos o capitalismo e, amanhã, poderá ser outro o sistema. Estamos num processo histórico evolutivo; e, também, numa situação privilegiada, se a compararmos com a das gerações anteriores, tendo em vista o avanço das ciências humanas.

9. DINÂMICA PARA DESPERTAR A CONSCIÊNCIA CRÍTICA

A questão fundamental é a de como chegar à verdade.

- a) **Níveis do conhecimento humano**: são três:
- nível perceptivo: a pessoa percebe as coisas que estão acontecendo ao seu redor, mas não vê uma ligação entre elas;
 - nível racional: aqui são percebidas as ligações entre as coisas, as causas e conseqüências;

- nível da prática: as teorias não são acabadas e prontas. Vão se aperfeiçoando pelo contato com a realidade. Deve haver um relacionamento contínuo entre teoria e prática, pois não se concebe teoria sem ligação com a prática.
- b) **A raiz do autoritarismo e conservadorismo:** é a tentativa de se colocar a verdade antes dos fatos.
- c) **Dialética: reflexão/ação:** é o que chamamos de "práxis", que não é uma simples ação, mas uma ação refletida e avaliada. Sem reflexão a ação é cega, sem ação a reflexão é vazia.
- d) **Somos todos sujeitos da história:** o povo tem de ser sujeito da sua própria história, não massa de manobra.
- e) **Ser culto não é ser doutor:** da "práxis" (reflexão/ação) surge a cultura, que consiste na capacidade da pessoa de refletir sobre a sua realidade e sobre si mesma.
- f) **Uma prática ambígua:** é ambígua quando, ao mesmo tempo, conserva e transforma as relações sociais.
- g) **Exemplos deste processo:**
 - Paulo Freire e as "palavras geradoras"
 - A prática das Comunidades Eclesiais de Base, dos ministérios leigos e dos conselhos paroquiais.
 - A greve dos metalúrgicos do ABC, São Paulo, em 1979.
 - O despertar através do questionamento teórico, sem ligação com uma prática: mais raro.

10. O MÉTODO VER-JULGAR-AGIR

É o método escolhido pela P. J. Nacional. Consiste em:

- estudar a situação concreta (VER),
- examinar essa situação à luz dos princípios (JULGAR) e
- determinar o que se pode e se deve fazer (AGIR).

6

FORMAÇÃO TEÓRICA: VISÃO ESTRUTURAL

1 A análise estrutural



Vimos a importância de testar nossas idéias pelo contato contínuo com a realidade, usando um processo de reflexão/ação. Mas não é suficiente. *É impossível entender a realidade de nossa sociedade se nos restringirmos a fatos isolados.*

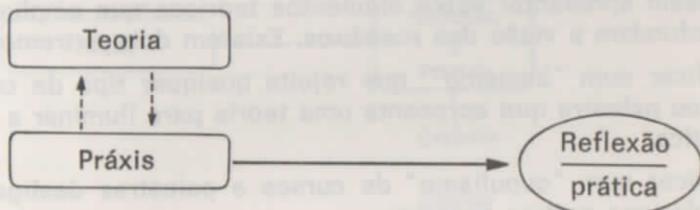
Estamos na situação da pessoa que vê somente as árvores e não enxerga a floresta, ou na de um jovem que brinca com as peças de um grande quebra-cabeça, mas não consegue *juntar as peças para ter uma visão do conjunto*. Nas palavras de um jovem: "A gente vai levando pedrada a vida toda e achando que as culpadas são as pedras, isto é, um chefe de seção, um policial, um funcionário público"

Para ter consciência crítica é fundamental a compreensão do funcionamento dos mecanismos de exploração na sociedade capitalista em que vivemos. Sem esta análise estrutural ficamos com as peças do quebra-cabeça nas mãos, mas desprovidos de uma idéia do conjunto. Somos incapazes de analisar a fundo os fatos e acontecimentos ao nosso redor.

O sucesso de permanência nos grupos de jovens está diretamente ligado ao avanço de uma consciência crítica que enxerga causas estruturais e dentro da qual acontece, também, uma conversão cada vez mais profunda a Jesus Cristo, que é resposta aos anseios de liberdade do jovem.

TEORIA E PRÁXIS

Portanto, na medida em que avançamos através do processo de reflexão sobre nossa ação ou prática, é necessário ter acesso a uma teoria que explique a realidade que nos cerca de maneira mais ampla e científica. Esta teoria deve ser uma teoria teológica, bíblica e sociológica. Há um vaivém contínuo entre a teoria e a práxis.



Esta teoria pode ser dividida em três tipos:

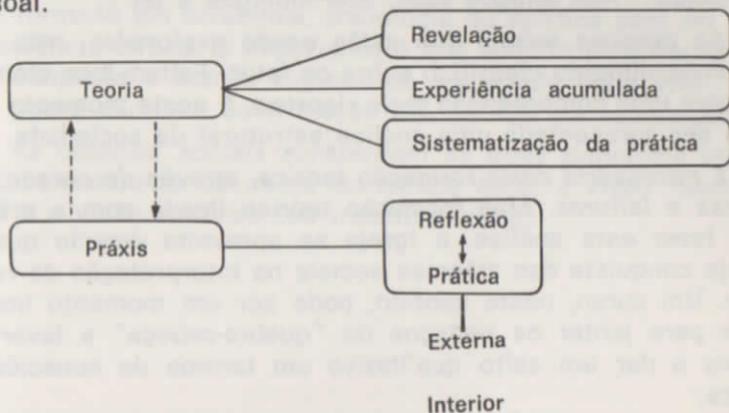
- 1) A teoria que é a sistematização da reflexão da prática. Este é o processo seguido pela P. J. hoje, em quase todos os lugares, através das assembleias anuais de avaliação e planejamento, usando o método "VER-JULGAR-AGIR". Consertam-se os erros cometidos e clareia-se, paulatinamente, o caminho a ser percorrido para chegar a uma P. J. eficaz e conseqüente. As conclusões são anotadas e divulgadas para que, na próxima assembleia, seja possível dar um passo à frente. Do contrário, a P. J. fica sempre girando no mesmo lugar, de-

bruçando-se continuamente sobre os mesmos problemas, sem abrir o leque de opções para sair das dificuldades que enfrenta. Por este motivo, a P. J. deve preocupar-se em guardar a memória histórica da sua caminhada, em todos os níveis.

- 2) Há uma outra teoria que vem da experiência acumulada da humanidade. Esta teoria tem seus momentos altos nos escritos dos grandes pensadores, como Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Pascal, Freud, Marx, Einstein etc., que também se basearam na experiência acumulada anterior. Não precisamos inventar tudo de novo. Há descobertas feitas anteriormente que podem iluminar e facilitar nossa caminhada. Um grupo, por mais que reflita sobre a sua realidade, dificilmente descobrirá sozinho a teoria que é colocada, neste sentido, para iluminar a prática. Para formar a consciência crítica, portanto, é necessário chegar a um certo nível de abstração para explicar o conjunto, senão ficamos somente em casos isolados. Para isso, devemos nos apropriar deste saber que é patrimônio cultural da humanidade.
- Algumas correntes de pensamento dentro da Pastoral não percebem esta verdade ao rejeitar cursos e palestras que possam apresentar estes elementos teóricos que ampliam e aprofundam a visão dos membros. Existem dois extremos:
- a) ficar num "basismo" que rejeita qualquer tipo de curso ou palestra que apresenta uma teoria para iluminar a prática;
 - b) ficar num "cupulismo" de cursos e palestras desligados de uma prática concreta.
- 3) Em terceiro lugar há a teoria que é a revelação de Deus para nós na Bíblia, que é também confrontada com a realidade concreta de cada povo. O Documento de Pueb!a afirma: "A evangelização é a missão fundamental da Igreja e não é possível o seu cumprimento sem que se faça o esforço permanente para reconhecer a realidade e adaptar a mensagem cristã ao homem de hoje dinâmica, atraente e convincentemente" (nº 85).

Observações importantes

- a) Devemos evitar a idéia falsa de que a colocação teórica depende do capricho do momento dos jovens. A partir de uma avaliação anual que encaminha o planejamento do novo ano devem ser encaixados o tipo de subsídios, as palestras, os cursos e os retiros que são necessários para iluminar e fazer avançar a práxis dos jovens.
- b) A reflexão em cima da prática deve ser entendida não somente no sentido de uma reflexão de uma realidade externa ao jovem, mas também de uma realidade interior. Ao procurarmos transformar a sociedade, pretendemos transformarnos também. São dois mundos a serem transformados, o mundo externo e o mundo interior: o pecado social e o pessoal.



Teoria sociológica

Em outros capítulos deste livro aprofundamos a teoria teológica e bíblica. Neste capítulo pretendemos aprofundar a teoria sociológica, que explica uma análise estrutural da sociedade.

2 Como chegar à análise estrutural

O aprofundamento desta visão das estruturas de dominação na sociedade vem através do processo de reflexão/ação. *A reflexão, a partir da ação, vai revelando as contradições dentro da sociedade e, assim, podemos descobrir as verdadeiras*

causas dos problemas sociais. Um grupo que procura melhoramentos para um bairro pobre, por exemplo, começa a se perguntar por que não consegue saneamento básico e asfalto, depois de vários anos de reivindicação, quando um novo bairro residencial começa com todas as condições de moradias, sem que se tenha de reivindicar nada. Se o dinheiro gasto pelas autoridades públicas vem dos impostos diretos e indiretos pagos por todos, sobretudo pelos trabalhadores, por que esse dinheiro não é gasto igualmente para todos os setores da sociedade?

Aprendemos que todos são iguais perante a lei. Na prática, porém, as contradições são gritantes. Um fazendeiro que atrasa vários meses o salário de fome dos seus empregados, para poder investir o dinheiro, não sofre nenhuma punição. Mas se o pobre rouba uma galinha, vai preso e é maltratado. Daí a conhecida expressão: "Aos amigos tudo; aos inimigos a lei"

As pessoas sabem que estão sendo exploradas, mas não têm entendimento científico sobre os fatos. Faltam-lhes elementos para uma compreensão mais rigorosa. É neste momento que deve ser apresentada uma análise estrutural da sociedade.

É necessária certa formação teórica, através de cursos, palestras e leituras. Mas formação teórica ligada com a práxis. Para fazer esta análise, a Igreja se aproveita daquilo que já é hoje conquista das ciências sociais na interpretação da realidade. Um curso, neste sentido, pode ser um momento importante para juntar os pedaços do "quebra-cabeça" e levar os jovens a dar um salto qu'itativo em termos de consciência crítica.

A alegria de juntar fragmentos de informações e construir um quadro para ter uma interpretação maior dá uma força enorme.

Não se deve, porém, queimar etapas e apressar este processo. *Há a tendência de querer logo "enfiar" nossa visão das coisas na cabeça dos outros.* Devemos ter a paciência de respeitar um processo em que o jovem começa a levantar suspeitas e sentir a necessidade de uma resposta mais abrangente, através de uma reflexão sobre as contradições ao seu redor.

Devemos respeitar o ritmo das pessoas, para que cada uma possa sentir a alegria de poder juntar os fragmentos de infor-

mação e enxergar uma interpretação cada vez mais ampla das coisas.

Esta descoberta de uma visão crítica se dá lentamente e é fruto de longa caminhada. Não se enfia na cabeça de alguém a visão de um outro alguém. Os jovens precisam chegar às suas próprias conclusões através de um processo de descoberta. A tentativa de conscientizar e politizar os jovens "na marra" esconde, às vezes, insegurança psicológica e necessidade de dominar os outros.

O resultado é que não se formam pessoas livres e críticas, mas sim pessoas domesticadas, que repetem chavões, para não serem mal vistas pelos outros. Diante dos primeiros obstáculos tiram o corpo fora.

É importante ressaltar que não é necessário que o jovem seja formado em economia, sociologia ou política para ter uma consciência crítica. O importante é que adquira uma noção menos simplista e menos ingênua da sociedade onde vive, para que possa dar uma contribuição útil na sua transformação.

As ciências sociais apresentam as duas principais visões do funcionamento de nossa sociedade hoje: a visão funcionalista e a visão dialética (ou transformadora).

A. VISÃO FUNCIONALISTA OU REFORMISTA

Partindo-se desta visão, entendemos que a sociedade, assim, como está organizada, está bem. *Basta que cada um desempenhe bem sua função para que haja mais progresso para todos.*

Segundo Durkheim, um dos teóricos deste modelo, a sociedade é como o animal: "Um sistema de órgãos diferentes, onde cada um tem um papel especial" Alguns órgãos sociais têm "uma situação particular e, se o quisermos, privilegiada" Essa situação é totalmente natural, funcional e inevitável: "Ela é devida à natureza do papel que preenche e não a alguma causa estranha a essas funções" Esse privilégio é, pois, um fenômeno absolutamente normal que encontramos em todo organismo vivo: "É assim que, no animal, a preeminência do sistema nervoso sobre os outros sistemas se reduz ao direito, se pudermos falar assim, de receber um alimento mais escolhido e de apanhar sua parte antes dos outros"

A sociedade pode ser também comparada a uma carro que começa a dar problemas. À medida que os problemas aparecem, devemos procurar solucioná-los. Nunca se pensa em trocar de motor ou de carro, mesmo que os consertos fiquem caros e o carro não funcione mais com eficiência.

Através desta visão, o que se deve fazer é procurar consertar os problemas dentro da sociedade à medida que eles aparecem. Quando há um problema de inflação, por exemplo, procura-se abaixar os salários e os juros.

No caso dos favelados, a solução seria não despejá-los dos terrenos públicos, ou então construir casas econômicas para eles. Mas mesmo que fossem construídas casas populares para todos os favelados — o que não acontecerá — isso não resolveria o problema. Os favelados, numa cidade como São Paulo, por exemplo, aumentam dez vezes mais do que o crescimento médio da população, e muitos também não têm condições de pagar as prestações.

Nesta visão da sociedade, *nunca se pensa em mudança do sistema todo.* A grande falha desta visão é que ela não apresenta soluções, somente aparência de solução. São soluções que atingem os efeitos, são paliativos usados para melhorar a ima-

gem antes de uma eleição, sem procurar, de fato, dar solução aos problemas como a fome, a moradia, a saúde, a educação e o salário.

Dom Aloísio Lorscheider explica bem esta visão:

"A visão dos nossos governantes, por seus poderes, é a de uma sociedade sócio-econômica-política subdesenvolvida em vias de desenvolvimento.

É a visão funcionalista da sociedade. No dia em que todos executarem bem a própria função na sociedade, teremos um país desenvolvido. Para apressar este dia, impõe-se algumas reformas do sistema, reformas não estruturais, mas apenas funcionais.

É visão que se pode encontrar bastante generalizada em países desenvolvidos. Ouve-se aí dizer que devemos ter paciência, pois há um século eles estavam onde estamos nós hoje.

Não é possível, segundo eles, queimar etapas. É preciso percorrer os vários estágios que eles percorreram.

Neste tipo de visão, o nosso subdesenvolvimento não é uma etapa casual, mas é um fenômeno por sua natureza permanente, porque é produto de determinadas situações e estruturas econômicas, sociais e políticas" (Cf. Puebla 30).

A visão reformista é uma tentativa de pintar por fora não de transformar por dentro.

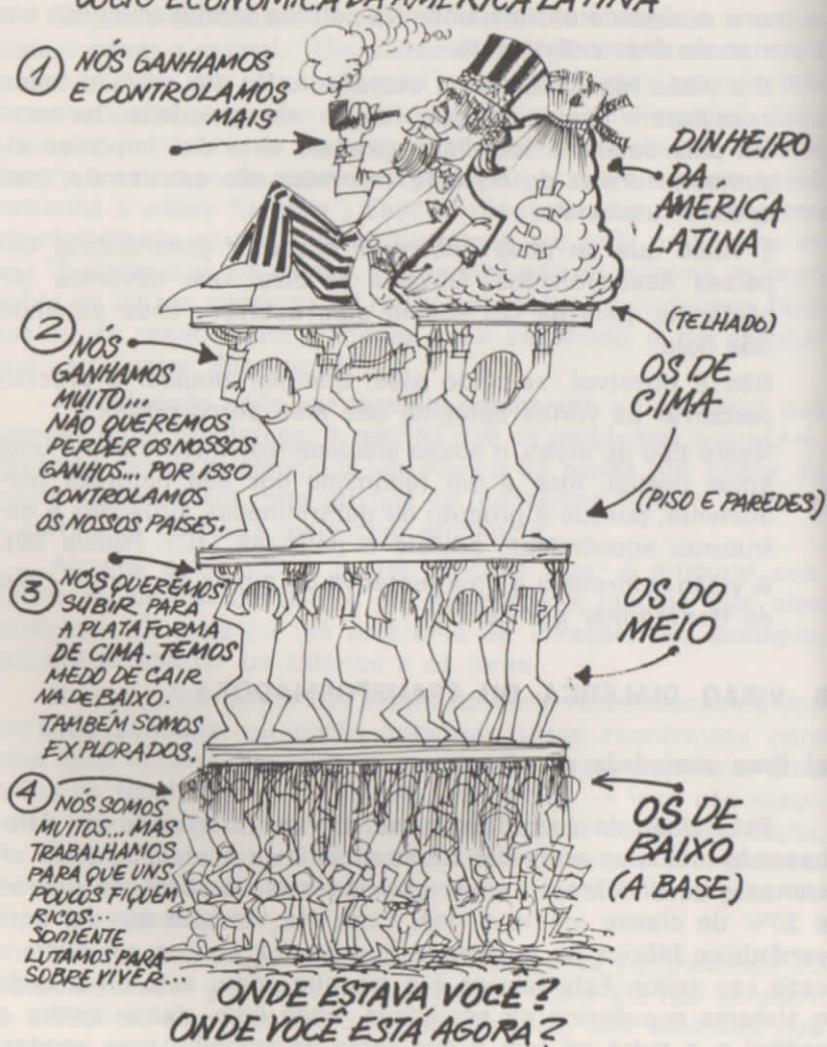
B. VISÃO DIALÉTICA OU TRANSFORMADORA

a) Uma sociedade de classes

Esta visão da sociedade parte da constatação de um fato, baseado inclusive em estatísticas oficiais: *a sociedade onde vivemos está dividida em duas grandes classes: 80% de pobres e 20% de classe média e rica. Constata também que há uma verdadeira fábrica na sociedade que produz pobres em número cada vez maior.* Esta fábrica é a maneira como está organizado o sistema econômico da sociedade, onde uma classe detém o capital e a outra só tem a sua força de trabalho para vender.

O capital, aqui, significa tudo o que produz dinheiro. São os meios de produção, as fábricas, as fazendas, os bancos, o dinheiro investido.

ASSIM ESTÁ FORMADA A ESTRUTURA SÓCIO-ECONÔMICA DA AMÉRICA LATINA



A classe que vende sua força de trabalho produz muito mais valor do que o salário que recebe. É o valor *excedente*. Quando esse valor a mais é tomado por um outro, chama-se *mais-valia*.

Uma fatia mínima vai para o trabalhador que faz "o bolo". Do resto, que é a *mais-valia*, o excedente, uma grande fatia vai para o capitalista e uma boa fatia vai para o governo através dos impostos. O governo usa esse dinheiro para pagar os funcionários públicos, as forças armadas, as escolas, os hospitais etc. A importância dos trabalhadores é evidente: são eles que produzem o bolo. Por isso, quando param, como no caso da greve dos metalúrgicos do ABC, em 1979, todo o edifício da sociedade treme. É a classe que tem mais força na sociedade para conseguir uma mudança social.

João Paulo II, na sua encíclica sobre "O Trabalho Humano" confirma esta descoberta das ciências sociais de que as *relações de trabalho* são a chave para entender a marginalização de uma massa enorme de pessoas dentro de nossa sociedade. É a chave também para descobrir soluções para tornar a vida humana mais humana.

"Então, por isso mesmo, a chave, que é o trabalho humano, assume uma importância fundamental e decisiva" (LE Nº 3).

b) O conflito entre capital e trabalho

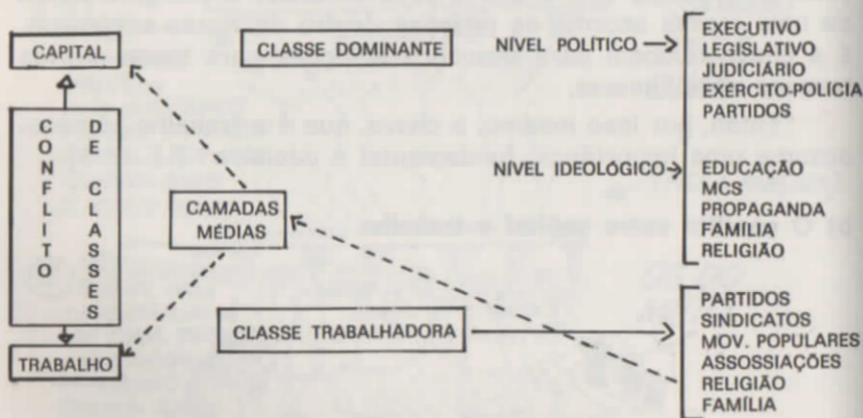


A meta do capitalista é retirar a maior soma de lucros (*mais-valia*) possível no menor tempo e com menores investimentos. Para isso, procura sempre diminuir os salários, aumentar a produção e impedir a estabilidade no emprego. É a mola-

-mestra do sistema. É o que faz o sistema funcionar. Do outro lado, os trabalhadores procuram se defender e lutar para poder ter condições dignas de vida para eles e para suas famílias. A chave para entender o funcionamento de nossa sociedade está aí: há *um conflito profundo de interesses entre a classe que detém os meios de produção (capital) e a classe que tem somente a sua força de trabalho para vender. Este conflito determina a maneira pela qual a sociedade está organizada.*

A concorrência entre capitalistas faz diminuir cada vez mais o grupo de proprietários e aumentar o número de explorados.

Os grandes grupos econômicos têm mais possibilidades de manter os seus preços elevados, porque já eliminaram seus concorrentes, ou porque podem entrar em entendimento com os poucos que sobram.



O grupo que detém o capital, para poder manter a sociedade organizada desta maneira, controla, em grande parte, o governo, a elaboração e aplicação das leis, a educação, os meios de comunicação social, as forças armadas e, até há pouco tempo, exercia grande controle sobre a religião. Para constatar tudo isso é só seguir um princípio elementar de criminalidade na procura do autor do crime: "Quem se beneficia com isso?" O povo diz: "É o dinheiro que manda."

c) A ideologia dominante

O grupo de cima procura justificar a organização da sociedade através da ideologia dominante. A ideologia, neste sentido, é uma maneira de pensar e interpretar o funcionamento da sociedade que serve aos interesses de um grupo.

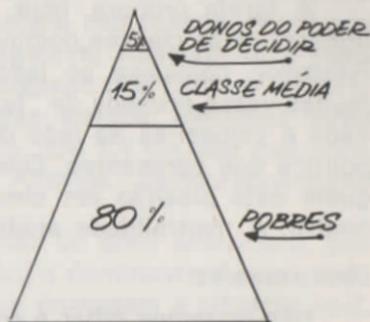
Esta interpretação é apresentada como servindo aos interesses de todos. Este processo todo, muitas vezes, é inconsciente. A ideologia procura esconder os verdadeiros mecanismos de exploração na sociedade. Apresenta, por exemplo, o governo e o aparelho do Estado como servindo a toda a população igualmente. Esta interpretação é comunicada pela família, pelos meios de comunicação social e pela educação. Procura-se, também, usar a religião para poder legitimar tal sistema.

O grupo dirigente quer mostrar também que Deus quer a sociedade assim e busca usar a religião como uma força poderosa de legitimação do sistema.

Dizem eles que a Igreja deve se preocupar somente com o espiritual, que nada tem a ver com a política; religião é

para dar conforto e paz de espírito, para trazer a reconciliação, não o conflito; que a religião deve ensinar a pessoa a ser obediente, a não reclamar, a carregar as suas cruzes nesta vida para poder receber o prêmio na outra. Usam o texto em que Jesus disse que os pobres sempre estarão conosco. Que o bom cristão deve dar esmola para os pobres. Opção pelos pobres, para eles, tem sentido espiritual. O rico também é pobre espiritual.

PIRÂMIDE SOCIAL



mente. Prega os valores de caridade, fraternidade, amor, igualdade, liberdade — mas no abstrato, nunca descendo ao homem concreto.

A Igreja procura, hoje, libertar-se dessa camisa de força imposta pelas classes dominantes e, seguindo o exemplo do seu Fundador, coloca-se ao lado das classes populares. A Igreja, muitas vezes acusada de "fazer política" percebe que não fazer nada é colocar-se ao lado dos que estão "em cima" e fazer a política dos opressores. Quem fica de espectador enquanto alguém está pisando em cima de um outro não pode se dizer neutro. A neutralidade ajuda o opressor. Quem cala consente.

Uma ressalva

Não podemos olhar a realidade como se estivesse dividida em departamentos separados e fechados (econômico, político e ideológico), nem tampouco reduzi-la a um destes níveis. Pedagogicamente, para compreender melhor a complexa realidade é que fazemos estes cortes (onde podemos constatar a importância fundamental do nível econômico). No entanto, é necessário ter claro que a realidade concreta é uma totalidade indivisível que não se pode explicar, a não ser através da interação de todos os seus aspectos.

d) Capitalismo internacional

O capitalismo internacional divide o mundo em países ricos e países pobres. Os países ricos extraem dos países pobres a matéria-prima para transformá-la em produtos manufaturados e revendê-los a estes mesmos países. Como eles têm o controle da máquina econômica, determinam o preço da matéria-prima (o mais baixo possível) e do produtos manufaturados (o mais elevado possível). Estes países ricos controlam a economia mundial por meio dos bancos (empréstimos etc), da comercialização injusta, das multinacionais que tiram e colocam suas indústrias nos países onde melhor lhes convêm, assim impondo seus preços e salários e quebrando as indústrias nacionais.

Basta uma estatística do próprio Banco Mundial para provar esta situação de dependência na qual é mantido o Terceiro Mundo: na década de 50, a renda per capita dos ricos era 10 vezes a dos pobres. Em 1965, era 15 vezes. A calcular até o ano 2000, será 30 vezes.

Os países do Primeiro Mundo rico controlam, também, o sistema político dos países do Terceiro Mundo. É conhecido, por exemplo, o envolvimento das multinacionais e da CIA dos Estados Unidos na derrubada de governos eleitos pelo povo em vários países da América Latina, porque não mais serviam aos seus interesses econômicos. O presidente Reagan foi o mais explícito possível, ao ser eleito presidente dos Estados Unidos, comprometendo-se a apoiar ditaduras amigas. Escolheu como secretário de Estado Alexander Haig, que foi um dos que colaborou na derrubada de Salvador Allende, democraticamente eleito presidente do povo chileno.

Aqui falamos de um sistema, não do povo americano, que é também iludido pela mesma ideologia dominante a serviço do poder econômico. São poucos os que enxergam a situação real. Este número, porém, tende a aumentar e a se posicionar através de cartas, cursos, palestras, artigos, grupos, passeatas.

É importante que as pessoas do Terceiro Mundo reconheçam o esforço de grupos conscientes do Primeiro Mundo, para desmascarar e mudar o sistema de dominação e somar forças com eles.

e) Juízo ético da Igreja



Diante desta faixa, erguida pelo povo de Terezina, o Papa João Paulo II rezou: "Pai Santo, o povo passa fome"

A sociedade assim organizada só pode ser um escândalo para os cristãos. Paulo VI disse que os pobres estão cada vez mais pobres e os ricos cada vez mais ricos, ao que João Paulo II completou: " à custa dos pobres"

O Documento de Puebla condena os dois grandes sistemas econômicos e políticos no mundo, hoje: o capitalismo liberal e o comunismo. Frequentemente, porém, percebe-se, dentro do sistema capitalista em que vivemos, formas de anticomunismo que não passam de meios para encobrir a injustiça e proteger interesses egoístas.

Falando aos camponeses, nas Filipinas, João Paulo II afirma:

"A terra é um presente de Deus para toda a humanidade e não para alguns apenas.

É inadmissível! que esse presente seja empregado de tal forma que os benefícios que produz sejam aproveitados apenas por um número limitado de pessoas, excluindo a grande maioria"

O livro *Fé Cristã e Compromisso Social*, lançado pela CNBB no início de 1982, afirma: "Implanta-se aqui o capitalismo no que ele tem como marca essencial, a hegemonia absoluta do capital sobre o trabalho, através da instrumentalização do poder político"

Na sua encíclica sobre "O Trabalho Humano" João Paulo II faz uma afirmação surpreendente: nossa fidelidade a Cristo é medida pelo nosso apoio à luta operária!

"Tal solidariedade deverá fazer sentir a sua presença onde a exijam a degradação social do homem-sujeito do trabalho, a exploração dos trabalhadores e as zonas crescentes de miséria e mesmo de fome. A Igreja acha-se vivamente empenhada nesta causa, porque a considera como sua missão, seu serviço e como *comprovação da sua fidelidade a Cristo*, para assim ser verdadeiramente a "Igreja dos Pobres"

f) Temos a capacidade técnica

Em Puebla se visualiza um novo tipo de sociedade: "a civilização de amor" que se faz através da "participação e da comunhão"

Hoje, mais do que nunca, o homem tem a possibilidade técnica e recursos para criar esta sociedade nova. A revista "New Internationalist" coloca sucintamente o problema:

"O dinheiro necessário para providenciar suficiente alimento, água, educação, saúde e moradia para todas as pessoas no mundo foi calculado em 17 bilhões de dólares por ano. É uma grande soma de dinheiro. mais ou menos o mesmo tanto que o mundo gasta em armas a cada 15 dias" (New Internationalist" novembro de 1981).

O relatório Brandt afirma que o custo de um tanque moderno seria suficiente para construir 1000 salas de aula para 30.000 crianças.

O problema de uma sociedade nova, portanto, não é um problema técnico ou de recursos. *É essencialmente um problema político*, de como organizar a sociedade e como definir prioridades e para quem se destina essa organização.

A Nicarágua, por exemplo, depois da revolução, abaixou seu índice de analfabetismo de 54% para 12% em seis meses.

É necessário eliminar o domínio secreto de um pequeno grupo que detém grande poder econômico e cujas decisões determinam a sorte de milhões, sem que eles mesmos sejam responsáveis por ninguém.

Há necessidade de uma nova ordem que seja diferente de um sistema baseado apenas no lucro, na concorrência, na sobrevivência do mais forte. É necessário o estabelecimento de uma ordem econômica mais racional e que esteja a serviço das necessidades do povo todo, e não de um pequeno grupo de privilegiados.

O povo precisa ter possibilidade real de controlar tanto o poder econômico quanto o poder político.

Como será esta nova ordem? Será um tipo de socialismo que ainda está para nascer?

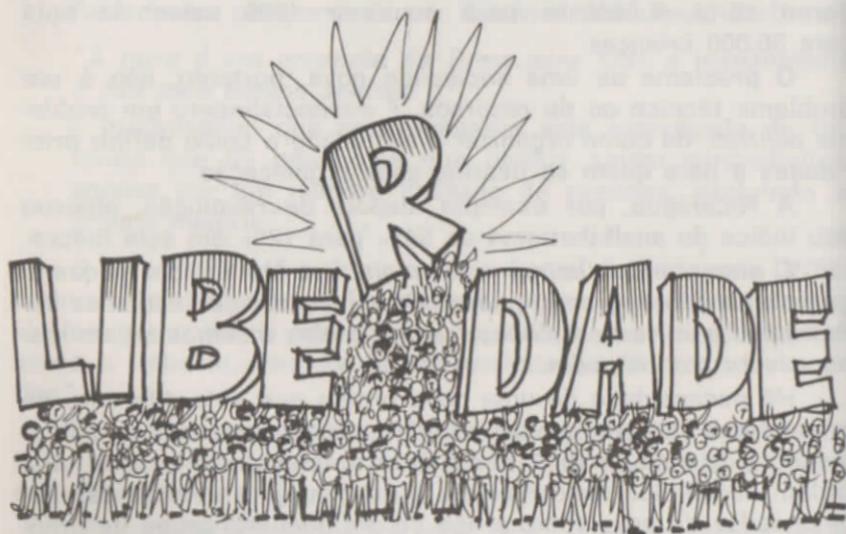
g) Pressão de baixo

Como isso vai acontecer, o teólogo Clodovis Boff explica:

"Temos aqui que ser dialéticos e perceber que dentro do próprio capitalismo surgem as condições para derrubá-lo. O capitalismo se vence a partir de dentro. As melhorias de salário, das condições de trabalho e da vida em geral são sempre am-

bíguas: podem levar apenas ao reformismo se se contentarem só com reformas; mas podem levar também à transformação do sistema se se situam numa dinâmica política de longo a'cance. A questão não é: 'reforma ou revolução' Mas: reforma reformista (quando se fica na conquista imediata) ou reforma revolucionária (quando se visa o sistema)"

A sociedade nova surgirá à medida que o povo não mais se contentar com esmola, mas passar a exigir seus direitos; não mais esperar que um dia a democracia caia do céu, sobre nossas cabeças, como prêmio por bom comportamento.



A liberdade é uma conquista, não algo dado. Quando alguma coisa é dada, pode ser tirada com a mesma facilidade.

A história dos países que conseguiram melhorar a qualidade do seu nível de vida mostra que todas as grandes *conquistas vieram através de lutas sociais conduzidas pelos sindicatos e movimentos populares independentes.*

Na sua mensagem para o dia 1º de janeiro de 1982 (o dia mundial da Paz) o Papa afirma que os cristãos "têm o direito e o dever de usar os meios apropriados contra um agressor injusto, para proteger sua existência e liberdade"

Essa luta do povo não se baseia no ódio aos que detêm o poder. Os que estão "em cima" também são vítimas de um sis-

tema irracional, mesmo que sejam beneficiados por ele. Muitas vezes não enxergam o funcionamento dos mecanismos de dominação. Convertê-los significa levá-los a enxergar isso e a mudar de vida. Como uma criança que nunca foi disciplinada pe'os pais dificilmente aprende a amar, também quem está "em cima" somente terá possibilidades de se converter à medida que sofrer a pressão dos que estão embaixo.

O sujeito da história é o povo todo que vai ganhando consciência, vai se organizando em grupos intermediários, nos movimentos populares, nos sindicatos, nas associações de bairro, nos partidos.

A Igreja, porém, não tem um projeto concreto para uma sociedade nova. Não é sua função. Apresenta apenas princípios e valores que são do Reino.

A fé, portanto, precisa de uma mediação prática. Essa mediação prática é um instrumento político concreto (partido ou movimento) com um programa definido (projeto, estratégia, tática etc.) que ajudarão os cristãos a encarnar a sua fé na sociedade onde vivem. A Igreja, enquanto hierarquia, não faz uma opção partidária. Essa opção é feita pelos leigos à medida que se engajarem no mundo em vista da construção do Reino e sentirem necessidade de uma mediação prática para encarnar a sua fé

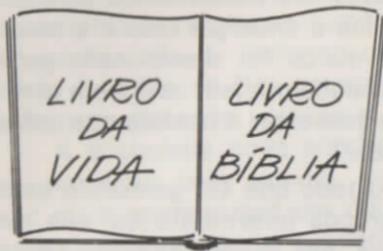
h) Visão de conjuntura

Não basta, porém, uma visão estrutural do sistema sócio-político-econômico, que é a mesma em muitos países do mundo. É preciso saber também como funciona esse sistema neste momento histórico, na sociedade de que participamos. Quem é quem? O que se chama visão de conjuntura.

Participando de um curso para coordenadores de comunidades de jovens de uma certa diocese, em 1980, descobri que dos 43 coordenadores presentes, somente quatro tinham tomado conhecimento do cancelamento das eleições municipais.

As pessoas que não procuram se informar e participar ativamente dos acontecimentos acabam sendo facilmente manipuladas por grupos que nem sempre têm em mente os interesses do povo. Hitler dizia: "Um homem bem informado é muito perigoso"

C. VISÃO A PARTIR DA REVELAÇÃO DE DEUS



A formação teórica envolve uma visão científica do funcionamento da sociedade, mas também a revelação direta de Deus contida na Bíblia. É como se Deus tivesse escrito dois livros, o livro da vida e o livro da Bíblia, um complementando o outro.

Precisamos consultar o livro da vida para que o livro da Bíblia seja uma resposta aos problemas reais do homem. O livro da Bíblia, por exemplo, não contém uma análise estrutural da sociedade. São os cientistas sociais que nos fornecem isso para que a Palavra de Deus não fique como algo vindo das nuvens, mas que tenha credibilidade e seja resposta significativa para o homem de hoje.

Carlos Mesters explica:

"O objetivo da leitura da Bíblia não é só conhecer a Bíblia, mas é sobretudo ESCUTAR Deus, hoje. Para que a leitura possa atingir esse objetivo, a *Bíblia* deve ser lida dentro da *comunidade* e a partir da *realidade*. A realidade toca a corda da Bíblia, esticada sobre a caixa de ressonância da comunidade, e produz a música do apelo de Deus.

O ângulo da *comunidade* indica o ambiente de fé e de oração, onde sopra o Espírito Santo que abre os olhos. O ângulo da *Bíblia* indica o texto escrito, a situação histórica do povo daquele tempo; indica ainda o estudo que se faz do texto, o uso da inteligência e das ciências. O ângulo da *realidade* indica a

situação do povo de hoje; indica os fatos e a história da nossa vida; indica o "lugar" social de onde se lê a Bíblia. Quando se faz a leitura da Bíblia, estas três coisas devem estar presentes.



Qualquer encontro, círculo ou curso bíblico deveria ser uma integração destes três critérios. É claro que o acento cairá ora num ângulo, ora noutra; isto dependerá das circunstâncias"

Atividades complementares

À medida que os jovens vão avançando numa visão mais crítica da sociedade, faz-se necessário também um aprofundamento teórico dos dados básicos da fé (catequese). Se não tiverem uma formação teórica de Bíblia, de teologia e de oração, que corresponda à sua práxis, os jovens não vão resistir às tentativas de outros grupos que têm a mesma práxis que vão procurar "fazer as suas cabeças". Perdendo estes jovens, estaremos desempenhando o papel de preparar lideranças que, depois, abandonarão a sua vivência de fé e passarão para grupos que nem sempre respeitam o povo como sujeito da história. Essa formação teórica e religiosa estará ligada também a uma formação científica, como foi explicado anteriormente.

Essas atividades poderão ser:

- Cursos sobre a Bíblia
- Cursos sobre a realidade brasileira
- Cursos sobre a Teologia de Libertação
- Escola da Fé
- Palestras
- Subsídios para reuniões de grupo
- Leitura individual (biblioteca, etc)
- Debates

3 Processo pedagógico libertador

Há necessidade urgente, dentro da P. J., da elaboração e *organização de um processo pedagógico libertador* que não caia numa Pastoral somente de cursos, mas que privilegie a prática. Não se pode esperar levar adiante uma P. J. séria na base da espontaneidade. Nossos grupos de base não podem mais viver de um domingo para outro, às vezes chegando ao absurdo de se perguntarem antes de iniciar uma reunião: "O que vamos dis-

cutir hoje?" Sem uma séria continuidade não haverá uma séria formação.

Como resolver essa tensão? Não há fórmula mágica. Temos de caminhar, aproveitando os momentos de avaliação e revisão para equilibrar as coisas. Mas é importante entender que esta tensão é natural e sadia. Um padre deu a seguinte explicação: *"Temos de colocar as melancias na carroça, e elas vão se ajustando no caminho"*

No processo de avaliação e revisão, a presença de um coordenador ou de um assessor com capacidade de discernimento é a chave para que a Pastoral de Juventude caminhe a passos seguros.

Às vezes, por exemplo, nossos grupos de base discutem trechos da Bíblia, mas sem entender o que a Bíblia é, de onde veio, como interpretá-la, quais são seus grandes temas. É o momento de organizar uma palestra sobre o assunto ou um curso bíblico.

Os cursos, neste processo, procurarão sempre partir da prática dos jovens. Poderemos usar também uma variedade de técnicas, com a participação ativa dos cursistas. Cursos que são repetidos procuram sempre adaptar os seus roteiros a novas realidades.

Os cursos não podem ser muito freqüentes, para não absorver grande parte do tempo dos jovens e, assim, atrapalhar o ritmo do trabalho de base.

É importante que a Pastoral incentive e providencie a leitura de bons livros.

A coordenação diocesana ou regional deveria organizar cursos e subsídios para garantir um processo pedagógico permanente para os grupos de base.

4 Aparelho de conversa

Outro fator importante no desenvolvimento da consciência crítica é o que o teólogo Pe. Libânio chama de "aparelho de conversa". Se os jovens, nos seus ambientes de trabalho, estudo, bairro e família, estão cercados por conversas que exprimem os valores, linguagem e problemas da ideologia dominante, preci-

sam montar então outro "aparelho de conversa" Sem isso, eles não terão onde se apoiar e como se defender dos falsos valores que lhes são impostos.

Por esse motivo, é fundamental que os jovens da Pastoral se encontrem com freqüência: contatos formais, reuniões, cursos, assembléias e ações organizadas, e contatos informais, visitas, bate-papos. Para isso é necessário um lugar mais ou menos fixo, onde os jovens possam se encontrar.

Os jovens mais avançados também necessitam de contatos entre si. Devem ter alguns cursos, reuniões e atividades onde isso seja possível.

A mola-mestra de um processo pedagógico que procura integrar tudo isso vai ser um bom planejamento e um sério trabalho de acompanhamento.

5. Opção pelos pobres

Tanto uma visão da sociedade partindo da realidade, quanto uma visão partindo da Bíblia nos levará a uma conclusão única: os cristãos, hoje, têm de fazer uma opção preferencial pelos pobres.



É o impulso que animou as grandes mudanças na sociedade deste século e que acabou com muitos privilégios.

O tema: "Igreja dos pobres" começou a ser usado com grande frequência depois do Vaticano II. A Igreja descobriu que se identificava com as classes médias e altas da sociedade e que desconhecia os problemas e interesses da grande massa de pobres.

OS POBRES APARECEM, EM MUITOS CASOS, COMO UM RESULTADO DA VIOLAÇÃO DA DIGNIDADE DO TRABALHO HUMANO...



O CONFLITO ENTRE O "MUNDO DO CAPITAL" E O "MUNDO DO TRABALHO" FOI ORIGINADO PELO FATO DE QUE OS OPERÁRIOS PUNHAM AS SUAS FORÇAS À DISPOSIÇÃO DOS GRUPOS DOS PAÍSES E EMPREENSORES, E DE QUE ESTES GUIADOS PELO PRINCÍPIO DO MAIOR LUCRO NA PROPRIEDADE, PROCURAVAM MANTER O MAIS BAIXO POSSÍVEL O SALÁRIO PARA O TRABALHO EXECUTADO PELOS OPERÁRIOS...



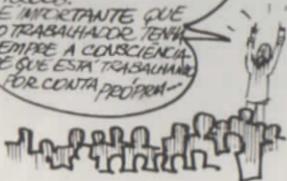
A CONSIDERAÇÃO DO MESMO PROBLEMA NÃO CONFIRMA NEM A CONVICTÃO QUANTO À PRIORIDADE DO TRABALHO HUMANO NO CONTRAPONTO COM AQUELO QUE, COM O TEMPO, PASSOU A SER HABITUAL - CHAMAR-SE "CAPITAL". CONTINUA SENDO ACEITÁVEL A POSIÇÃO...



...O CAPITALISMO RÍGIDO QUE DEFENDE O DIREITO EXCLUSIVO DA PROPRIEDADE DOS MEIOS DE PRODUÇÃO COM UM DOGMA INDEBÍVEL NA VIDA ECONÔMICA! SURGE O DIREITO DE ASSOCIAÇÃO...



...QUER DIZER, O DIREITO DE FORMAR ASSOCIAÇÕES OU SINDICATOS, COM A FINALIDADE DE DEFENDER OS INTERESSES VITAIS DOS HOMENS ENTREGADOS AOS DIFERENTES PROFISSÕES. É IMPORTANTE QUE O TRABALHADOR TENHA SEMPRE A CONSCIÊNCIA DE QUE ESTÁ TRABALHANDO POR CONTA PRÓPRIA...



NÃO ADIANTA PRENDER O CABA. O DISCURSO NÃO É DELE, SÃO PALAVRAS DO PAPA JOÃO PAULO II NA ENCLÍCICA SOBRE O TRABALHO DO HOMEM!



"A Igreja" afirma Paulo VI, "tem o dever de anunciar a libertação de milhões de seres humanos, sendo muitos destes seus filhos" (EN 30).

Os bispos da América Latina, em *Puebla*, fizeram sua "opção preferencial pelos pobres" partindo da realidade da crescente miséria no continente e da clara opção feita por Deus no Antigo Testamento (os pobres são os prediletos de Deus) e por Jesus Cristo no Novo Testamento (Cristo se identifica com o pobre: "Quem rejeitar um desses pequeninos, me rejeita").

Só uma opção decidida pelos pobres, que procure transformar a sociedade a partir das causas sócio-políticas e econômicas que produzem a pobreza, poderá mudar o rosto sofredor do homem latino-americano e trazer esperança de melhores dias para o nosso continente.

A. TRÊS QUESTÕES PRELIMINARES

Há três questões preliminares que precisam ser esclarecidas:

a) Opção pelos pobres não é glorificação da pobreza.

A pobreza não é uma virtude. É uma ofensa a Deus. Opção pelos pobres significa colocar-se do lado deles para eliminar a pobreza.

b) Não criar uma imagem romântica do pobre.

Essa imagem não corresponde à realidade. O pobre tem introjetado nele a ideologia que faz com que se identifique com a classe dominante que o explora. Ao lado da simplicidade, da hospitalidade, da sinceridade, co-existem o medo, a alienação, a resignação, a submissão à autoridade, o desejo de imitar os valores e modelos da classe opressora e o desejo de oprimir e explorar quem está por baixo dele.

c) Relação com a classe média.

Não é verdade o que alguns afirmam que as classes populares sozinhas farão acontecer uma sociedade nova; que a classe média é vendida aos interesses da classe dominante e só atrapalha. Se isso fosse verdade, a nova sociedade teria aconte-

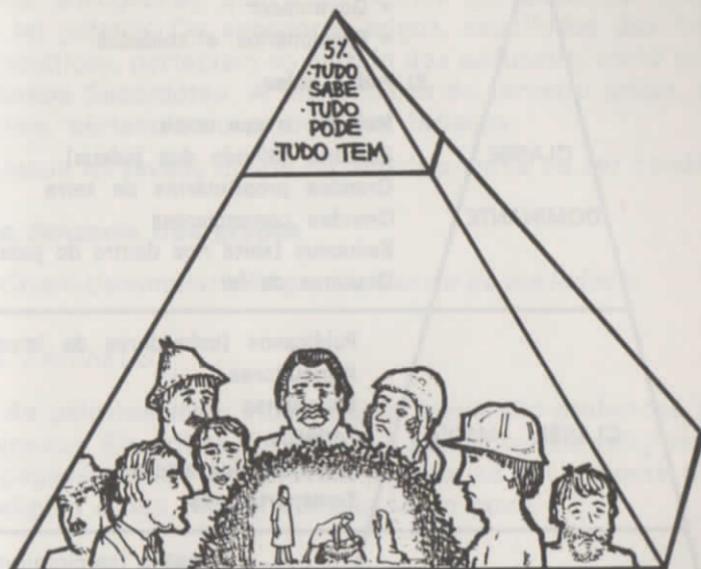
cido há tempo. Seguir esta linha de pensamento é fazer demagogia do pobre. Historicamente, a maior parte das lideranças das classes populares vieram da classe média, por ser ela que tem os instrumentos de análise da realidade, o preparo intelectual, o acesso às informações e a independência econômica, necessários para qualquer engajamento de conseqüência. Embora a classe média, como classe, dificilmente se converta, há dentro dela muitos elementos que se comprometem ao lado dos mais pobres. É, porém, importante fazer uma distinção no tocante à classe média. Os elementos desta classe de primeira geração dificilmente se convertem. Eles não têm visão global do funcionamento dos mecanismos de dominação na sociedade e, conseqüentemente, pensam que, como subiram na escala social, também todos os pobres podem. Dizem que para o pobre "só falta boa vontade, esforço e iniciativa" São os elementos da segunda geração da classe média que se convertem com mais facilidade. São os jovens, os filhos da primeira geração, que através dos seus estudos, contatos e idealismo têm acesso a outra interpretação dos acontecimentos. Por outro lado, as classes populares são importantes, pois sem elas não se realiza uma transformação.

B. LEITURA DA BÍBLIA A PARTIR DO POBRE

Atentos a esses três critérios, temos de rever a leitura que estamos fazendo da Bíblia.

A Bíblia tem de ser lida a partir da ótica do pobre, e não a partir da ideologia da classe dominante. Quem lê a Bíblia a partir do seu contato com o sofrimento das classes populares tira uma mensagem diferente daquele que a lê a partir do seu contato unicamente com uma classe abastada, onde os valores e as preocupações são outras. Um camponês que assistiu à missa em duas igrejas, no mesmo dia, descobriu esta verdade: "Do jeito que o padre, na primeira missa, explicou o Evangelho, ele ficou do lado do pobre. Do jeito que o padre, na segunda missa, explicou o Evangelho, ele ficou do lado do patrão"

Todos nós conhecemos exemplos de cristãos que tiram da Bíblia a mensagem que convém aos seus próprios interesses. Este processo normalmente é inconsciente.



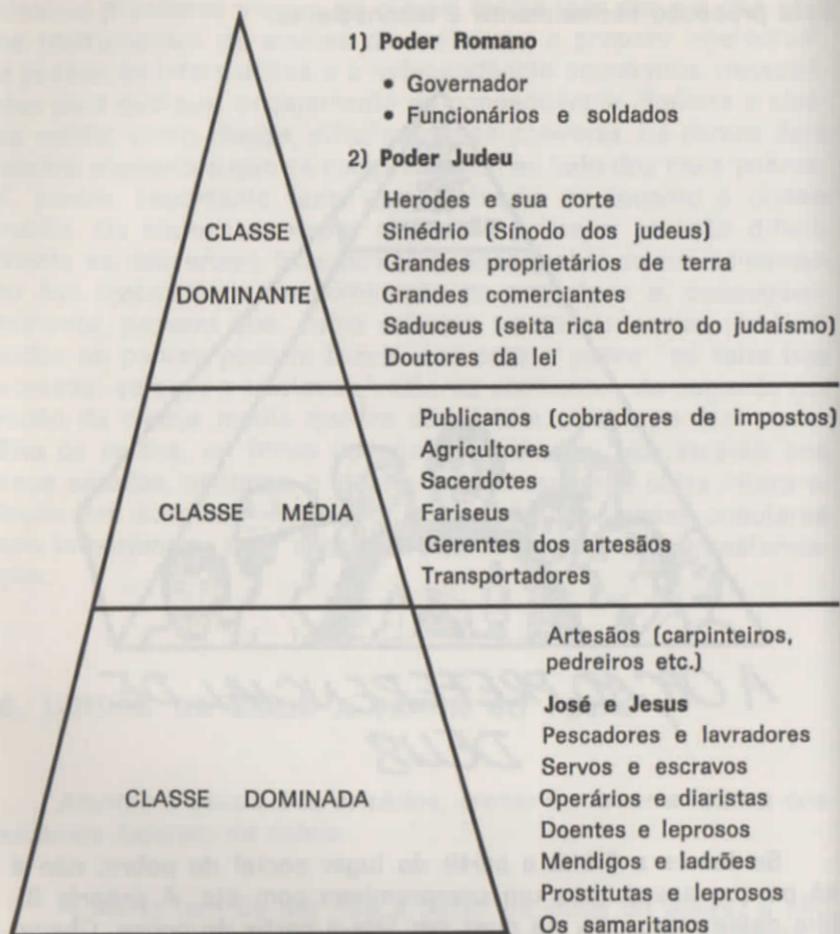
A OPÇÃO PREFERENCIAL DE DEUS

Se lemos a Bíblia a partir do lugar social do pobre, não é só porque assumimos um compromisso com ele. A própria Bíblia deixa claro que ela quer ser lida a partir do pobre. Chegamos a esta conclusão partindo do princípio de que todo livro quer ser lido a partir do contexto social em que foi escrito.

Segundo este princípio, *é indiscutível que a Bíblia quer ser lida a partir dos oprimidos*. Jesus nasceu no meio dos pobres e se colocou do lado deles.

“Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e doutores e as revelaste aos pequeninos” (Mt 11,25).

C. AS CLASSES SOCIAIS NO TEMPO DE JESUS



O lugar social onde foi escrito o Evangelho torna-se muito claro quando examinamos a divisão de classes no tempo de Jesus.

Desde 64 A.C. os judeus eram dominados pelo imperialismo romano. O imperador nomeava os poderosos (Herodes, Pilatos, Sumo Sacerdote). Os romanos, no entanto, deixavam os judeus com certa liberdade. Estes governavam através do seu Sinédrio.

O Sinédrio representava o senado dos judeus e consistia num grande conselho de 72 membros, sob a presidência do Sumo Sacerdote. Este conselho era composto por três grupos: os Sumos Sacerdotes, os senadores leigos (anciãos) e os escribas (sábios, advogados), que eram peritos em questões religiosas e na lei judaica. Os senadores leigos, escolhidos das famílias aristocráticas, pertenciam ao partido dos saduceus, como também os Sumos Sacerdotes. A maior parte do terceiro grupo, o dos escribas, pertencia ao partido dos fariseus.

Jesus foi levado diante do Sinédrio antes de ser condenado.

Jesus denuncia três grupos

Cristo denunciou três grupos dentro da sociedade:

• OS FARISEUS

As palavras mais violentas de Jesus são proferidas contra os fariseus. Ele critica duramente a sua hipocrisia religiosa. Eles se apegavam à lei, procuravam projetar-se socialmente através da religião e não tinham compaixão do povo.

• OS RICOS

Jesus diz que é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no céu. Assim acontece na parábola do rico e de Lázaro. O pobre Lázaro queria comer das migalhas da mesa do rico, mas não podia. O rico não tem nome e paga pela sua insensibilidade (Lc 16,19-31).

• OS PODEROSOS

Jesus, preso e levado diante do rei Herodes, contesta a sua autoridade pelo seu silêncio.

A questão fundamental para nós é a classe social em que Jesus se encarnou e com a qual se identificava.

Nasceu num abrigo para animais de uma família operária. Seu pai, José, era carpinteiro. Logo depois do seu nascimento, a sua família precisou exilar-se num outro país por causa de uma

perseguição política. Escolheu seu grupo mais íntimo, os doze companheiros, no meio do povo simples: alguns poucos são escolhidos na classe média.

Na suas pregações Jesus usa imagens da vida do povo.

Jesus não critica diretamente o sistema sócio-político-econômico do seu tempo. *Ele não identificou a sua proposta com nenhuma proposta política daquele tempo.* Ele vai mais a fundo. Ele faz uma crítica que serve para os sistemas e regimes de qualquer nação, de qualquer período da história. Ele apresenta o Reino. *Ai o homem está no centro de tudo e o poder é usado para servir.* Ele defende os explorados contra os exploradores. Apresenta uma religião onde só é possível chegar a Deus através do amor ao próximo. Jesus desmascarou uma religião que era usada para legitimar uma sociedade injusta. Curou os doentes justamente para se opor aos fariseus, que diziam que a doença era castigo de Deus. Anunciou um Reino que não se esgota nesta vida. Jesus devolveu ao povo sobre o direito de ser povo de Deus, que toma em suas mãos a direção da história e que procura realizar o projeto de Deus: uma sociedade de irmãos.

6 Classes sociais

Para que nossa opção pelos pobres seja realmente eficaz, é fundamental que distingamos entre dois tipos de jovens dentro da P. J.: os jovens das *classes populares* e os jovens da *classe média*. O método de conscientização será diferente dependendo da classe social a que pertence o jovem.

O V Encontro Nacional da P. J. (de 1984) coloca a "necessidade de uma organização, em separado, dos jovens do meio popular e das demais classes, como resposta ao conflito de classes existente na sociedade. Esta separação facilita uma pedagogia mais adequada para cada classe social.

Dentro deste modo de organização da P. J. encontram-se duas maneiras diferentes de levar em conta uma separação relativa das classes sociais no processo de iniciação:

- a) Uma *separação menos exigente* na articulação da P. J. O espaço de organização em separado acontece:

por grupos de jovens;
por bairros ou paróquias;
por setores pastorais, com composição social diferente;
através de assembleias, encontros de formação em que se abrem espaços para que os jovens de cada classe possam refletir sobre a sua realidade.

- b) Uma *separação mais exigente*. Nesta segunda maneira, uma das correntes da Pastoral de Juventude do Meio Popular (PJMP) organiza uma estrutura de acompanhamento de assembleias, subsídios, cursos etc., para os jovens do meio popular e propõe que os jovens de outras classes se articulem a partir da ótica do oprimido" Esta corrente, porém, ainda não encontrou uma fórmula para se articular dentro de uma Pastoral Orgânica de Juventude. A experiência dos últimos anos parece mostrar que uma separação rígida das classes sociais *não* favorece o desenvolvimento de uma Pastoral conseqüente e ampla de Juventude.

A. PRIMEIRO PASSO

Juntar jovens de acordo com a sua classe social. Esta tarefa é facilitada pelo fato de que normalmente os jovens das classes populares estão confinados, em grande parte, em bairros e paróquias de periferia, e os jovens de classe média residem em bairros mais centrais. A própria organização pastoral, muitas vezes, facilita esse trabalho, já que há essa divisão em regiões pastorais de periferia e regiões pastorais do centro. É nas periferias das grandes cidades que normalmente se localizam os grandes bolsões de pobreza. Não se trata aqui de insistir numa separação rígida e artificial sobretudo em lugares em que a composição social está muito mixta.

A unidade de caminhada é mantida por uma coordenação geral.

B. SEGUNDO PASSO

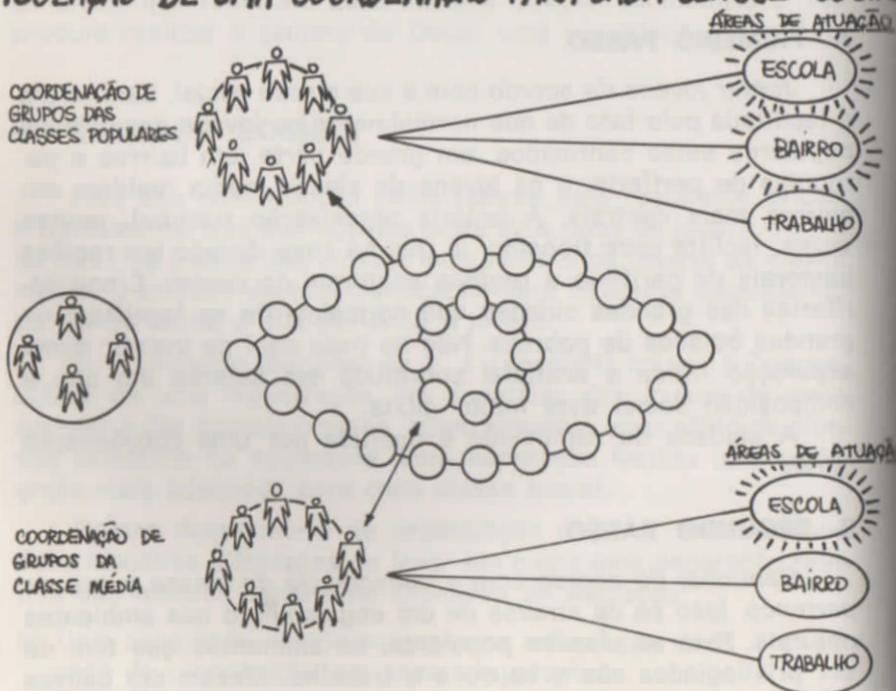
Caminhar de acordo com a consciência da classe a que se pertence. Isso se dá através de um engajamento nos ambientes naturais. Para as classes populares, os ambientes que têm de ser privilegiados são o bairro e o trabalho. Moram em bairros onde precisam reivindicar quase tudo.

Sua situação de operário exige um engajamento nos sindicatos e associações da classe. Os jovens da classe média privilegiam o ambiente natural de estudantes (muitas vezes, moram em bairros que têm tudo em termos de infra estrutura). O contato da classe média com as classes populares traz problemas e tem de ser bem acompanhado para evitar a dominação cultural. O esforço de muitos jovens de classe média que, por exemplo, têm procurado ajudar nas favelas sem a devida preparação e acompanhamento, muitas vezes não tem dado bons resultados.

Os jovens da classe média, por que têm mais acesso à leitura e a outros meios de comunicação, são também mais sensíveis a reivindicações políticas, tipo anistia, direitos humanos, voto direto.

Podemos representar graficamente esta articulação por classes sociais.

ARTICULAÇÃO DE UMA COORDENAÇÃO PARA CADA CLASSE SOCIAL



C. O PORQUÊ DE UM TRABALHO POR CLASSE SOCIAL

a) Consciência da sua classe

O motivo principal de um trabalho por classe social é que a metodologia de conscientização, que leva cada classe a fazer sua opção pelos pobres como classe oprimida, é diferente em cada caso.

A posição que ocupamos dentro da sociedade determina nossos valores e ideologias. Os valores da ideologia dominante estão muito mais dentro de nós do que podemos imaginar.

Os jovens de classe média precisam tomar consciência da classe social a que pertencem dentro da sociedade. Devem mudar de lugar social e começar a lutar a partir do ponto de vista dos pobres, do ângulo de visão de um barraco de favela, e não de cima de um prédio de luxo numa grande cidade. O jovem tem de se comprometer com as lutas de reivindicação da classe oprimida.

Mudando de lugar social teremos uma visão diferente das coisas. Significa mexer com a nossa estrutura mental e fazer uma revolução mental. Pobre não é, então, vagabundo e preguiçoso, como pensávamos antes, mas fruto de um sistema que o explora. Isso nos levará a concluir que, numa sociedade de conflito, onde uma classe oprime outra, é mesmo impossível ficar "em cima do muro" e declarar-se neutro. Neutralidade significa, na prática, estar contra os pobres.

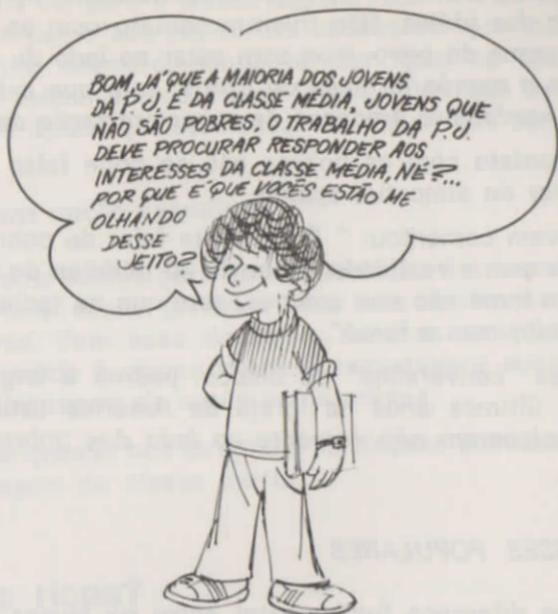
É preciso que nos coloquemos do lado da classe explorada para construir a sociedade a partir dela, com a mesma confiança de Maria que acreditou que Deus "derruba dos seus tronos os poderosos e exalta os humildes"

A mudança de lugar social nos fará compreender que o medo, o individualismo, a desconfiança, o desejo de subir na vida, a busca de soluções imediatistas e egoístas vêm, em grande parte, de uma ideologia dominante introjetada pelo sistema tanto no rico como no pobre. A mudança de lugar social nos fará entender que até a religião pode ser usada para legitimar posições de pessoas, de grupos, dentro de um sistema injusto.

A IGREJA E A CONSCIÊNCIA DE CLASSE

Entendemos a consciência de classe no sentido explicado pela Conferência dos Bispos do Brasil, em seu documento *Diretrizes Gerais da Ação Pastoral do Brasil*:

"Observa-se, no setor social, uma transformação de importantes conseqüências pastorais: a nucleação das bases vem-se operando mais em termos de comunidade do que em termos de classe. Esse fenômeno ocorre principalmente nos meios rurais e periferias urbanas. Demonstra-se com isso a força aglutinadora da *consciência comunitária*. Por outro lado, sendo o trabalho a chave essencial de toda a questão social, é fundamental não subestimar a *importância da mobilização solidária dos trabalhadores*, como tais, na luta justa pelo reconhecimento de sua dignidade e da dignidade do seu trabalho, através de suas organizações próprias. O fortalecimento da consciência comunitária não deve esvaziar a consciência de classe, porque só esta tem condições de enfrentar os problemas globais e de prazo mais longo. Não condiz com as diretrizes e o espírito da 'Laborem Exercens' pensar que a consciência de classe conduza inevitavelmente à luta de classes, no sentido insurrecional do termo. Com efeito, segundo a mesma encíclica, os *problemas da relação entre o trabalho e o capital não serão resolvidos pelo esvaziamento da consciência de classe, mas, ao contrário, pelo seu amadurecimento, que a prepara para os confrontos inerentes a toda democracia* empenhada na realização do bem comum, isto é, do bem de todos, sem discriminações"



• MUDANÇA FÍSICA

Para que a mudança de lugar social seja verdadeira conversão à justiça, é necessário também uma mudança física, no sentido de *contato com os pobres*.

Mudando de lugar social, descobrimos que, enquanto queremos evangelizar os pobres, *são eles na realidade que nos evangelizam*. Os pobres são uma presença que nos questiona, são a "crítica ambulante" do sistema social. Eles "roncam" o tempo todo, enquanto estamos procurando "sonhar" ou "dormir"

Destroem nossa tranqüilidade e nossa tentativa de esconder os problemas para podermos viver num mundo de paz ilusória.

A consciência crítica pode surgir a partir das idéias, mas o mal é que ela permanece no mundo das idéias. Daí a importância da tese dos teólogos da América Latina de que é *necessário aproximar-se das classes populares e deixar-se ser bombardeado pelas experiências, valores e idéias dessas classes*, para que se possa enxergar a realidade.

É o caso de muitos movimentos de estudantes de "vanguarda" do passado e mesmo de hoje! A consciência, para eles, surgia a partir das idéias. Não tiveram contato com as bases. Falavam em nome do povo, mas sem estar ao lado do povo. Queriam salvar o mundo na base de gritos, sem que antes tivesse havido um verdadeiro processo de conscientização das bases.

Sem contato com os pobres não se pode falar em opção. Pode-se falar de simpatia, apenas.

Um jovem comentou: " É diferente falar de pobres e ter o contato cru com a realidade. Falar de 40 milhões de brasileiros que passam fome não nos comove, sem que se tenha experiência ou contato com a fome "

Grandes "conversões" de bispos, padres e leigos aconteceram nos últimos anos na Igreja da América Latina quando estes se colocaram *não somente ao lado dos pobres, mas do lado deles.*

• AS CLASSES POPULARES

Há uma diferença fundamental entre os jovens da classe média e os das classes populares. *Os jovens das classes populares* não precisam mudar de lugar físico. Já fazem parte da classe pobre. O primeiro passo para eles é tomar consciência da classe a que pertencem como classe explorada e *unir-se à sua classe.* Mas os jovens das classes populares têm de fazer uma mudança ideológica, expulsando os valores de uma ideologia dominante introjetada neles.

Nos jovens das classes populares as contradições são mais facilmente percebidas e, portanto, a mudança ideológica encontrará menos obstáculos.

b) "Abafar" as classes populares

O segundo motivo: quando se procura levar adiante uma P. J. que não leva em conta as classes sociais, *os jovens da classe média acabam tomando conta e "abafando" os jovens das classes populares,* que se sentem inferiorizados pela sua falta de "cultura", de facilidade de expressão e de capacidade de desen-

volver uma argumentação complicada. Quando um jovem de classe média vai para a classe popular, ele tem de estar preparado e entender o seu papel. Um intelectual que trabalha com operários, por exemplo, nunca vai ser igual ao operário. Seu papel é de mediação, de trazer informações que os operários não têm, de ajudar a sistematizar as idéias dos operários etc.

c) Evitar uma opção camuflada

O terceiro motivo para esta articulação é a necessidade de passar de uma opção genérica para uma opção mais concreta pelos pobres. Sem essa *distinção*, fazemos uma *Pastoral unicamente dirigida à classe média e camuflamos nosso trabalho com uma linguagem de opção pelos pobres*.

Mesmo quando nos dirigimos às classes populares, usamos uma linguagem de classe média.

7 E os ricos?

É uma pergunta que sempre surge. Será que a Igreja agora vai abandonar os ricos? Em primeiro lugar, a maior parte dos recursos da Igreja ainda estão voltados para os ricos, que são uma pequena porcentagem da população. No passado, a Igreja optou pelos poderosos, na esperança de que eles usassem a sua influência para mudar a sociedade. Agora, depois de constatar o fracasso dessa atitude, a Igreja percebe, junto com os cientistas sociais modernos, que uma mudança para o bem do povo todo só poderá vir das camadas populares.

A Igreja continua dirigindo o convite de conversão aos ricos, como fez o senhor do grande banquete. *Eles também têm de fazer a opção pelos pobres para serem salvos*. Se a grande maioria recusa o convite, como se vê na parábola, de quem é a culpa? Quem quer fazer do seu lucro um Deus não pode, ao mesmo tempo, aceitar o Deus de Jesus Cristo. "Ninguém pode servir a dois senhores. Não podeis servir a Deus e ao dinheiro" (Mt 6,24).

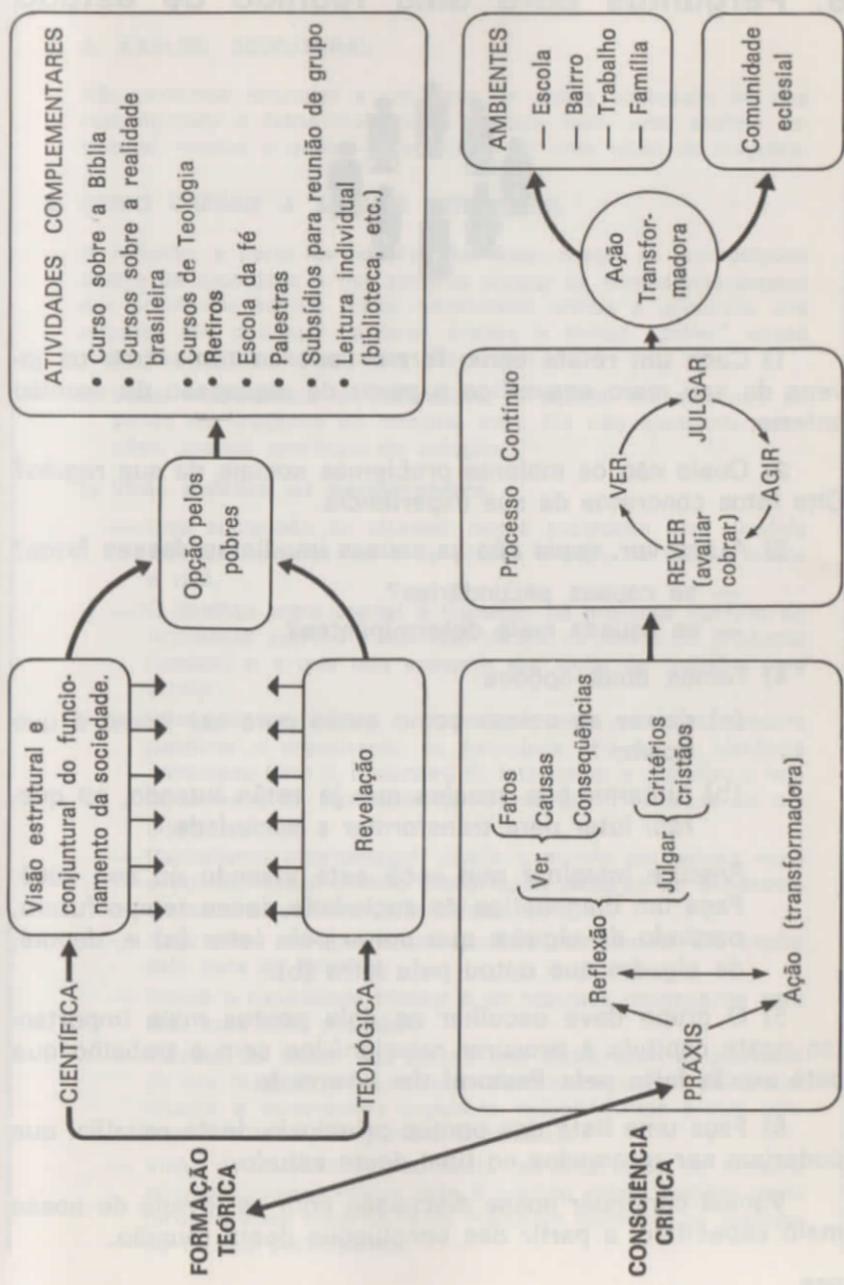
Jesus algumas vezes, foi recebido em casa dos ricos, mas aproveitava-se disso para dar a eles o seu "recado". Zaqueu, por exemplo, prometeu reembolsar quatro vezes mais as pessoas que ele tinha roubado e distribuir a metade dos seus bens aos pobres. Mas Zaqueu foi um dos poucos que entendeu o "recado" de Jesus.

A opção da Igreja não é uma opção contra o rico, como pessoa. É uma opção pela verdade. O rico também é oprimido pelo sistema que produz e que leva sempre a aumentar a riqueza às custas dos pobres. Puseram na cabeça dele que o importante é ser rico e o sentido da vida se resume nisso.

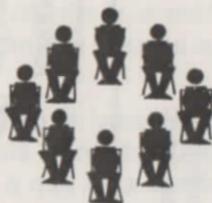
Conversão ao Evangelho de Jesus Cristo significa que o rico tem de *descobrir um jeito de se juntar ao pobre* e com ele lutar para mudar o sistema que oprime um e outro.

Claro que é muito mais difícil enxergar a necessidade de uma mudança social sentado ao lado de uma piscina bebendo uísque, do que sentando numa favela vendo os filhos passar necessidade.

Podemos resumir os últimos dois capítulos no gráfico da página seguinte.



8. Perguntas para uma reunião de estudo



1) Cada um relate como foram seus contatos com os jovens do seu meio específico a partir da discussão da reunião anterior.

2) Quais são os maiores problemas sociais da sua região? Cite fatos concretos da sua experiência.

3) A seu ver, quais são as causas imediatas desses fatos?

— as causas secundárias?

— as causas mais determinantes?

4) Temos duas opções:

(a) deixar as coisas como estão para ver como é que ficam;

(b) juntarmo-nos àqueles que já estão lutando, ou querem lutar para transformar a sociedade.

Procure imaginar que você está vivendo no ano 2000. Faça um diagnóstico da sociedade desse tempo futuro, partindo de alguém que optou pela letra (a) e, depois, de alguém que optou pela letra (b).

5) O grupo deve escolher os dois pontos mais importantes neste capítulo e procurar relacioná-los com o trabalho que está sendo feito pela Pastoral de Juventude.

6) Faça uma lista dos pontos principais desta reunião, que poderiam ser retomados no final deste estudo.

Vamos continuar nossa discussão com os jovens de nosso meio específico, a partir das conclusões desta reunião.

RESUMINDO

1. A ANÁLISE ESTRUTURAL

Não podemos entender a realidade de nossa sociedade se nos restringirmos a fatos isolados. É preciso fazer uma análise estrutural, montar o quebra-cabeça para ter uma visão do conjunto.

2. COMO CHEGAR À ANÁLISE ESTRUTURAL

A reflexão, a partir da ação e dos fatos, revela as contradições dentro da sociedade e nos permite chegar às verdadeiras causas dos problemas sociais. Essa consciência crítica é adquirida aos poucos: não podemos queimar etapas e tentar "enfiar" nossa visão das coisas nas cabeças dos outros.

a) **Visão funcionalista ou reformista:** é aquela em que não se pensa em mudança do sistema todo. Ela não apresenta soluções, apenas aparência de solução.

b) **Visão dialética ou transformadora:**

- Uma sociedade de classes: nossa sociedade está dividida em duas classes: 80% de pobres e 20% de classe média e rica.
- O conflito entre capital e trabalho: há profundo conflito de interesses entre a classe que detém os meios de produção (capital) e a que tem somente sua força de trabalho para vender.
- Ideologia dominante: o grupo que está por cima procura justificar a organização da sociedade através da ideologia dominante (isto é, a maneira de interpretar e camuflar o funcionamento da sociedade que serve aos interesses de um grupo).
- Capitalismo internacional: divide o mundo em países ricos e pobres. Estes últimos estão numa situação de dependência com relação aos países ricos.
- Juízo ético da Igreja: tal situação constitui-se em escândalo para os cristãos.
- Temos a capacidade técnica e os recursos necessários para criar uma nova sociedade.
- Pressão de baixo: nos países que melhoraram a qualidade do seu nível de vida, as lutas sociais conduzidas pelos sindicatos e movimentos populares independentes é que conseguiram todas as grandes conquistas.
- Visão de conjuntura: não basta ter uma visão do sistema sócio-político-econômico, mas é preciso saber também como funciona esse sistema neste momento histórico, na sociedade de que participamos.

- c) **Visão a partir da revelação de Deus:** precisamos ler o livro da vida para que a Bíblia seja uma resposta aos problemas reais do homem. A Bíblia deve ser lida dentro da comunidade e a partir da realidade.

Atividades complementares: a formação da consciência crítica deve estar ligada a um aprofundamento teórico dos dados básicos da fé (catequese) e a uma visão científica do funcionamento da sociedade. São as atividades complementares, como cursos, palestras, debates etc.

3. PROCESSO PEDAGÓGICO LIBERTADOR

Esse processo pedagógico libertador não deve cair numa Pastoral só de cursos, mas que privilegie a prática.

4. APARELHOS DE CONVERSA

É necessário criar um espaço onde o jovem possa participar de um outro aparelho de conversa que não exprima os valores, a linguagem e os problemas da ideologia dominante.

5. OPÇÃO PELOS POBRES

Só ela, com o objetivo de transformar a sociedade a partir das causas sócio-políticas e econômicas que produzem a pobreza, poderá mudar a situação do latino-americano.

a) Três questões preliminares:

- opção pelos pobres não é glorificação da pobreza, pois esta não é virtude, é uma ofensa a Deus. Optar pelos pobres significa pôr-se ao lado e do lado deles para eliminar a pobreza;
- não devemos criar uma imagem romântica do pobre, o que não corresponde à realidade;
- o relacionamento com a classe média é importante, pois ela tem os instrumentos pedagógicos necessários para qualquer engajamento de consequência. Os elementos da segunda geração da classe média é que se convertem mais facilmente.

- b) **Leitura da Bíblia a partir do pobre:** ela não deve ser lida a partir da ótica da ideologia dominante.

- c) **As classes sociais no tempo de Jesus:** os judeus eram dominados pelo imperialismo romano. O Sinédrio representava o senado e era presidido pelo Sumo Sacerdote (que era nomeado pelo imperador romano).

Jesus denuncia três grupos: os fariseus, os ricos e os poderosos. No entanto, Ele não identificou sua proposta com nenhuma proposta política daquele tempo: a crítica que fez serve para os sistemas e regimes de qualquer nação e de qualquer época. O homem está no centro de tudo e o poder é usado para servir.

6. CLASSES SOCIAIS

Dentro da P. J. temos jovens das classes populares e jovens da classe média. É necessário fazer essa distinção para que nossa opção pelos pobres seja realmente eficaz.

- a) **Primeiro passo:** juntar jovens de acordo com a sua classe social.
b) **Segundo passo:** caminhar de acordo com a consciência da classe a que se pertence.

c) O porquê de um trabalho por classe social:

- Consciência de sua classe: os jovens da classe média precisam tomar consciência da classe a que pertencem e mudar de lugar social para ter uma visão diferente das coisas. É necessária também uma mudança física, no sentido de contato com os pobres. Os jovens das classes populares, por sua vez, não precisam mudar de lugar físico, já que pertencem à classe pobre.
- "Abafar" as classes populares: é a tendência dos jovens da classe média que, por possuírem maiores recursos intelectuais e materiais, procuram "abafar" os jovens das classes populares.
- Evitar uma opção camuflada: há necessidade de passar de uma opção genérica para uma opção mais concreta pelos pobres.

7. E OS RICOS?

A Igreja continua convidando os ricos para que se convertam. A Igreja de hoje percebe que uma mudança para o bem do povo só poderá vir das camadas populares. Mas os ricos também são oprimidos pelo sistema que produz e que leva sempre a aumentar a riqueza às custas dos pobres. O rico tem de descobrir um meio de se juntar ao pobre e com ele lutar para mudar o sistema que oprime um e outro.

7

COMO ORGANIZAR A AÇÃO

1 Ação transformadora

Algumas vezes falamos de "ação transformadora" mas sem esclarecer seu sentido exato.

Para entender melhor o que significa uma ação transformadora, vamos examinar o seu contrário: uma ação assistencialista ou paternalista.

A. AÇÃO ASSISTENCIALISTA

Uma ação assistencialista é uma ação conservadora, que contribui para a conservação das relações de dominação na sociedade. É fazer tudo para que tudo permaneça como está. Nessa visão não se pode despertar o povo para uma visão crítica da sociedade, para que ele seja o sujeito de sua história. Nessa visão *não se pode ajudar o povo a pensar*. Pelo contrário, tem-se de impedir que ele enxergue *as causas profundas* dos problemas que o afligem. Não há, também, continuidade na ação. Atividades desenvolvidas pelo grupão de jovens, como campanhas de agasalho, visitas a creches, muitas vezes caem nesta categoria.

Um outro exemplo: a campanha do "quilo" para uma favela. Esta ação irá atender a uma necessidade imediata das pessoas. Esta necessidade, porém, vem de uma situação injusta. A campanha do "quilo" pode ser uma maneira de esconder a injustiça e também de acomodar as pessoas, em vez de conscientizá-las. Na verdade, esse tipo de ação serve para aliviar a consciência das pessoas que a realizam.

Alguém comparou uma ação assistencialista a um grupo de pessoas que fica em volta de um fogão, fritando bolinhos, enquanto a casa está pegando fogo.

Diante da atuação de um desses grupos, uma jovem comentou: "Estes jovens não estão ligados com a vida. Não despertaram para o mundo; não perceberam ainda que os problemas deles são o resultado dessa sociedade injusta"

Não é por isso que vamos condenar todas as campanhas de "quilo" que são feitas em muitas paróquias. O problema surge quando essas campanhas são feitas sem nenhuma visão crítica do funcionamento da sociedade e quando não há nenhum esforço para atingir as raízes dos problemas.

Uma campanha nacional lançada pela TV Globo, em 1979, para comemorar o *Ano Internacional da Criança* e para ajudar 16 milhões de menores abandonados no país, mostrou a futilidade e a força alienadora desse tipo de campanha. Durante a campanha, que contou com a animação do Roberto Carlos, não houve nenhuma referência às causas sócio-político-econômicas que fabricam tantos menores abandonados. Nada se falou do problema dos salários baixos, que não será resolvido com esmola. O resultado da campanha foi uma grande promoção para os organizadores e doadores de cheques. Vale a mesma crítica para as campanhas de agasalho organizadas pelas autoridades no tempo do frio.

O jovem que desperta para a consciência crítica vai percebendo que *pode gastar a vida inteira procurando resolver "casos" isolados, mas sem resolver nada.*

É como colocar bacia debaixo de goteira e não se resolver a consertar o telhado.

B. AS CARACTERÍSTICAS DE UMA AÇÃO TRANSFORMADORA

- A ação transformadora é, antes de tudo, libertadora, ao passo que a ação assistencialista é conservadora.
- O povo é o sujeito da ação transformadora. Ela é feita "com" o povo, e não "para" o povo.
- É planejada "com" o povo.
- Parte das necessidades mais sentidas pelas pessoas.
- Ação que vai às raízes dos problemas.
- Faz participar o maior número de pessoas, porque há uma distribuição de tarefas e, por isso, cada pessoa se sente valorizada.

- Trata-se de um processo lento. O jovem tem de estar preparado a não esperar grandes resultados imediatos. Talvez tenha de esperar uma vida inteira para ver uma mudança significativa da sociedade. Esse processo é semelhante ao de uma planta: se ficarmos olhando o dia inteiro para ver o progresso da planta, não veremos nada, mas sabemos que o seu crescimento é contínuo. Uma jovem descreveu a ação transformadora como o "trabalho de formiguinha, que age no silêncio, conscientizando"
- Na ação transformadora há continuidade através do processo ação/reflexão.
- Ela é desenvolvida, muitas vezes, com a participação de grupos não-cristãos, mas que, na prática, estão também trabalhando para o bem do povo.
- É uma ação constantemente avaliada por todos, e não só pela cúpula.
- É uma ação que o jovem desenvolve na comunidade e, principalmente, nos seus ambientes naturais: escola, bairro, trabalho, e família.

2. A ação solidária

O fato de o jovem se preocupar com desenvolver uma ação transformadora não significa que vai deixar de atender a um caso urgente de fome ou doença. Trata-se, então, de um ato de solidariedade, e não de ação assistencialista. Objetivamente, a ação assistencialista e a ação de solidariedade podem ser semelhantes. Vai depender de a ação de solidariedade ser feita a partir de uma visão crítica da realidade. O jovem sabe que seu gesto não vai mudar nada, mas seu sentimento de solidariedade exige que ele dê a mão a um irmão necessitado. Daí a diferença importante entre grupos cristãos e outros grupos não-cristãos que também procuram construir uma sociedade mais justa. Para estes últimos, o pobre é interessante à medida que pode ser usado como força de pressão para transformar a sociedade. Para os cristãos, no entanto, *o pobre tem valor em si*, por ter sido criado à imagem de Deus, e não somente como meio para alcançar nossos objetivos. Não é por causa do ideal de uma ação transformadora que vou deixar de fazer pequenos gestos de

solidariedade, como ajudar alguém caído na rua ou dar de comer a alguém que está passando fome.

Um exemplo de ação de solidariedade mais ligado a uma ação transformadora foi o caso dos muitos grupos de base que colaboraram com as campanhas de alimentos e fundos de greve para ajudar os metalúrgicos grevistas do ABC, em 1980.

Às vezes, uma ação assistencial pode ser importante no início, para que os jovens tomem contato com os problemas antes de iniciar um trabalho mais concreto. Um grupo de jovens visitou um orfanato, brincou com as crianças e ficou muito feliz ao ver a alegria delas. Planejou então voltar lá uma vez por mês. Depois de algumas visitas, houve uma reunião de avaliação para refletir sobre o "porquê" de tantos órfãos, a eficácia das visitas, as falhas da direção do orfanato. Discutiram a possibilidade de uma ação transformadora a partir da experiência adquirida. O que, no início, parecia tão assistencialista, tornou-se elemento de transformação.

Um outro grupo fez uma campanha para comprar um barraco numa favela para uma família pobre. Foi um meio de levar o grupo a se interessar pelos problemas sociais e a iniciar um trabalho mais transformador em favela.

No fundo, o que diferencia uma ação assistencialista de uma ação transformadora não é tanto a ação em si, mas o fato de ser *uma ação avaliada criticamente*: o acompanhamento que vai se dar à ação, a avaliação da mesma em vista de se atingir o objetivo de transformação.

Às vezes, uma ação parece transformadora e não é. Foi o caso de um grupo de jovens que vendeu bônus para ajudar os operários numa greve. Os jovens não refletiram sobre o "porquê" da sua ação. Participaram, simplesmente, porque acharam "o maior barato"

Como se vê, não é o tipo de ação que o grupo de jovens procura desenvolver que é o mais importante. O importante é que a ação seja avaliada continuamente. Só assim ações que, no início, são assistencialistas vão sendo substituídas por ações de transformação. De tudo isso fica um critério para o nosso trabalho:

Diante de cada ação devemos nos perguntar: transformar o quê? para quê? com quem? por quê? para quem?

3 Como desenvolver uma ação transformadora

Os jovens, muitas vezes, pensam que uma ação transformadora é um "bicho de sete cabeças". Pensam que eles sozinhos têm de mudar o mundo de um momento para outro. Essa atitude é resultado da impaciência, característica da idade.

Uma ação transformadora *não dá resultado a curto prazo*, e isso desanima. Uma ação assistencialista, pelo contrário, dá resultado imediato. Ao visitar uma creche, por exemplo, sentimo-nos recompensados pelo sorriso das crianças.

A ação transformadora exige paciência.

Por isso um jovem desabafou: "Ora bolas! É difícil lutar por alguma coisa que talvez só meus filhos ou netos vão ver"

O grupo de jovens deve assumir uma ação à altura do grupo e não uma tarefa exigente demais que possa até destruir o grupo.

Um exemplo claro disso é a ação de um grupo que, ao se revoltar com as más condições de um colégio, logo partiu para organizar uma greve geral. Resultado: o grupo todo foi mandado embora. Um marxista assim comentou a ação do grupo: "Essa é a maneira burguesa de fazer as revoluções tontas. Se esse grupo tivesse agido com inteligência, teria conscientizado os outros jovens, aos poucos; teria pego, pouco a pouco, a estrutura e, quando eles tivessem dado o golpe, toda a estrutura teria caído. A única coisa que conseguiram fazer com a greve geral foi reforçar a estrutura opressora da escola"

A. CHUTADORES DE COLMEIAS

Fizeram como aquele que, para se livrar de um ninho de abelhas, deu um chute nele. Temos de tomar cuidado para não sermos "chutadores de colmeias". Aprendemos que não se toca onça com vara curta.

A formação dos militantes jovens servirá para eles mesmos no futuro e, um dia, como adultos, poderão fazer ações maiores para mudar as estruturas. Um padre que trabalhava com a JEC e a JUC, por volta de 1964, constatou que, apesar de esses movimentos terem terminado, um grande número dos seus membros passou para outros movimentos e continuou o seu ideal

de transformar a sociedade. Mesmo os que não passaram para outros movimentos continuam até hoje a realizar alguma ação válida nos seus ambientes.

Quando se propõe aos jovens uma ação acima de sua capacidade, eles têm a tentação de fugir, de se acomodar ou de cair no intelectualismo. Ficam só nas idéias. Quando colocamos diante dos jovens uma meta, aparentemente impossível, há o perigo de acontecer algo semelhante ao que se faz com os animais usados em laboratórios para experiências. Quando lhes são apresentados problemas aparentemente sem solução, ficam deprimidos, fingem desconhecer o problema, ou correm de um lado para outro, desorientados.

A maneira de trabalhar do cupim pode nos ensinar muito. Ele vai trabalhando "por baixo", comendo por dentro a madeira do telhado e das vigas do prédio. Assim, quando vem a tempestade, tudo cai com facilidade.

B. ENGAJAMENTO NOS AMBIENTES NATURAIS



O que existe no momento em quase todo lugar é uma P. J. geral, vaga, indefinida, onde cabe tudo. Os jovens usam a expressão: "*P. J. saco de gato*"

Para superar esta heterogeneidade, a P. J. propõe um compromisso transformador nos ambientes naturais do jovem de bairro (favelas, cortiços, quarteirões), trabalho e escola (colégio, universidade). É nos ambientes naturais que o jovem passa a maior parte do seu tempo, ao passo que a sua presença na comunidade eclesial se limita a algumas horas no fim de semana. Nesse sentido, não se trata de levar o jovem a um engajamento nos ambientes. *Ele já está dentro deles e já tem uma prática*, conservadora ou transformadora. É questão de refletir e avaliar essa prática, para não se tornar somente um cristão

de fim de semana. É a meta proposta por *Paulo VI*, quando declara que o campo principal de ação do leigo não é a comunidade eclesial, mas os ambientes naturais em que ele vive:

"A sua primeira e imediata tarefa não é instituição e o desenvolvimento da comunidade eclesial — esse é o papel específico dos Pastores — mas sim, o pôr em prática todas as possibilidades cristãs e evangélicas escondidas, mas já presentes e operantes, nas coisas do mundo.

O campo próprio da sua atividade evangelizadora é o mesmo mundo vasto e complicado da política, da realidade social e da vida internacional, dos meios de comunicação de massa e, ainda, outras realidades abertas para a evangelização, como o amor, a família, a educação das crianças e dos adolescentes, o trabalho profissional e o sofrimento" (EN 70).

São bastante significativas as áreas de atuação que Paulo VI coloca em primeiro lugar.

O *Cardeal Cardijn*, fundador da Juventude Operária Católica, afirma que "o apostolado fundamental, o *apostolado básico*, normal e essencial de todo leigo" é *de fazer da sua vida*, familiar, social, econômica, cívica, científica e artística, *um testemunho de fé* e uma vivência de seu cristianismo. Sem isso, as outras atividades que ele desenvolve correm o risco de serem "ineficazes e até comprometedoras" É o caso do dono de uma indústria, considerado "a estrela" da sua paróquia, participando ativamente das atividades, fazendo doação de grandes somas de dinheiro e que, no entanto, mantinha mais de 200 empregados na sua indústria sem registrá-los.

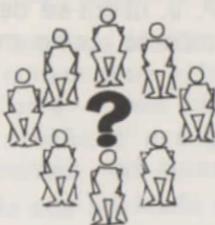
Cardijn acrescenta: "Para mim, o apostolado formalmente leigo dos leigos é a única resposta positiva ao materialismo, ao liberalismo e ao laicismo. E é ainda a única maneira prática de unir a religião à vida real e aos problemas humanos, tão profundamente sentidos e vividos pelos leigos.

Tal apostolado, torna-se dia a dia mais importante para o futuro da própria humanidade. Pois, através dele, que penetra toda a vida profana, os meios ambientes sociais, com seus problemas e suas estruturas, transformam-se, resultando numa sociedade mais humana e cristã"

Duas etapas de engajamento

Para levar os jovens a um engajamento no seu meio social, à luz do Evangelho, a P. J. utiliza-se de duas etapas diferentes, dentro de um mesmo processo, como mostraremos nos próximos capítulos.

4 Perguntas para uma reunião de estudo



1) Cada um relate como foram seus contatos com os jovens do seu meio específico a partir da última reunião.

2) Que tipo de ação seu grupo vem desenvolvendo até agora?

E os outros grupos da P. J.?

3) Como você entende uma ação transformadora?

Os contatos que você está tendo com outros jovens, no seu meio específico, podem ser considerados como contatos que visam a uma ação transformadora? Por quê?

4) Por que as pessoas fogem de uma ação transformadora?

5) Qual a importância de uma ação transformadora?

6) Qual a idéia que mais tocou você neste capítulo?

7) Faça uma lista, por ordem de importância, das conclusões do grupo.

Vamos continuar nosso bate-papo com os jovens de nosso meio específico.

RESUMINDO

1. AÇÃO TRANSFORMADORA

Para melhor entendê-la, torna-se necessário examinar o seu contrário: a ação assistencialista ou paternalista.

- a) **Ação assistencialista:** é conservadora, porque contribui para conservar as relações de dominação na sociedade. Não ajuda o povo a pensar e impede que ele enxergue as causas profundas que o afligem.
- b) **As características de uma ação transformadora:** é libertadora, feita e planejada com o povo, parte das necessidades mais sentidas das pessoas, atinge as raízes dos problemas, faz participar maior número de pessoas, é um processo lento, nela há continuidade através do processo ação/reflexão, é muitas vezes desenvolvida com a participação de grupos não-cristãos, é avaliada por todos e não só pela cúpula e é uma ação que o jovem desenvolve na comunidade e em seus ambientes naturais.

2. A AÇÃO SOLIDÁRIA

Muitas vezes se confunde com a ação assistencialista. É uma ação transformadora porque é feita a partir de uma visão crítica da realidade.

3. COMO DESENVOLVER UMA AÇÃO TRANSFORMADORA

Ela exige paciência e perseverança, pois não dá resultados imediatos como a ação assistencialista.

- a) **Chutadores de colmeias:** não devemos chutar o ninho das abelhas para nos livrarmos delas. Quando se propõe aos jovens uma ação acima de sua capacidade, eles têm a tentação de fugir, de se acomodar ou de cair no intelectualismo.
- b) **Engajamento nos ambientes naturais:** o jovem já está engajado em seu ambiente e já possui uma prática, conservadora ou transformadora. O campo principal da ação do leigo, pois, é seu ambiente natural, não a comunidade eclesial. A P. J. utiliza duas etapas para o engajamento do jovem ao seu meio social, como será estudado nos capítulos a seguir: a P. J. Geral e a P. J. Específica.

8

PROCESSO DE INICIAÇÃO PROCESSO DE MILITANCIA

1 Processo de iniciação e processo de militância

Nos anos setenta havia uma homogeneidade dentro da P. J. no Brasil, por causa da influência dos movimentos de encontro e da ausência de uma pastoral transformadora. Havia pouca diferença entre jovens iniciantes e jovens com mais tempo de grupo, em termos de uma visão mais crítica da realidade. Com a abertura política do País, a organização de uma pastoral orgânica em nível de diocese regional e, agora, nacional, e o estudo dos documentos dos últimos Papas, de Puebla e da CNBB, cresce o número de jovens que adquire uma consciência crítica da realidade e assume um compromisso coerente.

É baseado nesta nova realidade que o IV Encontro Nacional da P. J., realizado em 83, aponta dois momentos diferentes dentro da Pastoral:

- a) Processo de iniciação
- b) Processo de militância

A. PROCESSO DE INICIAÇÃO

O mesmo encontro afirma:

"O processo de iniciação dentro da P. J. é importante para não queimar as etapas pedagógicas necessárias para levar o jovem à militância. O desconhecimento ou a rejeição deste processo leva a um vanguardismo que retarda o avanço da pastoral"

O termo *Pastoral de Juventude Geral* é usado para designar este primeiro processo de iniciação.

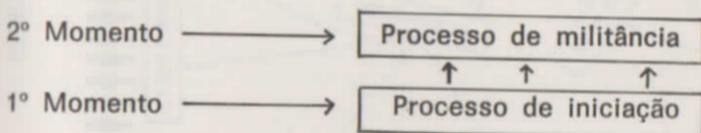
B. PROCESSO DE MILITÂNCIA

A P. J. Geral deve levar os jovens a assumir uma militância (compromisso mais forte) na sociedade ou na comunidade eclesial.

O IV Encontro Nacional da P. J. nota que "o processo de militância dos jovens que se engajam nos organismos intermediários na sociedade (sindicatos, movimentos populares, movimentos de estudantes, associações, partidos. .), a partir de uma visão de fé e da ótica das classes populares, é um desafio novo que surge dentro da Pastoral da Juventude. É o desafio de uma educação na fé que acompanha esta militância. Este segundo momento da pastoral chama-se Pastoral de Juventude Específica ou Pastoral de Juventude Especializada"

O jovem deve ser evangelizado a partir da sua vida e lugar onde passa a maior parte do seu tempo. É lá que ele tem de ser "luz" e "sal" A prioridade dada ao engajamento nos meios específicos do jovem (bairro, trabalho, escola, campo) não significa a eliminação ou o confronto com a prática na paróquia ou comunidade de base. Pelo contrário, a militância pode dar-se também dentro da comunidade eclesial, como mostra o grande número de jovens que militam na catequese e nas comunidades eclesiais de base e que escolhem a opção de uma vida de especial consagração na vida religiosa.

A militância é caracterizada por dois elementos importantes: compromisso forte a partir de uma visão de fé e consciência crítica.



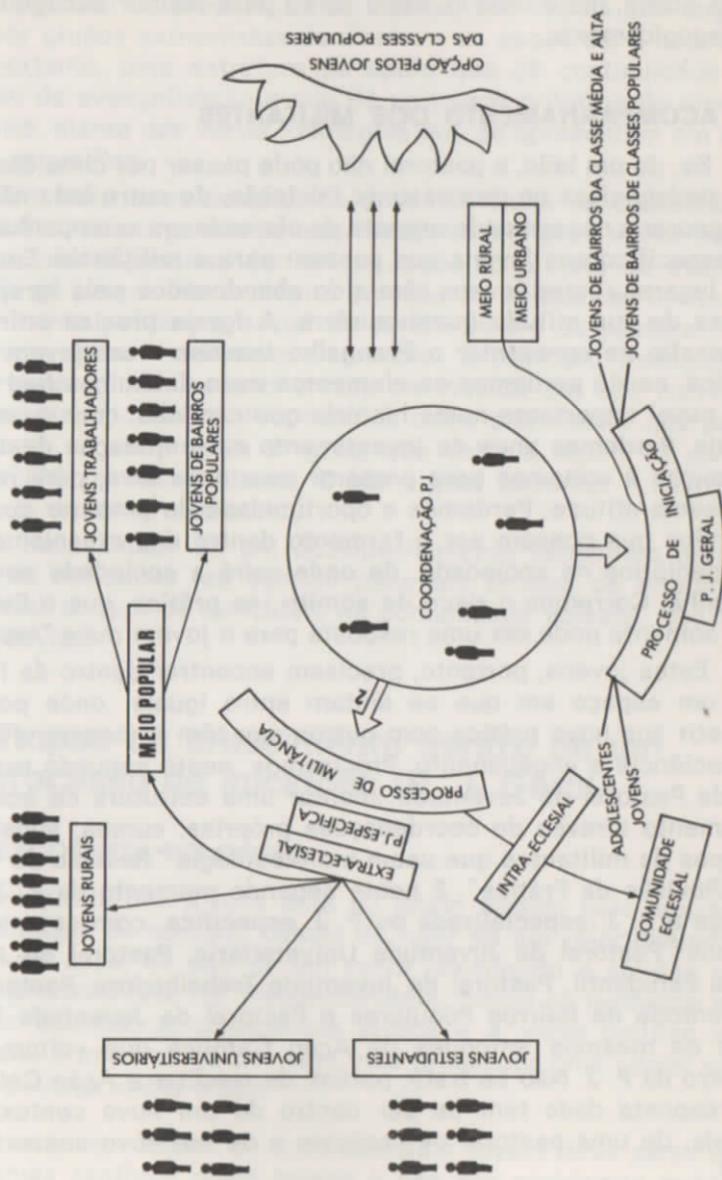
C. A IMPORTÂNCIA DESTA DISTINÇÃO

Esta distinção parece óbvia, na teoria. Na prática, porém, tem passado freqüentemente despercebida. A falta desta distinção tem provocado um retrocesso na caminhada da P. J., em

várias dioceses do Brasil, nos últimos anos, sobretudo nas grandes cidades. De um lado, os jovens que passaram para uma militância e que, normalmente, eram os jovens que ocuparam cargos de coordenação, se elitizaram e se tornaram uma vanguarda. Não percebendo que a grande massa de jovens ainda estava longe do seu nível de consciência e de compromisso, queimaram as etapas de iniciação. Caíram no cupulismo e no autoritarismo. Sem perceber, usavam as armas de um sistema que combatiam. Tentaram caminhar mais na base de "decretos" e de uma cobrança exigente, do que através de uma pedagogia que despertasse lentamente para a militância. O resultado tem sido o isolamento ou a morte lenta de muitas coordenações.

(Veja gráfico na página seguinte.)

ESTRUTURA ORGANIZATIVA DE UMA PJ DIFERENCIADA QUE LEVA EM CONTA O JOVEM SITUADO



A P. J., portanto, procura levar em conta o jovem situado (processo de iniciação, processo de militância, classes sociais, faixa etária, meio urbano, meio rural) para melhor evangelizá-lo, pedagogicamente.

D. ACOMPANHAMENTO DOS MILITANTES

Se, de um lado, a pastoral não pode passar por cima das etapas pedagógicas no processo de iniciação, de outro lado não pode ignorar a necessidade urgente de oferecer um acompanhamento específico aos jovens que passam para a militância. Em muitos lugares, estes jovens têm sido abandonados pela Igreja por causa da sua atitude questionadora. A Igreja precisa enfrentar o desafio de apresentar o Evangelho também a um jovem mais crítico, senão perdemos os elementos mais dinâmicos que terão um papel importante numa história que caminha, com ou sem a Igreja. Perdemos anos de investimento na preparação destas lideranças e voltamos para preparar uma nova leva, para repetir a mesma atitude. Perdemos a oportunidade de preparar quadros cristãos que possam ser o fermento dentro dos organismos intermediários na sociedade, de onde sairá a sociedade nova de amanhã. Corremos o risco de admitir, na prática, que o Evangelho somente pode ser uma resposta para o jovem mais "tapado".

Estes jovens, portanto, precisam encontrar dentro da Pastoral um espaço em que se sintam entre iguais, onde possam refletir sua nova prática com outros que têm o mesmo nível de consciência e engajamento. Precisamos, neste segundo momento da Pastoral de Juventude, montar uma estrutura de acompanhamento através de coordenações próprias, cursos, subsídios, grupos de militantes que usem a metodologia "Revisão de Vida" e "Revisão da Prática". É neste segundo momento da P. J. que surge a P. J. especializada ou P. J. específica, com seus vários ramos: Pastoral de Juventude Universitária, Pastoral de Juventude Estudantil, Pastoral de Juventude Trabalhadora, Pastoral de Juventude de Bairros Populares e Pastoral de Juventude Rural. São os mesmos enfoques da Ação Católica que voltam para dentro da P. J. Não se trata, porém, de reeditar a Ação Católica. A resposta dada tem de ser dentro de um novo contexto de Igreja, de uma pastoral de conjunto e de um novo contexto social.

A não-aceitação deste desafio de montar uma estrutura de acompanhamento, em nível de militância, significa estagnação numa pastoral de preparação de líderes, que depois são engolidos por grupos extremistas da direita e da esquerda. É necessário, portanto, uma estrutura de apoio que dê continuidade ao projeto de evangelização e que dê ao jovem critérios de discernimento, diante das várias ideologias que se apresentam em seu meio específico.

Sem este novo desafio, de uma militância na comunidade eclesial ou nos organismos intermediários em seus meios específicos, não é possível dar continuidade ao projeto de evangelização do jovem. No momento em que se coloca um limite ao crescimento político e social do jovem dentro da pastoral, eliminamos nossos melhores elementos. É princípio pedagógico importante: o ser humano cresce na medida em que enfrenta sempre novos desafios. Procedemos como o professor que pede ao aluno, ao terminar o 2º grau, que volte a repetir o curso, para ajudar os outros alunos. O aluno quer enfrentar o novo desafio de um nível superior.

A necessidade de um acompanhamento específico para o nível de militância faz sentido mais em termos de militância no social do que de militância na comunidade eclesial, por motivos óbvios.

2 Etapas de crescimento dentro de um processo de iniciação (P. J. Geral)

A. DESCOBERTA DO GRUPO

A maioria dos jovens está no grupo atraído pela amizade, possibilidade de namoro, desejo de fugir de um relacionamento difícil em casa, de sair de um certo isolamento e solidão etc. Nesta primeira fase há, freqüentemente, pouca ou nenhuma motivação eclesial. A consciência crítica e a visão política são mínimas. É importante, por isso, não pressupor uma opção cristã ou política nesta etapa.

O assessor adulto ou o coordenador jovem deve *partir dos problemas sentidos pelos jovens* e não dos problemas que ele

mesmo sente como mais urgentes. Coordenadores que começam discussões de alta política e não dão espaço para os problemas imediatos e pessoais acabam afastando os jovens iniciantes.

Num primeiro momento, os jovens descobrem o grupo, os valores de um trabalho de equipe, a abertura para o outro, o diálogo. O jovem se empolga com o novo espaço, que é o grupo onde pode sentir-se à vontade com outros jovens, que têm os mesmos "grilos" linguagem, códigos e valores. Há uma sensação de liberdade e de estar à vontade, por estar fora da fiscalização e das proibições dos adultos e pelo fato de o grupo ser dirigido por eles mesmos. Enquanto instrumentos tradicionais de evangelização, como a família, a escola católica, a aula de religião e a paróquia, perdem sua eficácia, hoje em dia, o grupo de jovens aparece como o instrumento privilegiado de evangelização. Através de grupo passam-se valores que não se consegue passar por outros meios. No grupo, o jovem toma decisões que nunca tomaria sozinho. Enquanto, muitas vezes, o jovem faz questão de rejeitar a orientação dos adultos, ele está muito sensível à influência dos outros jovens. Valores que não passam pela mediação dos adultos, passam pela mediação de outros jovens. Esta foi a constatação do Concílio Vaticano II quando afirmava que os evangelizadores dos jovens devem ser outros jovens (Decreto sobre os leigos, 7).

Num primeiro momento, os jovens descobrem o grupo, os valores de um trabalho em equipe, a abertura para o outro, o diálogo. Refletem sobre temas como amizade, namoro, sexo, liberdade, conflito em família, problemas pessoais. Os problemas são confrontados com textos do Evangelho. Os temas são aprofundados através de subsídios ou de preparação prévia de perguntas e dinâmicas. Procura-se ter o mínimo de estrutura de uma reunião de grupo: oração, ata ou relatório, cobrança de decisões tomadas na reunião anterior, espaço para comunicações e aprofundamento de um tema ou Revisão de Vida ou Revisão de Prática.

Aprende-se a trabalhar em equipe. Há uma distribuição de tarefas (secretário, coordenador, tesoureiro, espiritualizador, etc.) para que todos possam sentir-se responsáveis e valorizados.

Portanto, no início, a amizade e o entrosamento são importantes. É o que segura o jovem no grupo.

Usam-se técnicas de dinâmica, temas livres, temários, Bíblia, música.

Nesta etapa, freqüentemente, falta um método mais claro.

B. DESCOBERTA DA REALIDADE QUE RODEIA O GRUPO

O grupo começa a deter-se sobre a realidade ao seu redor, através do material e método usados nas reuniões, o contato com outros jovens mais conscientes, as celebrações e os cursos.

A descoberta da comunidade eclesial começa pela participação em atividades como quermesse, festa, celebrações, Campanha da Fraternidade e contato informal com os adultos.

A descoberta da realidade social acontece, de início, numa linha ingênua e descritiva; depois, numa linha cada vez mais crítica.

Os problemas pessoais passam a ser vistos numa dimensão maior. Começa-se a discutir o custo de vida, o problema da fome, dos menores abandonados, da corrupção. Os problemas, porém, são encarados como isolados uns dos outros. Não há uma visão global, estrutural da sociedade. Não há uma consciência crítica.

A partir da reflexão, os problemas pessoais e sociais são confrontados com o Evangelho. O Cristo do catecismo de Primeira Comunhão começa a ser encarado sob nova luz. Não é mais um *conhecimento abstrato* de um Cristo que nasceu, sofreu, morreu na cruz e ressuscitou. Cristo não é mais um tipo de astronauta que desceu do céu, tocou rapidamente a Terra e depois voltou.

Agora, pelo confronto entre a vida e o Evangelho, percebe-se um Cristo encarnado na vida e nos sofrimentos do povo.

É um Cristo que se torna modelo para o jovem, substituindo ídolos fabricados pela sociedade de consumo, e que pede um amor concreto que desemboca em ações concretas. A fé se torna mais esclarecida e a figura de Cristo tem mais peso.

Desenvolvem-se ações dentro da Igreja: participação em festas da paróquia, missa dos jovens, boletim paroquial, teatro, programas de rádio. Ações fora das da Igreja ainda tendem a ser uma linha assistencialista: campanhas para ajudar os pobres, visitas a creches, favelas, asilos. As atividades normalmente não são refletidas e, portanto, têm pouca força formativa. Há, porém, a vantagem de sensibilizar o jovem pelo sofrimento de grandes faixas da população.

C. DESCOBERTA DAS CAUSAS DOS PROBLEMAS SOCIAIS

Os problemas são vistos em dimensão cada vez mais ampla. Os jovens despertam para as raízes sociais do mal que atingem grandes faixas da população, o porquê da situação de opressão e injustiça.

A reflexão sobre fatos e acontecimentos, que fazem parte da experiência do jovem, mostram a contradição entre "ricos cada vez mais ricos à custa de pobres cada vez mais pobres" (João Paulo II). O jovem percebe que a pobreza não acontece por acaso, mas é produzida por "mecanismos geradores de pobreza" (Puebla). Descobre duas classes fundamentais na sociedade: uma que oprime e outra que é oprimida, consciente ou inconscientemente. Descobre que o pobre não é pobre porque não teve sorte, porque é preguiçoso, mas porque é empobrecido; é vítima do processo injusto de distribuir o poder político e os bens produzidos. Nesta etapa, surge a consciência crítica e a consciência de classe.

A separação fé e vida começa a ser superada. A religião é pensada mais dentro dos acontecimentos. São abordadas questões vitais. Discutem-se problemas da escola (qualidade de ensino, problema com professores, diretor, centro cívico, tendências no movimento estudantil .), problemas de bairro (favelas, cortiços, asfalto, postos de saúde, esgoto, condução, isolamento das pessoas, falta de organização. .), problemas de trabalho (desemprego, falta de estabilidade no emprego, greves, leis trabalhistas, sindicatos). Discutem-se política, economia, multinacionais, capitalismo, comunismo, socialismo.

Na medida em que se vai vivendo a religião dessa maneira, vai-se adquirindo experiência do papel libertador da fé cristã.

Dependendo da capacidade do grupo, aprofunda-se a ligação que há entre o econômico, o político, o ideológico e o religioso. Passa da reflexão de textos isolados da Bíblia para um estudo mais sistemático, através de cursos e palestras.

"Vai-se à procura de peritos que ajudam a conhecer melhor a doutrina social da Igreja e os mecanismos de organização da sociedade" (Documento de Catequese da CNBB).

Vê-se com mais clareza o que significa, em termos de fé cristã, a vocação específica do leigo na vida social e política do País.

A ação, agora, começa a ser mais transformadora. O jovem participa dos momentos fortes de movimentos populares, como assembleias, apoio a greves, apoio a chapas sindicais, abaixo-assinados, mutirões, palestras, programas de rádio (no interior).

Aqui, porém, há o perigo de encarar a ação transformadora como algo grande, e de não valorizar as pequenas ações. Toda ação, por menor que seja, é transformadora, desde que seja avaliada criticamente.

A esta altura, os jovens percebem que uma pastoral vaga e indefinida, "água com açúcar" não resolve os problemas.

D. DESCOBERTA DA NECESSIDADE DE ESTAR ORGANIZADOS NUM NÍVEL MAIS AMPLO

O grupo de jovens que fica isolado em seu cantinho logo esgota suas possibilidades de crescimento e começa a repetir-se. O contato com outros jovens nas reuniões de coordenação, assembleias diocesanas, retiros, cursos, festivais, faz com que o jovem sinta a força que tem. Cresce rapidamente a consciência crítica e o aprofundamento na fé. O jovem vive intensamente o seu papel de jovem que é apóstolo dos outros jovens, como afirmou Paulo VI.

Percebe-se que uma injustiça organizada somente pode ser superada por uma ação organizada. Em contato com outros grupos, crescem a percepção de uma Igreja viva e atuante, de uma fé dentro da realidade.

Este intercâmbio entre os jovens é possível somente quando há uma Pastoral de Juventude organizada, com coordenação em todos os níveis.

E. DESCOBERTA DA AÇÃO EXTRA-ECLESIAL (P. J. ESPECÍFICA OU P. J. ESPECIALIZADA)

O jovem descobre que as estruturas injustas que precisam ser superadas, para se construir uma sociedade justa e fraterna, se encontram fora da comunidade eclesial. Percebe, também, que não se pode ser cristão somente durante as duas ou três horas por semana em que aparece na comunidade. O jovem precisa ser evangelizado a partir da sua vida, como afirma o Documento de Medellín.

Cresce, cada vez mais, o número de jovens que se engajam nos organismos intermediários dentro dos seus meios específicos de bairro, escola, trabalho e rural. O jovem percebe que o lugar privilegiado de transformação da sociedade e de surgimento de um projeto global de uma sociedade nova situa-se nestes organismos. É o momento em que o jovem descobre sua vocação específica de leigo (EN 70), de ser "sal" e "luz" no coração da sociedade moderna.

Nem por isso deixa de pertencer à comunidade e de participar da sua vida.

"Mas o fato de não se ver o 'sal' gera inquietações em alguns cristãos mais preocupados com a vida interna da Igreja. Eles não percebem que os cristãos, como cidadãos do mundo, têm uma missão irrenunciável nas diversas instituições do mundo social e político para que aí se realize o Reino de Deus" (Documento Catequese da CNBB).

Em nome do Evangelho, os cristãos devem iluminar pela fé os projetos históricos, políticos, econômicos e culturais. De outro lado, a Igreja, como instituição, não se liga diretamente a um projeto histórico ou a uma opção partidária. Estes projetos são elaborados nos organismos intermediários que têm sua própria autonomia.

F. DESCOBERTA DAS DIVERSAS ETAPAS PERCORRIDAS

A tomada de consciência das diversas etapas percorridas ajuda os jovens mais conscientes a perceber que o processo de conscientização é lento e que é necessário respeitar o ritmo dos iniciantes e os setores da Igreja que ainda não chegaram ao mesmo nível de consciência.

Observações

- 1) Estas etapas do processo de iniciação, descritas acima, não são etapas estanques. Separamos para poder entender melhor. Na vida real, porém, podem ocorrer várias etapas ao mesmo tempo. Cada etapa exerce uma influência sobre a outra. Há um entrelaçamento entre as etapas. Não podemos, também, determinar antecipadamente quanto tempo leva para passar de uma etapa a outra. Cada grupo tem sua história própria que deve ser respeitada. É claro, também, que nem todo grupo chega à etapa final. Muitos se desfazem já nas etapas iniciais por falta de uma boa coordenação e metodologia.

A maior fraqueza nesta caminhada é a superficialidade de muitas das reuniões de grupo, onde faltam preparação, método e boa coordenação. As reuniões de grupo são as pernas de barro de um gigante, que é a P. J. Não é de estranhar que o gigante estremeça com constantes crises e que ande com muita dificuldade. As injeções "de cima" (cursos, reuniões de coordenação. .) resolvem somente em parte os problemas.

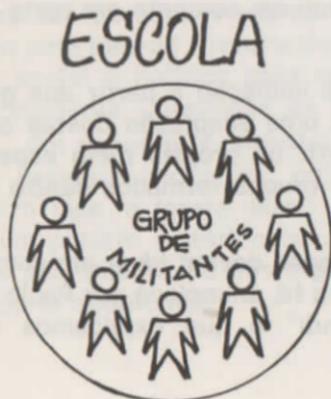
- 2) Aqui descrevemos o processo de iniciação a partir dos grupos paroquiais. Seria necessária uma adaptação destas etapas para grupos iniciados, a partir do próprio meio específico do jovem, como é o caso de grupos formados dentro da escola ou lugar de trabalho.
- 3) Estas etapas do processo de iniciação devem levar em conta, também, as etapas de educação na fé, anunciada por Paulo VI na sua carta "Evangelii Nuntiandi" e que explicamos no capítulo quarto.

3. Caminho para chegar ao meio específico

Dentro do processo usado pela P. J. Geral, alguns jovens chegam a um engajamento transformador por três vias diferentes:

1. Às vezes, um *grupo inteiro* passa para um engajamento nos ambientes naturais.
2. Às vezes, alguns *jovens mais conscientes desligam-se dos seus grupos* de base e formam um novo grupo com propostas de engajamento no meio específico.
3. Alguns jovens começam um engajamento no seu meio ambiente e *se ligam a comissões* formadas pela Pastoral de Juventude da diocese para acompanhar esse trabalho, ou se ligam mesmo aos movimentos populares.

A. PRIMEIRA VIA: GRUPOS INTEIROS



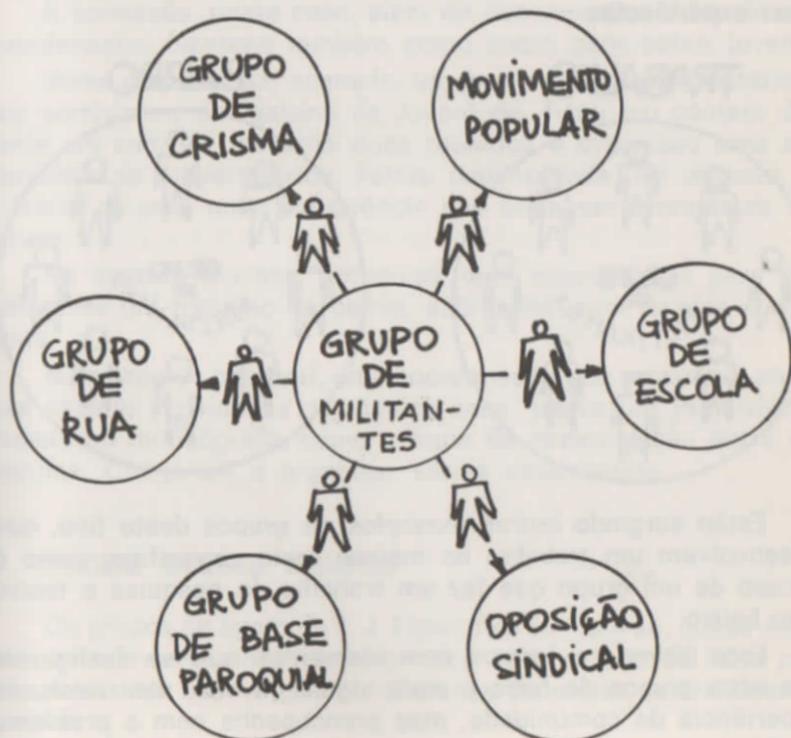
Há vários exemplos de *grupos inteiros que passaram* de uma P. J. Geral para uma P. J. Específica, como no caso de um grupo paroquial, cujos membros estudavam na mesma escola. O grupo vinha desenvolvendo um trabalho a partir dos problemas na escola. Neste caso, a passagem de uma P. J. Geral para uma P. J. Específica pode levar alguns meses, ou vários anos.

A passagem de *grupos inteiros* de um P. J. Geral para uma P. J. Específica, pelo menos nesse momento de desenvolvimento da P. J., constitui mais exceção do que regra.

B. SEGUNDA VIA: NOVOS GRUPOS

O segundo caminho, em que *jovens mais conscientes se desligam dos seus grupos de base para formar novos grupos de militantes*, com propostas de engajamento no meio específico, está se tornando cada vez mais freqüente. A seguir, apresentamos alguns exemplos de como isso vem acontecendo.

O modelo seguinte surgiu depois que vários jovens abandonaram os seus grupos de base, numa P. J. Geral, e se engajaram, separadamente, em grupos preocupados com uma transformação social, nem sempre diretamente ligados com a Igreja.



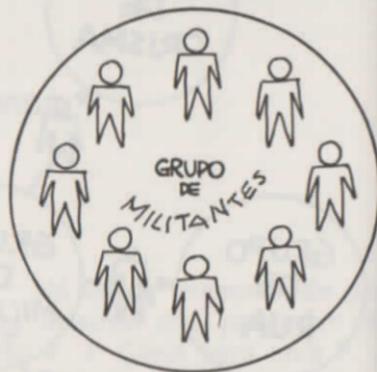
Depois de certo tempo de militância, alguns jovens sentiram a necessidade de *se ajuntar num grupo de apoio* para poder conversar, à luz da sua fé, sobre as várias ações que desenvolviam com os outros grupos, para estudar assuntos específicos e também para trocar idéias sobre os vários problemas pelos quais passavam: os "grilos" de família, os problemas sentimentais, as "fossas"

Descobriram que também a dimensão humana e afetiva não podia ser deixada de lado nas reuniões. Sentiram que, sem um grupo de apoio, "ficavam pendurados por aí" Sentiram, ao mesmo tempo, que não dava mais para voltar para um grupo de base da P. J. Geral. Avançaram demais para poder agüentar uma fase que acabavam de deixar para trás. A solução foi a formação de um novo grupo entre eles, o grupo de militantes. O grupo se firmou mesmo depois que todos estudaram juntos um livro sobre a história da classe operária, relacionando-a sempre com suas experiências.

TRABALHO



BAIRRO



Estão surgindo outros exemplos de grupos deste tipo, que desenvolvem um trabalho no mesmo meio específico, como é o caso de um grupo que faz um trabalho de pesquisa e teatro num bairro.

Este último se formou com elementos que se desligaram dos seus grupos de base e mais alguns jovens, sem nenhuma experiência de comunidade, mas preocupados com o problema social.

Um outro grupo surgiu quando jovens de várias paróquias começaram a participar de uma campanha de apoio a uma chapa de oposição de eleição sindical.

O ideal será esse tipo de "setorização" de trabalho do grupo de apoio, isto é, todos os membros trabalharem com o mesmo meio específico. O grupo avança com mais rapidez, porque a revisão é feita a partir de uma mesma prática.

C. TERCEIRA VIA: COMISSÕES POR MEIO ESPECÍFICO

Torna-se cada vez mais freqüente a formação de comissões por meio específico para coordenar, planejar e avaliar um engajamento mais especializado. A estas comissões, muitas vezes, juntam-se jovens que já se afastaram dos seus grupos de base, ou que estão em vias de desligamento.

A comissão, neste caso, além de desempenhar a função de coordenação, funciona também como apoio para estes jovens.

Numa diocese, por exemplo, um grupo de dez universitários, que participava da Pastoral de Juventude, ficou em contato durante um ano, fez somente duas reuniões e organizou uma assembléia de universitários. Faltou continuidade. No entanto, é o início de uma nova experiência que pode ser promissora no futuro.

Na mesma diocese formou-se uma coordenação para desenvolver um trabalho de bairro, sobretudo, com favelas e cortiços.

Numa região pastoral, uma coordenação que procurava atuar nas escolas funcionava na mesma base: usava um jornalzinho, rodado no mimeógrafo, como veículo de comunicação entre as escolas. Chegaram a organizar várias assembléias.

D. ORIGEM DESSES GRUPOS

Os grupos de apoio da P. J. Específica formam-se, quase sempre, com jovens que se separam dos seus grupos de base por não aceitarem mais a grande diferença de níveis dentro desses grupos.

O crescimento, nos grupos de base, num primeiro momento, é sempre desigual, *provocando muitas vezes a saída dos elementos mais avançados*. Este crescimento desigual é pela ausência de método nas reuniões dos grupos.

Muitos desses jovens afastam-se de seus grupos de base ao ocupar uma posição de coordenação geral. Por causa de sua participação num posto de coordenação geral, seu nível de consciência avança com maior rapidez do que o dos demais elementos do grupo. Ao terminar seu mandato, não conseguem mais entrosar-se com o seu grupo de origem.

Aqui, encontramos *uma das maiores falhas da P. J. Geral: jovens que coordenam grupos de base sem nenhuma ligação com um grupo de base concreto*.

4 Dois grandes desafios

Diante desse novo rumo, a Pastoral enfrenta dois grandes desafios:

- A. Como *facilitar a passagem de jovens* de uma P. J. Geral para uma P. J. Específica?
- B. Como fazer com que os jovens, engajados no meio específico, *mantenham a sua influência* sobre a P. J. Geral?

A. COMO FACILITAR A PASSAGEM DE JOVENS DE UMA P. J. GERAL PARA UMA P. J. ESPECÍFICA?

O primeiro grande desafio que fica para a coordenação da P. J. é de como ajudar grupos inteiros, ou esses jovens mais avançados, a passar para o meio específico. *A falta de atenção para com a importância desta transição faz com que a P. J. continue perdendo seus melhores líderes*. A falta de perspectiva de um encaminhamento para grupos de apoio do meio específico faz surgir o tipo de colocação feito por um jovem: "Fulana de tal foi uma excelente militante na coordenação da diocese, mas agora que vai entrar na nova equipe, não sabemos o que fazer para não perdê-la. Durante esse período de coordenação, ela se desligou do seu grupo de base e agora não se encaixa mais nele"

B. COMO MANTER A INFLUÊNCIA DA PASTORAL ESPECÍFICA SOBRE A P. J. GERAL?

O segundo desafio para a P. J. Específica é o de como manter a sua influência sobre a P. J. Geral.

Ninguém ignora que a grande maioria dos participantes da P. J. Específica vem através do recrutamento feito entre os jovens da P. J. Geral.

Muitos jovens, ligados com a P. J. Específica, são também coordenadores da P. J. Geral, ou estão ligados a ela em alguns momentos. Alguns destes jovens costumam cair com frequência em dois erros:

- a) Não respeitam os passos para que os jovens dentro da P. J. Geral possam caminhar dentro de uma pedagogia libertadora.
- b) Abandonam a massa de jovens da P. J. Geral por achá-los muito "atrasados"

a) Não respeitar os passos pedagógicos

É importante que a P. J. Geral seja bem organizada e acompanhada e que seus passos de crescimento na fé e na ação sejam respeitados.

Numa P. J. Específica há sempre o perigo de absolutizar o engajamento nos ambientes e tentar forçar os da P. J. Geral a fazer opção pela P. J. Específica. Mas, quando isso acontece, arriscamos queimar etapas e comprometemos o processo de educação dos jovens.

Faríamos como o jovem que tentou pular quatro degraus de uma escadaria de uma só vez. Perdeu o equilíbrio e caiu para trás, ficando todo machucado.

Uma jovem de um grupo de base reclamava de uma coordenação regional que, depois de tentar, por um ano, forçar todos os grupos paroquiais a assumir um trabalho nos bairros, constatou um resultado totalmente negativo:

"O que é tratado na coordenação regional não bate com as necessidades dos grupos de base. Está pior a participação porque mudou a linha do setor. Foi um negócio um tanto radical"

A reação do jovem nesse caso é quase sempre de rejeição, frustração ou de abandono do grupo. Faltou um processo educativo que teria de ser libertador, não dominador.

Embora a opção por bairro tivesse sido feita por uma assembléia de representantes das bases, ficou claro que nem todas as comunidades estavam dispostas a assumir o trabalho. Teria sido melhor se a coordenação tivesse tentado desenvolver um trabalho concreto, começando com os que estavam interessados. Isso veio comprometer gravemente o acompanhamento de uma pastoral mais geral.

Precisamos partir dos interesses dos jovens para chegar a uma consciência e compromisso maiores. Se a maioria dos jovens entrou na comunidade para arrumar um(a) namorado(a), fazer amizades, resolver o problema da falta de diálogo em casa, devemos partir desta realidade. É o nível de consciência desses jovens. Partimos dos interesses dos jovens, não de nossos interesses, para não queimar as etapas do processo de conscientização. Interesses mais sociais são abordados à medida que o grupo mostra capacidade para isso.

Um grupo de jovens, formado dentro do meio específico, tem maior facilidade de partir de interesses mais sociais do que um grupo paroquial. Um grupo de escola, por exemplo, vai poder partir, com facilidade, do problema de um professor que está infernizando a vida de todo mundo, das precárias condições de funcionamento do prédio, do baixo nível de ensino.

b) Abandonar a massa de jovens da P. J. Geral

Um outro perigo que se apresenta é quando os coordenadores ficam tão empolgados com uma P. J. Específica que não dão mais atenção à maioria dos jovens que ainda estão numa P. J. Geral. O resultado, em termos práticos, é o de uma P. J. Geral que regride para estágios mais atrasados, tornando-se cada vez mais espiritualista e alienada, porque faltam líderes com visão.

Numa comunidade, as principais lideranças dos grupos de base foram, aos poucos, desligando-se dos seus grupos para participar de um novo grupo de direitos humanos, recém-formado no bairro. O resultado foi a dispersão de todos os grupos e o fim de um trabalho de cinco anos.

O maior erro desses jovens, que quiseram passar para uma P. J. Específica, foi o de *não se preocupar com formar novas lideranças* que pudessem ficar no seu lugar.

Mas a transição não se faz por fórmulas prontas. Cada lugar e situação são diferentes. O importante é estar *atentos para o problema e facilitar* a caminhada dos grupos que começam a nascer para um compromisso mais sério no seu meio. Ao mesmo tempo, é preciso ajudar aqueles que começam a se desligar dos seus grupos de base, para que se entrem num novo grupo de apoio ou numa coordenação geral.

Deve-se cuidar para que a P. J. Geral não seja prejudicada por essa transição.

5. Um pequeno número

É importante que não se tenha ilusão de que grande número de jovens vai passar para a P. J. Específica. Os coordenadores, se não estiverem advertidos sobre esse fato, poderão cair no desânimo ao constatar um pequeno resultado. São poucos os que, a partir de uma metodologia da P. J. Geral, vão participar de uma Pastoral Específica, pois esta é bem mais exigente. Esses poucos, porém, terão importância enorme dentro do processo de transformação da sociedade.

É sempre um pequeno número de avançados que puxa a grande massa, embora nossa meta seja a de fazer crescer cada vez mais esse grupo. Quando a UNE (União Nacional dos Estudantes), por exemplo, movimentou grande número de estudantes, era sempre um pequeno grupo de avançados que estava na vanguarda.

6. As ações desses grupos

As características das ações destes grupos da P. J. Específica são diferentes: para alguns grupos de jovens, o tipo de ação desenvolvida é de *natureza esporádica* como, por exemplo, a participação em movimentos populares somente nos momentos fortes, atividades que surgem a partir de necessidades sentidas nas reuniões. Outros grupos desenvolvem ações que têm *continuidade maior*, através do processo reflexão/ação.

Alguns grupos não têm ação conjunta. Cada um desenvolve uma ação nos seus próprios ambientes. Alguns, engajados no meio específico, continuam também desenvolvendo atividades na comunidade eclesial.

A pouca disponibilidade de tempo dos jovens que estudam e trabalham é um fator importante quando se pensa no tipo de ação desenvolvida nesta fase.

7 A questão da comunidade eclesial

Quase a totalidade de nossos grupos de jovens, no presente momento, são grupos paroquiais. Eles constituem uma P. J. que tem como prioridade o engajamento no meio específico. Isso cria, às vezes, certa tensão e mal-entendido entre alguns jovens e, não raramente, com o vigário da paróquia. O enfoque de uma P. J. Específica não exclui uma participação na comunidade paroquial.

Pelo contrário, pressupõe-se que os jovens que se engajam nos ambientes naturais *mantenham a ligação com a comunidade eclesial, seja com a paróquia seja com a CEB, pois é aí que alimentam a sua fé e tiram inspiração para a sua ação* através da sua programação normal: celebrações litúrgicas, sacramentos, cursos. O contato com adultos, na comunidade, acrescenta uma dimensão importante à vida do jovem.

Dar prioridade à P. J. Específica não significa necessariamente a exclusão de toda prática paroquial dentro da Pastoral de Juventude.

Para os grupos novos, que sentem dificuldade de logo se engajar nos seus ambientes naturais, por falta de metodologia e acompanhamento adequados, a comunidade eclesial apresenta um campo de atuação mais adequado, seja através da própria comunidade de jovens, seja na participação com adultos, dentro da comunidade maior.

É importante levar em conta o perigo de se apresentar ao jovem que é novo no grupo um ideal de engajamento que vai além das suas possibilidades. Ele se frustra e vai embora. Todo jovem precisa de algum resultado daquilo que faz. Se ele nunca realiza nada que dê certo, o grupo perde sentido para ele. Ele desiste.

Mas o que não pode acontecer é os jovens se tornarem ajudantes do padre, "sacristãos promovidos", ou se fecharem dentro da problemática de paróquia.

A atuação dos jovens, dentro da comunidade eclesial, deve ser também transformadora. O documento de Puebla afirma: "A Igreja vê na juventude uma enorme força renovadora, símbolo da própria Igreja". Em muitas paróquias, a Pastoral de Juventude é a única força capaz de questionar estruturas paroquiais que estão mais do lado do opressor do que do oprimido.

Em paróquias tradicionais, onde o jovem tem dificuldade de ser aceito, ele deve procurar conquistar esse espaço que, por direito, é dele.

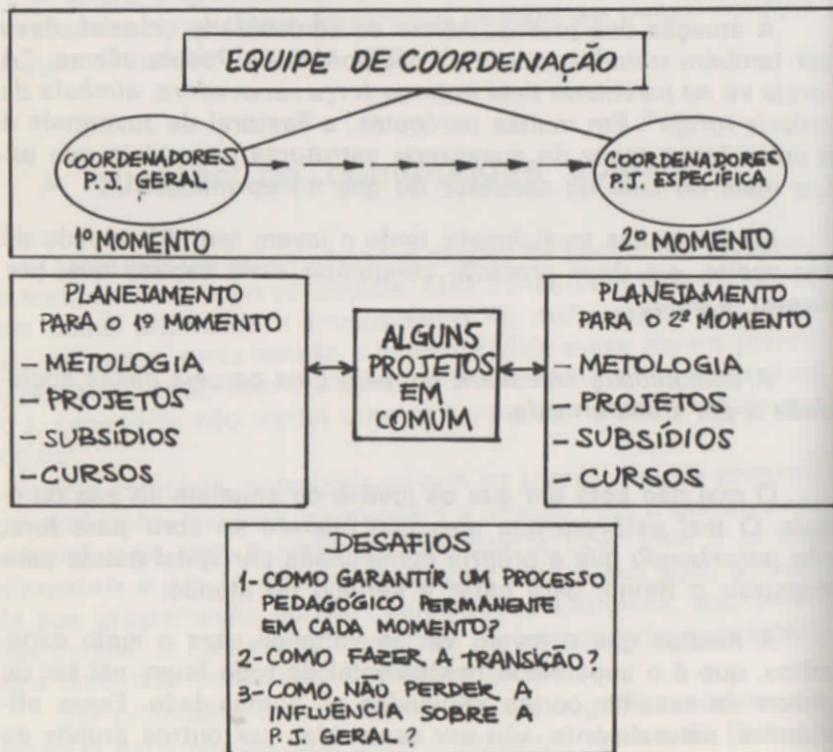
A comunidade eclesial é também uma parcela dessa sociedade a ser transformada.

O mal não está em que os jovens se engajem na sua paróquia. O mal está em que eles não querem se abrir para fora, não percebendo que a própria comunidade paroquial existe para construir o Reino, para estar a serviço do mundo.

A medida que o jovem vai se voltando para o meio específico, que é o apostolado fundamental de todo leigo, vai ter de deixar de assumir certas atividades na comunidade. Essas atividades, naturalmente, vão ser assumidas por outros grupos de leigos.

Primeiro e segundo momentos de uma P. J.

O primeiro momento de uma P. J. Geral requer metodologia e acompanhamento diferentes do que requer o segundo momento de uma P. J. Especifica, onde os jovens mais avançados têm uma prática dentro do seu meio específico de escola, trabalho e bairro. Alguns lugares mais avançados neste sentido distribuem funções diferentes dentro da coordenação diocesana ou regional. Alguns jovens são responsáveis pelo primeiro momento e, outros, pelo segundo momento. Cada momento faz as suas reuniões separadas por tratar de níveis de engajamento e consciência diferentes. A unidade de caminhada é mantida por uma reunião mensal das duas coordenações e alguns projetos em comum durante o ano. Podemos ilustrar a passagem da P. J. Geral para a P. J. Especifica pelo seguinte gráfico:



9. Perguntas para uma reunião de estudo



1) Cada um relate como foram seus contatos com os jovens do seu meio específico, a partir da última reunião.

2) Compare o funcionamento da P. J. em sua paróquia ou diocese com o modelo descrito neste capítulo.

— Quais são os pontos que “batem”?

— Como foi a caminhada do seu grupo?

3) Quais são as principais falhas desse modelo? Saberia explicar o “porquê” dessas falhas?

4) Quais as modificações que precisam ser introduzidas

a) em nosso grupo,

b) na P. J. de nossa diocese, para solucionar essas falhas?

RESUMINDO

1. PROCESSO DE INICIAÇÃO E PROCESSO DE MILITÂNCIA

O IV Encontro Nacional da P. J., realizado em 83, apontou dois momentos diferentes dentro da Pastoral: o processo de iniciação e o processo de militância.

2. ETAPAS DE CRESCIMENTO DENTRO DE UM PROCESSO DE INICIAÇÃO (P. J. GERAL)

As etapas que um grupo normalmente percorre para chegar a uma militância na comunidade eclesial ou no seu meio específico são as seguintes:

- a) **Descoberta do grupo:** no início do grupo, a amizade, o entrosamento e a confiança mútua são muito importantes. O assessor adulto ou o coordenador jovem deve partir dos problemas sentidos pelos jovens e não dos problemas que ele mesmo sente como mais urgentes.
- b) **Descoberta da realidade que rodeia o grupo:** aos poucos, o grupo começa a perceber a realidade, embora de maneira ainda ingênua, descritiva e imediata. Os problemas pessoais passam a ser vistos numa dimensão maior. A opção por Jesus Cristo é encarada dentro da caminhada histórica do povo.
- c) **Descoberta das causas dos problemas sociais:** os problemas são vistos em dimensão cada vez mais ampla. Descobre-se a realidade de uma sociedade dividida em classes sociais, de "ricos cada vez mais ricos à custa de pobres cada vez mais pobres" (João Paulo II). Começa a superação da separação fé e vida.
- d) **Descoberta da necessidade de estar organizados em nível mais amplo:** em contato com outros grupos cresce a percepção da força e do dinamismo do mundo jovem e de uma Igreja viva e atuante. Percebe-se que uma injustiça organizada somente pode ser superada por uma ação organizada.
- e) **Descoberta da ação extra-eclesial (P. J. Específica ou P. J. Especializada):** os jovens percebem a necessidade de se engajar nos próprios meios de escola, trabalho, bairro e rural para superar as estruturas injustas e, assim, construir uma sociedade justa e fraterna.
- f) **Descoberta das diversas etapas percorridas:** esta descoberta ajuda os jovens mais conscientes a respeitar o ritmo dos iniciantes.

3. CAMINHO PARA CHEGAR AO MEIO ESPECÍFICO

Alguns jovens chegam a um engajamento transformador por três vias diferentes: grupos inteiros, novos grupos ou comissões para cada meio específico.

- a) **Primeira via: grupos inteiros:** há alguns exemplos de grupos inteiros que passaram de uma P. J. Geral para uma P. J. Específica. No atual estágio de desenvolvimento da P. J., isso constitui-se mais exceção do que regra.
- b) **Segunda via: novos grupos:** jovens mais conscientes se desligam dos seus grupos de base para formar novos grupos com propostas de engajamento no meio específico.
- c) **Terceira via: comissões por meio específico:** são formadas comissões para coordenar, planejar e avaliar um engajamento mais especializado.
- d) **Origem desses grupos:** os grupos de apoio da P. J. Específica se originam, quase sempre, com a vinda de jovens que se separam dos seus grupos de base por não mais aceitarem a grande diferença de níveis dentro desses grupos.

4. DOIS GRANDES DESAFIOS

- a) **Como facilitar a passagem de jovens de uma P. J. Geral para uma P. J. Específica?** A coordenação deve encontrar um meio para facilitar essa transição, sob pena de continuar perdendo seus melhores líderes.
- b) **Como manter a influência da P. J. Específica sobre a P. J. Geral?** Alguns jovens da P. J. Específica, que estão também, de algum modo, ligados à P. J. Geral, costumam cair em dois erros:
 - não respeitar os passos pedagógicos; a P. J. Geral deve ser bem organizada e acompanhada e seus passos de crescimento na fé e na ação devem ser respeitados;
 - abandonar a massa de jovens da P. J. Geral: o empolgamento com a P. J. Específica pode fazer esquecer os membros da P. J. Geral, que regridem por falta de líderes com visão.

5. UM PEQUENO NÚMERO

Os coordenadores não devem ficar iludidos: apenas poucos jovens conseguirão passar da P. J. Geral para a P. J. Específica, pois esta é bem mais exigente.

6. AS AÇÕES DESSES GRUPOS

Alguns grupos de P. J. Específica desenvolvem ação de natureza esporádica, outros desenvolvem ações de continuidade maior (através do processo reflexão/ação). Alguns não têm ação conjunta e outros continuam a desenvolver atividades também na comunidade eclesial. O pouco tempo disponível dos jovens deve ser levado em conta.

9

PROCESSO DE MILITANCIA REVISÃO A PARTIR DA PRÁTICA

1. Jovens sem tempo e ações sem continuidade

Uma das grandes dificuldades encontradas para levar adiante uma P. J. comprometida e transformadora é a *falta de tempo por parte dos jovens*. A grande maioria estuda e trabalha. Sobralhe somente um pouco de tempo nos fins de semana, que tem de ser dividido entre a reunião de grupo, descanso, divertimento e trabalho de escola. À primeira vista, parece difícil exigir dos jovens mais novos, que já têm de participar da reunião semanal do grupo e das atividades internas da comunidade de jovens, que ainda encontrem tempo para desenvolver uma ação fora da comunidade.

Por outro lado, se não há engajamento sério na transformação da sociedade, os jovens mais antigos se afastam da comunidade. É a ação transformadora que cria consciência e segura os jovens mais maduros nos grupos.

Há, portanto, a necessidade de uma Pastoral para jovens que não têm tempo.

Outro problema sério que a P. J. enfrenta é o da *continuidade da ação*. Quando um grupo de jovens consegue iniciar uma ação, é de pouca duração. Não há continuidade entre uma ação e outra. Por esse motivo, a ação é freqüentemente superficial e de pouca capacidade formativa.

Este segundo processo de revisão a partir da prática apresenta uma metodologia para resolver estes dois problemas: os dos jovens que não têm tempo e o da continuidade da ação. O documento de Medellín descreve este processo: "Essa pastoral (da Igreja da América Latina) deve se preocupar com a *educação*

da fé dos jovens a partir de sua vida, de maneira que eles tenham plena participação na comunidade eclesial e possam assumir de maneira cristã seu compromisso social"

REFLEXÃO EM CIMA DA PRÁTICA

Descobrimos que não é questão de inventar uma ação extra, nem é questão de levar os jovens para o seu meio específico de escola (colégio, universidade), trabalho, bairro (vila, vizinhança). Eles já estão lá. É lá que gastam 99% do seu tempo, enquanto a sua participação na comunidade eclesial é de apenas algumas horas por semana. Também não se trata de começar a desenvolver uma prática nestes meios específicos. Os jovens já têm uma prática dentro deles. Esta prática é uma prática transformadora ou conservadora. Deixando de agir, por exemplo, é uma maneira de agir. É questão de começar a refletir em cima dessa prática, dos acontecimentos e dos contatos que cada um tem. Os gestos simples e os acontecimentos comuns ordinários em nossa vida diária se tornam a matéria-prima para a nossa ação. Através deles os jovens tornam-se "sal" "luz" e "fermento" nesses ambientes.



Esta segunda etapa que apresentamos aqui é, na sua essência, o método usado pela JOC. Um método que vem sendo revitalizado e atualizado nos últimos anos.

Este processo de "*Formação pela Ação*" leva os jovens a se engajar logo nos seus ambientes e a fazer a ligação fé e vida.

É um processo mais científico e mais rigoroso, que exige certa auto-disciplina e seriedade da parte do grupo. Por isso é um processo que se implanta com mais facilidade em grupos novos do que em grupos já viciados com reuniões festivas.

Nesta etapa se privilegia a prática de cada um. O grupo avança através da dialética reflexão/ação. Há também atividades complementares, como cursos, Escola de fé, palestras, subsídios de estudo, leitura individual, que fornecem elementos teóricos para a formação dos jovens à medida que houver necessidade disso.

Ao privilegiar a prática, evita-se o perigo de cair numa pastoral somente de cursos.

2. Grupo de influência

Nesta segunda etapa, (Processo de militância), os grupos de base procuram, desde o início, transformar seus ambientes naturais de bairro, trabalho e escola através de *uma revisão sistemática da prática e dos contatos pessoais de cada membro*.

Num primeiro momento procura-se localizar, identificar (quem são? o que fazem? etc) e aproximar-se dos outros jovens do bairro (ruas mais próximas), do trabalho e da escola, para tornar-se amigo. Este grupo informal do militante do grupo de base chama-se *grupo de influência*.

Num segundo momento procura-se aprofundar esses contatos, às vezes chegando a mobilizar membros do grupo de influência para reivindicar algumas melhorias no seu meio.

Cada jovem, portanto, tem seu grupo de influência no seu ambiente natural e procura ser agente de salvação e libertação para ele. Em geral, os membros do grupo de influência não sabem, no início, que o jovem pertence a um grupo de base ou tem como ponto de partida uma visão de fé.

É o primeiro anúncio e testemunho de vida do qual falamos na abordagem das etapas de educação da fé.

A principal revisão é sempre em função do grupo de influência, como mostramos no gráfico da página seguinte.

Alguns grupos de influência podem vir a ser um grupo de base que inclui a dimensão cristã nas suas reuniões, outros não.

No seu trabalho com o grupo de influência, o militante procura *localizar sobretudo os líderes naturais*. Cardijn, o fundador da JOC, dizia que o verdadeiro militante é aquele que é capaz de conquistar para Cristo alguém com mais capacidade do que ele.

É interessante notar que dentro da P. J. Geral muitos jovens mais engajados têm os seus grupos de influência, mas sem ter uma consciência mais explícita disso e sem ter um acompanhamento mais sistemático.

3 Reunião do grupo de base

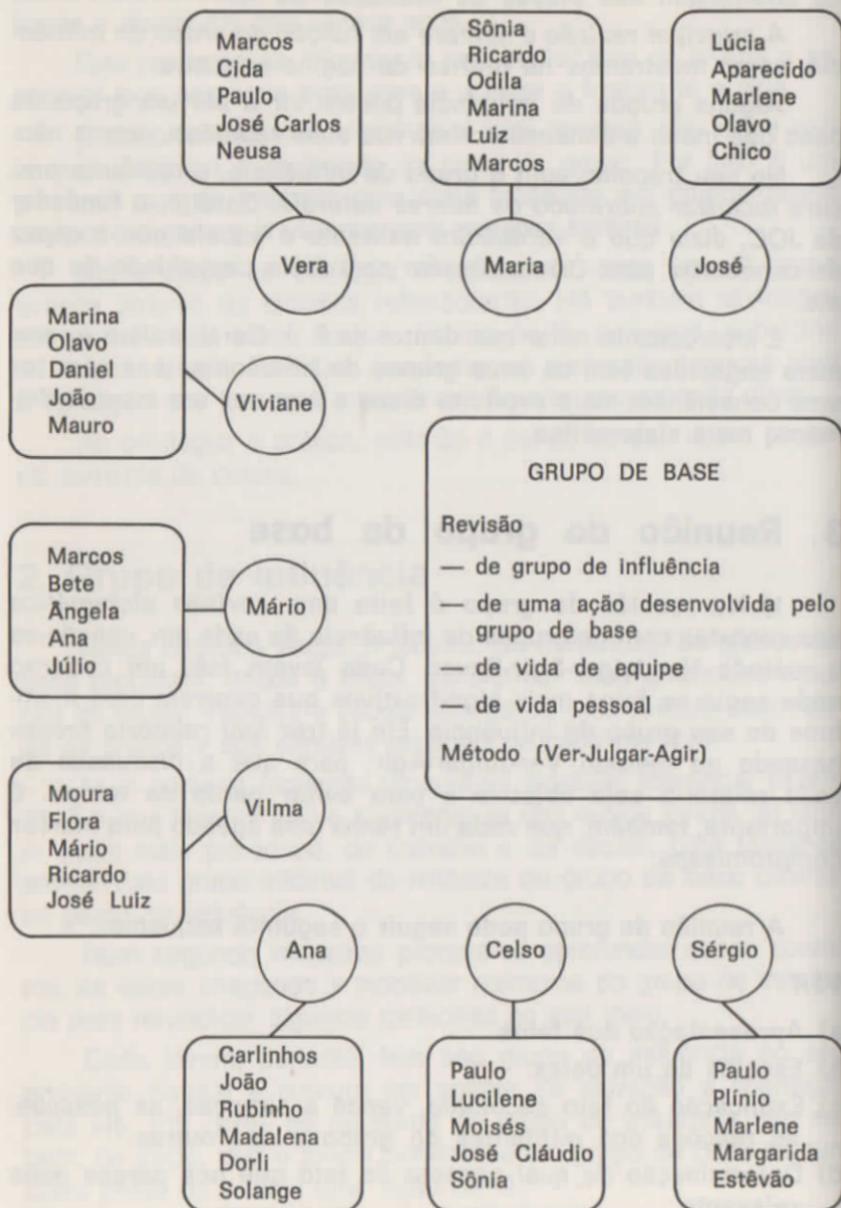
1) Na reunião de grupo é feita uma *revisão sistemática dos contatos* com os grupos de influência de cada um, usando-se o método Ver-Julgar-Agir-Rever. Cada jovem tem *um caderno* onde anota os fatos mais significativos que ocorrem com membros do seu grupo de influência. Ele já traz seu relatório pronto baseado no método Ver-Julgar-Agir, para que a discussão de cada relatório seja objetiva e para evitar perda de tempo. É importante, também, que cada um tenha uma agenda para marcar compromissos.

A reunião de grupo pode seguir o seguinte esquema.

VER

- a) Apresentação dos fatos.
- b) Escolha de um deles.
- c) Explicação do fato escolhido, vendo a situação, as pessoas, as reações dos militantes do grupo e dos outros.
- d) Determinação de qual aspecto do fato que nos parece mais relevante.

GRUPOS DE INFLUÊNCIA



- e) Universalização do fato, reconhecendo que se repete nos diferentes aspectos da vida e dos meios sociais.
- f) Causas e conseqüências do fato.

JULGAR

Um momento de silêncio para se colocar na presença do Senhor.

Avaliar e partir de uma perspectiva eclesial, de fé, do Evangelho.

AGIR

Ações concretas e mudanças de atitudes.

2) Na reunião de grupo, o coordenador *cobra o relatório* de cada um, anota os pontos mais importantes no seu caderno e procura valorizar os pequenos passos dados. Por uma questão de tempo, às vezes são aprofundados os relatórios de alguns jovens apenas. O militante exerce influência, tanto no seu grupo de influência como em outros que são atingidos indiretamente. Forma-se como que uma cadeia de influência. Jovens atingidos pelo militante, por sua vez, influenciam outros nesse sentido. Na revisão, o grupo também tira lições dos seus erros e, com isso, procura acertar melhor o caminho.

3) *Um trecho do evangelho* ou algum documento da Igreja é escolhido, de antemão, pelo coordenador, para iluminar a discussão a partir da Palavra de Deus (Julgar).

4) Há um *acompanhamento constante desses contatos* à medida que se aprofundam os vários níveis de causas e maneiras de agir.

5) Às vezes uma parte da reunião é reservada para o *estudo de um tema*. Isso vai depender das necessidades do grupo.

6) *A função de coordenador* é de vital importância. Ele trabalha mais "perguntando" do que explicando coisas. Enquanto um está falando, ele deve estar formulando uma nova pergunta. Assim, ele sabe colocar perguntas que vão suscitando aprofundamento maior ou ajudar alguém que está enxergando de maneira

errada o assunto em discussão. Coordena as opiniões e devolve-as de uma maneira mais sistematizada, procurando separar fatos, causas e conseqüências.

O uso do carderno de anotações pelo coordenador facilita-lhe este processo.

7) Em cada nova reunião o *Rever revela novos fatos* e novas situações. A vantagem da revisão é que, a cada semana, há um objetivo imediato diferente para incentivar o grupo. É o REVER que faz o grupo caminhar.

8) A eficácia deste processo de revisão a partir da prática *depende da preparação* de cada membro, dos contatos feitos. Depende também da preparação da reunião pelo coordenador.

9) A reunião do grupo de base tem de ser uma *reunião fechada*, porque é lá que é feita a avaliação dos contatos. Quando há estranhos, corre-se o risco de fofoca e acaba o ambiente de liberdade onde cada um pode colocar assuntos mais confidenciais.

10) De vez em quando são convidados membros dos grupos de influência *para uma reunião aberta*, onde há uma parte mais séria (palestra sobre assunto de interesse do jovem) e uma parte mais leve (música, brincadeiras etc.). Esta reunião não tem um dia fixo, mas é marcada com certa antecedência para que haja um convite pessoal da parte dos militantes.

Um membro importante da JOC conta a história da sua conversão através deste método. Eis a síntese:

"Um dia, um jovem chamado Marcos sentou-se ao meu lado no ônibus, quando ia trabalhar, e começou a 'bater-papo'. Dai em diante nós nos encontrávamos todos os dias no ponto de ônibus e firmou-se uma grande amizade. Marcos passou a me visitar. Os 'papos' eram sempre interessantes. Depois de um ano, o Marcos me convidou para participar de uma festa de seus amigos. Era uma reunião aberta da JOC. Foi somente então que descobri que o Marcos pertencia a um movimento de Igreja. Gostei da reunião aberta e voltei cada vez que Marcos me convidava.

Depois de mais oito meses, fui convidado a participar de um grupo de militantes, onde iniciei minha carreira dentro da JOC. Mais tarde descobri o caderno dos relatórios do grupo, onde estava anotada toda a história dos contatos de Marcos comigo”

11) Os grupos de base podem ter seu *ponto de reunião dentro dos ambientes* (bairro, trabalho ou escola) ou dentro da comunidade paroquial.

12) Quando possível, uma parte da reunião é reservada ao *estudo de um tema*, que vai ao encontro das necessidades dos jovens.

13) Grupos que não podem fazer, semanalmente, a revisão da sua prática, devem fazê-la *pelo menos uma vez por mês*. É importante que esta reunião seja fixada no mesmo dia do mês, para criar hábito.

4 Grupo de base: grupo de militantes

O grupo de militantes é um grupo de base onde todos os membros estão *comprometidos com uma ação* no meio em que vivem. *Não existe militante sem grupo*.

Os jovens que ainda não estão comprometidos com uma ação frente à situação onde vivem, participam de *um grupo de base de iniciação*, do seu nível, onde revisam os passos que vão dando.

Quando há muitos compromissos com os seus grupos de influência, ou uma ação coletiva, o grupo de militantes, às vezes, reúne-se somente uma vez por mês para revisar e planejar a sua ação. Quando falamos anteriormente de uma Pastoral para jovens sem tempo, falamos mais de jovens iniciantes. Na realidade, uma militância na P. J., sobretudo em nível de coordenação, exige grandes sacrifícios e energias.

5. Atingir a massa

O grupo de militantes tem como meta principal atingir a massa de jovens.

Para isso, usa como meios:

- os contatos com os grupos de influência;
- a ação organizada no meio;
- a sua ligação com outros grupos de jovens dentro de uma Pastoral planejada e avaliada nos vários níveis de coordenação;
- a multiplicação de militantes, com o cuidado, porém, de não caminhar rápido demais, para poder alicerçar bem os grupos de militantes, que são a base da Pastoral.

6. Como planejar a ação do grupo de militantes?

É necessário ter um plano, para que cada passo esteja ligado ao anterior e ao seguinte, respeitando-se um processo pedagógico. Sem plano, há dispersão de forças. Precisamos decidir:

1) *O que pretendemos fazer* no ambiente de trabalho, bairro ou escola.

2) Determinar *com que membros* de nosso grupo de influência vamos fazê-lo.

3) *Como vamos motivá-los*, levando em conta seu nível de consciência e compromisso. Os objetivos não são rígidos, podendo ser modificados ou mudados, conforme a participação dos companheiros.

4) Que *meios* vamos utilizar?

Que tarefas vão ser distribuídas?

5) Quando vamos agir e *quando vamos revisar* os resultados.

A revisão periódica nos deixa sempre com os "pés no chão" e com a possibilidade de responder melhor às exigências e dificuldades que surgem.

O militante que ocupa uma posição de coordenação trabalha com *dois planos*: um pessoal e outro grupal.

Quando falamos de plano, queremos dizer algo muito simples: onde o militante quer chegar e quais os meios e passos que pretende usar.

7. Como avaliar nossa ação?

1) Comparar o que conseguimos com o que pretendíamos conseguir.

2) Verificar se avançamos ou retrocedemos.

3) Avaliar tudo, por pequeno que pareça o passo dado: uma vitória contra o comodismo, o individualismo, o medo, a alienação, a passividade, novas experiências, novos meios de organizar, confiança em nós mesmos e nos outros, iniciativas, responsabilidades assumidas pelos outros.

4) Feito isso, devemos decidir sobre a *conveniência de continuar* ou não com a ação. Avalia-se sobretudo a motivação. A motivação dos jovens do grupo de influência vai determinar, em grande parte, a continuidade da ação.

5) Qualquer ação, por pequena que seja, deve sempre ter *Perspectivas globais*, isto é, atingir as raízes de uma sociedade injusta. Essas perspectivas nem sempre aparecem explicitamente.

8. Uso do caderno

O uso do caderno é de fundamental importância. Os jovens que têm dificuldade de sempre carregá-lo consigo, anotam fatos importantes na sua agenda para depois passar a limpo no caderno. O hábito de anotar desenvolve a capacidade de enxergar fatos.

Quem não está acostumado a refletir a partir de fatos deixa passar fatos importantes.

O hábito de anotar também ajuda a memória. Os intelectuais, artistas, músicos e inventores falam da necessidade de

anotar, na hora, idéias importantes que surgem num momento de inspiração. O que não é anotado é, muitas vezes, esquecido para sempre.

É somente a partir de um relatório escrito que o grupo tem condições de fazer uma revisão séria dos seus passos, sobretudo durante um longo período de tempo.

O grupo caminha porque as decisões são anotadas e há alguém para cobrá-las.

Segue um esquema que pode ser usado na preparação do relatório de cada membro.

A REVISÃO DA MINHA AÇÃO

O que fiz esta semana para realizar o que eu me propus?	As reações dos jovens do meu grupo de influência.
Falhas e dificuldades que tive.	O que eu me proponho a fazer e os meios que vou utilizar.

9. Revisão de vida

É comum encontrar grupos que só se preocupam com o trabalho pastoral, problemas a enfrentar etc. Os jovens não podem se esquecer de que eles também têm problemas e de que precisam aprofundar seu relacionamento com os outros e com Deus. Daí a importância de reuniões de revisão *de vida afetiva* do grupo ao lado das reuniões de *vida efetiva*, que são mais de trabalho. Aí os jovens se encontram num nível mais pessoal, colocam sua situação de família, namoro, estudo, projetos, suas atitudes como cristãos e se deixam questionar pelos colegas.

O melhor mesmo é que essas reuniões possam ser realizadas em lugar diferente da reunião de trabalho, onde os jovens tenham contato com a natureza, onde haja silêncio, para facilitar os tempos de oração e descanso, os encontros em profundidade, os momentos de decisão de vida.

Essa deve ser uma das preocupações dos assessores adultos que acompanham o grupo de coordenação.

A revisão de vida é um instrumento fundamental para o crescimento pessoal dos militantes. Ela pressupõe um *ambiente de fé, oração, humildade*, confiança mútua, aceitação e abertura. As considerações abordadas no capítulo sobre "Coesão" podem também ajudar aqui.

A revisão de vida possibilita a abordagem de uma variedade de problemas pessoais.

Do ponto de vista de uma visão estratégica dentro de uma Pastoral mais global que vise à transformação da sociedade, *certos problemas dos jovens*, como o desejo de auto-afirmação, a educação sexual, a solidão, problemas psicológicos e emocionais, a busca de amizade, podem não ser prioritários, mas devem ser tratados a seu tempo. *São problemas que, se não receberem atenção, acabarão prejudicando todo o trabalho.*

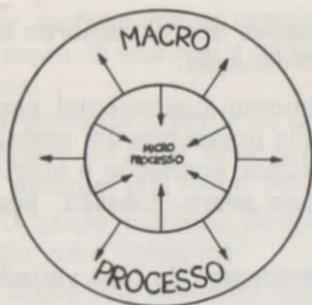
Num curso para jovens novos de comunidade, os coordenadores eliminaram uma palestra sobre "sexo e namoro", alegando que isso não seria contribuir para uma ação transformadora. Não perceberam que uma coisa é abordar um assunto, que faz parte essencial da dimensão efetiva do jovem no seu relacionamento com outros, de maneira construtiva, e outra coisa é abordar o mesmo assunto de maneira alienante.

Um grupo de operários, que formava uma chapa de oposição para derrubar um presidente "pelego" escolheu um homem "bem casado" para encabeçar a chapa. Estava cansado de ver problemas pessoais de membros prejudicar trabalhos importantes.

Neste sentido, uma certa militância na família do jovem é também importante, para que seja um apoio e não um obstáculo diante do compromisso que ele assume.

Mesmo os jovens mais avançados vão se ver na necessidade de voltar a dar atenção a esses problemas, em momentos de crise, mas sem parar neles.

A atenção dada aos problemas pessoais podemos chamar de "*microprocesso*" enquanto os grandes problemas da sociedade serão tratados dentro do "*macroprocesso*"



A conscientização é uma interação entre o microprocesso e o macroprocesso.

O microprocesso tem a tendência de fechar-se sobre os problemas e interesses pessoais. Portanto, é importante mantê-lo sempre aberto ao macroprocesso, e vice-versa.

A revisão de vida, portanto, é um instrumental importante para firmar o grupo, formar militantes equilibrados emocionalmente comprometidos com os outros na fé.

A revisão de vida acelera o processo de conversão de cada um e faz do grupo uma antecipação da nova sociedade que preparamos.

10. Setorização dos grupos de influência

Com o passar do tempo, os militantes do grupo de base vão formando grupos de influência mais organizados e mais comprometidos. Quando os militantes trabalham com grupos de meios específicos diferentes, torna-se difícil a revisão da ação.

Na medida do possível *deve-se procurar setorizar* o trabalho, isto é, formar grupos de militantes que trabalham com grupos só de fábrica, só de escola, só de faculdade, só de favelas, só de jovens iniciantes, só de sindicatos, só de movimentos populares etc.

Quando o trabalho está setorizado, o grupo *caminha com mais rapidez*.

11 Etapas do processo de conscientização

A meta do militante é levar os membros do seu grupo de influência a uma *educação e conscientização progressiva através da ação*. Somente um povo consciente pode ser sujeito da história e fazer acontecer a sociedade com homens novos.

As atividades geralmente são mais importantes *pela capacidade formativa do que pela finalidade em si*. Um abaixo-assinado, por exemplo, pode ser mais importante pela formação adquirida pelos contatos, pelo exercício de esclarecer as próprias idéias para poder responder aos argumentos dos outros, pelo gesto de enfrentar o medo, e sentir a possibilidade e a força da união das classes populares, do que pelo próprio objetivo do abaixo-assinado.

São as seguintes as etapas do processo de conscientização:

1) *Descoberta da situação social através dos fatos* na vida dos jovens.

Esta descoberta é indispensável para que haja possibilidade de mudanças significativas. O ponto de partida sempre são os fatos concretos. Mesmo quando começamos com o geral, temos de descer logo aos fatos concretos.

2) *Descobrimto progressivo das causas e conseqüências*.

Diz um texto do "Movimento Internacional da Juventude Agrária e Rural Católica": "*Partindo das lutas mais simples* chegam-se às de nível superior. As lutas mais simples se dão a partir dos problemas secundários: moradias, saúde, abastecimento (chamamos estes problemas de "secundários" porque eles derivam de outros). As lutas que partem dos problemas primários correspondem a um nível político mais elevado; são os problemas da crise das estruturas: desemprego, salário, posse da terra, migrações, expulsões.

A reflexão deve ajudar o povo a descobrir que uma ou *outra vitória só resolve parcialmente os seus problemas*. Por exemplo, não será agora, que conseguiram ficar na sua roça, que vão poder dar educação a seus filhos. Assim, o povo vai percebendo que a nova luta aparece diante deles e que não podem ficar satisfeitos com pequenas coisas. Essa é grande diferença entre o trabalho libertador e o trabalho reformista"

3) A reflexão em cima da realidade e da ação permite ao jovem descobrir a existência do conflito de *duas classes* na sociedade e que *ele pertence a uma delas*. A tomada de consciência começa no nível local, depois vai para o nível nacional e o nível internacional.

4) Para evitar que nossa ação seja cooptada pelo sistema de dominação, é importante que o grupo chegue a *descobrir toda a engrenagem de dominação na sociedade capitalista*. Assim, evitam-se ações meramente reformistas.

É aqui que os jovens militantes podem errar, organizando verdadeiras "escolinhas" ou grupos de estudo para entender o "sistema" sem que este estudo seja motivado por um *engajamento dos jovens*. Essa tendência se manifesta, em especial, nos jovens da classe média que, por causa da sua classe social, estão acostumados a esperar resultados imediatos. Querem que os outros cheguem, em pouco tempo, à sua compreensão do conjunto sem passar pelas mesmas etapas. Há forte tendência de embarcar numa educação de cima para baixo, e não numa educação libertadora onde o jovem é sujeito do processo todo.

5) Essa análise da sociedade leva os jovens a que descubram a *importância de estarem organizados* para enfrentar os problemas de uma sociedade de dominação. Daí começam a perceber a necessidade de uma P. J. e de um Deus que é Libertador.

É o momento em que os jovens podem ser convidados para entrar na P. J. Aqui entra todo o processo do "Primeiro Anúncio" de Jesus Cristo, que explicamos anteriormente.

12 Avaliação da ação junto com o grupo de influência

1) A avaliação leva a descobrir o "porquê" da ação; aprofunda as motivações e leva os jovens a assumir um compromisso de forma mais permanente.

2) A avaliação leva a descobrir a necessidade de um método de trabalho, uma organização, e a necessidade de formação e informação mais ampla.

3) Deve-se valorizar as pequenas ações e esforços, ressaltando a sua importância dentro de uma caminhada de libertação.

4) Avaliam-se as contribuições dos membros em termos de experiência, conteúdo, novas perspectivas de organização da ação.

5) A avaliação leva a descobrir as táticas usadas e quem se opõe à libertação.

6) A avaliação leva a descobrir se a ação é transformadora ou não.

7) Revisam-se as motivações que animaram a ação.

8) Através da avaliação, os jovens participam conscientemente da ação. Assim, evita-se a tentação de instrumentalizar os jovens.

Para que a ação leve a crescimento pessoal e a mudança de estruturas, é importante sempre partir do nível de consciência e compromisso dos jovens que realizam a ação. Não se pode queimar etapas.

13. Etapas da ação

A. FASE DE CONSCIENTIZAÇÃO

Esta fase começa com a *etapa de amizade*, de formação de grupo de influência e de questionamento a partir de fatos, causas e conseqüências.

B. FASE DE MOBILIZAÇÃO

Juntam-se pessoas que pensam de maneira igual. No momento em que o jovem começa a acreditar, surgem outros companheiros ao seu lado dispostos a assumir um compromisso sério. Alguns jovens, por exemplo, *começaram a fazer coisas diferentes* por ocasião do Natal. Em lugar de dar presentes, fizeram cartões de Natal com ilustrações e mensagens libertadoras. Às vezes, inventam algo mais significativo, mudam o conteúdo das festas de formatura, comentam o conteúdo político de revistas como, por exemplo, Tio Patinhas, etc.

C. PROJETO CONCRETO

Ajudar o grupo a ter algum projeto concreto. Pode ser algo que surge a partir do grupo de influência, ou a partir de uma revisão da ação do grupo de militantes. É importante que o *projeto seja pequeno no início*, para que o grupo adquira confiança e experiência.



Muitas vezes o jovem está sendo uma peça do sistema no seu trabalho. Ele não pode romper com isso, do contrário morreria de fome. O desafio é descobrir os pequenos passos que podem ser dados para mudar o estilo da sociedade. Os passos maiores virão depois. Para escrever uma carta, primeiramente temos de aprender a ler e a escrever.

Exemplos

Eis alguns exemplos:

- Um jovem decidiu que a melhor maneira de conscientizar os colegas na sua firma seria *comprando jornal* todos os dias e comentando as várias notícias com os colegas. Dentro de pouco tempo, um grupo começou a despertar para uma consciência crítica da sua realidade.

- Não é difícil formar grupos nos nossos ambientes.

Durante o período de recreio na escola, um jovem começou um *debate sobre o problema de educação* para a domesticação e educação para a libertação. Outros jovens juntaram-se ao grupo e participaram da discussão. Foi pedido um livro para aprofundar o assunto. O livro foi passado de mão em mão e estudado por todos os elementos do grupo. Assim se iniciou um grupo.

Outros jovens iniciaram um movimento contra as *taxas escolares*, o luxo das formaturas, a presença de professores ineficientes, a falta de condições para o bom funcionamento da escola.

Mas o primeiro passo foi sempre no sentido de conquistar a amizade e a confiança dos outros jovens, e nunca no de tentar desenvolver sozinho uma ação.

- Outros jovens começaram um *trabalho na favela*, visitando os barracos e fazendo uma pesquisa. Depois de se entrosarem com os favelados, construíram com eles um pequeno Centro Comunitário. Conseguiram que um dos favelados desse aulas de alfabetização. Formaram um grupo para exigir das autoridades públicas o fornecimento de água. Iniciaram também um grupo de catequese e formaram um grupo de jovens.

- Alguns jovens formaram um grupo de reflexão na sua rua, durante a *Campanha da Fraternidade*. Ao terminar a Campanha, procuravam continuar os encontros. Nasceu, com isso, uma Comunidade Eclesial de Base.

- A coordenação de Pastoral de Juventude de uma cidade organizou, junto com as comunidades de jovens, uma semana cultural para valorizar a *cultura indígena*.

- Uma coordenação regional organizou *um torneio de futebol entre* as comunidades, que não foi terminado em virtude da rivalidade entre as comunidades. Ficou decidido que se aproveitariam da ocasião para conscientizar os jovens através de uma avaliação bem preparada.

Ficou evidente, durante a avaliação, que os participantes dos jogos tinham assimilado tão bem a ideologia dominante que, na hora de participar dos jogos, os valores que apareceram eram os valores da sociedade que eles mesmos combatiam: a competição, o individualismo, o prestígio e o "status". Assim, a finalidade do torneio não foi alcançada.

- Numa diocese, os jovens se organizaram para conseguir maior representatividade para a Pastoral de Juventude numa *Assembléia Diocesana*. A sua participação nos debates foi importante para a escolha das prioridades pastorais da diocese.

• A atuação de alguns jovens, numa paróquia onde trabalhavam como *catequistas*, foi decisiva na escolha de um livro de catequese que fosse mais libertador.

Em outra paróquia, pela sua participação nas reuniões, os jovens conseguiram que a *coordenação da comunidade tomasse consciência de sua posição burguesa* e despertasse para os problemas sociais. Algumas vezes traziam abaixo-assinados ou notas de protestos de fora. O fato de participar de um abaixo-assinado ou de uma nota de protesto foi uma ação importante para acabar com a psicose de medo e insegurança que as pessoas sentiam e que o sistema impõe para poder controlar melhor o povo.

Outras atividades importantes, encabeçadas pelos jovens, foram um jornal mensal da paróquia e uma peça teatral escrita e apresentada pelos próprios jovens numa comunidade de base, como parte da celebração litúrgica de Natal. A apresentação foi seguida de um debate sobre o sentido do Natal hoje, coordenado pelos próprios jovens.

• Alguns grupos participaram das *eleições da União Metropolitana dos Estudantes Secundaristas* do Estado de São Paulo (UMES), apoiando uma das chapas, que aceitou algumas das suas propostas.

• Outro grupo desempenhou papel importante na *eleição da chapa de oposição* de um sindicato. Os jovens ajudaram a elaborar, rodar e distribuir os panfletos.

• Numa diocese, os jovens da Pastoral Escolar elaboram e distribuem um *jornal, rodado* em mimeógrafo, sobre as principais reivindicações e acontecimentos nas escolas.

D. ARTICULAÇÃO A NÍVEL MAIS AMPLO DA P. J.

Jovens que começam a participar da P. J. entram em contato com outros jovens através de atividades programadas pela Pastoral. Este contato é importante. *O jovem tem a necessidade de sentir que não está sozinho nessa luta.*

A união faz a força. Uma união que se amplia, cada vez mais, através de uma rede de grupos de base e alianças com outros grupos não-cristãos da sociedade.

Essa consciência de não estar sozinho e isolado é importante para o jovem criar coragem e perseverança diante do compromisso que começa a assumir. Temos de somar e não dividir as forças.

A seguinte parábola da Campanha da Fraternidade de 1979 ilustra bem este ponto:

A HISTÓRIA DO BOI QUE QUERIA PRESERVAR O CAPIM DO PASTO

O capim do pasto estava no fim. O boi ficou preocupado e gritou: "Vamos preservar o capim que é de todos!". Falou para a minhoca: "Você não pode comer a raiz do capim!" E para a abelha: "Você pode chupar o mel das flores que crescem no pasto, mas não pode roubar a semente do capim" E para o gafanhoto: "Você come demais! Está acabando com o capim!" Chamou o passarinho e disse: "Fique de olho no pasto, e tome conta desses bichos que ameaçam o nosso capim!"



O passarinho foi e transmitiu a ordem do boi. Mas a minhoca respondeu: "Eu comi a raiz do capim. Mas foi para poder enterrar minha mãe que morreu pisada pela pata do boi!" A abelha respondeu: "Para mim só sobrou a semente do capim. O boi comeu todas as flores!" E o gafanhoto disse: "Eu só comi dois capinzinhos. O boi acabou com o resto!"

O passarinho voltou para o seu ninho e pensou: "O problema do capim é bem diferente do que o boi imagina. Se a gente não cuidar, o capim vai se acabar. Mas o capim não é só do boi. É de todos! Todos têm igual direito, conforme o tamanho do estômago de cada um!"

O passarinho voltou a conversar com os bichos e disse: "Vamos preservar para todos o capim que é de todos" No fim da conversa disseram: "Que o boi não atrapalhe a nossa vida. Que ele se encoste no seu canto, pois aqui tem lugar para todos. E se ele não concordar, que vá embora e procure outro lugar"

Mas o boi não concordou, nem quis ir embora. Continuou com as suas ameaças, como se fosse o único dono do pasto.

Então os bichos deram um jeito para defender o seu direito. As minhocas subiram pelas pernas do boi e entraram nas suas narinas; as abelhas começaram a zumbir nos seus ouvidos e os gafanhotos pulavam nas pestanas dos seus olhos. O boi tentou resistir, mas não agüentou. Teve de desistir de querer ser o dono do pasto, e foi embora. Encostou-se no seu próprio canto e deixou os bichos em paz.

Foi este o jeito que os bichos encontraram para preservar para todos o capim que é de todos.

E. COMPROMISSO POLÍTICO



A palavra política cria, hoje, bastante polêmica em círculos da Igreja. Isto porque, muitas vezes, não se entende que a palavra tem dois sentidos: no sentido geral significa tudo o que as pessoas fazem para o bem comum do povo todo e, no sentido restrito, significa política partidária.

A medida que o grupo de jovens vai se engajando e adquirindo confiança, vai sentindo o ambiente limitado dos trabalhos do grupo.

O documento de Puebla caracteriza bem nossa sociedade quando diz "*injustiça institucionalizada*" Não é alguma coisa que está acontecendo aqui e ali. É a instituição. É a própria organização da sociedade que é injusta.

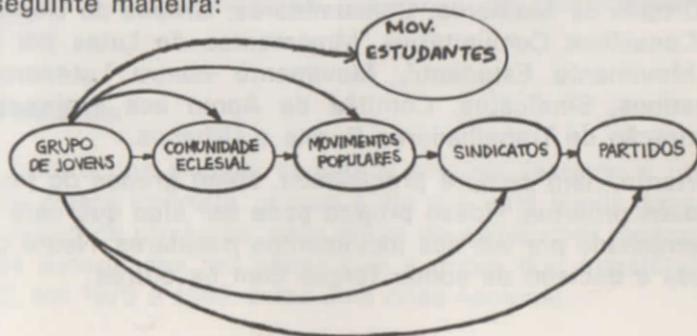
E para se opor a uma "*injustiça institucionalizada*" somente uma *ação organizada no meio terá força*.

O grupo sente a necessidade de uma ação organizada de repercussão mais ampla e a exigência de soluções mais amplas para essa injustiça institucionalizada.

Um dos grandes erros que, às vezes, cometemos na Pastoral de Juventude é o de criar a ilusão na mente dos *jovens de que são eles que vão transformar a sociedade*. A sua força, no entanto, vem do engajamento ao lado dos adultos e, sobretudo, se não se afastam da sua classe social.

Se, de um lado, em termos de ação, temos de fazer nascer tudo, a partir do grupo de base de jovens se torna muito difícil. Por outro lado, é mais fácil quando o grupo de jovens está em *contato com as várias formas de organizar o povo*, como movimentos populares, sindicatos, associações (advogados, cientistas etc.), partidos. Estas formas de organização de povo são chamadas de corpos sociais intermediários ou mediações históricas. Eles têm como finalidade defender os direitos e aspirações do povo contra arbitrariedades do executivo do país e propor soluções novas para a sociedade.

Todas as encíclicas dos Papas, desde Leão XIII, que tratam do assunto sócio-político, insistem na necessidade de fortalecer os corpos sociais intermediários para que o povo não seja mais disperso, mas organizado e capaz de fazer ser ouvida a sua voz. Estes corpos sociais intermediários podem ser representados da seguinte maneira:



a) A comunidade eclesial

A própria participação do jovem na sua comunidade já é o *germe de uma nova sociedade*, desde que isso seja feito na perspectiva de transformação da sociedade toda. Os valores que poderão se desenvolver daqui para frente serão contrários aos ídolos da sociedade de consumo.

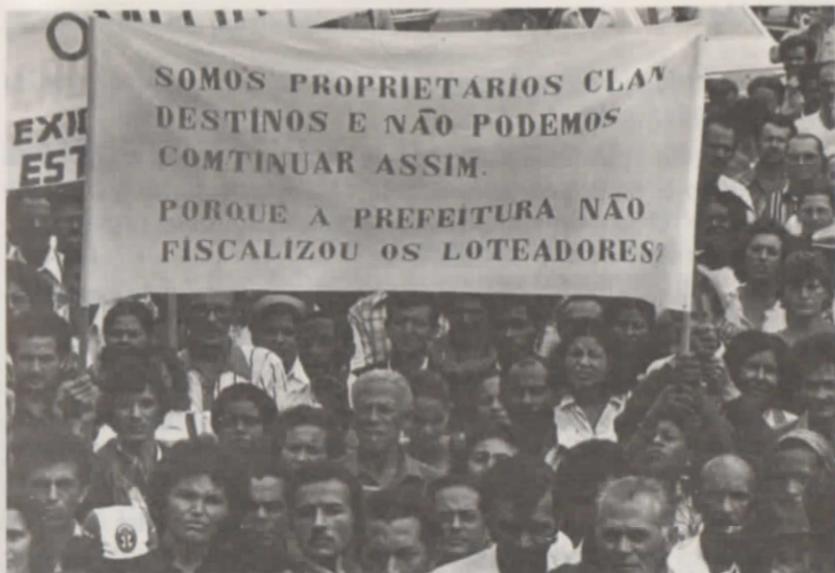
A comunidade eclesial tem de se tornar o *sinal do Reino*. Os jovens devem aprender a rezar a partir da leitura dos fatos da vida. A Eucaristia será, então, o momento de celebrar a Páscoa de Jesus, a passagem da morte à vida, a entrada do povo de Israel na terra prometida. Será o momento de celebrar a passagem de situação de morte para situações de vida. Assim, a Eucaristia será o momento de renovar o compromisso de ajudar o povo de Deus, hoje, a fazer a sua passagem da opressão para a libertação.

Nosso povo não está organizado porque o sistema procura dificultar a sua organização. A Igreja, sobretudo através das CEBs, tem aberto espaço para esse tipo de organização. Com pequenos passos o povo vai ensaiando a nova sociedade.

b) Movimentos populares

O Segundo Encontro Inter-regional de Pastoral de Juventude Popular, realizado em São Paulo, em 1980, enumera alguns destes movimentos: Movimento de Defesa dos Favelados, Pastoral Operária, Oposição Sindical, Pastoral da Terra, Pastoral da Saúde, Pastoral dos Direitos Humanos, CEBs, Associação de Moradores, Roças Comunitárias, Mutirões de Moradores, União de Ruas, Grupos de Mulheres, Consumidores, Grupos de Donas de Casa, Conselhos Comunitários, Movimentos de Lutas por Creches, Movimento Estudantil, Movimento contra Loteamentos Clandestinos, Sindicatos, Comitês de Apoio aos Professores, Concentração de Trabalhadores Rurais e Urbanos.

Portanto, nem sempre precisamos, como grupos de jovens, criar novos projetos. Nosso projeto pode ser algo que está sendo encaminhado por um dos movimentos populares. Neste caso, é tomada a decisão de somar forças com os outros.



A participação dos membros do grupo de base nesses movimentos, dentro dos seus ambientes (escola, trabalho e bairro), faz avançar o nível de consciência com mais rapidez. Não é preciso que o grupo apareça com o rótulo de cristão. Basta agir como cristão.

Aliás, a reunião de um grupo maduro, cujos membros têm forte engajamento nos seus ambientes, torna-se cada vez mais um momento de revisar a prática de cada um a partir de uma perspectiva eclesial, de fé e do Evangelho. *A reunião torna-se cada vez menos de planejamento. O planejamento é feito nos sindicatos, nos movimentos populares, nas associações e nos partidos.*

c) Sindicatos

Dentro das classes sociais é preciso destacar a importância da classe operária, porque é ela que está ligada diretamente aos meios de produção. Uma greve de estudantes preocupa pouco as autoridades, ao passo que a greve dos metalúrgicos do ABC, em 1979 e 1980, criou uma crise nacional.

d) Partidos

O partido significa a organização do povo para conservar ou tomar o poder político.

O partido tem seu programa de como deve ser organizada a sociedade e seus passos estratégicos e táticos para conquistar o poder. Uma vez conquistado o poder político, procura colocar em prática o seu programa.

O caminho que leva a enxergar a necessidade de uma participação política é explicado pelo líder sindical Lula:

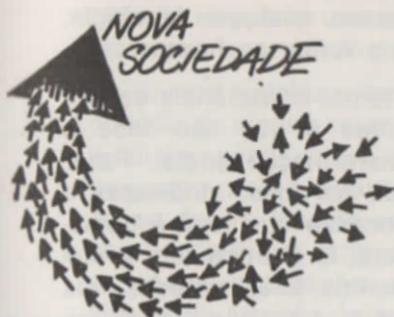
"Em função de um determinado momento, começamos a perceber que a situação econômica do Brasil era subordinada a uma questão política.

No momento em que começamos a perceber que era necessário uma participação política para poder mudar o quadro geral deste País, é que resolvemos assumir aquilo que eu combatia efetivamente até 1978, contra a idéia de que eu era um homem totalmente apolítico. A partir das lutas que nós fizemos em 78 e 79 que nós resolvemos de uma vez chegar ao entendimento de que ou a classe trabalhadora fazia política ou iria ficar a vida inteira brigando por 10% de aumento. E aí era até fácil o patrão atender, porque na medida em que a gente consegue 10% de aumento e não se aumenta o preço dos produtos, é o próprio consumidor que paga o aumento que a classe trabalhadora teve. Então a gente entendeu que era necessário brigar por transformações da sociedade"

Os partidos costumam a ligação orgânica entre os vários movimentos, associações e grupos.

Há, porém, o perigo de se colocar todas as forças numa participação partidária. No dia em que o regime se fechar e os partidos forem declarados ilegais, não sobrar nada. A existência dos movimentos populares, por outro lado, não depende do reconhecimento e da aceitação oficial para que continuem existindo.

e) Critérios de participação



Os grupos da P. J. somam as forças a outros grupos da sociedade, pois a libertação se faz com todo o povo junto, não somente com os cristãos. A Pastoral de Juventude não pode ser uma ilha bonita no meio dos outros movimentos. Mas, para que nossos jovens não sejam simplesmente usados por outras

tendências, é importante que tenham critérios claros para que saibam como fazer alianças válidas. Uma participação sem princípios se torna oportunismo: todos os meios são válidos para atingir o fim.

Eis alguns critérios decorrentes de nosso compromisso de fé:

- O processo de transformação tem como agente o próprio povo organizado dentro dos vários corpos sociais intermediários.
O povo não pode ser mais uma massa manipulada.
- Deve haver um *mecanismo de democracia interna* em todos os níveis. Os grupos que não respeitam o processo democrático de tomada de decisão, não respeitarão o mesmo processo quando estiverem no poder. O projeto de uma "nova civilização do amor" onde haja "comunhão e participação", não pode ser entendido como o de uma ditadura que substitui outra. Esses grupos têm mostrado que não valorizam o povo; querem tomar o poder simplesmente. Querem a ditadura de um partido único onde não haja contestação às suas idéias.
- *Não há duas histórias*: a história da salvação e a história profana. Há uma única história, onde Jesus, Senhor da História, está presente nos acontecimentos concretos. Essa história de acontecimentos concretos é a História da Salvação onde vamos nos salvar.

- *O homem, criado à imagem e semelhança de Deus, está no centro de tudo. Não é o lucro, não é o Estado, não é a segurança nacional, nem mesmo qualquer ideologia. Pela Encarnação, Jesus se uniu a todos os homens.*
- *Opção partidária: o jovem deve tomar consciência de que a ação pastoral tem seus limites e que não cabe à Igreja ser a vanguarda da transformação social. Fazer isso é retroceder ao tempo dos partidos, sindicatos e associações católicas. É um processo que leva à democracia cristã ou à esquerda cristã. O político tem a sua autonomia própria, seus instrumentos, seus métodos, leis e propostas que são menos genéricas do que a Pastoral. Os partidos e os movimentos populares são os lugares privilegiados de onde sairão os projetos alternativos de uma sociedade nova.*

Não cabe à Igreja controlar o processo político.

A Igreja não tem competência para apresentar projetos políticos acabados.

O Evangelho não é uma lista de soluções concretas para os problemas políticos e sociais dos homens de todos os lugares e de todos os tempos. Por outro lado, a fé tem sua autonomia e vitalidade próprias e não se esgota em opções políticas.

A Igreja anuncia princípios que servem como critérios para avaliar todas as opções políticas.

Por causa da sua importância, e por ser também uma das áreas da vida a ser evangelizada, é fundamental a participação dos cristãos na política partidária.

Não convém, porém, que os bispos, padres e coordenadores de comunidades entrem num partido, porque cabe a eles fomentar a união dos cristãos das diversas tendências. Neste sentido, a P. J. não é um sindicato, nem uma tendência do movimento estudantil, nem um partido. Ela tem uma proposta mais ampla.

A P. J., portanto não se posiciona em nível partidário, mas favorece a discussão sobre a questão. Seus membros participam individualmente dos partidos, e não como membros da Pastoral de Juventude.

- *Encontro com a esquerda*: fazer opção pelos pobres significa ir ao encontro da esquerda, das diversas tendências da esquerda que existem. A única maneira de evitar isso será fazer opção pelos ricos.

Os jovens precisam ter capacidade de perceber a manipulação de *alguns grupos*, que propõem, de maneira aberta ou disfarçada, a *substituição de um modelo de dominação por outro*, sob o argumento de que não é possível afastar-se de um modelo sem cair nos braços do outro, pois são os dois que hoje dividem o mundo entre eles. São os grupos que negam a possibilidade do nascimento de algo novo através de um processo de reflexão/ação. São grupos com discurso revolucionário e prática reacionária. No fundo, identificam-se com a direita, cuja prática é falar para o povo e não com o povo.

- *Fidelidade ao compromisso de fé*, ainda que não haja o anúncio explícito disso.
- *Método da Não-Violência ativa*: este método reflete melhor o espírito do Evangelho para solucionar os problemas. O movimento da Não-Violência vem se espalhando rapidamente no Brasil e conta com nomes como do argentino Adolfo Pérez Esquivel (Prêmio Nobel da Paz em 1980), Dr. Mário Carvalho de Jesus, Dom Paulo Evaristo Arns, Dom Hélder Câmara, Dom Cândido Padim, Dom José Maria Pires (Dom "Pelé") etc.

O Movimento propõe uma mudança radical da sociedade, mas com meios pacíficos. A violência é aceita somente num caso extremo, quando se esgotam todos os outros meios. A opção pela não-violência não significa passividade. Muito pelo contrário. Significa vencer os poderosos pelas armas dos pequenos: *a força da verdade, da união e da firmeza permanente*.

É reconhecido, hoje, que a violência de alguns grupos armados, que se opuseram ao regime em 1968, foi o pretexto que a extrema direita esperava para fechar ainda mais o regime e desencadear uma das repressões mais violentas na história do Brasil. Se os pequenos se metem a brigar com as armas dos poderosos, eles perdem.

F. O PROJETO HISTÓRICO

O projeto histórico indica a direção de nossas lutas e projetos políticos.

Qual a meta final? É uma concretização, o mais possível com esta gente, com estes meios disponíveis, neste lugar e espaço de tempo, do objetivo que queremos alcançar. Não basta tomar o ônibus. *Precisa saber para onde ele está indo.*

14 Avaliação desta metodologia

Esta metodologia, à primeira vista, parece muito rígida e de difícil adaptação numa P. J. Na prática, não é nada disso. *O método apresenta uma série de pontos que devem ser levados em consideração e que servem de ponto de referência na hora da revisão da prática dos membros do grupo.*

A gente aprende, do mesmo jeito que aprende a andar de bicicleta. No início, é necessário concentrar-se em todos os movimentos, para não cair. Este método de revisão da prática é aprendido através do mesmo processo de aprendizagem: aprende-se fazendo.

Para ser mestre de qualquer habilidade, porém, são necessárias várias condições: *disciplina, concentração, paciência e preocupação grande com a sua importância.* Ser um bom jogador de futebol, por exemplo, não acontece por acaso. Ser mestre no método Ver-Julgar-Agir exige a presença das mesmas condições, se não ficaremos sempre na superficialidade.

Há necessidade urgente de montar sessões de treinamento no uso sistemático e rigoroso do método. Não é suficiente ter jovens na frente dos grupos de base que têm somente conhecimento teórico do funcionamento do método de revisão da prática. São necessárias sessões de treinamento, onde o desempenho desses coordenadores é avaliado e criticado.

Jovens, que depois de certa experiência, entenderam a essência e o espírito do método, usam-no com grande liberdade e criatividade.

Há necessidade urgente de iniciar mais experiências para poder verificar as adaptações necessárias dentro da P. J., hoje.

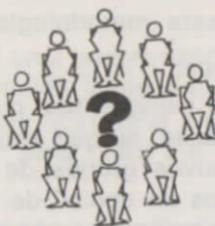
15 Por onde começar?

Experiências com esta metodologia podem ser iniciadas:

- com grupos novos;
- com jovens mais conscientes, que já se desligaram dos seus grupos de base, ou que estão se desligando, e que se juntam em novos grupos de militantes, isto é, formando os "grupos de apoio" de que falamos antes. São estes grupos de militantes que aproveitam melhor esta metodologia.

A falta de coordenadores e assessores capacitados para o uso do Método Ver-Julgar-Agir e de uma cobrança e acompanhamento sistemáticos, somados com as dificuldades apresentadas por muitas paróquias, que ainda seguem uma linha pastora! desencarnada da realidade, dificultam a implantação desta metodologia.

16 Perguntas para uma reunião de estudo



1) Para você, qual foi a descoberta mais importante depois de estudar este capítulo?

Discuta o trabalho.

2) O trabalho que você vem desenvolvendo com os colegas, no seu meio específico, poderia ser encaixado na proposta deste capítulo?

Explique a sua resposta.

3) Quais as dificuldades que você enfrentaria para iniciar um trabalho desse tipo?

Por que encontraria essas dificuldades?

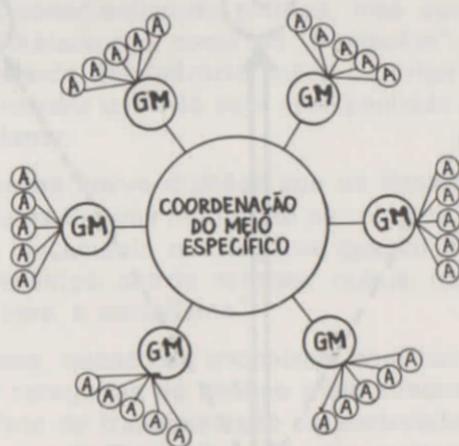
Quais as vantagens?

4) Quais os passos a serem tomados por nosso grupo para iniciar uma pastoral de revisão a partir da prática?

Estamos dispostos a "topar" um trabalho desse tipo? Se sim, como vamos iniciar? As decisões devem ser discutidas e anotadas e, depois, serem cobradas na próxima reunião.

RESUMINDO

1. Não se trata de levar os jovens ao meio específico. Cada um está no meio específico.
2. Não se trata tampouco de arranjar uma ação para os jovens no meio específico. Cada um já tem uma prática, conservadora ou transformadora.
3. É questão de começar a refletir em cima dessa prática.
4. Para viabilizar isso, podemos partir da prática de cada um com seu grupo de influência.
5. Partimos de fatos, não de teoria.
6. O grupo de base aprofunda o fato (ou fatos) mais significativos, usando o método VER-JULGAR-AGIR.
7. As pequenas práticas vão se ampliando através de ações coletivas, que se tornam cada vez mais complexas. A mola propulsora é a dialética: reflexão/ação. No grupo de base, a revisão da prática é feita a partir de uma visão de fé. No grupo de influência dentro do meio específico, a revisão da prática não parte necessariamente de uma visão de fé.



G.M. - GRUPOS DE MILITANTES QUE REVISAM A SUA PRÁTICA A PARTIR DE UMA VISÃO DE FÉ.

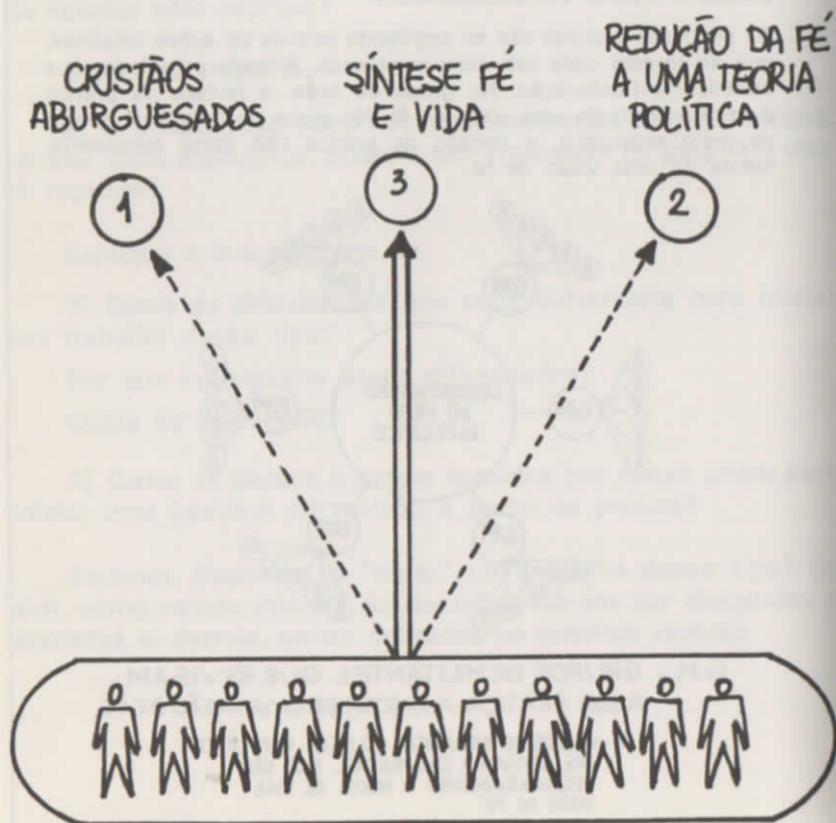
A - GRUPOS DE INFLUÊNCIA NO MEIO ESPECÍFICO QUE REVISAM A SUA PRÁTICA, MAS NÃO NECESSARIAMENTE A PARTIR DE UMA VISÃO DE FÉ.

10

TENSÃO:

FÉ E VIDA, FÉ E POLÍTICA

Os jovens que passam pela P. J. sempre acabam fazendo uma das seguintes opções:



1. Cristãos aburguesados

A maioria dos jovens se tornam cristãos aburguesados. Depois de passar pela P. J., casam-se e se preocupam quase que unicamente com sua família, profissão, "status". Às vezes, continuam participando da comunidade eclesial, às vezes não. Reforçam a situação em nossa sociedade onde cada família forma uma ilha e luta com "unhas e dentes" pelos seus próprios interesses. Na prática, eles se opõem a uma visão coletiva e a um compromisso mais sério com a família humana. *A sua fé e a sua oração não questionam nada.* Há um divórcio entre fé e vida.

2. A fé igual a uma teoria política

Os jovens que se engajam nos movimentos populares, sindicatos ou partidos consideram a evangelização como uma simples etapa de conscientização política, mas sem valor em si. *O Evangelho é tratado aqui como um "trampolim" para o político.* O teólogo Leonardo Boff adverte sobre o perigo de um engajamento transformador que não seja acompanhado por uma teologia que o sustente:

"Muitas vezes houve cristãos que se fizeram socialistas e a fé para eles foi uma motivação psicológica, como uma alavanca de lançamento que logo se apagou quando já se fizeram presentes outros setores, outras motivações mais políticas para o socialismo"

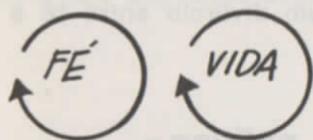
Estes jovens, quando se encontram com outros grupos que têm teorias e categorias de análise mais adequadas para a organização da luta da transformação da sociedade do que as categorias abstratas do Evangelho, não vêm mais motivo para sua fé.

Para outros jovens, que mantêm uma ligação com a pastoral, a prática pastoral é reduzida a uma prática política. A pastoral é considerada o gancho ou espaço tático para o engajamento político. Não percebem que a fé vai mais a fundo do que uma prática política.

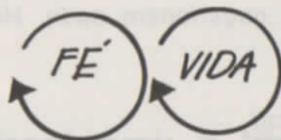
3. Síntese: fé e vida

O grande desafio da P. J. é ajudar os jovens a fazer a síntese entre fé e vida, fé e política. A principal razão das opções do primeiro e do segundo grupo de jovens é devida à sua incapacidade de fazer esta opção.

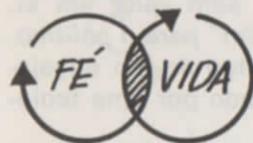
Um jovem que conseguiu fazer essa síntese, representou a sua caminhada da seguinte maneira:



1-SEPARAÇÃO



2-FÉ E VIDA COMEÇAM A SE TOCAR
EX.: IR À MISSA, MAS SEMVER
MUITA LIGAÇÃO COM SUA VIDA.



3-COMEÇA A SER FEITA
A SÍNTESE.
EX.: REUNIÃO DE GRUPO,
CURSOS, ASSEMBLÉIAS DA
P.J..



4-SÍNTESE FEITA:
FÉ E VIDA ESTÃO JUNTAS.

A. NECESSIDADE DE APROFUNDAMENTO

Frei Betto, falando das comunidades cristãs populares, apresenta esta síntese:

"Seus membros não distinguem oração e ação, fé em Deus e luta política, trabalho pastoral e oposição sindical. Em sua vida, essas coisas estão intimamente ligadas, mesmo que essa unidade ou articulação dialética não se reflita

nos discursos e na vida dos agentes, que com eles trabalham. Os membros da comunidade sabem que ela não se esgota na prática política, mas a sua oração só merece credibilidade à medida que se vincula às lutas e aos sofrimentos do povo.

Muitas vezes, o próprio homem da base exige momentos específicos de liturgia, não pela divisão que faria entre fé e vida, mas por uma unidade tão profunda em sua vida, *que lhe permite mergulhar num espaço exclusivamente litúrgico (ou exclusivamente político) sem que uma dimensão da vida ameace a outra*"

Para que esta síntese aconteça na vida do jovem, é necessário que haja *aprofundamento teológico, bíblico e de oração. É necessário também redescobrir o valor dos sacramentos a partir da sua prática.*

Para os jovens mais avançados é fundamental que haja cursos e encontros que respondam ao nível de questionamento que têm.

Um padre, com experiência em grupos com engajamento social, comentou: "Na minha experiência, a síntese fé e vida se faz, sobretudo, rezando-se em cima das lutas e compromissos de transformação na vida do jovem"

B. ORAÇÃO

O processo de síntese não acontece somente através de um aprofundamento racional da fé. A fé é mais do que o racional.

A oração é a chave para fazer com que tudo na vida do jovem se torne uma unidade.

A Pastoral, portanto, precisa ajudar o jovem a descobrir *uma maneira de se colocar na presença de Deus, do jeito dele.* A oração em comunidade é importante, mas não se pode esquecer também da oração pessoal. Talvez a oração pessoal seja a mais esquecida. Podemos afirmar, com toda a certeza, que um jovem que não reza, não persevera. Esta oração pessoal não tem lugar fixo: pode ser no ônibus, na fábrica, numa sala de aula, caminhando na rua, no quarto.

O jovem precisa descobrir que a oração, ao contrário do que ele pensa, é coisa simples.

É questão de uma consciência da presença de Deus na sua vida, um Deus que é Pai, que tomou a iniciativa de amar a gente primeiro (1Jo 4,19). É a convicção de que o absoluto em nossa vida é Deus, mas um Deus que só aceita quem se aproxima d'Ele acompanhado pelo próximo.

A oração nos questiona, leva-nos a descobrir nossas falhas, a necessidade de coerência em nossas vidas e provoca a conversão.

Rezar, no fundo, é amar. Por isso, não são necessárias muitas fórmulas. Conhecemos a crítica que Jesus fazia dos fariseus, que usavam a oração para se projetar, empregando muitas fórmulas iguais às dos pagãos (Mt 6,5-8).

Não são necessárias muitas palavras, mas é indispensável a presença. Um jovem que ignora sua noiva, por causa dos seus múltiplos afazeres, não deverá ficar surpreso se um dia a vir saindo com outro. Do mesmo jeito, quem não cultiva a presença de Deus em sua vida não deverá ficar surpreso se um dia constatar que seu coração foi invadido por outros deuses: o dinheiro, o poder, o luxo, a ostentação, o individualismo, a vida burguesa.

Através da oração integramos a mística das bem-aventuranças, da cruz, do grão que precisa morrer para que haja vida, com uma militância de transformação do social.

Através da oração descobrimos o Jesus histórico, que também foi golpeado pelas forças de dominação no mundo. Recuperamos as forças de transformação do Evangelho, um Evangelho que muitas vezes foi esvaziado do seu conteúdo libertador pela ideologia da classe dominante.

Um dos sacerdotes presos e torturados no golpe de Estado, em julho de 1980, na Bolívia, escreve:

"Depois da Eucaristia que tivemos no último domingo de nosso cativeiro, apareceu o Coronel Rico Toro (Chefe máximo do Serviço de Inteligência Militar). Ele nos disse que havíamos abusado nos comentários que fizemos durante a missa, porque a missa é para nos comunicarmos com o celestial, para preenchermos com o espiritual, e nós havíamos falado muito da terra"

Através da oração em cima da Palavra de Deus descobrimos que nem todos que usam o seu nome O representam.

Como Jesus criticava os homens religiosos do seu tempo que rezavam muito, mas praticavam grandes injustiças, assim também rejeita os abusos que são cometidos em nome da religião e da ortodoxia.

Para rejeitar os abusos não precisamos rejeitar a religião.

C. LIGAÇÃO COM A COMUNIDADE ECLESIAL

A ligação com uma comunidade eclesial concreta é um dos fatores essenciais para garantir a identidade dos cristãos. É necessário também adquirir consciência de que somos membros da Igreja toda, não só de um pequeno grupo. Portanto, nas reuniões, devemos revisar também nossa prática de construir a Igreja.

Mas os jovens mais avançados nem sempre se encaixam dentro de suas paróquias, quando elas são muito tradicionais. Neste caso, é importante estudar a possibilidade da formação de comunidades ambientais, onde os jovens possam celebrar juntos a Eucaristia e se encontrar informalmente.

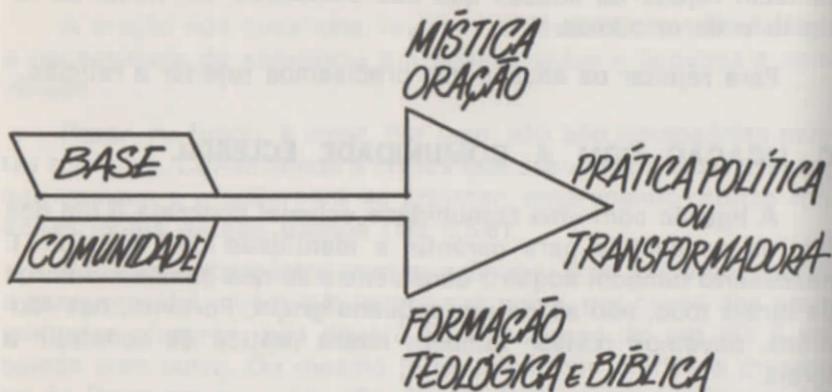
Uma diocese iniciou uma experiência de, uma vez por mês, celebrar uma "Missa do Compromisso" para os jovens mais avançados. A missa é celebrada no mesmo dia e no mesmo local todo mês, para criar hábito.

É também fundamental, para um jovem que tenha um engajamento mais forte na política, *que mantenha ligação com um grupo de base onde possa refletir a sua prática à luz da fé.* Somente assim vai conseguir manter a consciência de que a pastoral é essencialmente uma comunidade de fé com várias dimensões, uma das quais é a dimensão política da fé, mas não a única. A P. J. é uma parte organizada deste povo de Deus em marcha.

A ligação com a comunidade e a revisão da prática ajudam o jovem a evitar outra tentação: a de absolutizar a política e ignorar as outras dimensões da sua vida que são importantes para seu crescimento.

D. UM GRUPO MADURO DE MILITANTES

Os pontos fundamentais que precisariam estar presentes na vida dos militantes da P. J. podem ser colocados da seguinte maneira:



Um grupo que tem estes marcos, tem força enorme dentro da sociedade. É um grupo realmente "sal", "luz" e "fermento na massa"

Jovens que fazem esta síntese de fé e vida são jovens cuja fé amadureceu pela forte formação teológica recebida, pelo conhecimento do Evangelho, pela participação na Eucaristia, pela oração e revisão de vida e, também, pela sua formação política e nas ideologias. Numa sociedade, marcada pelo conflito social, eles se engajam do lado da classe explorada, enfrentando as angústias e dificuldades dessa decisão. São como o grupo de base de Jesus diante do sistema de dominação do seu tempo. Os Atos dos Apóstolos contam como Pedro e os apóstolos, ao saírem da prisão, foram presos novamente porque continuavam pregando a mensagem de Jesus. Os Atos descrevem a cena:

"Tendo-os, pois, trazido, fizeram-nos comparecer diante do Sinédrio. O Sumo Sacerdote os interpelou: 'Foi-vos expressamente proibido ensinar neste nome e não obstante enchestes Jerusalém com a vossa doutrina! Quereis assim fazer recair sobre nós o sangue deste homem!' Pedro respondeu, com os apóstolos: 'É preciso obedecer antes a Deus que aos homens' (At 5,27-29).

4 Perguntas para uma reunião de estudo



- 1) Revisão do grupo de influência.
- 2) Qual foi a idéia mais importante para você, neste capítulo?
- 3) Cite exemplos de jovens da P. J. que fizeram uma das três opções explicadas no texto.
Por que tomaram esse rumo?
- 4) O que falta em nosso grupo, ou na P. J. de nossa diocese, para que os jovens possam fazer a síntese de fé e vida?
- 5) Que conclusões podemos tirar para nosso grupo ou nossa equipe de coordenação?

RESUMINDO

Os jovens que passam pela P. J. sempre acabam fazendo uma das seguintes opções:

1. CRISTÃOS ABURGUESADOS

Há um divórcio entre fé e vida. Alguns jovens cristãos que, mais tarde, se aburguesam, opõem-se a uma visão coletiva e a um compromisso mais sério com a família humana. A sua fé e a sua oração não questionam nada.

2. A FÉ IGUAL A UMA TEORIA POLÍTICA

O Evangelho é visto por alguns jovens como trampolim para o movimento político. Para outros jovens, a prática pastoral é reduzida a uma prática política.

3. SÍNTESE: FÉ E VIDA

A P. J. deve ajudar os jovens a fazer a síntese fé e vida, fé e política.

- a) **Necessidade de aprofundamento:** para que ocorra a síntese, deve haver aprofundamento teológico, bíblico e de oração. Deve-se descobrir o valor dos sacramentos a partir da sua prática.
- b) **Oração:** a síntese não ocorre apenas através de um aprofundamento racional da fé, pois a fé é mais do que o racional. A oração em comunidade e a oração pessoal são importantes para que o jovem persevere. Rezar é amar. Para rezar, não são necessárias muitas palavras, mas é indispensável a presença.
- c) **Ligação com a comunidade eclesial:** é fundamental para garantir a identidade dos cristãos. Devemos nos conscientizar de que somos membros da Igreja toda, não só de um pequeno grupo. Para que o jovem tenha engajamento mais forte na política, deve manter ligação com um grupo de base onde possa refletir a sua prática à luz da fé.
- d) **Um grupo maduro de militantes:** Jovens que fazem a síntese de fé e vida são jovens cuja fé amadureceu pela forte formação teológica recebida, pelo conhecimento do Evangelho, pela participação na Eucaristia, pela oração e revisão de vida e pela sua formação política e nas ideologias. Nas sociedades marcadas pelo conflito social, os jovens optam pela classe explorada.

11

ORGANIZAÇÃO

1 Necessidade de organização

O motivo pelo qual a Pastoral de Juventude não funciona, em muitos lugares do Brasil, é a falta de organização.

O maior problema da Pastoral de Juventude, em muitas cidades, é que os grupos pensam que podem funcionar na base do "espontaneísmo" (não da espontaneidade, que é coisa positiva). Há, sem dúvida, grande capacidade de improvisação, mas sem organização quase tudo o que se propõe e se planeja está fadado ao fracasso.

Uma boa organização é fundamental para o funcionamento de uma Pastoral de Juventude, que se constrói a partir de grupos de base. Não basta apenas juntar 15 jovens para ter um grupo de base se não houver uma organização que garanta o seu funcionamento.

A questão da organização é também fundamental para a *preparação de uma sociedade nova*. A grande massa do povo pode ser manipulada e explorada porque não está organizada. O Evangelho de São João apresenta Jesus como vindo "para congregar na unidade todos os filhos de Deus dispersos" (Jo 11,52).

O povo de um bairro, que se reuniu em assembléia para reivindicar a reabertura de um Posto de Saúde, aprendeu essa lição dolorosa. A assembléia não foi bem preparada, a coordenação não sabia coordenar o debate e encaminhar as propostas para serem votadas. Por isso, a assembléia terminou sem amarrar propostas concretas e sem marcar uma próxima reunião de coordenação.

Por outro lado, *a organização não pode ser tão rígida e burocrática que sufoque a criatividade e a espontaneidade das pessoas e impeça o despertar de uma consciência crítica.*

O modelo de organização de uma Pastoral de Juventude que aqui apresentamos não é o único. Pode haver outros. O importante, no entanto, é que haja organização, do contrário estaremos correndo o risco de sempre recomeçar.

Uma boa organização pressupõe, como primeiro passo, a *formação das coordenações.*

2. Coordenações

Numa paróquia ou comunidade, é importante que haja uma coordenação geral dos grupos de base. Esta coordenação impede que os grupos se fechem e facilita o crescimento da formação e da ação, através da reflexão e do planejamento, de algumas atividades em comum.

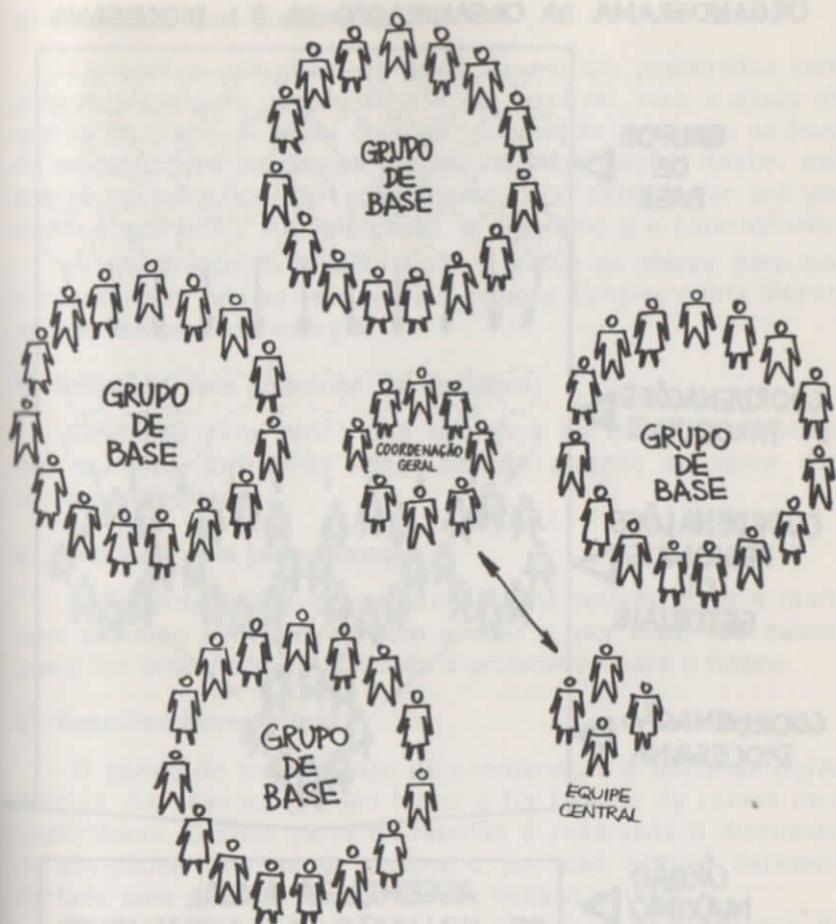
Uma Pastoral de Juventude que procura caminhar na base da espontaneidade não resiste à primeira crise que aparece. É necessário um mínimo de estabilidade e estrutura para que se possa garantir uma boa coordenação.

A coordenação geral é composta, normalmente, por um coordenador e por um vice-coordenador para cada grupo. O coordenador geral também forma uma equipe central, que se reúne pelo menos uma vez por mês.

A. A FUNÇÃO DA COORDENAÇÃO

A função do coordenador geral e da equipe central é a de acompanhar de perto os grupos, através de visitas e bate-papos informais, reflexão crítica sobre sua caminhada e preparação da pauta da reunião de coordenação. É importante que os membros desta equipe sejam liberados de outros compromissos para que possam desempenhar bem a sua função.

Dentro da equipe devem ser distribuídas as várias funções: coordenador-geral, vice-coordenador, secretário, tesoureiro etc.

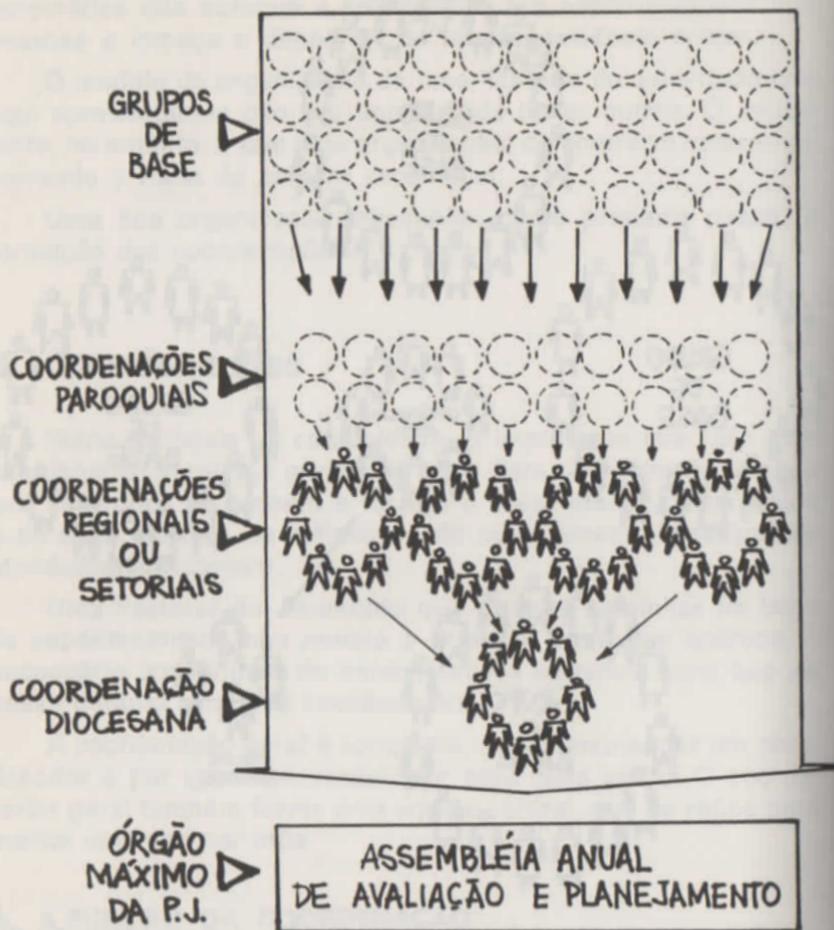


É importante também a existência de uma coordenação de Pastoral de Juventude que funcione dessa maneira, em nível de diocese e de região. Essa coordenação facilita o intercâmbio em todos os níveis e evita o fechamento dos grupos.

A coordenação em nível regional e diocesano normalmente segue esse mesmo esquema.

Em muitas dioceses, nos últimos anos, assembléias para avaliar, planejar e definir a realização de metas prioritárias, revelaram-se instrumentos importantes para formar ou fortalecer coordenação regionais e setoriais.

ORGANOGRAMA DA ORGANIZAÇÃO DA P.J. DIOCESANA



B. REUNIÃO DA COORDENAÇÃO

Às vezes, a P. J. não caminha por causa de alguma falha técnica. É o caso de muitos que não sabem como encaminhar uma reunião de coordenação, por exemplo.

Há seis "pecados" que, freqüentemente, são cometidos nas coordenações da P. J. nos vários níveis:

a) Reuniões sem preparação

Os pontos principais da pauta devem ser preparados com antecedência pelo coordenador e, se possível, com a ajuda de outros do grupo. A pauta deve ser submetida ao grupo, na hora da reunião, para aprovação e possível modificação. Assim, evitamos os extremos de espontaneísmo; o "deixa estar prá ver como é que fica" a manipulação, o dirigismo e o paternalismo.

A preparação da reunião ajuda a prever as coisas, para que o coordenador não se veja perdido na hora. Evita-se muita dispersão de tempo e de energia.

b) Reuniões sem cobrança de decisões

Reuniões sem relatório e cobrança de decisões tomadas em reuniões anteriores ficam sempre girando ao redor dos mesmos problemas.

c) Reuniões sem planejamento

Há coordenações que vivem de uma reunião para a outra sem planejar, sem prever, sem avaliar e, por isso, não conseguem ter uma visão de conjunto e projetar-se para o futuro.

d) Reuniões burocráticas

O perigo de toda reunião de coordenação é tornar-se rígida demais. As pessoas gastam horas a fio falando de coisas sem importância. Grande parte da reunião é reservada à discussão de atividades internas da pastoral e, por isso, acabam deixando de lado uma reflexão crítica da sua missão externa.

Para solucionar o problema, convém prever a distribuição do tempo e deixar os assuntos administrativos para o final da reunião. Para facilitar, é bom mimeografar os avisos e os comunicados. Com isso, o grupo ganha tempo. A maior parte do tempo da reunião deve ser reservada para a revisão crítica do andamento dos grupos.

e) Reuniões sem conclusão

Levantam-se os problemas, fala-se de soluções, mas o coordenador não anota nada e não ajuda a equipe a amarrar propostas concretas.

É fundamental anotar as idéias mais importantes da reunião para que possam ser diagnosticados os pontos de estrangulamento que impedem o avanço da P. J. Estes pontos devem ser separados, um por um, para que possam ser encaminhados às soluções adequadas. Um destes pontos de estrangulamento da P. J. é o problema da representatividade nas reuniões de coordenação em nível regional e diocesano. Os representantes têm de ser coordenadores ou jovens com voz ativa na base, caso contrário a base não será atingida.

e) Reuniões sem revisão de vida

Reuniões onde nunca é feita uma revisão de vida de equipe caminham com muita dificuldade.

C. PRINCIPAIS INSTRUMENTOS DE TRABALHO DA COORDENAÇÃO

FACILITAR CONTATOS: entrosamento com outras linhas de pastoral para que a juventude possa participar da pastoral orgânica da Igreja.

Essa comunicação com outros grupos é importante para que os jovens não fiquem "presos" a seus grupos de base, e para que haja enriquecimento mútuo através de contatos em reuniões de coordenação, assembléias, cursos e outras atividades. Um jovem comenta: "A própria psicologia do jovem faz com que ele sinta necessidade de fazer parte de algo que é maior do que um pequeno grupo.

Quando vê que há mais gente fazendo a mesma coisa, sente mais força. É uma injeção de ânimo. Sente calor humano, mais gente na mesma luta. É encontrar-se com outros jovens que também estão procurando respostas para as perguntas sérias sobre a vida vazia"

- *PLANEJAR* e providenciar subsídios para uso das comunidades locais, tais como: cursos, treinamentos, temários.
- *ACOMPANHAR* as comunidades, principalmente as mais fracas.
- *AVALIAR CRITICAMENTE* o andamento da Pastoral de Juventude.

D. PLANEJAMENTO

a) Evitar a dispersão de forças

Sem planejamento há dispersão de forças, frustração e desânimo. Há choque contínuo de datas de reuniões, de cursos e de atividades. É preciso planejar juntos as atividades que vão dar respostas às nossas perguntas: O quê? Como? com quem? Com o quê? Quanto? Onde? Quando?

Cria-se muita frustração dentro de Pastoral de Juventude porque muitas propostas boas caem no vazio.

Uma assembléia diocesana de P. J. contava com boa participação. Perdeu-se o embalo, porém, porque não houve planejamento para dar continuidade às decisões.

Num curso para coordenadores, uma parte da dinâmica fracassou porque o coordenador do curso não avisou os cursistas, com antecedência, que tinham de trazer a Bíblia, e também não pensou na necessidade de ter algumas de reserva.

Outro curso falhou porque os coordenadores não tiveram o cuidado de ver quem ia providenciar o material.

Outro ainda fracassou porque foram distribuídas as fichas com muito atraso. O planejamento deve chegar aos detalhes: Quem distribui as fichas? Quem traz material? Quem providencia as Bíblias? Isso evita a dispersão de forças, desentendimentos, irritações, e desânimo.

Não há processo sério de formação dos jovens e não há ação planejada. A Pastoral de Juventude, muitas vezes, é como um cachorro que começa a correr em roda, tentando agarrar seu rabo: há um esforço, mas não sai do lugar. Os grupos sempre

discutem os mesmos assuntos: amizade, comunidade, sexo, namoro, liberdade, relacionamento pai-filhos. Os "velhos" da comunidade se afastam por estarem cansados de uma situação onde não podem mais crescer. Há grande desânimo e grande frustração.



No processo de planejamento *já se projeta para o futuro* e cria-se um dinamismo novo. Canaliza a generosidade, o entusiasmo e a capacidade dos jovens na construção de uma sociedade nova, com homens novos.

Um planejamento deve partir sempre da realidade do jovem e do tipo de sociedade onde ele vive (VER). Depois, ele será iluminado pelos princípios da fé (JULGAR), para decidir, em seguida, as atividades que serão desenvolvidas (AGIR).

b) Só executa quem ajuda a decidir

Para envolver os jovens na execução do plano, será importante que eles participem da sua elaboração.

Só executa quem ajudou a decidir. A participação garante a eficiência do planejamento. A Pastoral de Juventude de várias dioceses tiveram uma experiência interessante nesse sentido. A Pastoral começou a funcionar de maneira orgânica, e somente depois é que se fizeram assembléias de planejamento em nível de diocese, com as principais lideranças das comunidades.

O processo de planejamento da P. J., em muitas dioceses, começa com a escolha de prioridades pastorais usando o método Ver-Julgar-Agir.

O processo de planejamento, sobretudo quando feito numa assembléia de vários dias seguidos (levantamento da realidade, aprofundamento dos critérios cristãos e debates), muda a mentalidade e conscientiza as pessoas que dele participam. Muitas vezes, *o próprio processo é mais importante* do que as decisões práticas que são tomadas.

Um planejamento anual de atividades deve abranger os diversos níveis: região e comunidade. Os níveis abaixo devem sempre incluir, no seu planejamento, as atividades dos níveis acima, que diretamente os atingem.

Um esquema de planejamento deve ser simples como mostra o exemplo da página seguinte.

MES	O QUE? TAREFA	POR QUE?	QUANDO? DATAS/ HORARIOS	QUEM? RESPONSAVEL	ONDE? LOCAL	COM QUEM? PARTICIPS.	AVALIAÇÃO

3 Perguntas para uma reunião de estudo



1) a) Revisão do grupo de influência.

b) Revisão das decisões da última reunião.

2) Faça um confronto com as idéias abordadas neste texto:

Em termos de organização, coordenação e planejamento, o que está faltando para o nosso grupo? E para a P. J. de nossa paróquia, região e diocese?

3) O que causa esses pontos de estrangulamento? Como superá-los?

4) Quais são as conseqüências de uma P. J. desorganizada, sem planejamento?

5) Que decisões podemos tomar com relação ao nosso grupo?

E com relação à equipe de coordenação?

A lista de decisões deve ser colocada na pasta, com as decisões das outras reuniões, para serem retomadas no final do estudo do livro.

RESUMINDO

1. NECESSIDADE DE ORGANIZAÇÃO

A falta de organização faz com que a P. J. não funcione em muitos lugares. Ela é fundamental para a preparação de uma sociedade nova. Não deve, por outro lado, ser rígida e burocrática a ponto de sufocar a criatividade e a espontaneidade das pessoas e impedir o despertar de uma consciência crítica. Uma boa organização pressupõe, como primeiro passo, a formação das coordenações.

2. COORDENAÇÕES

Deve haver um mínimo de estabilidade e estrutura na P. J. para que se possa garantir uma boa coordenação. A coordenação geral é composta por um coordenador e por um vice-coordenador. O coordenador geral forma também uma equipe central, que se reúne uma vez por mês.

- a) **A função da coordenação:** é acompanhar de perto os grupos através de visitas e bate-papos informais, reflexão crítica sobre sua caminhada e preparação da pauta de reunião de coordenação.
- b) **Reunião da coordenação:** quando a P. J. não caminha, a culpa, muitas vezes, é de alguma falha técnica. As falhas mais frequentemente cometidas nas coordenações da P. J. são: reuniões sem preparação, sem cobrança de decisões, sem planejamento, reuniões burocráticas, sem conclusão e sem revisão de vida.
- c) **Principais instrumentos de trabalho da coordenação:** facilitar contatos com outras linhas de pastoral para que a juventude participe da pastoral orgânica da Igreja; planejar e providenciar subsídios para uso das comunidades locais; acompanhar as comunidades e avaliar criticamente o andamento da P. J.
- d) **Planejamento:** sem planejamento há dispersão de forças, frustração e desânimo. No planejamento já se projeta para o futuro e cria-se um dinamismo novo. O planejamento deve partir da realidade do jovem e do tipo de sociedade onde ele vive (VER). Depois, ele será iluminado pelos princípios da fé (JULGAR) e, em seguida, decidirá as ações que irá desenvolver (AGIR). Para envolver os jovens na execução do plano, é importante que eles participem de sua elaboração, pois só executa quem ajuda a decidir. Muitas vezes, o próprio processo de planejamento é mais importante do que as decisões práticas que são tomadas.

12

ACOMPANHAMENTO

1. Falta de continuidade

O grande desafio da Pastoral de Juventude talvez não seja tanto como fazer um bom planejamento, mas como dar seqüência a esse planejamento. Planos bonitos não faltam, mas o grande problema é a *FALTA DE CONTINUIDADE* a esses planos. Quantas vezes ficamos decepcionados com o nível de engajamento, compromisso e perseverança de um curso que tínhamos classificado de excelente. O problema não foi o curso, mas a sua falta de continuidade.

Jesus descreve esse problema numa linguagem viva:

"Quem de vós, com efeito, querendo construir uma torre, primeiro não se senta para calcular as despesas e ponderar se tem com que terminar? Não aconteça que, tendo colocado o alicerce e não sendo capaz de acabar, todos os que virem comecem a caçoar dele, dizendo: 'Este homem começou a construir e não pôde acabar!'" (Lc 14,28-30).

A continuidade vai depender do tipo de acompanhamento a ser dado. De nada adianta fazer planos maravilhosos, se esses não são postos em prática. A indicação de jovens responsáveis pelo acompanhamento vai ser o ponto-chave da continuidade.

Quando falta um bom acompanhamento pode-se perder todo o esforço e a energia empregados no início. É importante que os coordenadores estejam preparados psicologicamente para esse risco.

Um dos pontos-chaves para o bom funcionamento da Pastoral é o acompanhamento dos grupos a nível de diocese, de região e de paróquia.

2 Escassez de assessores

Outro grande problema que a Pastoral de Juventude enfrenta é a escassez de padres, religiosas ou adultos com capacidade e vocação para apoiar e orientar coordenadores jovens nessa tarefa de acompanhamento. Em geral, os jovens ficam jogados à sua própria sorte por causa da falta de bons assessores.

A triste realidade é que, num país onde mais de 30% da população se encontra entre 15 a 24 anos, 95% das forças da Igreja se dedicam a trabalhar com crianças e adultos!

Para dar bom acompanhamento aos jovens, cada assessor não deve ter mais de dois ou três grupos. O que vemos, no entanto, são dioceses inteiras na dependência de um só padre ou de uma só religiosa, que dão acompanhamento a todos os grupos de jovens.

É importante que os jovens montem *uma estratégia para "conquistar" envolver e interessar assessores adultos* que tenham as qualidades necessárias para esse tipo de trabalho. Assisti, há pouco tempo, a uma assembléia de Pastoral de Juventude onde os jovens convidaram um padre e uma religiosa para a sua preparação e montagem, com o objetivo de interessá-los pelo acompanhamento permanente dos grupos. Funcionou.

Mas, mesmo assim, a falta de assessores adultos: padres, irmãs, seminaristas ou casais, é uma realidade dentro da qual temos de trabalhar. Há poucos adultos que têm tempo ou capacidade necessários para trabalhar com jovens.

Temos de montar um tipo de *acompanhamento que leve em conta essas limitações*, fazendo com que os jovens tenham seus próprios canais de comunicação para suprir a falta de assessores. Assim, não vão precisar depender de vigários superatarefados para entregar avisos e convocações que, na maioria das vezes, ficam nas gavetas das paróquias.

3 Algumas "dicas" para as equipes responsáveis pelo acompanhamento

As equipes centrais das coordenações, em nível de diocese, região e paróquia, têm a maior parte da responsabilidade de

articulação do trabalho de acompanhamento. No sentido explicado acima, esse acompanhamento pode ser feito através de:

- 1) *reuniões, cursos e orientação na leitura de livros;*
- 2) *acompanhamento e visitas a jovens que começam a despertar para uma visão mais crítica e que, por isso, procuram dedicar-se mais aos outros. O jovem que faz o acompanhamento deve ter capacidade para perceber essas novas lideranças que começam a desabrochar, para que não se fechem de novo por falta de apoio e orientação. Essa capacidade de localização e identificação de líderes assemelha-se ao procedimento de um bom técnico de time de futebol: ele está sempre de olho para perceber os novos jogadores com potencial para o futuro.*

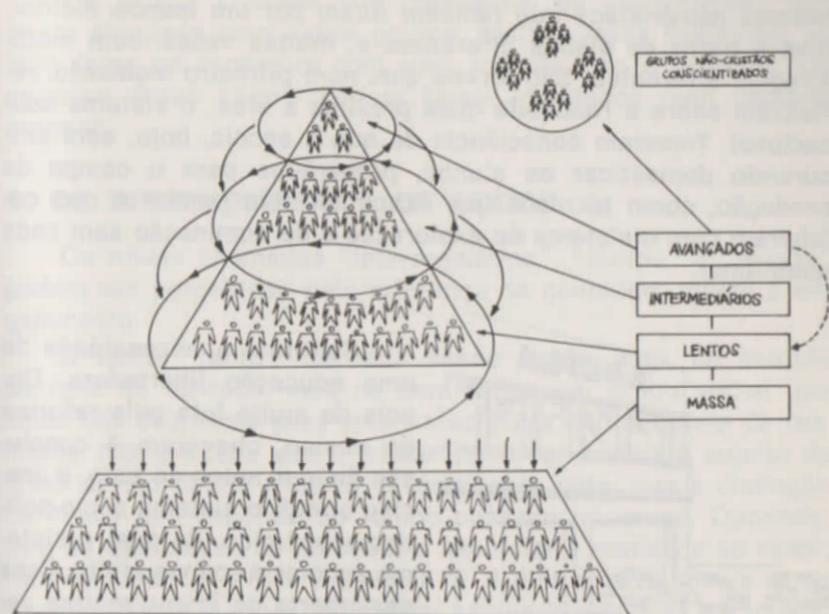
Os coordenadores devem *deixar de lado certas tarefas*, que tomam grande parte do seu tempo, para se dedicar a coisas mais importantes, como:

- *bate-papos e contatos informais;*
 - *um sistema de cobrança constante. Sem cobrança de decisões e propostas, não se cria um ambiente de seriedade e responsabilidade. Não se realiza nada;*
 - *assembléias anuais de avaliação e planejamento nos diversos níveis: diocesano, regional e paroquial;*
 - *reuniões de assessores (padres, irmãs, seminaristas), comprometidos com os jovens;*
- 3) *um trabalho de níveis. Nas próximas páginas, tentaremos explicar melhor a dinâmica do acompanhamento, levando-se em conta o nível de consciência e de compromisso de cada jovem.*

4 Acompanhamento conforme o nível de consciência

Para organizar um bom acompanhamento, é preciso levar em conta que qualquer agrupamento de jovens, seja em termos de diocese, de região, de paróquia ou de grupo de base, pode

ser dividido em vários níveis de consciência. O acompanhamento tem de ser feito por níveis, como mostra o gráfico abaixo:



Em termos de diocese, região ou grupo de base, podemos distinguir quatro níveis de consciência: os avançados, os intermediários, os lentos e a massa.

A. OS AVANÇADOS

Os avançados, *normalmente*, são os coordenadores, eleitos ou escolhidos porque são, em geral, os *mais dedicados* e porque *têm mais coragem* e capacidade de organização que os outros jovens. São os jovens que têm consciência crítica mais aguda dos mecanismos de dominação e exploração da sociedade. São os jovens que, no seu nível, é claro, sabem fazer a síntese entre a conversão individual e a conversão social, a fé e a política, a reflexão e ação, a participação eclesial e a participação na transformação dos ambientes naturais. São os jovens que vão aprofundando sua fé e seu compromisso através do processo dialético reflexão/ação.

• GRUPOS NÃO-CRISTÃOS

No mesmo nível dos avançados, há vários grupos e movimentos não-cristãos que também lutam por um mundo melhor, mas a partir de visões diferentes e, muitas vezes, com metodologias diferentes. São jovens que, num primeiro momento, refletiram sobre a realidade mais próxima a eles: o sistema educacional. Tomaram consciência de que a escola, hoje, está procurando domesticar os alunos, prepará-los para o campo da produção, como técnicos que executam sem pensar e que colaboram com o sistema de exploração e de dominação sem nada questionar.



Sentiram a necessidade de uma educação libertadora. Depois de muita luta pela reforma do ensino, chegaram à conclusão de que, antes de tudo, é preciso atingir o sistema sócio-político-econômico, do qual o sistema escolar é apenas efeito. Essa descoberta os levou, muitas vezes, a mudar de uma opção pro-

fissional para outra. Muitos escolheram cursos na área social, mesmo sabendo que elas oferecem pouca segurança econômica para o futuro.

É uma juventude que descobriu que a salvação vem dos oprimidos e, por isso, está disposta a se entregar à luta árdua, mas cheia de esperança.

É uma juventude que quer ser útil aos outros, mas de maneira inteligente e crítica.

O número desses jovens é pequeno, mas o significado de sua luta é profundo.

Em geral, todo jovem que quer uma sociedade diferente pertence a algum grupo ou movimento. Isso vem comprovar o valor do grupo para que o jovem possa sustentar seu ideal e lutar pela mudança desse sistema.

Por terem crescido num regime fechado e opressor e por não terem tido a experiência de um processo democrático e

trabalho de equipe, alguns desses grupos optam por métodos e soluções extremistas. Não têm paciência histórica.

Os jovens cristãos que chamamos de "avançados" têm muita afinidade com esses grupos. Muitas vezes trabalham ao lado deles ou cooperam com eles, quando isso é possível. Os critérios dessa cooperação já foram abordados num capítulo anterior.

B. OS INTERMEDIÁRIOS E OS LENTOS

Os níveis chamados "intermediários" "lentos" e "massa" podem ser percebidos pela diferença de conteúdo, idéias e engajamento.

O termo "lento" não está sendo usado, aqui, no sentido de falta de vontade, mas no sentido de um grupo social que *ainda não despertou para uma consciência crítica* diante da realidade. Não percebe que o cristão deve ser senhor e sujeito da história, não objeto passivo. É importante notar que a distinção de níveis não depende do tempo passado no grupo. Depende, sim, da capacidade de perceber e assimilar a realidade ao redor, com consciência crítica e à luz da fé. A distinção de níveis ajuda o *corpo todo a avançar*, cada nível seguindo seu grau de amadurecimento, sem queimar etapas.

Os "lentos" já deram o primeiro passo: conseguiram sair da massa.

C. A MASSA

A massa é composta, em grande parte, de jovens. Na América Latina, 70% da população tem menos de 24 anos. Dentro do modelo político, econômico e social escolhido, esses jovens podem ser divididos em dois grandes grupos:

- a) os jovens que são treinados para viver oprimidos;
- b) os jovens que são treinados para oprimir.

a) Os jovens que são treinados para viver oprimidos

Trata-se da grande maioria dos jovens. Já nascem com a "corda no pescoço"

O documento da Pastoral de Juventude, número 5 CFP, da diocese de Caxias do Sul, descreve assim a vida dessa imensa quantidade de jovens:

"Toda essa imensa multidão de operários juvenis trabalha de sol a sol pela própria sobrevivência. Fazendo aquilo que nunca puderam escolher, sem possibilidade alguma de fazer valer seus direitos, nem mesmo de adquirir situação estável. De mãos calejadas, trabalham na enxada ou nas fábricas, submetidos a um regime que faz do seu trabalho uma mercadoria. Transformam a natureza em utilidade para seus opressores, não podendo eles mesmos usufruir daquilo que produzem.

Nós os encontramos por toda a parte, no campo como na cidade. Aos 9-10 anos já, e às vezes até mais cedo, estão vendendo jornais ou doces, engraxando sapatos, servindo nos bares, limpando as ruas, lavando automóveis, fazendo a cobrança nos coletivos etc. Há dois milhões de meninas empregadas domésticas num único país da América Latina, inteiramente à mercê dos patrões, porque não existe nenhuma regulamentação em lei para a situação delas.

Se a juventude deve ser caracterizada a partir de três fatores: biológico (puberdade), psíquico (adolescência) e sociológico (juventude), então, no Terceiro Mundo não existe juventude.

Desde cedo, por força das condições estruturais do "desenvolvimento" o prematuro já deve fazer a mesma coisa que os adultos.

Muitos, que não conseguem agüentar o peso da opressão apelam para o crime, o alcoolismo ou a prostituição. E nisso todos os estrategistas de mudança estão de acordo: nessa massa de oprimidos, que começa a despertar, reside o maior potencial de transformação da sociedade atual"

b) Jovens treinados para oprimir

É a minoria dos jovens que goza de posição econômica privilegiada e que, por isso, tem a possibilidade de adquirir um nível cultural superior. São esses jovens que o sistema treina para que sejam os dirigentes da máquina que explora os outros. Esses jovens podem ser divididos em dois grupos:

- jovens "instalados" e
- jovens de "boa vida"

• JOVENS "INSTALADOS"

Frei Betto descreve assim esse tipo de jovens:

"Sim, existe uma juventude diferente. Uma juventude comportada, assídua aos deveres escolares, limitada às 'obrigações próprias da idade' Estudam, namoram, divertem-se. Vão à missa sempre aos domingos. São de famílias que marcham com Deus pela liberdade. Dispõem de conforto, vestem-se na moda, conhecem a literatura atual, falam algum idioma estrangeiro. Têm como ideal uma profissão bem remunerada, um lugar de destaque na sociedade, uma família estável. O futuro é, para eles, um panorama cor-de-rosa.

Nas classes média e rica essa faixa é grande. *São jovens que não querem renovar nada, exceto seus penteados e guarda-roupas*, e se satisfazem em dispor tão somente daquilo que lhes for legado pelo curso da vida. São vítimas de uma estrutura familiar ilhada no contexto dos grandes problemas sociais e de um sistema de ensino que divide o mundo entre o passado que se deve aprender na escola, e o presente que é vivido lá fora. Seu ensino é desligado da realidade concreta, acadêmica, incapaz de levar os jovens a se interessarem seriamente pelos problemas de sua época ou, ao menos, a ler jornal. O bem comum é, para eles, uma expressão, nunca uma exigência, um dever. A miséria e a fome eles a conhecem como temas de suas peças de teatro e de seus filmes preferidos"

Não se trata de desprezar o bom profissional. Pelo contrário, o jovem que não é bom profissional, também não presta para outra coisa. Não se faz uma sociedade nova com jovens desleixados e ineficientes. Critica-se o jovem que se fecha numa vida egoísta, isolando-se dos grandes problemas da sociedade de hoje.

• JOVENS DE BOA VIDA"

Um primeiro grupo, em geral da alta burguesia, não trabalha e é pouco ou nada ligado aos estudos. É vítima fácil de uma máquina de propaganda bem montada. Procura se auto-afirmar

através de um carrão último modelo, uma motocicleta barulhenta, viagens, praia, ou pela fuga no álcool, nas drogas e no amor-livre.

Um segundo grupo de jovens, que normalmente pertence à classe média, e que se empobrece cada vez mais, procura criar um mundo ilusório, identificando-se com as discotecas e com os ídolos da música e do cinema. Escolhe o *caminho da fuga* diante de um mundo onde sente que há muita coisa errada.

Não podemos condenar esses jovens como alienados. São resultado de todo um sistema que entorta o homem.

Devemos condenar, sim, a verdadeira fábrica que produz tudo isso, o regime que não dá condições de pensar. Muitos destes jovens, quando atingidos por outros jovens mais conscientes, despertam para uma consciência crítica e aceitam um convite para participar de grupos. Neste sentido, o jovem é menos influenciado pela ideologia da sua classe social do que o adulto.

Diante desse quadro, a meta da P. J. deve ser de lutar pela causa do jovem oprimido.

"Os apóstolos dos jovens" diz Paulo VI, "têm de ser os outros jovens"

5 Como atingir a massa

Esta massa pode ser trabalhada pelos "avançados" pelos "intermediários" e até pelos "lentos" no sentido de atrair alguns jovens para os grupos de base, através de convites pessoais e de encontros. A maneira mais eficiente, porém, de atingir a massa é através da metodologia do *Segundo Caminho*, que já descrevemos: revisão da prática dos contatos com os grupos de influência no meio específico.

E é importante, ao lado de uma pastoral mais especializada, pensar numa *pastoral de massa, com momentos fortes*: semanas de juventude, caminhadas, festivais de música, congressos de juventude, com conteúdo sério, precedidos de uma preparação que envolva muitos jovens e que tenha perspectiva de continuidade.

Um grupo de jovens organizou *uma semana de debates* sobre diversos assuntos que interessavam à opinião pública. Os convites foram distribuídos nas portas das discotecas e nas fábricas. Compareceram mais de 200 jovens.

6 O perigo de desligamento dos mais avançados

Num trabalho de conscientização, a experiência mostra que há um perigo: *os mais avançados se distanciam dos outros e, às vezes, até se desligam por completo.*



Esta separação pode acontecer de várias maneiras:

A. FALTA DE INTERESSE

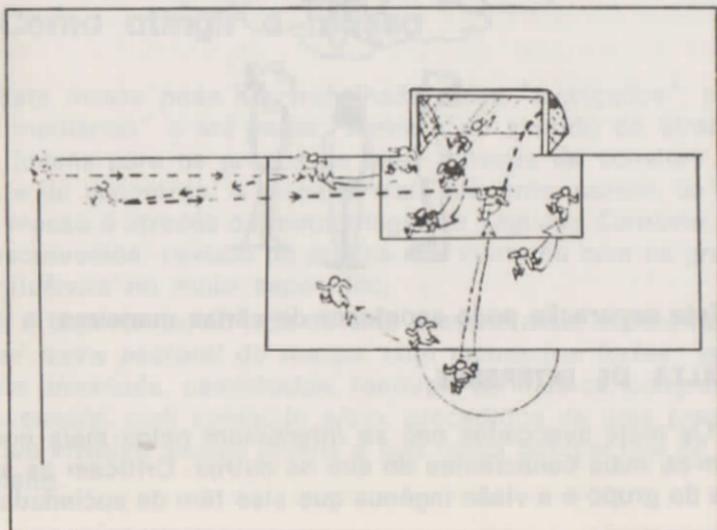
Os mais avançados *não se interessam* pelos mais novos. Achem-se mais conscientes do que os outros. Criticam as atividades do grupo e a visão ingênua que eles têm da sociedade.

B. DESPREZO

Os mais avançados *desprezam* os que ainda estão começando a "engatinhar" e que são tachados de alienados.

A sua arma é o *negativismo*. As reuniões se transformam em sessões de crítica, sem nenhuma palavra de estímulo ou busca em conjunto de pistas concretas. O problema, no fundo, é a sua *incapacidade de perceber ou obedecer às etapas* de uma verdadeira conscientização. Os outros desanimam, ou adotam uma posição de rejeição e de agressão. A atitude dos "avançados" *cria bloqueios emocionais* de rejeição de qualquer idéia proposta por eles. Os outros perdem a objetividade e o interesse pela verdade. Sem perceber, os avançados estão *reproduzindo o sistema de dominação* que dizem combater. Não têm paciência com os mais lentos. Impõem as suas idéias, projetando, às vezes, seus próprios problemas psicológicos.

Apresentam-se como os "donos da verdade" Um jovem coordenador, que acabou com seu grupo de base, tomou consciência, depois, de que sua atitude estava projetando a situação que vivia com o pai alcoólatra. Por ser bastante freqüente este tipo de problema, a participação em algum curso, de fundo psicológico, é importante para que os coordenadores tomem conhecimento de suas motivações inconscientes.



O jovem, assim, é como um jogador de "cabeça quente" que, em vez de pensar numa estratégia para marcar um gol, procura passar, sozinho, por cima das linhas de defesa do outro time.

O jovem que está numa posição de coordenação tem de ter certa habilidade para ir conquistando espaços, dando os passos táticos e estratégicos necessários para conseguir o resultado desejado.

Uma das falhas, às vezes, de quem está na vanguarda, é achar que as contribuições dos outros não valem nada porque não estão ainda numa luta, na linha de frente. Querem um time só de atacantes.

Numa linguagem muito direta, característica da juventude, um jovem descreveu o comportamento de um desses "avançados":

"Agora que fulano descobriu o mundo da política, que é todo um mundo novo, ele acha que o outro é mais burro do que ele porque ainda não o descobriu. Só porque chegou a certo estágio de evolução, ele se acha mais 'gostoso' do que quem está num estágio inferior. Ele se esquece de que ele também passou por isso"

Os mais avançados adotam uma atitude imediatista: querem mudar tudo de uma vez. Queimam as etapas. Esta é a atitude, muitas vezes, de jovens que participam de cursos, assembléias e postos de coordenação, onde começam a ter visão mais ampla das coisas, mas que, ao voltar, não sabem transmiti-la para os outros de maneira pedagógica. Acabam atrapalhando tudo, porque lhes falta paciência histórica e metodologia que respeite as etapas pedagógicas.

C. INTELECTUALISMO

Os mais avançados caem no *intelectualismo*. Resolvem tudo ao nível das idéias. *Desligam-se da base*. As conclusões são suspeitas por não serem resultado de uma reflexão a partir de uma prática e de contato com a base. Não se respeita a dialética teoria/práxis — reflexão/ação.

Nas grandes assembléias, forçam demais as conclusões e saem com propostas que não são assumidas depois. No fim, sentem-se sozinhos e desanimados.

Os "avançados" que não têm trabalho de base, que só participam de reuniões e assembléias a nível de coordenação, facilmente *criam para si um mundo ilusório*. Pensam que o nível de visão e motivação de uma assembléia é o mesmo da vida de todos os dias. Caem num tipo de "vanguardismo" achando que a grande massa os está seguindo. Quando acordam, é tarde demais. Foi o que aconteceu com muitos *líderes estudantis em 1968*. Achavam que, com o início da mobilização de massa, era já chegada a hora do "socialismo brasileiro". Sua falta de percepção e paciência deu pretexto para a repressão feroz que se seguiu.

Como resultado dessas atitudes, os "avançados" vão se desligando dos outros níveis, vão se "queimando" aos poucos e, no final, abandonam tudo. Os "avançados" se colocam numa situação muito delicada, como a de alguém que está sentado no *galho de uma árvore*, ridicularizando um colega que está com o serrote na mão. Basta que o outro serre o galho para se livrar do aborrecimento.

A grande verdade é que jovens avançados, que perdem o contato com a base, e *não sabem mais trabalhar com ela, não podem mais ser considerados como avançados*. São líderes à medida que tiverem capacidade de trabalhar com todos os níveis, sobretudo com a massa, o que é o mais difícil. Aquele que não tiver algum trabalho de base cai facilmente no "cupulismo" e "vanguardismo".

Outra grande verdade: *jovens que são "avançados" hoje, poderão não ser avançados amanhã*. Um exemplo disso foi dado por um excelente coordenador de grupo de base que, quando eleito coordenador geral de sete grupos, numa comunidade, exigiu demais deles. Ele "se queimou" desanimou e causou o desmoronamento de quase todos os grupos.

7 Critérios para pertencer a uma coordenação da P. J.

Um grave problema enfrentado, no momento, pela P. J., é o de jovens que se desligam dos seus grupos de base depois que assumem uma função de direção na Pastoral. Terminado o mandato, muitos também se desligam de tudo.

Depois das experiências dos últimos anos, faz-se necessária a elaboração de alguns critérios de participação de jovens na direção da Pastoral. Os principais critérios parecem ser estes:

- 1) Deve ter algum *trabalho de base*, por pequeno que seja. Sem esse contato com a base, o jovem corre o risco de cair no imediatismo, no intelectualismo, no vanguardismo, no cupulismo, ou pode tornar-se um burocrata. O apoio da base também ajuda a evitar a frustração.
- 2) É importante "*o como*" se trabalha na base, o método que se usa e a maneira de explicar o método.
- 3) Deve estar ligado a um grupo de base onde se *revisa a prática à luz da fé*. Não basta estar com prática, por exemplo, de sindicato, de partido, de movimento popular, se não há, também, um grupo onde se possa alimentar a dimensão da fé.

Um coordenador que não preenche esses três critérios não tem condições de pedir a outros jovens que o observem e, também, não tem a "matéria-prima" sobre a qual refletir para poder saber como desempenhar a sua função de direção na P. J.

O contato com a base ajuda a evitar o "vanguardismo" de um lado, e a "prudência" de outro. Entende-se que, às vezes, para avançar dois passos, primeiramente temos de recuar um.

O desligamento da base acontece muitas vezes porque a coordenação não faz revisão da prática, revisão de vida dos membros e revisão de equipe.

8. Como funciona o trabalho de níveis?

Há duas vantagens num trabalho em diversos níveis:

- A. Um melhor acompanhamento de cada nível.
- B. Um aprofundamento maior em cada nível.

A. ACOMPANHAMENTO MAIS DE PERTO DE CADA NÍVEL

Cada nível deve acompanhar e trabalhar com o nível inferior. Nesse caso, os mais "avançados" trabalham com os intermediários, e os "intermediários" por sua vez, com os "lentos"

Os avançados ficam de olho nos *intermediários* para *perceber as novas lideranças* que surgem e que precisam de um acompanhamento mais de perto.

Os coordenadores devem deixar, em grande parte, aos intermediários o trabalho de acompanhar os lentos, porque eles mesmos não terão tempo de atingir todos.

Quem tenta fazer tudo, acaba não fazendo nada. Um coordenador que tenta atingir sozinho todo mundo, acaba se esgotando e fazendo um trabalho superficial. O trabalho de níveis facilita o acompanhamento de qualidade e não visa à quantidade.

Esta separação, porém, não significa que os avançados (que normalmente são coordenadores) não devam também estar em contato com os lentos e a massa. Sem esse contato, os avançados cairiam no erro do elitismo e do cupulismo. Significa dizer que eles devem dar atenção maior aos intermediários, porque aí se encontram os jovens que estão despertando para compromissos mais sérios.

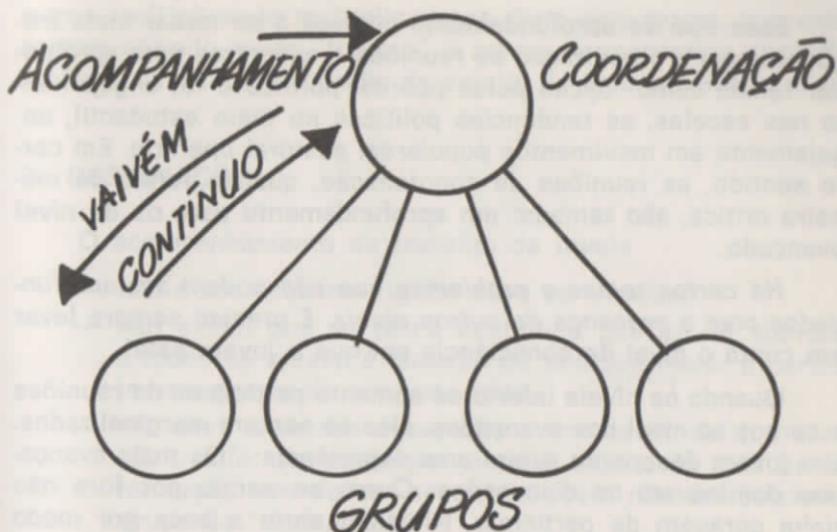
Significa, também, que o coordenador, que tem uma ligação com a base, não deve assumir a responsabilidade de uma coordenação nesse nível por causa do desempenho de sua função. Com as ausências freqüentes no desempenho de sua função, ele atrapalharia o andamento do trabalho de base.

Por outro lado, o coordenador que dedica muito tempo ao trabalho de base, não tem tempo para desenvolver eficiente coordenação e acompanhamento num nível acima, que exige dele dias de estudo, visitas, participação de reuniões.

Desde que tenha assumido uma função de coordenação, o coordenador deve deixar para outros algumas coisas que fazia antes. Agora, deve dedicar seu tempo para desenvolver um bom trabalho de acompanhamento nos diversos níveis.

Para que o trabalho de acompanhamento seja verdadeiramente conscientizador, tem de haver um contínuo vaivém. Ao mesmo tempo em que há um movimento que parte da base, outro deve vir de cima, da parte da coordenação.

As sugestões que vêm de baixo são desenvolvidas mais esquematizadas e, às vezes, desenvolvidas com propostas novas para serem discutidas.



B. APROFUNDAMENTO EM CADA NÍVEL

O sistema de acompanhamento, no qual não se misturam todos os níveis de consciência, facilita a possibilidade de um aprofundamento de cada nível.

O grande problema da Pastoral de Juventude, até aqui, é o dos jovens mais antigos das comunidades, sempre obrigados a voltar à estaca zero para acompanhar novos elementos que entram nas comunidades.

É próprio do ser humano sempre querer mais, em termos de crescimento humano, nunca estar satisfeito, nunca achar que já atingiu seu objetivo. Ao escalar uma montanha, vê logo na frente outra que é mais alta ainda, e quer escalar essa também. E assim vai. Talvez seja por causa desse instinto que Cristo colocou um ideal impossível à nossa frente: "Sejamos perfeitos como meu Pai é perfeito" Quando frustramos este desejo de "sempre querer mais" não devemos ficar surpreendidos se os mais avançados forem embora.

Essa estagnação e fuga dos mais avançados acontecia, e ainda acontece, porque não há acompanhamento adequado a cada nível, um encontro entre iguais, para que possam avançar sempre mais.

Esse tipo de aprofundamento começa a se tornar mais frequente com a organização de reuniões e encontros para aprofundar temas como: opção pelos pobres, política e fé, engajamento nas escolas, as tendências políticas no meio estudantil, engajamento em movimentos populares, pastoral operária. Em certo sentido, as reuniões de coordenação, quando feitas de maneira crítica, são também um aprofundamento para os de nível avançado.

Há certos temas e problemas que não podem ser aprofundados com a presença de outros níveis. É preciso sempre levar em conta o nível de consciência em que o jovem está!

Quando os níveis inferiores somente participam de reuniões e cursos ao nível dos avançados, eles se sentem marginalizados. Um jovem descreveu assim uma experiência: "Os mais avançados dominavam as discussões. Quem se sentiu por fora não tinha coragem de participar. Ninguém abriu a boca por medo de que todos tirassem 'um sarro dele' "

Numa assembléia de Pastoral de Juventude Sul I da CNBB, por exemplo, abriu-se espaço para os jovens mais avançados que queriam fazer reuniões por meio específico de bairro, trabalho, universidade e escola de 2º grau (secundaristas). Os que ainda não estavam nesse nível de engajamento organizaram um período de recreio.

Em certa diocese, os assessores de Pastoral de Juventude descobriram que só poderiam avançar nas discussões quando houvesse reuniões de assessores, em nível de avançados, e só depois, então, poderiam atingir os outros níveis. A Pastoral avançou qualitativamente, a partir dessa decisão.

A prática pastoral de Jesus, durante os três anos da sua vida pública, foi claramente um trabalho de níveis. Enquanto Ele atendia a massa, ia formando os 72 discípulos, e ainda dava atenção especial a 12 dentre eles. Os 12 apóstolos eram o grupo dos avançados, que depois do primeiro Pentecostes transformaram a derrota da cruz na vitória da Ressurreição.

O grupo de avançados é o grupo mais importante. É o primeiro time. Vale a pena gastar tempo na formação deles. São eles que vão atingir o segundo time, e assim por diante. Desse modo, a Pastoral estará crescendo geometricamente, pois esta-

remos multiplicando multiplicadores. Sem este grupo, que está sempre abrindo novas "frentes", a massa permaneceria alienada e não assumiria sua vocação de sujeito de uma sociedade nova.

C. OBSERVAÇÕES

O acompanhamento do trabalho de níveis

- não é um esquema rígido: *deve ser flexível*;
- não exclui que se tenha contato e que se dê atenção a todos os níveis. *É questão de enfoque maior* a certos jovens dentro do conjunto todo;
- *não deve criar nos avançados a impressão de que eles são a elite*, que estão por cima. O sujeito de toda transformação tem de ser sempre o povo, não um pequeno grupo de "iluminados"

9 Perguntas para uma reunião de estudo



- 1) a) Revisão de Grupo de Influência.
b) Revisão das decisões da última reunião.
- 2) Faça um resumo das idéias principais deste capítulo.
- 3) Há alguma coisa que você não entendeu?
- 4) Quais as falhas, em termos de acompanhamento da P. J., na sua comunidade, região ou diocese?
- 5) Há alguma sugestão neste capítulo que pode ajudar? Explique.
- 6) Que decisões podemos tomar em relação ao nosso grupo ou equipe de coordenação?

A lista de decisões deve ser colocada na pasta, com as decisões das outras reuniões, para que sejam retomadas no final do estudo do livro.

RESUMINDO

1. FALTA DE CONTINUIDADE

O grande desafio da P. J. talvez não seja tanto como fazer um bom planejamento, mas como dar seqüência a esse planejamento. O grande problema, pois, é a falta de continuidade aos planos feitos. A continuidade depende do tipo de acompanhamento a ser dado.

2. ESCASSEZ DE ASSESSORES

As vezes há dioceses inteiras com um só padre ou uma só religiosa para dar acompanhamento a todos os grupos de jovens. Os jovens devem manter uma estratégia para "conquistar", envolver e interessar assessores adultos que tenham as qualidades necessárias para este tipo de trabalho. Os jovens, por sua vez, devem ter seus próprios canais de comunicação para suprir a falta de colaboração de vigários preocupados com outros problemas paroquiais.

3. ALGUMAS "DICAS" PARA AS EQUIPES RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO

O acompanhamento pode ser feito através de reuniões, cursos e orientação na leitura de livros; o acompanhamento e visitas a jovens que começam a despertar para uma visão mais crítica; um trabalho de níveis, levando em conta o nível de consciência e de compromisso de cada jovem.

4. ACOMPANHAMENTO CONFORME O NÍVEL DE CONSCIÊNCIA

O acompanhamento deve ser feito por níveis. Podemos distinguir quatro níveis: os avançados, os intermediários, os lentos e a massa.

- a) **Os avançados:** geralmente são os coordenadores que são eleitos, porque são mais dedicados e têm mais coragem e capacidade de organização que os outros jovens. Neste nível há grupos não-cristãos que também lutam por um mundo melhor, mas a partir de visões diferentes e, muitas vezes, com metodologias diferentes.
- b) **Os intermediários e os lentos:** podem ser percebidos pela diferença de conteúdo, idéias e engajamento. O nível lento é o grupo social que ainda não despertou para uma consciência crítica diante da sociedade, mas que já conseguiu dar um primeiro passo: sair da massa.
- c) **A massa:** é composta, em grande parte, por jovens. Há jovens que são treinados para viver oprimidos e outros treinados para oprimir. Estes últimos, por sua vez, podem ser divididos em jovens "instalados" e jovens "de boa vida"

5. COMO ATINGIR A MASSA

A massa pode ser trabalhada pelos avançados, pelos intermediários e até pelos lentos. A maneira mais eficiente de atingi-la é através do Segundo Caminho, que já descrevemos: revisão da prática dos contatos com os grupos de influência no meio específico.

6. O PERIGO DE DESLIGAMENTO DOS MAIS AVANÇADOS

Os mais avançados podem se distanciar dos outros e, às vezes, até se desligam por completo. A separação pode acontecer de várias maneiras:

- a) **Falta de interesse:** os mais avançados não se interessam pelos mais novos, pois se julgam mais conscientes.
- b) **Desprezo:** os mais avançados desprezam os que estão começando a "engatinhar". A sua arma é o negativismo, criando bloqueios emocionais e, no fundo, reproduzindo o sistema de dominação que dizem combater.
- c) **Cair no intelectualismo:** os mais avançados caem no intelectualismo e desligam-se da base.

7. CRITÉRIOS PARA PERTENCER A UMA COORDENAÇÃO DA P. J.

Muitos jovens, quando assumem uma função de direção na P. J., desligam-se do seu grupo de base. Às vezes, terminado o mandato na P. J., desligam-se de tudo. Por isso, o jovem precisa ter algum trabalho de base, por pequeno que seja; é importante, também, o "como" se trabalha na base; por fim, o jovem deve estar ligado a um grupo de base onde se revisa a prática à luz da fé.

8. COMO FUNCIONA O TRABALHO DE NÍVEIS?

Há duas vantagens: um melhor acompanhamento de cada nível e um aprofundamento maior em cada nível.

- a) **Acompanhamento mais de perto de cada nível:** o nível superior deve trabalhar e acompanhar o nível inferior. Assim, os mais avançados trabalham com os intermediários e estes com os lentos.
- b) **Aprofundamento em cada nível:** o sistema de acompanhamento, em que não se misturam todos os níveis de consciência, possibilita maior aprofundamento em cada nível.
- b) **Observações:** o acompanhamento do trabalho de níveis não é um esquema rígido, mas deve ser flexível; não exclui que se tenha contato e que se dê atenção a todos os níveis; não deve criar nos avançados a impressão de que eles são a elite.

1 Necessidade de avaliação

Dizem que o homem é o único animal capaz de cair no mesmo buraco várias vezes. Deixando de fazer uma avaliação, ele *continua repetindo os mesmos erros*. Ações e atividades não avaliadas têm pouco ou nenhum valor formativo.

Através da avaliação, o grupo ou a coordenação vai acertando cada vez melhor os seus passos e aprimorando a sua ação.

Um grupo de jovens, avaliando a sua atuação numa favela, chegou à conclusão de que os próprios membros precisavam mudar de comportamento. Alguns estavam com preconceitos contra favelados e outros não estavam levando o trabalho a sério. Faltava uma metodologia para levar o trabalho adiante. Resolveram convidar alguém com experiência nesse campo para trocar idéias.

Podemos afirmar que:

- sem avaliação, a ação deixa de ser transformadora;
- sem avaliação, a ação não estimula novas ações;
- sem avaliação, a ação morre e o grupo pára;
- sem avaliação, não se valorizam os sucessos;
- sem avaliação, não se tiram lições dos fracassos.

A avaliação é como uma ponte entre o que temos feito e o que temos de fazer. É *como o pedal de uma bicicleta: é o que empurra para a frente*.

As avaliações podem ser feitas em reuniões ou assembléias, conforme o tipo de trabalho que está sendo desenvolvido.

2. O que pressupõe uma boa avaliação

Um encaminhamento de soluções adequadas.

Em muitos lugares, freqüentes avaliações fazem parte normal da programação da Pastoral. O problema não é mais fazer ou não fazer avaliação. O problema é de como é encaminhada a avaliação.

Uma avaliação torna-se contraproducente quando só se levantam problemas, sem que se encaminhem soluções viáveis.

Quando os jovens começam a reclamar: "Mas todos os anos são os mesmos problemas; parece que estamos perdendo tempo. Não se resolve nada", é sinal de que ou não estão sendo ressaltados os avanços conseguidos, ou não se amarram soluções viáveis, no final das avaliações. Muitas vezes, em reuniões de avaliação, perdem-se muitas sugestões e pistas valiosas, porque não há ninguém que tenha a capacidade de captá-las e anotá-las. No final da reunião ou assembléia, não se amarra nada, a não ser conclusões muito gerais que não resolvem nada em termos práticos.

3 Papel da coordenação

A. PREPARAÇÃO DE PERGUNTAS

Uma boa avaliação tem de ser planejada e preparada. Não pode ser "chutada"

Algumas perguntas devem ser preparadas antes, pela coordenação, para descobrir os erros e acertos e para planejar os próximos passos.

Seguem alguns exemplos de perguntas que podem ser úteis:

- O que foi feito?
- Como foi feito?
- O que não foi feito?
- Por que não foi feito?
- Como corrigir o erro?

A avaliação, em geral, segue o esquema do **método Ver-Julgar-Agir**: problemas, causas, conseqüências, aprofundamento de critérios cristãos e pistas de solução.

B. PREPARAÇÃO DE TEXTO

Dependendo do tipo de avaliação, às vezes é útil que seja feita uma avaliação antes, pela equipe de coordenação, e que os resultados sejam mimeografados, para servir de ponto de partida para a avaliação.

Esse procedimento é viável, principalmente quando a reunião ou assembléia de avaliação já é resultado de outras reuniões ou assembléias anteriores. *Torna-se mais fácil encaminhar soluções a partir da palavra escrita, onde os problemas são colocados de maneira organizada e esquematizada.*

C. PONTOS DE ESTRANGULAMENTO E SOLUÇÕES

O coordenador é alguém com "antenas" ligadas para perceber os pontos de estrangulamento e as possíveis soluções. Para isso, deve-se ter o cuidado de anotar algumas frases que fazem lembrar as principais idéias apresentadas pelos participantes. De vez em quando deve ser devolvido para o grupo ou para a assembléia um resumo das suas próprias idéias, para que possam ver mais claramente para onde está caminhando a discussão.

A síntese feita no decorrer da avaliação é importante para que a discussão não se perca em detalhes ou coisas secundárias. *A síntese ajuda o grupo a adquirir visão ampla e global dos problemas discutidos.*

Aqui, é preciso pensar numa solução para o "problema dos secretários" Em muitas assembléias, a riqueza das contribuições nos pequenos grupos é perdida quando se chega ao plenário para amarrar as conclusões, por causa da falha dos secretários.

Muitos secretários são incapazes de captar as idéias importantes dos grupos e, como resultado, apresentam ao plenário algo tão vago e geral, que pouco ou nada serve para encaminhar a soluções adequadas.

A solução mais acertada nem sempre vem à tona. Às vezes, o momento não está maduro ainda e a solução só aparece na reunião seguinte, no momento da avaliação.

Em geral, os problemas são tantos que é melhor abordá-los um de cada vez, dependendo da urgência com que eles se apresentam. Não se pode abraçar o mundo com as mãos.

4 Capacidade de criticar e de se deixar criticar

São importantes a capacidade de percepção dos problemas e de suas causas, a capacidade de criticar construtivamente, bem como de se deixar criticar. O jovem adquire capacidade de aceitar crítica construtiva (a correção fraterna da qual fala São Mateus, Mt 18,15-17) participando das reuniões de revisão de vida e de trabalho no seu grupo de base.

P. J. REGIÃO EPISCOPAL BELÉM

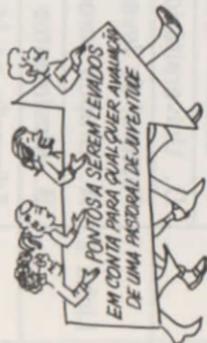
O esquema da página seguinte foi preparado pelos jovens da Região Episcopal Belém, São Paulo, para ajudar no seu processo de avaliação e planejamento.

PROPOSTAS DE LINHA DE TRABALHO PARA A P. J. REGIONAL	PROJETOS
Linha 1 <i>Pastoral de Juventude Especifica</i> A. Trabalhadores B. Meio popular (bairro, favelas, etc.) C. Secundaristas D. Universitários	
Linha 2 <i>Pastoral de Juventude Geral</i> A. Grupos paroquiais B. Movimentos	
Linha 3 <i>Educação na fé</i> A. Subsídios B. Escola da fé C. Cursos D. Celebrações	
Linha 4 <i>Acompanhamento do processo</i> A. Coordenação geral B. Coordenação setorial C. Coordenação de base	

RESUMO DE PONTOS-CHAVES PARA UMA AVALIAÇÃO

METODOLOGIA

- Organização
- Coordenações
- Planejamento
- Acompanhamento
- Processo de avaliação
- Instrumento de formação (subsídios e cursos)
- Método Ver-Julgar-Agir (formação na ação)
- Grupos de Base
- Reunião de grupo
- Educação da Fé
- Espiritualidade
- Coesão
- Consciência crítica
- Ação transformadora
- P. J. Geral (Paroquial ou CEBs)
- P. J. Específica
- Assessores
- Capacitação de Coordenadores



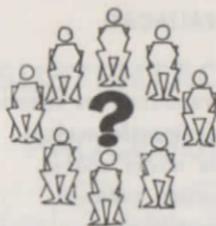
OBJETIVO GERAL
(Projeto de Deus)

MEDIAÇÕES HISTÓRICAS (movimentos populares, sindicatos, partidos etc.)

OBJETIVOS ESPECÍFICOS
(passos estratégicos)

OBJETIVOS IMEDIATOS
(passos táticos)

5. Perguntas para uma reunião de estudo



1) a) Revisão do grupo de influência.

b) Revisão das decisões tomadas na última reunião.

2) Como são feitas nossas avaliações em nível de paróquia, região, e diocese?

Quais as principais falhas?

Sabe explicar as causas dessas falhas?

3) Você acha importante fazer avaliação periódica?

Por quê?

4) Há alguma idéia neste capítulo que pode ajudar nossa Pastoral a caminhar com passos mais seguros?

5) Faça uma lista dos pontos que podem servir para melhorar a nossa Pastoral.

RESUMINDO

1. NECESSIDADE DE AVALIAÇÃO

Sem avaliação,

- a pessoa continua repetindo os mesmos erros;
- a ação deixa de ser transformadora;
- a ação não estimula novas ações;
- a ação morre e o grupo pára;
- não se valorizam os sucessos;
- não se tiram lições dos fracassos.

2. O QUE PRESSUPÕE UMA BOA AVALIAÇÃO

Um encaminhamento de soluções adequadas. A avaliação torna-se contraproducente quando apenas são levantados os problemas sem o encaminhamento de soluções adequadas. É preciso que alguém tenha capacidade de captar e anotar as sugestões e pistas valiosas.

3. PAPEL DA COORDENAÇÃO

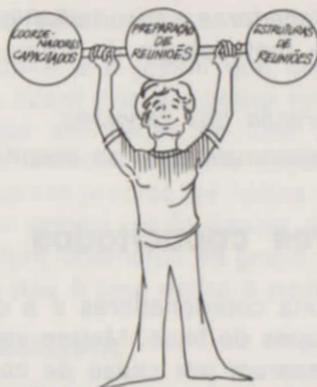
- a) **Preparação de perguntas:** uma boa avaliação deve ser planejada e preparada. Em geral, segue o método Ver-Julgar-Agir.
- b) **Preparação de textos:** às vezes é útil que a equipe de coordenação faça uma avaliação antes e mimeografe os resultados, que servirão de ponto de partida para a avaliação do grupo.
- c) **Pontos de estrangulamento e soluções:** o coordenador deve ser alguém capaz de perceber os pontos de estrangulamento e as possíveis soluções. Uma síntese feita no decorrer da avaliação ajuda o grupo a adquirir visão ampla e global dos problemas discutidos. Muitas vezes a falha é do secretário, que não consegue captar as idéias importantes e apresenta ao plenário algo tão vago e geral que não leva a nada.

4. CAPACIDADE DE CRITICAR E DE SE DEIXAR CRITICAR

São importantes a capacidade de percepção dos problemas e de suas causas, a capacidade de criticar construtivamente e de se deixar criticar. Ao participar das reuniões de revisão de vida e de trabalho, o jovem adquire a capacidade de aceitar crítica construtiva.

14

A SUSTENTAÇÃO DO PROCESSO TODO



1. Reunião de grupo de base

A sustentação de todo processo de formação e engajamento do jovem depende do funcionamento da reunião do grupo de base. A experiência mostra que, quando as reuniões do grupo não se realizam com frequência (normalmente uma vez por semana), ou quando não têm objetivo e conteúdo, os membros abandonam o grupo.

Quando o jovem deixa o grupo de base, quase sempre abandona a comunidade e a ação que desenvolvia. *O funcionamento da reunião do grupo de base é o eixo de toda a formação e engajamento do jovem.* Muitas vezes, porém, a única diferença entre as reuniões de muitos grupos de base e grupos de discussão numa lanchonete é a ausência de bebida e, às vezes, de uma oração no início ou no fim e de uma leitura bíblica. O resto é igual. Discutem-se problemas da vida ou problemas pessoais, mas sem uma coordenação eficaz, sem escutar as colocações do outro, sem seqüência nem aprofundamento, sem conclusões e sem nenhum compromisso.

Falta método, não há seqüência entre as reuniões, não há distribuição de funções e, sobretudo, não há cobrança das decisões tomadas em reuniões anteriores. Não há planejamento. Falta um processo pedagógico de formação na ação. Há muita improvisação, muita crítica destrutiva, que acabam levando as pessoas a se desinteressarem pela reunião.

As causas principais deste mal-estar são:

- falta de *coordenadores capacitados que tenham idéias* claras sobre a metodologia de formação do jovem na ação;
- falta de *preparação das reuniões*;
- falta de uma estrutura para as reuniões.

2. Coordenadores capacitados

A formação de bons coordenadores é a chave para o bom funcionamento dos grupos de base. Muitas vezes constatei que grupos de base fracassaram por causa de coordenadores sem preparo e sem motivação.

Um bom coordenador é elemento-chave num grupo. Sem ele o grupo não avança. Uma coordenadora desabafou assim: "Se o barco afunda, a gente está junto" Mas não basta a boa-vontade. É necessário um bom preparo. É urgente a tarefa de capacitar coordenadores jovens que possam levar em frente os grupos de base e coordenações em níveis superiores, que saibam usar metodologia correta e visão atualizada da teologia e da pastoral. Esta foi a nossa grande preocupação quando resolvemos escrever este livro.

3. Falsos líderes

O dicionário define o líder como alguém que vai na frente, que conduz, que controla. É o líder vertical ou massificante. Isto supõe uma massa que é liderada, uma massa que não sabe para onde vai, que não tem opinião própria, e por isso é dependente: uma massa massificada. Este é um conceito de líder que hoje em dia consideramos ultrapassado. O líder não é alguém que

"nasce" para ser líder. Este é um conceito de uma sociedade do passado, onde o líder era aquele que tinha "sangue azul" era rodeado de mistério, distante. O verdadeiro líder é aquele que, na sua comunidade, trabalha para que todos se transformem em líderes.

Para não cair nos mesmos erros, é importante caracterizar três tipos de falsos líderes:

A. LÍDER DITATORIAL

O líder ditatorial é o jovem que segura todo o poder em suas mãos. É ele quem planeja, pensa tudo, determina tudo. Os membros do grupo são peças de uma máquina. Ele aperta o botão e todos se mexem. Se uma peça não serve, ele tira e coloca outra. Ninguém precisa ter idéias próprias. É melhor não pensar, porque se pensar, pode pensar diferente do líder e assim atrapalhar o funcionamento do grupo. Um jovem comentava: "Quando ele fala pau é pau, pedra é pedra. Ele não muda"

B. LÍDER PATERNALISTA

O líder paternalista também faz tudo, pensa tudo, determina tudo. É o "papai" que quer fazer tudo para os filhos. Ele tem mania de "salvador" Ele acha que os membros do grupo ainda não têm capacidade de decidir e por isso têm de ser protegidos e tratados como crianças. Esse tipo de líder é pior do que o líder ditatorial porque, pela afetividade, amarra as pessoas a si. Cria no grupo a imagem do "chefe bondoso" Forma pessoas dependentes e impede o surgimento de novos líderes. Forma membros para a domesticação e não para a libertação. *Cria uma dependência infantil.*

Tanto o líder ditatorial quanto o líder paternalista produzem mal-estar no grupo. Essa insatisfação cria, geralmente, um ambiente de hostilidade, como mecanismo de autodefesa. As pessoas são "do contra" porque não se sentem livres. Inicia-se uma "guerra de guerrilha" Formam-se grupos, uns contra outros, a favor do líder. Os "do contra" consciente ou inconscientemente, procuram destruir todas as iniciativas do líder. Realiza-se pouca coisa porque, no fundo, *há um desejo íntimo no grupo de que a coisa não caminhe.* Muitos elementos saem do grupo, discretamente, sem explicar seus motivos.

Um grupo de jovens, refletindo sobre um coordenador que havia se afastado do grupo, comentava:

"Ele era muito centralizador, era rei. Ele dava as conclusões, manipulava o grupo para que todos concordassem com ele. Ficava atirando pedras em cima da gente. Éramos como cachorrinhos na sua frente. Se dávamos uma latidinha, ele mandava calar, dormir de novo. Precisávamos largar o 'papai' "

C. LÍDER LIBERAL

O líder liberal é aquele que "deixa tudo como está para ver como é que fica" Ele não coordena nada, não cobra nenhum compromisso assumido, não sabe para onde ir. A reunião do grupo é um gostoso bate-papo sem objetivo, que não leva a nada. Ao sentir que o grupo não está "com nada", os jovens se frustram e vão se afastando. É a morte do grupo.

4. Líder democrático



O líder, como já dissemos, não é aquele que nasce para ser líder, aquele que brilha mais, que é "bom de papo" que tem mais talento ou que se apresenta melhor, mas é simplesmente aquele que se dedica mais ao grupo do que os outros. *É o jovem que está disposto a sacrificar-se, a dedicar seu tempo*

a serviço dos outros, para que estes sejam livres e sujeitos de sua história. Neste sentido, todo jovem pode ser líder.

Este é o novo conceito de liderança, pois o antigo vinha da ideologia capitalista, onde o líder é aquele que vence pela esperteza e pela competição com outros.

É difícil entender que o verdadeiro conceito de líder é alguém que quer realizar o ideal de João Batista: "desaparecer para que os outros cresçam"

Esse espírito de serviço, com a finalidade de fazer o outro crescer, é expresso no Novo Testamento pela palavra "*Diaconia*". Foi o que Cristo quis nos ensinar, quando lavou os pés dos discípulos. Somente os escravos faziam esse serviço. E Jesus, logo em seguida, durante o lava-pés, deu-lhes um novo conceito de autoridade: "Vejam como eu fiz. Vocês, que são os primeiros, devem ser os últimos" É um conceito de autoridade diferente daquele de uma sociedade de dominação:

"Os reis das nações as dominam, e os que as tiranizam são chamados Benfeitores. Quanto a vós, não deverá ser assim; pelo contrário, *o maior dentre vós torne-se como o mais jovem, e o que governa como aquele que serve.* (. .) Eu, porém, estou no meio de vós como aquele que serve!" (Lc 22,24-27).

Na parábola do Bom Pastor, Jesus define a sua autoridade como quem dá sua vida pelos outros.

Foi essa a imagem que ficou gravada pelos cristãos nas catacumbas: um jovem pastor carregando nos ombros as suas ovelhas. A imagem do Cristo crucificado só apareceu na Igreja no século segundo.

Teremos lideranças em nossos grupos de jovens se apresentarmos a eles grandes ideais, que exigem sacrifício e doação. Um padre, que promovia jogos e discoteca para atrair jovens, aprendeu essa verdade quando um jovem lhe disse: "Ó padre, deixe disso. Há muitas discotecas na cidade. Queremos lutar por algo que valha a pena"

Ninguém vê os comunistas conquistar os jovens com discotecas, jogos ou clubes. Apresentam aos jovens, em vez de distração, os grandes ideais de libertação, de justiça, de igualdade.

Dissemos que o tipo de líder ideal é o democrático, e que todo jovem pode ser líder, que é simplesmente uma questão de quem está disposto a se sacrificar pelo grupo. No entanto, dentro de uma liderança democrática, nem todos exercem o mesmo tipo de liderança.

Podemos dividir em três os vários tipos de líderes democráticos:

- A. Líder profético
- B. Líder de coesão
- C. Líder prático

Difícilmente a mesma pessoa tem quedas para os três tipos de liderança.

A. LÍDER PROFÉTICO

O líder profético é o jovem que tem facilidade para *entender o ideal do grupo*. Características deste tipo de líder:

- a) visão do futuro, para onde o grupo deve estar caminhando;
- b) capacidade de entender e de interpretar o significado profundo e as causas do que está acontecendo no presente — os problemas sociais, por exemplo;
- c) capacidade de transmitir para os outros a resposta à pergunta que todo grupo tem de fazer para si: "Para que serve o nosso grupo?"

Ele chama a atenção para o fato de que o grupo não pode fechar-se numa panelinha. Há uma missão a ser feita fora do grupo.

A liderança profética é importante no mundo de hoje, onde há muitas pessoas e grupos perdidos, que não sabem como interpretar os fatos que acontecem ao seu redor. A liderança profética visa a denunciar o que está errado e a anunciar a esperança de um futuro *melhor*. *O líder profético tem uma consciência crítica bem desenvolvida.*

Muitas pistas apresentadas neste livro, como soluções de problemas enfrentados pela Pastoral de Juventude, surgiram porque jovens mais críticos se opuseram às soluções que, à primeira vista, pareciam boas. A oposição do líder profético força, a longo prazo, o surgimento de soluções mais adequadas, mais profundas.

B. LÍDER DE COESÃO

O líder de coesão é o jovem que se preocupa com a *união do grupo*, com o diálogo, com a amizade e a compreensão. É óbvio que essa preocupação deve ser a de todo mundo, mas esse jovem tem a facilidade de captar os problemas humanos do grupo e contribuir para a sua solução. A psicologia chama essa

qualidade pelo nome de "empatia" — estar em sintonia com os outros. Essa qualidade nada tem a ver com a capacidade de estar no centro da atenção do grupo, de saber contar piadas, de cantar ou ser "engraçadinho", ser popular.

O líder de coesão normalmente faz seu *trabalho em silêncio*, escuta muito os outros e sente com eles. Ele é o grande promotor da comunhão do grupo mas, às vezes, ele mesmo passa despercebido.

O líder de coesão tem função importante no grupo. Em primeiro lugar, ajuda o grupo a dar testemunho do que é *o essencial na Igreja*: a comunhão dos homens entre si e com Deus. A Igreja não é uma empresa, mas uma comunidade. Em segundo lugar, o líder de coesão *faz crescer a capacidade do grupo para a ação*. Um grupo sem união fica sem forças para agir. É curioso notar que o grande problema dos grupos de esquerda, na América Latina, é ter muitos profetas, mas poucos líderes de coesão. Como consequência, vem o chamado "racha" a divisão em grande número de movimentos, uns lutando contra os outros. Nas últimas eleições, na Venezuela, alguém contou mais de 100 dessas divisões da esquerda. Claro que isso favorece imensamente a direita, além de desmoralizar esses grupos diante do povo.

Esse tipo de liderança é muito importante, hoje, na medida em que a P. J. enfrenta oposição, tanto dentro da Igreja como fora, por causa de sua atuação cada vez mais questionadora e transformadora. O líder de coesão tem a *habilidade de ir conquistando espaços dentro da Igreja e da sociedade sem arrebetar tudo*. Ele é diferente do líder "cabeça quente" que quer "botar prá quebrar" que é divisionista, e que não pensa nas consequências, a médio e a longo prazo.

C. LÍDER PRÁTICO

O líder prático é o jovem que muitas vezes coordena o grupo, que tem uma *capacidade de planejar e organizar a ação e de ajudar na formação do grupo*. Ele nunca trabalha sozinho. Sua grande meta é a descoberta de novos líderes, de se fazer substituir para dar lugar a outros. Não para se aposentar, mas para deixar que outros se responsabilizem pelas suas tarefas. Percebe quando novos líderes começam a surgir, valoriza-os e

promove-os. Distribui funções e delega o poder de decisão. Ele sabe aplicar o princípio de *subsidiariedade*: de nunca fazer as coisas que os outros podem fazer. Como coordenador é um tipo decidido e corajoso. Pelo seu exemplo de dedicação, comunica entusiasmo e esperança aos outros. Faz questão de cobrar decisões e compromissos assumidos em reuniões anteriores.

Sua grande qualidade é a capacidade de escutar os outros e, baseado nas suas colocações, perceber as possíveis saídas para os problemas que o grupo enfrenta. Ajuda os outros a escolher a melhor solução.

D. RELACIONAMENTO ENTRE OS TRÊS

O líder profético não tem o mesmo carisma do líder prático. Ele tem a visão do significado profundo dos acontecimentos ao seu redor e para onde deve caminhar o grupo. Seu questionamento contínuo força o grupo a levar a sério o seu objetivo e ação. Mas, se o grupo fosse composto somente por profetas, seria um desastre.

O líder profético tem visão, sabe questionar, mas não é prático, *não sabe encontrar saídas*. O líder prático é concreto, anda com os pés no chão. Ele sabe prever as dificuldades, prepara bem as coisas, sabe evitar o perigo de queimar etapas, nunca força o grupo a assumir compromissos além da sua capacidade.

Ele valoriza as contribuições do líder profético e se deixa questionar por ele.

O líder de coesão nem sempre serve como líder prático. Um jovem, muito querido por todos pela atenção que dava a cada um, ao ser eleito coordenador, criou um ambiente de hostilidade contra si, por causa da incapacidade de organização. Não sabia encaminhar as soluções e dar continuidade aos projetos planejados.

Enquanto o líder de coesão tem a tendência de somar forças, o líder profético tem a tendência de ser *divisionista*, muitas vezes quer "botar prá quebrar" e, sem perceber, acaba caindo na armadilha da classe opositora que sempre quer dividir para poder controlar melhor. *O líder de coesão, por sua vez, tem a tendência de ser prudente demais, "botando panos quentes" onde o importante seria enfrentar os problemas.*

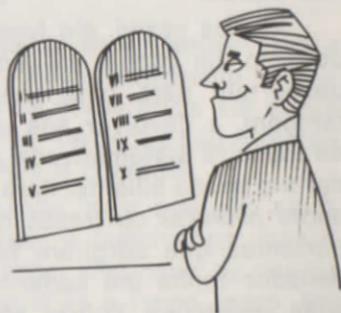
Num grupo maduro, cada líder complementa o outro. Temos de aprender a respeitar *os dons diferentes* de cada um a serviço do grupo, como aconselha São Paulo na sua epístola aos Coríntios. Um tem o dom de conciliação, o outro é mais espiritual. É bom ter um palhaço no grupo; mas, e se todos forem palhaços? É bom ter alguém sério; mas, e se todos forem sérios? É a complementação dos diferentes dons que enriquece o grupo.

Uma última observação: a divisão em líder prático, profético e de coesão não é *rigida*. Cada tipo terá em si alguns traços dos outros dois.

Se o líder prático, por exemplo, não tiver um pouco das qualidades do líder profético e do líder de coesão, não vai conseguir levar o grupo adiante.

A vantagem de se poder distinguir os três tipos de líderes é a de poder valorizá-los e, ao mesmo tempo, não exigir de cada um qualidades que são próprias do outro tipo de líder. O líder de coesão, no caso que contamos, que assumiu a função de coordenador da comunidade (líder prático), teria abandonado a comunidade, por sentir-se tão frustrado no seu novo papel, se não tivesse sido substituído em tempo.

5 Os dez mandamentos de um bom coordenador



1) Ter visão do objetivo do grupo

Ele deve ter visão clara do objetivo do grupo. Deve saber em que *direção deve caminhar* o grupo, mas continuar aprofundando seus conhecimentos, através de cursos e leituras.

Deve saber que "nenhum cego pode guiar outro cego. Se fizer isto, os dois cairão num buraco" (Lc 6,39).

2) Entender de metodologia

Não tem somente uma visão do ponto onde quer chegar com o grupo, mas tem também uma metodologia de trabalho, que faz com que ele e os outros descubram as pistas concretas para chegar ao objetivo previsto. Não é imediatista. É paciente. Entende que o processo de reflexão/ação, teoria/práxis é um processo lento.

3) Saber conduzir uma reunião

O coordenador deve cuidar para que o grupo não se desvie do tema da reunião, para não desperdiçar tempo. O coordenador faz um *trabalho de "saca-rolha"*: procura tirar as idéias dos participantes, levando-os a descobrir os melhores caminhos e a tirar as suas próprias conclusões.

Ele aprendeu a arte de fazer perguntas, como Jesus fazia. Muitas vezes, nos Evangelhos, Jesus fazia questão de não dar uma solução pronta, mas devolvia a pergunta aos seus interrogadores, para que pudessem descobrir por si. O coordenador sabe *manter-se em silêncio, mesmo quando enxerga as soluções que não são percebidas pelos outros*. Assim, ele não mata a discussão. Guarda os "cartuchos" para o fim, falando depois dos outros.

Muitas vezes, ele tem uma visão mais ampla do que o grupo, tem um *cabide na cabeça* para pendurar as perguntas que despertam para uma consciência crítica. O cabide o ajuda, também, a devolver aos participantes as suas próprias idéias, de maneira sistematizada e sintetizada, para que o grupo possa dar um passo adiante. Para facilitar esse trabalho, o coordenador *anota palavras ou frases* que fazem lembrar as idéias mais importantes que surgiram no grupo. É fundamental que o coordenador tenha *um caderno* onde fiquem registradas todas as suas anotações. Folhas soltas se perdem com facilidade. Sem essa contribuição valiosa do coordenador, boa parte do grupo fica perdendo tempo, girando em torno do tema, sem nunca chegar a uma conclusão. Os participantes se saturam de muitas reuniões que não levam a nada e, aos poucos, abandonam, o grupo.

O coordenador também deve usar dinâmicas variadas, para que a reunião tenha sempre interesse para todos.

4) Ser bom cobrador

Uma das funções principais do coordenador é a de *cobrar funções* e ações decididas pelo grupo, e não fazer as coisas que os outros podem fazer. A cobrança desperta o senso de responsabilidade e faz com que os jovens levem a sério as decisões que eles mesmos tomaram. Valoriza os passos dados.

5) Saber controlar o tempo

O coordenador precisa *cronometrar* antes as diferentes partes da reunião e procurar à risca essa divisão de tempo. Deve-se prorrogar o tempo só quando o grupo todo pedir.

O coordenador deve dar exemplo de *pontualidade*. A reunião deve começar na hora marcada, mesmo com a presença de dois ou três membros. A falta de pontualidade é um desrespeito para com os outros.

A *insistência na pontualidade cria um ambiente de seriedade e responsabilidade*. São poucos os que chegam na hora, quando sabem que a reunião nunca começa na hora. Caso o coordenador não possa comparecer, precisa indicar um substituto.

6) Ter boa capacidade de organização

O coordenador deve ter a capacidade de organizar bem a pastoral para que haja planejamento, acompanhamento e avaliação crítica, mas sem cair num *sistema burocrático*. Ele nunca trabalha sozinho, mas sempre em equipe: decisões são tomadas em conjunto, as funções são distribuídas e cobradas.

A avaliação deve ser bem preparada, para que não se fique no geral, para que se possa chegar a conclusões concretas e sentir o avanço do grupo. Deve saber distinguir os passos táticos, os passos estratégicos e o objetivo a longo prazo. Por isso, não cai no erro de queimar etapas. Ele tem bom senso e paciência histórica.

7) Saber despertar novas lideranças

Um dos grandes problemas de muitos coordenadores é querer centralizar tudo neles, não querer "passar a bola". Não percebem que a função principal do coordenador é a de fazer

com que ele mesmo seja destituído do cargo. *Se ele não conseguir despertar novas lideranças que, com o tempo, vão assumindo o seu lugar, mostrará ter fracassado como coordenador.*

O coordenador deve ter a capacidade de colocar o jovem certo na função certa. Precisa desenvolver a capacidade de perceber os diferentes talentos dos jovens do seu grupo e colocá-los em situações onde possam desenvolver esses talentos e, assim, despertar novas lideranças. Deve incentivar os membros a trabalhar principalmente com as lideranças naturais no seu meio específico, para que não gastem tempo valioso trabalhando com jovens que não querem nada com nada, a não ser carreira e vida burguesa.

8) Dar testemunho de vida coerente

Ele arrasta os outros mais pelo exemplo de vida do que pelos conhecimentos teóricos. Ele não aceita viver o ditado popular: "Faça o que eu digo, mas não o que eu faço". É alguém que entende que a preparação mais importante para coordenar um grupo deve acontecer dentro dele mesmo. Deve estar em sintonia com ele mesmo para saber porque fala e faz certas coisas. Sabe distinguir os motivos reais dos motivos aparentes que, à primeira vista, suas tendências egoístas lhe apresentam. Com o autoconhecimento que adquire, através de uma interiorização constante, tem maior capacidade de aceitar os outros como são.

9) Ter empatia

O coordenador deve ter empatia para com os membros do grupo. Deve sentir quando alguns estão sendo deixados de lado e não estão participando. Os jovens vão se interessar pelo grupo somente na medida em que participarem e se *sentirem valorizados*. Quando o coordenador não tem essa sensibilidade, domina demais o grupo e dá uma de "professor" na reunião.

Os jovens vão saindo aos poucos, sem que ele perceba o motivo. Se procurar saber o motivo, dar-lhe-ão uma resposta que não será a verdadeira.

Os bate-papos informais fora da reunião são muito importantes.

Quando o coordenador realmente quer bem ao grupo e se interessa por ele, o grupo caminha.

10) Ser entusiasmado

O coordenador deve ser uma pessoa animada para que o grupo também se entusiasme. O entusiasmo é como uma doença contagiosa. Quem entra em contato com ela, pega. O contrário também é verdade. Um coordenador desanimado e negativo é como um coveiro cavando a cova para o seu grupo.

6. Como capacitar bons coordenadores?

Se o coordenador é o elemento "chave" para o grupo de base e para toda a Pastoral de Juventude, então a capacitação de bons coordenadores será a nossa principal tarefa.

Não se trata, no entanto, de formar uma elite de coordenadores que será colocada na direção dos grupos de base. Também não se forma um coordenador com cursos e discursos, mas no trabalho do dia-a-dia, em contato com o grupo de base. Um curso pode servir de ajuda para capacitar melhor os líderes que surgem nos grupos de base. *No livreto em separado, indicaremos um esquema de **Curso de capacitação para coordenadores e lideranças jovens**, baseado neste livro e que poderá ser usado com essa finalidade.*

Formação de lideranças dentro dos grupos de base

Para formar lideranças dentro dos grupos de base:

- 1) É necessário um *revezamento de coordenadores*, através de um sistema de eleição anual. O revezamento força o aparecimento de novas lideranças. Assim, ninguém se torna dono do grupo. Um grupo novo só pode admitir um coordenador de fora quando seus jovens não têm nenhuma experiência de trabalho em equipe.

O processo de eleição é de vital importância na escolha de novos coordenadores. A eleição deve ser precedida de uma avaliação do grupo e de um levantamento das qualidades necessárias a um bom coordenador.

É importante, também, um momento de oração, invocando a presença do Espírito Santo, como fizeram os apóstolos na escolha do substituto de Judas.

Uma eleição feita às corridas, mal preparada, dificilmente dará resultados positivos. O coordenador deve ser o elemento mais capaz do grupo.

Uma "dica" muito importante: *quando um coordenador não funciona, deve ser convocada nova eleição para substituí-lo.* Não se deve seguir uma falsa idéia de democracia, segundo a qual não se deve trocar de coordenador enquanto não terminar o seu mandato. A experiência mostra como isso é freqüente. Coordenadores que "pegam fogo" durante os primeiros meses de trabalho e que, logo depois, se "apagam" São raros os grupos que conseguem sobreviver com uma coordenação desse tipo. Além disso, não tem sentido que um grupo, ou uma coordenação, fiquem parados por muito período de tempo só por causa de um jovem que "não está nem aí"

Um outro erro, cometido por alguns grupos, é o de achar que todo mundo deve ser responsável e que, portanto, *não há necessidade de um coordenador fixo.* Essa solução, normalmente, leva à dispersão, porque cada um joga a responsabilidade no outro, e, no final, ninguém assume. O que pode ainda acontecer é que, em alguns grupos, elementos mais destacados se imponham de fato como coordenadores sem que tenham sido eleitos. No caso da eleição de uma equipe de coordenação, também, pode-se cair no mesmo erro se não houver distribuição muito clara das funções.

- 2) Deve haver uma séria *distribuição de funções* e responsabilidades dentro do grupo, para que isso provoque o aparecimento de novas lideranças.
- 3) *O coordenador deve ter a capacidade de perceber* quais os jovens que mostram qualidades emergentes de liderança, sobretudo pela atitude de serviço e disponibilidade. Deve incentivar e acompanhar de perto esses jovens.
- 4) *A autogestão* deve ser característica obrigatória em todos os grupos de jovens. Jovens devem ser coordenados por

jovens. O assessor adulto deve servir sempre como apoio, ponto de referência e orientação, mas nunca deverá assumir a coordenação do grupo.

- 5) Há necessidade de certa *formação técnica* para que os jovens sejam capazes de elaborar o roteiro de um curso ou assembléia e, depois, montá-los e organizá-los. Os jovens devem aprender sempre novas técnicas de planejamento que promovam a participação de todos. Como coordenadores, os jovens precisam aprender a ser coordenadores democráticos, e não ditatoriais ou paternalistas. Precisam aprender como preparar e dirigir uma reunião, para motivar os membros do grupo a participar. Precisam saber distribuir responsabilidades e funções e depois cobrá-las, sempre com o fim de despertar novas lideranças.

Precisam aprender como facilitar a comunicação em todos os níveis, por intermédio de jornalzinho, cartazes, comunicados verbais e escritos.

A capacitação compreende um processo de formação pela ação. *Assim como o jovem aprendiz aprende a ser eletricitista* trabalhando ao lado de um eletricitista formado, ele também desenvolverá uma capacitação técnica necessária para exercer a função de coordenação, na Pastoral de Juventude, trabalhando com outros que tenham mais experiência.

7 Papel do assessor adulto

- 1) O assessor *abre possibilidades para que os jovens se organizem*. Ele mesmo não deve ser coordenador, mas, por trás, deve procurar motivar os jovens para assumir responsabilidades, perceber os problemas, suas causas e suas soluções. Quando o assessor for um padre ou religiosa, deverá evitar uma atitude clerical, de cima para baixo. Deverá respeitar e não "abafar" as lideranças jovens. Durante um curso, os jovens passavam o seguinte bilhete entre eles: "Toda comunidade de jovens tem um padre ou uma freira que sabe mais e é a cabeça dos jovens"

- 2) Por ter *aprofundamento teológico e espiritual* maior, o padre ou a religiosa deve dar contribuição específica nesse campo. É importante que o assessor tenha aprofundamento sócio-político-econômico e *preparo técnico*, no tocante à metodologia de uma P. J., para poder ajudar os jovens também neste sentido. Deve, também, ter capacidade de transmissão da memória da P. J.
- 3) O assessor deve *levar os jovens a questionar* sempre suas atitudes e decisões através do processo educativo: reflexão/prática.
- 4) O assessor deve ter *tempo para estar junto* com os jovens, mostrar-se amigo, incentivá-los e sentir seus problemas. A presença de um adulto é muito importante para que os jovens possam ter pessoas de mais experiência que lhes sirvam de modelos.
- 5) Acredito que a melhor maneira de o assessor formar lideranças jovens é fazer como Jesus fez: dedicar *grande parte do seu tempo a um pequeno grupo*, para que seus membros possam, depois, formar e acompanhar novos grupos. É multiplicar agentes multiplicadores. Esse caminho, no entanto, parece-me muito difícil hoje, em virtude da grande escassez de padres, religiosas e outros adultos com tempo e capacidade para se dedicar a isso.
- 6) Talvez a qualidade mais importante do assessor seja a *paciência e a capacidade de não desanimar* diante de muitas crises dos grupos de jovens. Acredito que a Pastoral de Juventude é uma das pastorais mais difíceis na Igreja, hoje. Por outro lado, é a pastoral onde o assessor mais cresce, pelo seu contato com o dinamismo, a criatividade, o entusiasmo, o idealismo e o espírito crítico dos jovens.
- 7) Em vários lugares no Brasil começa-se a estender a função de assessor também a jovens e adultos leigos que têm carisma e formação teológica e espiritual para isso. Isso não significa, porém, uma alternativa para o assessor não-leigo.

8 Estruturas de uma reunião de um grupo de base

Não adianta ter os melhores subsídios e seguir os melhores cursos se os grupos de base não tiverem uma estrutura de reunião, capaz de dar continuidade às propostas da Pastoral.

Um grupo que não estrutura bem sua reunião, por exemplo, não conseguirá aprofundar, em três reuniões consecutivas, o mesmo assunto ou subsídio.

Um grupo que não se disciplina, não tem espinha dorsal e se mostrará incapaz de transformar o mundo ao seu redor, de ser "fermento na massa" de ter uma missão.

O esquema que propomos não deve ser rígido demais, para não tirar a criatividade.

Essa estrutura é apresentada para o grupo logo no início, para que não fique viciado num sistema completamente liberal e sem rumo.

Elementos básicos para uma estrutura de reunião

ELEMENTOS FIXOS

a) *Revisão da Prática (RdP):*

- pedir prestação de contas de atividades e decisões assumidas anteriormente;
- revisar novas ações, partindo de uma pedagogia dos fatos, que aconteceram na vida dos militantes, usando o método Ver-Julgar-Agir.

b) *Uma ata ou relatório* para recordar as decisões tomadas e que serve como elo de ligação entre as reuniões. Quando se trata de um grupo de militantes, é melhor não nomear um secretário específico, mas que todos sejam secretários, de tal modo que cada um leve seu caderno à reunião.

c) *Um planejamento* de grupo de, no mínimo, dois ou três meses, que procure integrar a formação teórica, a recreação e o engajamento dos jovens num processo pedagógico de formação. Este planejamento incluirá atividades de outros ní-

veis (paróquia, diocese. .) com os quais o grupo está em contato.

- d) *Oração: momentos de espiritualização*
- e) *Comunicados*: atividades de planejamento paroquial, diocesano, acontecimentos da atualidade.
- f) *Um horário para reunião* (determinar quando se começa e quando se termina).

Às vezes, para criar capacidade de autodisciplina, em termos de horário, é bom distribuir o tempo para cada parte da reunião e indicar um cronometrista para controlar o tempo. Se houver necessidade de "esticar" mais a reunião, deve haver votação de todos os participantes. Esta técnica, normalmente, é necessária somente no início.

ELEMENTOS MÓVEIS

- a) *Uma avaliação periódica*, conforme a necessidade do grupo.
- b) *Revisão de Vida (RdV)* periodicamente (algumas vezes por ano).
- c) *Estudo de um tema* (quando houver necessidade).
- d) *Uma mesa* (quando possível) cria um ambiente de seriedade. Confrontar-se em volta de uma mesa é importante. A mesa serve de elo de ligação e facilita a comunicação entre os jovens. A reunião rende mais.

Observação: grupos que estão num processo de iniciação tendem a dedicar maior tempo ao estudo de temas relacionados com as suas vidas, ao passo que grupos que já passaram para um processo de militância tendem a dar maior tempo à revisão da sua prática. Estes grupos novos precisam de um período de "aquecimento" antes de assumir compromissos mais sérios.

9 Conclusão (Crise: perigo ou oportunidade)

Muitas vezes, jovens reclamam que seu grupo está em crise e encerram isso como "o fim do mundo" Essa é, precisamente, a *dinâmica de qualquer grupo natural*: sentir que, talvez,

as coisas estão piores do que antes. O importante, porém, é perceber que estamos nos sentindo assim agora porque antes não sentíamos nada. Antes éramos como um cadáver. Um cadáver não passa por crises. Somente pessoas com vida. Muitas de nossas paróquias, por exemplo, não passam por crises, porque está tudo parado, ninguém participa. Quando uma paróquia começa a caminhar, surgem as crises. As pessoas começam a participar como pessoas conscientes, querem escutar a palavra de Deus, querem acertar melhor o caminho, mas no meio de tudo isso está o egoísmo humano.

O grupo, como qualquer pessoa humana, *precisa passar por "crises" para avançar*. Uma criança que não passa pelas crises de adolescência não cresce e não se torna adulta.

A palavra que os chineses usam para "crise" explica bem o seu significado. A palavra é composta de duas partes. A primeira parte significa *perigo*, a segunda significa *oportunidade* de dar um passo importante para frente.

Dessa forma, o grupo que começa a caminhar, começa a sofrer. É o caminho do cristão: morrer para ressuscitar.

É o caminho da cruz, o caminho do povo de Deus no "Êxodo" que, passando pelo deserto, rumo à terra de libertação, começou a duvidar, começou a ter saudades das cebolas do Egito. Nesse momento, Moisés teve de ser forte, pois o povo estava preferindo voltar atrás em vez de aceitar a aventura de passar pelo deserto para chegar à terra "de leite e mel" à terra da libertação.

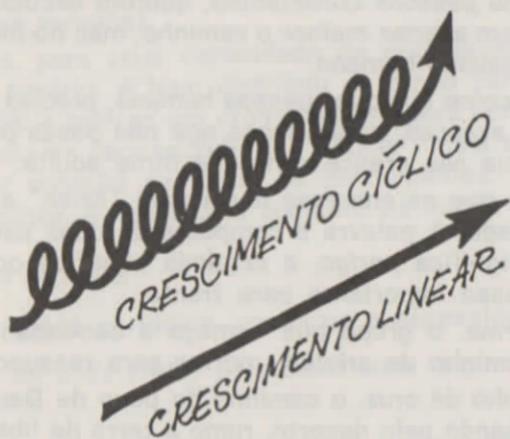
As características da crise grupal são: o *pessimismo*, muita crítica, muita procura de "bodes expiatórios" e muitos outros mecanismos de defesa. Quando o grupo não encontra, no seu meio, *líderes dispostos a se sacrificar* pelo grupo, o grupo se afunda de uma vez por todas.

Por outro lado, é importante reconhecer que, mesmo com bons líderes e uma metodologia adequada, é impossível eliminar, por completo, a rotatividade, que é também causada por fatores que estão fora de nosso controle.

Estes fatores são as *pressões do sistema* em que vivemos, com seus baixos salários, instabilidade no emprego, propaganda para consumir mais, altos preços, problemas de moradia, saúde, educação, família, levando a uma desestruturação das pes-

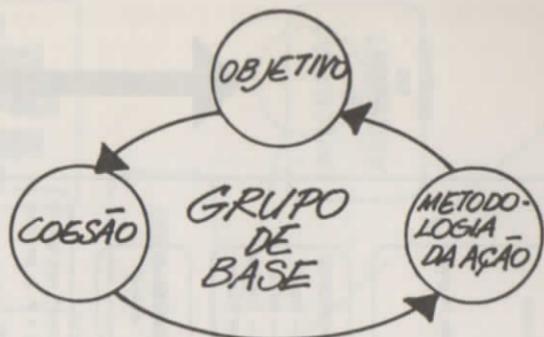
soas por dentro. Ao lado disso tudo, o baixo grau de consciência e de conversão faz com que muitos abandonem o grupo.

Essa linha de crescimento, porém, é cíclica, e não linear, como muitas vezes pensamos que deva ser.



O grupo avança, mas avança ciclicamente. O grupo passa sempre por novas fases, num processo dinâmico, ora para frente, ora para trás. Às vezes, o grupo volta para a fase anterior, mas depois avança com muito mais rapidez.

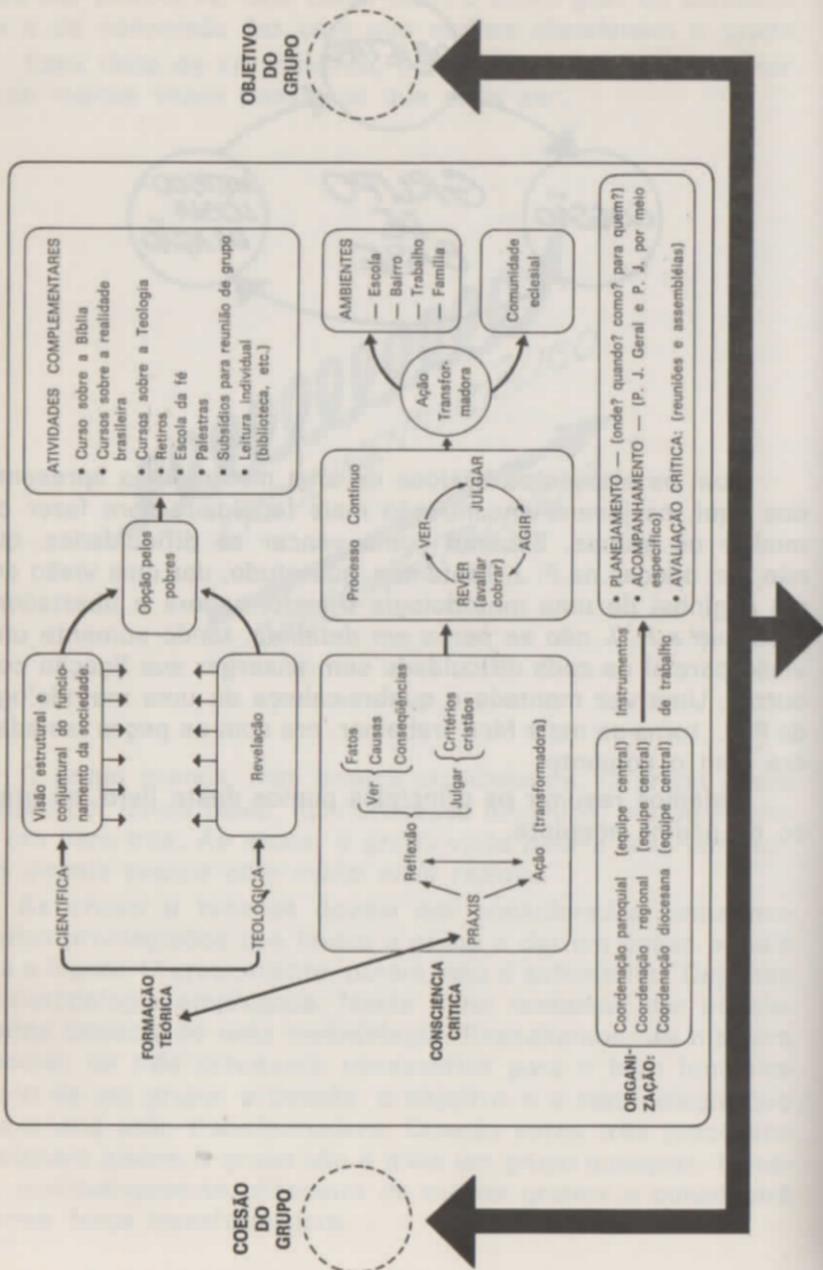
As crises e tensões devem ser consideradas como momentos privilegiados que levam o grupo a dar um passo a mais para a frente. O crescimento, porém, não é automático. Depende da metodologia empregada. Neste livro, tentamos dar os elementos básicos de uma metodologia. Ressaltamos, de maneira especial, os três processos necessários para o bom funcionamento de um grupo: a coesão, o objetivo e a metodologia que leva a uma ação transformadora. Quando estes três processos funcionam juntos, o grupo não é mais um grupo qualquer. Torna-se, qualitativamente, diferente de outros grupos e conseguirá enorme força transformadora.



Com os elementos básicos de uma metodologia apresentados aqui, os jovens encontrarão mais facilidade para fazer caminhar os grupos. Saberão como vencer as dificuldades, que não são poucas na P. J. Tentamos, sobretudo, dar uma visão ampla e global de uma metodologia transformadora e libertadora, para que a P. J. não se perca em detalhes, tendo somente uma visão parcial de cada dificuldade sem enxergar sua ligação com outras. Uma vez montado o quebra-cabeça de uma metodologia da P. J., torna-se mais fácil trabalhar, ora com as peças isoladas, ora com o conjunto.

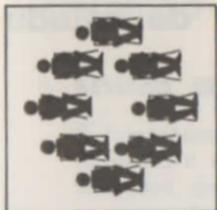
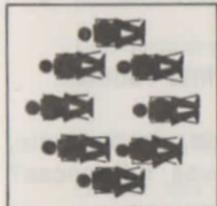
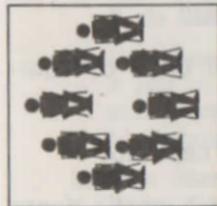
Podemos resumir os principais pontos deste livro, no gráfico da página seguinte.

METODOLOGIA QUE LEVA A UMA AÇÃO TRANSFORMADORA



PERGUNTAS DE AVALIAÇÃO

1. O que você não entendeu neste quadro?
2. Diante deste quadro, quais as falhas de nosso grupo?
3. Quais as soluções?



SUSTENTAÇÃO DO PROCESSO TODO

CAPACITAÇÃO DE ASSESSORES

ESTRUTURA DE REUNIÕES

PREPARAÇÃO DE REUNIÕES

ESPIRITUALIDADE LIBERTADORA

CAPACITAÇÃO DE COORDENADORES

10 Perguntas para uma reunião de estudo



- 1) a) Revisão de grupo de influência.
- b) Revisão de decisões tomadas na última reunião.

2) Nossos coordenadores em nível de grupo, de paróquia, de região e de diocese estão despertando novas lideranças? Como?

Cite exemplos.

3) Por que não despertamos mais lideranças?

4) Quais as conseqüências de uma Pastoral onde os coordenadores centralizam tudo neles mesmos?

5) Quais as idéias mais importantes deste capítulo?

6) Quais as conclusões que podemos tirar a partir desta discussão?

O que podemos fazer, a partir de uma visão ampla de uma metodologia de uma P. J. transformadora que adquirimos com estas reuniões de estudo?

Sugestão: Marcar um dia de avaliação e planejamento, usando como ponto de partida as conclusões das reuniões anteriores.

RESUMINDO

1. REVISÃO DE GRUPO DE BASE

O funcionamento da reunião do grupo de base é o eixo de toda formação e engajamento do jovem. A falta de coordenadores capacitados, de preparação de reuniões e de estrutura para essas reuniões são as causas que levam os jovens a abandonar, muitas vezes, a comunidade e a ação que desenvolviam.

2. COORDENADORES CAPACITADOS

Coordenadores despreparados e sem motivação podem levar o grupo ao fracasso.

3. FALSOS LÍDERES

O líder não é alguém que nasce para ser líder, mas aquele que trabalha para que todos se transformem em líderes. Há três tipos de falsos líderes:

- a) **Líder ditatorial:** é o que segura todo o poder em suas mãos. É ele quem tudo planeja, tudo pensa, tudo determina.
- b) **Líder paternalista:** como o ditatorial, é ele quem tudo faz. Mas é pior do que o ditatorial, pois amarra as pessoas a si pela afetividade. É o "chefe bondoso" Cria uma dependência infantil do grupo.
- c) **Líder liberal:** é o que "deixa tudo como está para ver como é que fica"

4. LÍDER DEMOCRÁTICO

É o verdadeiro líder. É o jovem que está disposto a sacrificar-se, a dedicar seu tempo a serviço dos outros, para que sejam livres e sujeitos de sua história. Teremos lideranças em nossos grupos de jovens se apresentarmos a eles grandes ideais, que exigem sacrifício e doação.

Há três tipos de líderes democráticos: o profético, o de coesão e o prático.

- a) **Líder profético:** é o que tem facilidade para entender o ideal do grupo. Ele tem visão de para onde seu grupo caminha, é capaz de entender e interpretar o que acontece no presente e consegue transmitir para os outros a finalidade do grupo. Possui consciência crítica bem desenvolvida.

- b) **Líder de coesão:** é o que se preocupa com a união do grupo, com o diálogo, com a amizade e a compreensão. Tem facilidade para captar os problemas humanos do grupo e contribuir para a sua solução. Normalmente faz seu trabalho em silêncio. Ajuda o grupo a dar testemunho do que é o essencial para a Igreja (comunhão dos homens entre si e com Deus) e faz crescer a capacidade do grupo para a ação.
- c) **Líder prático:** tem capacidade de planejar e organizar a ação e de ajudar na formação do grupo. Nunca trabalha sozinho: delega poderes e sua meta é descobrir novos líderes. Pelo seu exemplo de dedicação, comunica entusiasmo e esperança aos membros do grupo.
- d) **Relacionamento entre os três:** o líder profético tem visão, sabe questionar, mas não é prático e não sabe encontrar saídas. O líder de coesão tem a tendência de somar forças, o profético de ser divisionista. O líder de coesão, por sua vez, é prudente demais quando, às vezes, tem de enfrentar o problema. Um líder complementa o outro. E cada tipo de líder tem em si alguns traços dos outros dois. É importante que o líder prático possua esses traços dos outros líderes, caso contrário não conseguirá levar o grupo adiante.

5. OS DEZ MANDAMENTOS DE UM BOM COORDENADOR

1. Ter visão do objetivo do grupo.
2. Entender de metodologia.
3. Saber conduzir uma reunião.
4. Ser bom cobrador.
5. Saber controlar o tempo.
6. Ter boa capacidade de organização.
7. Saber despertar novas lideranças.
8. Dar testemunho de vida coerente.
9. Ter empatia.
10. Ser entusiasmado.

6. COMO CAPACITAR BONS COORDENADORES?

Já que o coordenador é elemento "chave" para o grupo de base e para toda a P. J., a capacitação de bons coordenadores deverá ser a nossa principal tarefa.

Para que haja a formação de lideranças dentro dos grupos de base, torna-se necessário um revezamento de coordenadores (eleição anual), séria distribuição de funções e responsabilidades, que o coordenador perceba quais jovens que mostram qualidades emergentes de liderança, a autogestão e certa formação técnica. A capacitação compreende um processo de formação pela ação.

7. PAPEL DO ASSESSOR ADULTO

Abre possibilidades para que os jovens se organizem. Por ter aprofundamento teológico e espiritual maior, o assessor (padre ou religiosa) deve dar contribuição específica nesse campo. Deve levar os jovens a questionar suas atitudes e decisões, ter tempo para estar junto com os jovens, dedicar grande parte do seu tempo a um pequeno grupo, ter paciência e não desanimar. Em vários lugares do Brasil, jovens e adultos, com carisma e preparo para isso, exercem a função de assessor.

8. ESTRUTURA DE UMA REUNIÃO DE UM GRUPO DE BASE

O esquema que propomos não deve ser rígido demais, para não tirar a criatividade. Os elementos básicos seriam os seguintes: oração, relatório, revisão da prática, estudo de um tema, comunicados, revisão de vida, horário para iniciar e para encerrar a reunião, planejamento de grupo, uma mesa que serviria de elo de ligação e facilitaria a comunicação entre os jovens, duração ideal de uma hora e meia.

9. CONCLUSÃO (CRISE: PERIGO OU OPORTUNIDADE)

O grupo precisa passar por crises para avançar. A crise é a dinâmica de qualquer grupo natural. As características da crise grupal são o pessimismo, a procura de "bodes expiatórios" e outros mecanismos de defesa.

A linha de crescimento de um grupo é cíclica, não linear: às vezes o grupo volta para a fase anterior para, depois, avançar com mais rapidez. Ressaltamos que os três elementos básicos para o bom funcionamento de um grupo, como já vimos, são a coesão, o objetivo e a metodologia que leva a uma ação transformadora.

INDICE

Agradecimentos	5
Apresentação	7
Nota à 4.^a edição	9
Introdução	11

I PARTE — DESAFIOS E CONTEÚDO DE UMA PASTORAL DE JUVENTUDE HOJE

1	Necessidade de uma metodologia para a Pastoral de Juventude	
1	Opção pelos jovens	17
2.	A importância dos jovens	19
A.	O número de jovens	19
B.	Sensibilidade diante das questões sociais	19
C.	Maior preparo intelectual	21
D.	Fase das grandes opções	21
3.	Algumas reservas	22
A.	A juventude não determina os rumos da sociedade	22
B.	Grande massa de manobra	22
C.	Geração de silêncio	22
D.	Atuação dentro das classes sociais	23

4. Falta de metodologia	23
5. Memória histórica	24
A. Congregações e Associações Marianas	24
B. A Ação Católica geral e Ação Católica especializada	24
C. O documento de Medellín	27
D. Movimentos de encontro	27
E. O nascimento de uma Pastoral orgânica e transformadora	29
6. Método "grupão" de jovens	38
7. Método grupos de base	40
A. Qual era o jeito de Jesus?	40
B. As vantagens dos pequenos grupos	41
C. Diferenças entre "grupão" de jovens e grupo de base	43
8. Três processos essenciais	43
A. Coesão	44
B. Objetivo	44
C. Metodologia que leva a uma ação transformadora	45
9. Perguntas para uma reunião de estudo	46
2. Ter um grupo coeso	
1. Comunicação entre as pessoas	50
2. Processo de comunicação	51
A. O transmissor	51
B. O receptor	54
C. Sintonia	55
3. Níveis de comunicação	57
A. Nível de defesa ou agressão	58
B. Nível neutro	58
C. Nível de personalidade	58
D. Nível de fé	65

4. Perigo de um grupo fechado	65
5. Perguntas para uma reunião de estudos	69
3. Ter um objetivo	
1. Objetivo "de fundo" (objetivo geral)	73
2. Objetivos específicos	74
3. Objetivos imediatos	75
4. Objetivo geral: o Reino de Deus	75
A Igreja e o Reino	77
5. Perguntas para uma reunião de estudo	80
4. O jovem assimila o objetivo cristão por etapas	
1. Dinâmica para assimilar o objetivo	82
Algumas observações	83
2. Primeira etapa: Primeiro anúncio — Testemunho de vida	84
A. Fé: herança familiar	84
B. O jovem de hoje se descobre como pessoa	85
3. Segunda etapa: Explicitação do anúncio do Senhor Jesus — Conversão (EN 23)	93
A. Catequese	99
B. Formação na ação	100
4. Terceira etapa: Adesão de vida a uma comunidade eclesial (EN 23)	103
A. Lei de segurança paroquial	103
B. Dimensões diferentes de Igreja	105
C. As tensões são positivas	131
D. Importância das etapas de crescimento na fé	132
5. Perguntas para uma reunião de estudo	134

II PARTE — METODOLOGIA QUE LEVA A UMA AÇÃO TRANSFORMADORA

5. Desenvolvimento de uma consciência crítica

1	Metodologia clara	141
2.	Que tipo de jovem formar?	142
3.	O medo da liberdade	143
4.	Principais mecanismos de fuga	143
	A. O caráter autoritário	143
	B. O caráter autômato	144
5.	O analfabeto político	144
6.	O caminho da liberdade e da consciência crítica	146
	A. Ser "do contra"	146
	B. O anseio pela liberdade	148
	C. Não se deixar instrumentalizar	148
7	Consciência ingênua	149
	A. Mítica	149
	B. Pré-científica	150
	C. A-histórica	150
8.	Visão do processo histórico	151
9.	Dinâmica para despertar a consciência crítica	152
	A. Níveis do conhecimento humano	153
	B. A raiz de autoritarismo e conservadorismo	156
	C. Dialética: reflexão/ação	156
	D. Somos todos sujeitos da História	157
	E. Ser culto não é ser doutor	158
	F. Uma prática ambígua	159
	G. Exemplos deste processo	160
10.	O método Ver-Julgar-Agir	162
11.	Perguntas para uma reunião de estudo	164

6. Formação teórica: visão estrutural

1	A análise estrutural	168
2.	Como chegar à análise estrutural	171
	A. Visão funcionalista ou reformista	174
	B. Visão dialética ou transformadora	175
	C. Visão a partir da revelação de Deus	186
3.	Processo pedagógico libertador	187
4.	Aparelho de conversa	188
5.	Opção pelos pobres	189
	A. Três questões preliminares	191
	B. Leitura da Bíblia a partir do pobre	192
	C. As classes sociais no tempo de Jesus	194
6.	Classes sociais	196
	A. Primeiro passo	197
	B. Segundo passo	197
	C. O porquê de um trabalho por classe social	199
7	E os ricos?	203
8.	Perguntas para uma reunião de estudo	206

7 Como organizar a ação

1	Ação transformadora	210
	A. Ação assistencialista	210
	B. As características de uma ação transformadora	211
2.	A ação solidária	212
3.	Como desenvolver uma ação transformadora	214
	A. Chutadores de colmeias	214
	B. Engajamento nos ambientes naturais	215
4.	Perguntas para uma reunião de estudo	218

8. Processo de iniciação

Processo de militância

1	Processo de iniciação e processo de militância	220
	A. Processo de iniciação	220

B. Processo de militância	221
C. A importância desta distinção	221
D. Acompanhamento dos militantes	224
2. Etapas de crescimento dentro de um processo de iniciação (P. J. Geral)	225
A. Descoberta do grupo	225
B. Descoberta da realidade que rodeia o grupo	227
C. Descoberta das causas dos problemas sociais	228
D. Descoberta da necessidade de estar organizados num nível mais amplo	229
E. Descoberta da ação extra-ecclesial (P. J. Específica ou P. J. Especializada)	230
F. Descoberta das diversas etapas	231
3. Caminho para chegar ao meio específico	232
A. Primeira via: grupos inteiros	232
B. Segunda via: novos grupos	233
C. Terceira via: comissões por meio específico	235
D. Origem desses grupos	235
4. Dois grandes desafios	236
A. Como facilitar a passagem de jovens de uma P. J. Geral para uma P. J. Específica?	236
B. Como manter a influência da Pastoral Específica sobre a P. J. Geral?	237
5. Um pequeno número	239
6. As ações desses grupos	240
7. A questão da comunidade eclesial	240
8. Perguntas para uma reunião de estudo	243
9. Processo de militância: revisão a partir da prática	
1. Jovens sem tempo e ações sem continuidade	246
Reflexão em cima da prática	247
2. Grupos de influência	248
3. Reunião do grupo de base	249
4. Grupo de base: grupo de militantes	253

5. Atingir a massa	254
6. Como planejar a ação do grupo de militantes?	254
7. Como avaliar nossa ação?	255
8. Uso do caderno	255
9. Revisão de vida	256
10. Setorização dos grupos de influência	258
11. Etapas do processo de conscientização	258
12. Avaliação da ação junto com o grupo de influência	260
13. Etapas da ação	261
A. Fase de conscientização	261
B. Fase de mobilização	261
C. Projeto concreto	262
D. Articulação a nível mais amplo da P. J.	264
E. Compromisso político	266
F. O projeto histórico	274
14. Avaliação desta metodologia	274
15. Por onde começar?	275
16. Perguntas para uma reunião de estudo	276
10. Tensão: fé e vida, fé e política	
1. Cristãos aburguesados	279
2. A fé igual a uma teoria política	279
3. Síntese: fé e vida	280
A. Necessidade de aprofundamento	280
B. Oração	281
C. Ligação com a comunidade eclesial	283
D. Um grupo maduro de militantes	284
4. Perguntas para uma reunião de estudos	285

11 Organização

- | | | |
|----|---|-----|
| 1 | Necessidade de organização | 287 |
| 2. | Coordenação | 288 |
| | A. A função da coordenação | 288 |
| | B. Reunião da coordenação | 290 |
| | C. Principais instrumentos de trabalho da coordenação | 292 |
| | D. Planejamento | 293 |
| 3. | Perguntas para uma reunião de estudo | 296 |

12. Acompanhamento

- | | | |
|----|--|-----|
| 1 | Falta de continuidade | 298 |
| 2. | Escassez de assessores | 299 |
| 3. | Algumas "dicas" para as equipes responsáveis pelo acompanhamento | 299 |
| 4. | Acompanhamento conforme o nível de consciência | 300 |
| | A. Os avanços | 301 |
| | B. Os intermediários e os lentos | 303 |
| | C. A massa | 303 |
| 5. | Como atingir a massa | 306 |
| 6. | O perigo de desligamento dos mais avançados | 307 |
| | A. Falta de interesse | 307 |
| | B. Desprezo | 308 |
| | C. Intelectualismo | 309 |
| 7 | Critérios para pertencer a uma coordenação da P. J. | 310 |
| 8. | Como funciona o trabalho de níveis? | 311 |
| | A. Acompanhamento mais de perto de cada nível | 311 |
| | B. Aprofundamento em cada nível | 313 |
| | C. Observações | 315 |
| 9. | Perguntas para uma reunião de estudo | 316 |

13. Avaliação crítica

1	Necessidade de avaliação	319
2.	O que pressupõe uma boa avaliação	320
3.	Papel da coordenação	320
	A. Preparação de perguntas	320
	B. Preparação de texto	321
	C. Pontos de estrangulamento e soluções	321
4.	Capacidade de criticar e de se deixar criticar	322
5.	Perguntas para uma reunião de estudo	325

14. A sustentação do processo todo

1	Reunião de grupo de base	327
2.	Coordenadores capacitados	328
3.	Falsos líderes	328
	A. Líder ditatorial	329
	B. Líder paternalista	329
	C. Líder liberal	330
4.	Líder democrático	330
	A. Líder profético	332
	B. Líder de coesão	332
	Líder prático	333
	D. Relacionamento entre os três	334
5.	Os dez mandamentos de um bom coordenador	335
6.	Como capacitar bons coordenadores?	339
7	Papel do assessor adulto	341
8.	Estruturas de uma reunião de um grupo de base	343
9.	Conclusão (Crise: perigo ou oportunidade)	344
10.	Perguntas para uma reunião de estudo	350



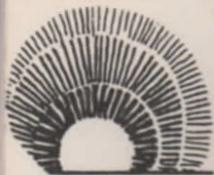


Impresso na Gráfica de Edições Paulinas 1989

Via Raposo Tavares, Km 19 - 05577 - SÃO PAULO

Acesse o QR Code para entrar no nosso site:





**IGREJA
DINÂMICA**

Este livro é fruto de um trabalho pastoral que o Pe. Jorge Boran desenvolve como Assessor nas coordenações da Pastoral da Juventude da Região Sul I CNBB, da Arquidiocese de São Paulo, da Região Episcopal Belém (SP) e da Paróquia de Vila Alpina (SP). É o resultado, também, de cursos dados em várias dioceses do Brasil.

O autor, que elaborou outras obras de metodologia pastoral, constatou que o insucesso de muitos grupos de jovens que, apenas iniciados, logo se desfazem, é atribuído a uma falta de metodologia e de idéias claras sobre seu objetivo final. Com essa preocupação, procurou reunir os elementos fundamentais para uma metodologia da Pastoral da Juventude. Metodologia que compromete e que leva a uma ação transformadora na sociedade de hoje.

É a primeira vez que um livro deste tipo aparece no Brasil. Responde à grande necessidade do momento, sentida por todos os que trabalham com a juventude e que acreditam que ela é a metade mais dinâmica da sociedade — uma vez descoberta a metodologia para despertá-la.

**EDIÇÕES
PAULINAS**